



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”  
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**MIGRANTES EM TARABAI: O GÊNERO  
VIDEODOCUMENTÁRIO PARA RETRATAR A REALIDADE**

**ARIANE PEREIRA VIANA  
DAYANE FUMIYO TOKOJIMA MACHADO  
ITALO EDUARDO ANTUNES  
MAYSA FERNANDA BOSSO PONTALTI  
VANESSA VAZZI TOMÁZ**



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”  
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

## **MIGRANTES EM TARABAI: O GÊNERO VIDEODOCUMENTÁRIO PARA RETRATAR A REALIDADE**

**ARIANE PEREIRA VIANA  
DAYANE FUMIYO TOKOJIMA MACHADO  
ITALO EDUARDO ANTUNES  
MAYSA FERNANDA BOSSO PONTALTI  
VANESSA VAZZI TOMÁZ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”, Universidade do Oeste Paulista, como requisito parcial para sua conclusão.

Área de concentração: Jornalismo

Orientadora: Prof. Dda. Thaisa Sallum Bacco  
Coorientador: Prof. Ddo. Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior

**ARIANE PEREIRA VIANA  
DAYANE FUMIYO TOKOJIMA MACHADO  
ITALO EDUARDO ANTUNES  
MAYSA FERNANDA BOSSO PONTALTI  
VANESSA VAZZI TOMÁZ**

**Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário  
para retratar a realidade**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”, Universidade do Oeste Paulista, como requisito parcial para sua conclusão.

Área de concentração: Jornalismo

Presidente Prudente, 11 de dezembro de 2012

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Munir Jorge Felício  
Presidente da Banca

---

Prof. Ma. Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo  
Membro da Banca

---

Prof. Dda. Thaisa Sallum Bacco - Orientadora

---

Prof. Ddo. Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior – Coorientador

## DEDICATÓRIA

*A todos os migrantes, que se deslocam em busca de  
oportunidades...*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradecemos a Deus, primeiramente, por ter nos dado força, sabedoria e proteção para enfrentar todas as dificuldades;*

*Às nossas famílias, que nos apoiaram em todas as situações, nos incentivando em cada momento;*

*À nossa orientadora, Thaisa Bacco e nosso coorientador, Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior, que com sabedoria e profissionalismo aceitaram este desafio;*

*Ao professor Antonio Thomaz Junior pelo constante apoio e por dividir seus conhecimentos com tamanha paciência e disposição;*

*À amiga Mariana Gouveia, que nos ajudou em vários momentos, dividindo conosco suas percepções, conselhos, e aprendizado;*

*Ao amigo, Pedro Bernardi Menossi, que realizou todas as adequações acerca do material de divulgação, mantendo a qualidade e o cuidado com cada peça;*

*Ao amigo, Alexandre Fioravante de Siqueira, que nos auxiliou pacientemente na difícil missão de utilizar um software de Estatística e tabulação dos dados;*

*Ao professor Rogério do Amaral, que nos auxiliou pacientemente com a normatização deste trabalho;*

*À coordenação e funcionários da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (FACOPP), que cooperaram em diferentes momentos neste projeto;*

*Aos moradores de Tarabai e migrantes cortadores de cana, que confiaram suas memórias e experiências a nós, colaborando com todas as nossas solicitações com tamanho respeito e consideração;*

*A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para tornar este sonho realidade.*

*“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens,  
mas em ter novos olhos.”*  
Marcel Proust

## RESUMO

### **Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade**

A presente pesquisa tem o objetivo de documentar a história dos migrantes cortadores de cana que residem na cidade de Tarabai. Esses trabalhadores do setor canavieiro vêm de diversas regiões do país para atuarem em usinas da região do Oeste Paulista. O projeto tem como base a abordagem metodológica quanti-qualitativa e é delineado a partir de um estudo de caso. Os métodos histórico e história oral também são empregados neste assunto, a fim de conhecer o panorama histórico do município a partir do fenômeno migratório descrito pelos antigos moradores. Como instrumentos de coleta de dados são adotados a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo, entrevistas em profundidade, pesquisa e análise documental, além de aplicação de formulários. Estes ajudaram a definir o perfil dos migrantes que vivem em Tarabai para, em seguida, aprofundar informações sobre sua rotina na cidade por meio de entrevistas. Pelos questionários, foi possível apontar as principais cidades de origem, assim com as idades, estado civil, grau de escolaridade, filiação, usinas em que trabalham, a quantidade de cana cortada, tipo de moradia entre outros dados que perfilam este grupo de trabalhadores. A análise dos dados coletados é feita a partir de uma perspectiva qualitativa descritiva-interpretativa, cruzando as informações advindas da pesquisa de campo, aplicação do formulário e entrevistas com o referencial teórico. Os resultados são apresentados no videodocumentário intitulado “Apostas”, que mostra quem são, como vivem e as principais histórias que envolvem os migrantes residentes de Tarabai.

**Palavras-Chaves:** Migrante, Cortador de cana, Tarabai, Videodocumentário.

## **ABSTRACT**

### **Migrants in Tarabai: the video documentary genre to portray the reality**

The present research aims to document the history of migrant sugarcane cutters living in the city of Tarabai. These workers of the sugarcane sector come from diverse regions of the country to work in power plants in the west region of São Paulo state. The project is based on quantitative and qualitative methodological approaches and is outlined from a study of case. The history and oral history methods are also employed in this subject, in order to know the historical background of the city from the migratory phenomenon described by the former residents. Bibliographic research, field research, in-depth interviews, document analysis and research, as well as application of forms are adopted as data collection instruments. They helped to define the profile of migrants living in Tarabai to then deepen information about their routine in the city through interviews. Using the questionnaires, it was possible to identify the main cities of origin as well as the ages, marital status, education level, filiations, power plants where they work, the amount of sugarcane cut, housing type and other data that profiled this group of workers. The analysis of the collected data is done from a qualitative descriptive-interpretative perspective, crossing information from field research, application form and interviews with the theoretical reference. The results are presented in the video documentary entitled "Apostas", which shows who they are, how they live and the main stories involving migrants residents in Tarabai.

**Keywords:** Migrant, Sugarcane cutter, Tarabai, Video documentary.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	Local de trabalho dos migrantes de Tarabai	74
FIGURA 2 –	Sexo dos migrantes	75
FIGURA 3 –	Faixa etária dos migrantes de Tarabai	76
FIGURA 4 –	Cidade de origem dos migrantes de Tarabai	77
FIGURA 5 –	Fluxo migratório com destino a Tarabai	78
FIGURA 6 –	Grau de escolaridade dos migrantes de Tarabai	80
FIGURA 7 –	Estado civil dos migrantes	81
FIGURA 8 –	Estado civil dos migrantes ao chegarem em Tarabai	82
FIGURA 9 –	Filhos dos migrantes de Tarabai	83
FIGURA 10 –	Atual moradia dos filhos dos migrantes	84
FIGURA 11 –	Local de estudo dos filhos migrantes	85
FIGURA 12 –	Participação dos filhos em projetos sociais de Tarabai	86
FIGURA 13 –	Experiência anterior com o corte de cana	87
FIGURA 14 –	Experiência como cortador de cana	88
FIGURA 15 –	Estado de empregabilidade antes da migração	89
FIGURA 16 –	Cidade em que trabalhava antes de migrar	90
FIGURA 17 –	Trabalho antes da migração	91
FIGURA 18 –	“Estado” de migrante antes de mudar para Tarabai	93
FIGURA 19 –	Ano que se deslocou para Tarabai pela primeira vez	94
FIGURA 20 –	Motivação da vinda para Tarabai	96
FIGURA 21 –	Como foi a vinda para Tarabai: acompanhado(a) ou sozinho(a)	97
FIGURA 22 –	Tipo de contrato com a usina	98
FIGURA 23 –	Horas trabalhadas de segunda a sexta	99
FIGURA 24 –	Produtividade no corte de cana	101
FIGURA 25 –	Benefícios fornecidos pela usina	103
FIGURA 26 –	Tipo de moradia em Tarabai	105
FIGURA 27 –	Valor pago no aluguel	106
FIGURA 28 –	Quantidade de indivíduos que residem com os entrevistados	107
FIGURA 29 –	Número de pessoas que corta cana na mesma residência	108
FIGURA 30 –	Recebimento de benefícios do Governo Federal e Estadual	110
FIGURA 31 –	Uso do posto de saúde de Tarabai	111
FIGURA 32 –	Atividades realizadas no tempo livre	116

FIGURA 33 – Videografismo de Antônio Carlos de Oliveira Lima	142
FIGURA 34 – Tarja finalizada	143
FIGURA 35 – Capa do DVD	144
FIGURA 36 – Adesivo do DVD	144
FIGURA 37 – Cartaz de divulgação	145
FIGURA 38 – Convite para exibição em Tarabai	146
FIGURA 39 – Convite para exibição em Presidente Prudente	146

## LISTA DE SIGLAS

CEGeT	-	Centro de Estudos de Geografia do Trabalho
CIMMYT	-	Centro Internacional para Melhoramento de Milho e Trigo
CPT	-	Comissão Pastoral da Terra
DIP	-	Departamento de Imprensa e Propaganda
DEIPs	-	Departamentos Estaduais de Informações e Propaganda
EPI	-	Equipamentos de Proteção Individual
FACOPP	-	Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente
FENAJ	-	Federação Nacional dos Jornalistas
FGTS	-	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
GPO	-	<i>Government Post Office</i>
HD	-	<i>High Definition</i>
ICMS	-	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
INCE	-	Instituto Nacional de Cinema Educativo
IAA	-	Instituto do Açúcar e Alcool
IRRI	-	Instituto Internacional de Pesquisa de Arroz
IFAMA	-	<i>International Food and Agribusiness Management Association</i>
ITESP	-	Instituto de Terra do Estado de São Paulo
PIB	-	Produto Interno Bruto
PRÓ-OESTE	-	Plano de Desenvolvimento do Oeste de São Paulo
PROCANA	-	Produção de Combustível do Estado de São Paulo
PROÁLCOOL	-	Programa Nacional do Alcool
SPSS	-	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
SUS	-	Sistema Único de Saúde
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
ÚNICA	-	União da Indústria de Cana-de-Açúcar
UDOP	-	União dos Produtores de Bioenergia
UITA	-	União Internacional de Alimentação Agrícola
UNESP	-	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNOESTE	-	Universidade do Oeste Paulista

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	16
2.1 Problema e Justificativa.....	16
2.2 Objetivos.....	20
2.2.1 Objetivo geral.....	20
2.2.2 Objetivos específicos.....	20
2.3 Metodologia.....	21
3 VIDEODOCUMENTÁRIO.....	28
3.1 Contribuições para um Criação: O Cinema.....	28
3.2 Um Novo Gênero: Documentário.....	29
3.2.1 Linguagem documental.....	35
3.3 Etapas do Documentário em Vídeo.....	37
3.3.1 O início: pré-produção.....	38
3.3.1.1 Lápis e papel: traçando um bom roteiro.....	39
3.3.2 Mãos à obra: produção.....	41
3.3.3 Hora de finalizar: pós-produção.....	45
4 MIGRANTES EM TARABAI.....	48
4.1 Panorama Histórico da Produção de Cana.....	48
4.2 Setor Sucroalcooleiro e o Capital.....	54
4.3 O Trabalho no Corte.....	59
4.4 A Migração para o Corte de Cana.....	69
4.5 Perfil dos Migrantes de Tarabai.....	72
5 TARABAI: CIDADE DORMITÓRIO.....	118
5.1 Contextualização Histórica.....	118
5.2 Os Migrantes e a Cidade.....	123
6 MEMORIAL DESCRITIVO.....	128
6.1 A Procura pelo Tema.....	128
6.2 Lapidando o Objeto em Estudo.....	131
6.3 Perfilando o Migrante.....	134
6.4 Ação, Gravando!.....	136
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	156
ANEXOS.....	167
APÊNDICES.....	199

## 1 INTRODUÇÃO

A importância econômica que a produção canavieira representa para o país foi o que despertou o interesse em estudar e conhecer mais a fundo as relações de trabalho e as complexidades derivadas desse setor, centralizadas em um grupo específico: o migrante cortador de cana-de-açúcar.

O Estado de São Paulo se destaca como um dos estados com maior índice de produção da cana-de-açúcar no Brasil. Em 2010-2011, produziu cerca de 60% de toda a safra registrada na região Centro-Sul do país. O setor sucroalcooleiro nacional tem 397 unidades produtoras, destas, 171 localizam-se apenas no território paulista. Só o Oeste Paulista possui usinas em 16 de suas 53 cidades.

Diante dessas perspectivas, a substituição da mão de obra pelo uso de maquinário é uma das temáticas a ser discutida. Apesar disso, o trabalho manual canavieiro está presente nas usinas e se faz necessário diante de alguns aspectos.

Para trabalhar com o corte, a presença de migrantes é recorrente em algumas usinas. Estes indivíduos são considerados trabalhadores produtivos para o capital, dedicados e se submetem ao árduo trabalho no setor rural.

O Oeste Paulista recebe um grande número desses trabalhadores que vêm principalmente das regiões Norte e Nordeste do país para prestar serviço às usinas locais, enfrentando dificuldades sociais, econômicas e culturais.

Em função desse fenômeno, os autores desta pesquisa almejam compreender qual é o perfil do cortador de cana, em destaque, o migrante que vive na cidade de Tarabai. Este município de, aproximadamente, seis mil habitantes está localizado a 32 quilômetros de Presidente Prudente e é cidade dormitório de cortadores de cana há pelo menos quatro anos.

O presente projeto tem a intenção de divulgar o perfil desse migrante cortador de cana e dar visibilidade às complicações derivadas da relação entre os trabalhadores, usinas e moradores das cidades de destino, por meio de um videodocumentário para que, não só docentes e discentes de Jornalismo tenham conhecimento desta realidade, mas que toda a sociedade em si, tenha acesso a estas informações.

A pesquisa é baseada em autores como Goldenberg (2009), Marconi e Lakatos (2010), Yin (2010), Gil (2010) e Pollak (1992), que sustentam o capítulo 2 da

Fundamentação Metodológica, dando suporte para o planejamento de todo o projeto, desde a formulação do problema até os objetivos gerais e específicos.

No capítulo 3 é exposta a conceituação do videodocumentário. No primeiro momento são descritas informações sobre a criação do cinema, que faz parte de um processo longo e marcado pelos avanços no campo da projeção da imagem, e, na sequência, são tratados os aspectos da documentação do real. Por último, ressaltam-se as explicações sobre as três fases da produção, relativas à peça prática. São elas: pré-produção, produção e pós-produção. Para embasar a teorização do audiovisual foram utilizados autores como: Nichols (2008), Ramos (2008), Labaki (2006), Bilharinho (1996), Da-Rin (2006), Bernard (2008), Teixeira (2004) e Comparato (1998).

Para que fosse possível tornar públicos os dados sobre os migrantes de Tarabai, foi preciso conceber explicações iniciais sobre o histórico da cana-de-açúcar. O capítulo 4 traz o panorama mundial do setor sucroalcooleiro até sua chegada ao Brasil, relatando dados sobre o estado com maior índice de produção do país: São Paulo. O avanço da mecanização que predomina na maior parte dos canaviais, substitui a mão de obra e é o causador da vinda do migrante à região e por isso este tópico também é abordado neste capítulo. Antonio Thomaz Junior (2002; 2007; 2012), Novaes (2007; 2009), Scopinho et al. (1999), Pochmann (2009) e Alves (1991; 2006; 2008) são alguns dos estudiosos que abordam o tema. Esta parte do projeto é composta ainda por entrevistas em profundidade de migrantes do corte da cana que dão sustentação às afirmações exploradas por estes especialistas. São eles: Antônio Carlos de Oliveira Lima, Antonio Cardoso da Silva, Cicero Carlos Antonio de Oliveira, José Nery Macedo da Silva, Geraldo dos Santos, Marinete Alves dos Santos, Nerisvaldo Macedo da Silva e Ricardo Ferreira dos Santos.

Em continuação, no item 4.4 são divulgados os resultados adquiridos por meio da aplicação do formulário. Deste instrumento de coleta de dados, participaram migrantes que residem em Tarabai, estes trabalham para as usinas Umoe Bioenergy S/A e Cocal Comércio e Indústria Canaã de Açúcar e Álcool Ltda., o que totaliza 74 funcionários. São apresentadas 32 figuras com os resultados quantitativos e qualitativos, com o objetivo de identificar e descrever o objeto estudado.

No capítulo 5, “Tarabai: Cidade Dormitório”, analisam-se informações relativas à migração para o município, por meio de depoimentos de moradores

antigos e profissionais atuantes, concedidas a partir de entrevistas em profundidade. Esta divisão é dedicada aos fatos históricos relacionados à criação de Tarabai, chegada dos primeiros migrantes, empresas pioneiras e conseqüentemente, o crescimento da economia até os dias atuais.

No Memorial Descritivo, capítulo 6, o leitor poderá tomar conhecimento sobre as tarefas desenvolvidas pelo grupo do início ao fim deste trabalho, como os detalhes das visitas à Tarabai, aplicação dos formulários nos bairros do município, além das entrevistas com os cortadores de cana, utilizadas para a execução do videodocumentário “Apostas”.

Assim, os pesquisadores convidam o leitor a percorrer os embasamentos teóricos explanados nos próximos capítulos, visando despertar o interesse e a reflexão social acerca do tema.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

### 2.1 Problema e Justificativa

A cana-de-açúcar tem passado por momentos de grande expansão, tornando-se aposta de muitas empresas por ser um produto de retorno garantido devido à crescente popularização do açúcar e do biocombustível etanol.

Dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (BRASIL, 2009) revelam que o setor sucroalcooleiro nacional tem 397 unidades produtoras, das quais 94 são de álcool, 10 de açúcar, 290 são mistas e as três últimas não foram lançadas até agosto deste ano. Destas, 171 estão localizadas no Estado de São Paulo; 41 são de Minas Gerais; 34 são de Goiás; 30 do Paraná; 24 de Alagoas; 21 do Mato Grosso do Sul e 20 de Pernambuco. As demais estão distribuídas no Acre, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Sergipe e Tocantins (BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2012a). Em termos de produção, na safra 2012-2013, atualizada em agosto de 2012, o setor contabilizou pouco mais de 264 milhões de toneladas, a região Centro-Sul correspondeu a mais de 258 milhões, enquanto só o Estado de São Paulo foi responsável por mais de 154 milhões de toneladas. (BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2012b)

Outra prova da influência que a cana-de-açúcar exerce no país é o número cada vez maior de estudos acerca do desenvolvimento de novas tecnologias e multiplicação de lucros no sistema canavieiro. A Empresa Bug Agentes Biológicos, de Piracicaba, interior de São Paulo, é um dos exemplos. Recentemente anunciou a comercialização da vespa do gênero *Trichogramma galloi* como forma de controle biológico de pragas que atacam a cana-de-açúcar por meio da inoculação dos ovos da *Diatraea saccharalis* uma mariposa popularmente conhecida como broca-da-cana. Segundo um dos sócios da empresa, o engenheiro agrônomo Alexandre de Sene Pinto, o sistema de multiplicação em escala industrial do inseto permitiu que, em apenas dois anos, fossem tratados o equivalente a 500 mil hectares de canaviais brasileiros. Estima-se que 50% de toda a área plantada de cana no país seja desenvolvida com o controle biológico de pragas, o que possibilita ao usineiro a redução de perdas de aproximadamente R\$ 935,00 por hectare, sendo descontado

o investimento na tecnologia. A cada 500 mil hectares protegidos pela *Trichogramma galloi*, o produtor gasta R\$ 50,00 por hectare. (PINTO apud VASCONCELOS, 2012, p.72)

De acordo com Eduardo Leão de Sousa, diretor Executivo da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA, 2012), a produção de cana no território brasileiro tem tudo para servir como base para a evolução do setor na África, por meio de produções renováveis e seus demais derivados. A afirmação foi divulgada, após Sousa comentar o artigo *The Benefits of Sugarcane Chain Development in Africa*, publicado em fevereiro de 2012 no portal da *International Food and Agribusiness Management Association* (IFAMA). A matéria foi elaborada por Marcos Fava Neves, Marcos Chaddad e Fábio Ribas, especialistas em agronegócio. (UNICA, 2012)

A atenção dada ao setor reflete também nos estágios de cultivo da planta, o que pode ser evidenciado por meio do fenômeno de mecanização cada vez maior na produção canavieira. O fato se deve à preocupação com a emissão de gases poluentes advindos das queimadas, etapa anteriormente indispensável ao corte da planta (SCOPINHO et al., 1999). Essa apreensão foi o que originou o Protocolo Agroambiental do Setor Sucroenergético, em 2007, estabelecido entre o Governo do Estado de São Paulo, a Secretaria de Estado do Meio Ambiente, a Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento e a União da Agroindústria Canavieira de São Paulo. O documento assegura o fim das queimadas em áreas com declividade equivalente a 12% para o ano de 2014 (regiões mecanizáveis) e estabelece para os locais com inclinação acima de 12% o prazo até 2017 (superfícies não mecanizáveis). (UNICA, 2009)

De acordo com Thomaz Junior (2002), outro fator que justifica o investimento em maquinários é a economia de praticamente 40% dos gastos que os usineiros teriam com a contratação de mão de obra. Na prática, uma máquina pode substituir cerca de 100 trabalhadores, sendo que a média produzida gira em torno de 500 a 600 toneladas de cana/dia. (THOMAZ JUNIOR, 2002)

Esse modelo resultou em mudanças na forma de trabalho do cortador de cana.

A introdução desse sistema misto, máquinas/homens, alterou as relações de trabalho e a forma de sua remuneração. No que se refere à remuneração, a adoção da diária, justifica-se pelo fato de que o ritmo e a

intensidade do trabalho são impostos, fundamentalmente, pela máquina, prescindindo, então, do pagamento por produção que vigorou até então, com o predomínio das operações manuais. (THOMAZ JUNIOR, 2002, p.188)

Segundo Novaes (2007, p.171), “[...] a força física e a destreza são critérios imprescindíveis para assegurar o aumento da produtividade nesse sistema de corte que supõe a intensificação do ritmo de trabalho.” Ou seja, a colheita manual equiparada ao rendimento das máquinas exige dos funcionários um esforço físico maior, como ainda demonstra Novaes (2007, p.173), ao citar o “repositor hidreletrolítico e vitamínico” distribuído por muitas usinas com o objetivo de amenizar o cansaço dos cortadores, diminuindo as dores no corpo e as câimbras derivadas dos movimentos repetitivos. Rocha (2007, p.20) afirma ainda que os trabalhadores ficam expostos “[...] diariamente a inúmeras situações capazes de oferecer riscos à sua saúde física e mental durante sua atividade laboral.”

Scopinho et al. (1999, p.150, grifo do autor) apontam a própria queimada como fator de risco aos trabalhadores.

A queima ocorre algumas horas antes do corte e não é raro as máquinas e os trabalhadores adentrarem o talhão de cana quando a temperatura ainda está elevada. Um gerente agrícola afirmou que: “*Após a queima de imediato dá para entrar. Como é um fogo rápido a temperatura já normaliza logo em seguida*”. Ocorre que esses talhões, logo após serem queimados, recebem não apenas as máquinas, os equipamentos e os implementos necessários ao corte da cana-de-açúcar mecanizado que são movidos por combustível líquido, como também os demais veículos transportadores de combustíveis que lubrificam e abastecem todos os motores *in loco*. É evidente o risco de ocorrer uma explosão provocada por possíveis fagulhas ou braseiros deixados pela queimada.

Os problemas respiratórios, causados ou agravados pela poeira e fuligem provenientes dos canaviais, também são citados por Scopinho et al. (1999).

Devido a esses riscos e à intensidade do ritmo do corte de cana, há falta de mão de obra local disposta a enfrentar as condições inerentes ao trabalho. Dessa forma, as usinas buscam cortadores de localidades distantes, provenientes das regiões Norte e Nordeste do Brasil, principalmente, que vêm em busca de trabalho nos canaviais (NOVAES, 2007). O autor destaca que, segundo relato dos técnicos das usinas, os migrantes, “[...] são preferidos pelos usineiros por serem mais dedicados ao trabalho [...]” (NOVAES, 2007, p.171). Esses migrantes, em sua maioria nordestinos, possuem características semelhantes às exigidas pelos

proprietários das usinas. Isso se deve a uma infância pesada e cansativa, marcada pelo trabalho no campo. (NOVAES, 2007)

O Oeste Paulista recebe alguns destes trabalhadores devido à presença de usinas em 16<sup>1</sup> de suas 53 cidades (UDOP, [s.d.]). O município de Tarabai, que possui 6.607 habitantes em uma área de 197 km<sup>2</sup> é um deles. Atualmente, o local é administrado por Lindinalva Rosa Almeida Santos (mandato 2009-2012) e pelo vice-prefeito Marcos Aparecido do Nascimento (mandato 2009-2012). (PREFEITURA..., [s.d.])

Tarabai tem como base econômica as empresas “Amidoeste” (produção de derivados de mandioca), a “Enzipet” (produtos para cães), a “Sofetline” (curtume), duas fábricas de móveis e duas de confecções; além do comércio e das plantações em áreas rurais. (CALVO, 2012)

Apesar de não abrigar empresas canavieiras, foi o local escolhido por 74 trabalhadores migrantes que atuam diretamente com o corte de cana nas usinas Umoe Bioenergy S/A e Cocal Comércio e Indústria Canaã de Açúcar e Álcool Ltda. A primeira se encontra na cidade de Sandovalina, situada a 35 quilômetros de Tarabai e a segunda fica na unidade de Narandiba, a 17 quilômetros.

Em entrevista, o prefeito da cidade de Narandiba, Enio Magro (2012) explicou que os motivos da vinda dos migrantes para Tarabai se deve, em grande parte, pela falta de moradias disponíveis nos municípios que abrigam as usinas. Segundo o prefeito, devido à presença dessas usinas e à demanda de pessoal que a empresa contrata, os valores das locações dessas cidades tendem a aumentar. (MAGRO, 2012)

Desta maneira, o problema da pesquisa é identificar o perfil dos migrantes do corte de cana que residem em Tarabai. O grupo visou, então, levantar as respostas para os seguintes questionamentos: Quem são os migrantes cortadores de cana que se alojam na cidade de Tarabai? Que idades possuem? Quais são os seus locais de origem? Qual o grau de escolaridade? Como são constituídas essas

---

<sup>1</sup> Alta Paulista Indústria e Comércio Ltda (Dracena); Alto Alegre S/A – Açúcar e Álcool (Presidente Prudente); Alvorada do Oeste Ltda (Santo Anastácio); Atena – Tecnologias em Energia Natural Ltda (Martinópolis); Bioenergia do Brasil S/A (Lucélia); Branco Peres Açúcar e Álcool S/A (Adamantina); Usina Caeté S/A (Paulicéia); Cocal Comércio e Indústria Canaã de Açúcar e Álcool Ltda. (Narandiba); Decasa Açúcar e Álcool S/A (Marabá Paulista); Usina Dracena Açúcar e Álcool Ltda. (Dracena); Destilaria Alcídia (Teodoro Sampaio); Floralco Açúcar e Álcool Ltda (Flórida Paulista); Usina Conquista do Pontal S/A (Mirante do Paranapanema); Rio Vermelho Açúcar e Álcool S/A (Junqueirópolis); Santa Mercedes e Álcool Ltda. (Dracena); Umoe Bioenergy S/A (Sandovalina). (UDOP, [s.d.])

famílias? Qual o seu histórico de migração? Qual a motivação de deixar a terra natal? Como se organizam na nova cidade? Como é o trabalho na usina? Que riscos correm? Que sonhos têm? Como influenciam na dinâmica local?

A relevância acadêmica desta investigação consiste no uso da linguagem audiovisual para retratar a realidade destes migrantes que vivem em Tarabai.

Logo, a relevância social possibilita tornarem públicas várias relações derivadas do universo do trabalhador que atua no corte de cana e vive em estado de constante migração, buscando suprir suas necessidades e atendendo às demandas do capital. Trata-se de um tema pouco abordado pelos meios de comunicação social e pela própria sociedade, ainda que essas pessoas sejam elementos necessários na movimentação da economia local e brasileira, de modo geral.

As contribuições pessoais baseiam-se na oportunidade que os pesquisadores tiveram de estabelecer contato constante com um grupo de pessoas com vivências e conhecimentos diferentes do estudado na academia. Por meio do estudo teórico e prático acerca do cortador migrante e do aprofundamento na história de vida dos indivíduos pesquisados foi possível conhecer um pouco mais sobre a dignidade, os anseios humanos e as relações complexas advindas do processo que envolve o trabalhador e o capital. Além disso, o grupo pôde vivenciar a prática do audiovisual, exercendo atividades ligadas à produção, reportagem, cinegrafia, edição, direção e tendo ainda, a oportunidade de aprender uma das maiores dificuldades no desenvolvimento do trabalho na área da comunicação social: a organização e o trabalho em equipe.

## **2.2 Objetivos**

### *2.2.1 Objetivo geral*

- Documentar a vida de alguns cortadores de cana migrantes alojados no município de Tarabai.

### *2.2.2 Objetivos específicos*

- Compreender o fenômeno migratório para o corte de cana-de-açúcar e as relações que dele surgem;

- Identificar o perfil social, econômico e cultural dos migrantes que vivem em Tarabai e trabalham no corte de cana em usinas da região, a história da sua migração e sua rotina de trabalho no município, no período de janeiro a dezembro de 2012;
- Resgatar os principais momentos da história de Tarabai a partir da chegada dos migrantes cortadores de cana;
- Vivenciar a prática do videodocumentário, gênero audiovisual escolhido para documentar os fatos.

### 2.3 Metodologia

A pesquisa científica é o caminho para inúmeras descobertas que influenciam direta ou indiretamente a sociedade. Para sua produção, é preciso definir métodos e delinear o uso dos instrumentos de coleta de dados. Segundo Gil (2010), é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo buscar respostas aos problemas da realidade que são propostos.

Marconi e Lakatos (2010, p.65) definem o método como:

[...] o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Selecionar os métodos mais indicados para um projeto é muitas vezes difícil devido às várias possibilidades e definições oferecidas pelos autores. Porém “[...] a tarefa é mais simples do que parece desde que se saiba exatamente o que se quer pesquisar.” (BARROS; JUNQUEIRA, 2010, p.45)

Com isso, este projeto teve como abordagem a pesquisa quanti-qualitativa. Goldenberg (2009) esclarece a vantagem de utilizar os dois métodos:

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um *cruzamento* de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Ele não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, pode aplicar questionários, pode investigar diferentes questões em diferentes ocasiões, pode utilizar fontes documentais e dados estatísticos. (GOLDENBERG, 2009, p.62, grifo do autor)

O método qualitativo é indicado no estudo de questões complexas como motivações, crenças e sentimentos de determinado grupo de pessoas, assim como a maneira que se comportam diante da realidade documentada. Desse modo, a pesquisa qualitativa proporcionou o contato com as fontes, a reunião de informações e a análise destas de maneira aprofundada, levando em consideração os fatores investigados. Ou seja, possibilitou a análise interpretativa das informações coletadas (GOLDENBERG, 2009). Para isso, os pesquisadores estiveram em contato constante com a cidade de Tarabai, moradores locais e migrantes cortadores de cana durante o período de pesquisa, sendo que a primeira visita foi realizada no dia 31 de março de 2012.

Já o método quantitativo foi escolhido com o intuito de delinear o perfil dos migrantes localizados em Tarabai. Para isso, o grupo utilizou o formulário como o principal instrumento para a coleta de dados.

É relevante mencionar que a pesquisa é delineada como um estudo de caso, pois este “[...] é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados.” (YIN, 2010, p.24). Portanto, é utilizado quando um acontecimento ou fenômeno é pertinente a ponto de ser analisado individualmente.

Para Gil (2010, p.37), este é o “[...] estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”, sendo que o propósito do estudo de caso não é o de proporcionar o conhecimento preciso sobre as características de certa população, “mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados.” (GIL, 2010, p.38)

Este tipo de estudo se revela próprio às necessidades do projeto, considerando que “[...] a força exclusiva do estudo de caso é sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações – além do que pode estar disponível em um estudo histórico convencional.” (YIN, 2010, p.32)

Assim, nesta pesquisa foi adotado o estudo de caso para conhecer o fenômeno migratório de Tarabai, traçar o perfil destes migrantes e compreender como é a realidade de alguns dos trabalhadores e sua rotina no município.

Já o método histórico foi usado no resgate dos principais momentos da história de Tarabai desde a chegada dos migrantes cortadores de cana e sua

instalação na cidade durante os últimos anos, visto que este método tem o intuito de investigar acontecimentos do passado, afim de “[...] verificar a sua influência na sociedade de hoje [...].” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.89)

A história oral é a “[...] reconstrução cronológica deste ou daquele período.” (POLLAK, 1992, p.8). Deste modo, os pesquisadores colheram depoimentos de moradores, representantes do poder público e pioneiros da cidade. Este recurso foi escolhido para levantar as informações necessárias sobre o panorama histórico de Tarabai a partir da vinda de cortadores migrantes.

Para Pollak (1992, p.5), a história oral “[...] é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada.” Por isso, representantes locais como Waldemar Calvo, ex-prefeito da cidade e morador há 69 anos; Edivaldo Clementino de Souza, habitante há 65 anos e filho de um dos homens que ajudou a construir Tarabai; foram algumas das referências que contribuíram com informações históricas e adicionais ao projeto.

Os instrumentos para a coleta de dados foram definidos devido às características que o tema e sua abordagem exigiram. Dessa forma, foram utilizadas as pesquisas bibliográfica, de campo e análise documental, a aplicação de formulários e entrevistas em profundidade.

A pesquisa bibliográfica foi o ponto de partida para a definição e a elaboração dos instrumentos de coleta de dados que compõem esta pesquisa. Ou seja, foi a etapa inicial para o desenvolvimento do trabalho. Por meio dela foram definidos o referencial teórico necessário para o estudo da migração de trabalhadores atuantes no setor sucroalcooleiro e o objeto de estudo do projeto: o migrante cortador de cana. Sobre este instrumento, Stumpf (2010, p.51) conceitua:

[...] é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.

A pesquisa de campo foi escolhida por ser uma forma de observar, analisar e identificar fenômenos que acrescentaram informações relevantes ao projeto. Logo, essa exploração ao ambiente colaborou para a formulação do questionário e descobrimento de novas fontes. Baseando-se nela, os pesquisadores estiveram em constante contato com a cidade, os moradores e os trabalhadores migrantes que lá

se alojam e o contexto que envolve ambos, buscando informações e dados que pudessem ser descobertos espontaneamente (MARCONI; LAKATOS, 2010). O grupo decidiu realizar as visitas principalmente aos sábados e domingos. Assim, os trabalhadores estariam fora do horário de expediente, visto que, como afirma Thomaz Junior (2012):

[...] essas pesquisas diretas são muito difíceis de serem feitas porque você somente consegue conversar com o migrante, entrevistar o migrante, fora do horário de trabalho. Isso vai ser sábado à noite e domingo, quando eles não têm que trabalhar no domingo e feriados, quando não têm que trabalhar nos feriados também. E você não tem permissão dos patrões, dos empresários, enfim, dos gatos e uma série de outros pressupostos que atuam nessa atividade para a gente poder dimensionar o trabalho deles no momento laboral, no momento que eles estão cortando cana, nós somos proibidos, a gente não consegue entrar.

Um dos principais lugares de encontro dos pesquisadores com os cortadores foi o Jardim das Acácias, pois este bairro de Tarabai possui grande concentração de residências de trabalhadores de cana. De acordo com o comerciante Isaías Bezerra da Silva (2012), a ocupação ocorreu em função da construção de 72 casas no local durante o mandato do ex-prefeito Waldemar Calvo (1989-1992). “[...] muitos terrenos foram doados, vendidos de forma parcelada, que eram as condições que essas pessoas tinham. Por isso muitos foram se instalando por lá.” (SILVA, I., 2012)

O formulário foi eleito como instrumento de coleta de dados por ser “[...] usado para designar uma coleção de questões que são perguntadas e anotadas por um entrevistador numa situação face a face com outra pessoa.” (SELLTIZ apud MARCONI; LAKATOS, 2010, p.195). A escolha desta ferramenta em detrimento ao questionário foi feita devido ao fato de a maioria dos cortadores migrantes terem pouca escolaridade (ROCHA, 2007). Portanto esta técnica se destina a “[...] quase todo o segmento da população: alfabetizados, analfabetos, populações heterogêneas etc., porque seu preenchimento é feito pelo entrevistador.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.195)

Uma vez definida a localização dos possíveis entrevistados, foi aplicado o formulário piloto em três versões, com o objetivo de verificação preliminar das questões previstas.

A primeira aplicação como pré-teste foi realizada no dia 7 de abril, em um dos campos de futebol frequentado pelos cortadores de cana em Tarabai, localizado

no Jardim das Acácias. Em meio ao jogo, 12 trabalhadores migrantes de ambas as usinas foram entrevistados. Com os resultados da primeira aplicação, foi possível executar o segundo formulário piloto no dia 26 de maio, nas casas de cinco trabalhadores, também no Jardim das Acácias. A última versão do piloto foi aplicada no dia 16 de junho, novamente no campo de futebol do Jardim das Acácias com cinco migrantes que assistiam ao jogo.

Diante dos resultados, os pesquisadores contaram com a possibilidade de alteração do formulário tanto na redação das questões e opções de respostas, como também no conteúdo. No entanto, foi mantido o foco nos questionamentos que envolvem as três partes, assim definidas: o perfil do migrante, a história da sua migração e a sua rotina de vida e trabalho em Tarabai. A versão final do formulário está disponível no apêndice A. Setenta e quatro migrantes responderam as questões durante as visitas realizadas no município entre os dias 15 e 23 de julho de 2012.

Os questionamentos presentes no formulário foram do tipo fechado e aberto<sup>2</sup>. Fechado, pois é feito por meio de “[...] questionários estruturados, com perguntas iguais para todos os entrevistados, de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação entre respostas.” (DUARTE, 2010, p. 67). E algumas perguntas foram estruturadas de forma aberta em função da dificuldade em prever as respostas dos indivíduos. Acerca dessa última modalidade, Duarte (2010, p.65) explica que “[...] é essencialmente exploratória e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas.”

Assim, o uso do formulário auxiliou na coleta de dados de forma mais prática e aproximada da realidade, pois possibilitou “[...] obter informações diretamente do entrevistado.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.195)

A entrevista em profundidade também foi utilizada para adquirir informações por meio do contato direto com a fonte, visto que, segundo Gil (2010, p.107), “[...] o formulário tem alcance limitado, não possibilitando a obtenção de dados com maior profundidade.”

Duarte (2010, p.64) define a entrevista em profundidade como “[...] uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de

---

<sup>2</sup> O formulário contém sete questões do tipo fechada (1, 2, 4a, 7, 9, 12, 19) uma do tipo aberta (21) e 21 com opções abertas e fechadas (3, 3a, 3b, 3c, 4, 5, 6, 7a, 8, 8a, 9a, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19a, 20).

questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido.”

A entrevista em profundidade foi executada a partir dos resultados obtidos com a aplicação dos 74 formulários, sendo que o critério utilizado para as escolhas dos entrevistados e o possível aprofundamento de informações referentes à migração, se deram por meio do referencial teórico que define o contexto do migrante no município.

Os questionamentos presentes na entrevista em profundidade foram do tipo semiaberto, pois é um “[...] modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa.” (DUARTE, 2010, p. 66)

Dessa forma, a entrevista do tipo semiaberta proporcionou uma abrangência maior de respostas, além de as informações recolhidas darem a possibilidade de desenvolvimento de outros questionamentos, pois “[...] as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas.” (DUARTE, 2010, p.63)

A pesquisa e análise documental também foram utilizadas por serem base de informações relevantes ao estudo por meio de elementos como fontes estatísticas, arquivos públicos e particulares. Esta “[...] compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim.” (MOREIRA, 2010, p.271)

Sobre a análise documental, Moreira (2010, p.270) complementa da seguinte forma:

[...] o recurso da análise documental costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos. As fontes mais comuns são os acervos de impressos (jornais, revistas, catálogos, almanaques). Mas também serve como expediente a consulta a documentos oficiais, técnicos ou pessoais (arquivos particulares reunindo originais) [...].

Neste trabalho, a pesquisa documental foi baseada na busca por documentos que pudessem informar sobre a história da cidade a partir da chegada dos migrantes cortadores de cana, além de derivar dados sobre o processo migratório existente em Tarabai. Segundo Moreira (2010, p.272), as fontes para esta indagação podem ser divididas em primárias e secundárias. O primeiro grupo

abrange “[...] escritos pessoais; cartas particulares; documentos oficiais; textos legais; documentos internos de empresas e instituições.” (MOREIRA, 2010, p.272). Já as fontes secundárias reúnem informações retiradas da mídia impressa como jornais, revistas, almanaques, boletins, catálogos e a “eletrônica (gravações magnéticas de som e vídeo, gravações digitais de áudio e imagem) e relatórios técnicos.” (MOREIRA, 2010, p.272)

Compreendidas a metodologia quanti-qualitativa, o delineamento por meio do estudo de caso, o método histórico, a história oral e os instrumentos de coleta de dados que nortearam este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o próximo capítulo trata do gênero que embasa a peça prática deste projeto, o videodocumentário.

### 3 VIDEODOCUMENTÁRIO

#### 3.1 Contribuições para uma Criação: O Cinema

O homem sempre desejou reproduzir o movimento da vida (CHALLIER; JEUNET, 1995). A história da representação cinematográfica é “[...] parte de um processo longo, amplo e ramificado de experiências e conquistas no campo da projeção da imagem.” (DA-RIN, 2006, p.23). O processo oriundo do cinema “[...] tem origens remotas na Antigüidade, passa pela câmera escura e ganha maior impulso a partir do século XVII, com o uso da lanterna mágica e a proliferação de pesquisas ópticas.” (DA-RIN, 2006, p.23)

Segundo Da-Rin (2006), a interrupção radical do cinema não foi percebido como uma novidade por seus contemporâneos. “Ao contrário, foi experimentado como uma nova articulação de técnicas já conhecidas, e progressivamente assimilado às formas de expressão culturais e artísticas correntes.” (DA-RIN, 2006, p.23)

Os irmãos Louis e Auguste Lumière<sup>3</sup> se destacam neste processo por “[...] terem estabelecido importantes bases tecnológicas para a futura indústria cinematográfica.” (DA-RIN, 2006, p.23). As primeiras representações executadas registravam os movimentos das pessoas em situações rotineiras, porém naturais. (DA-RIN, 2006)

Uma das datas mais marcantes que delineou a história do cinema foi em 28 de dezembro de 1895, na França. Neste dia ocorreu a primeira projeção cinematográfica realizada pelos irmãos Lumière, no Salão *Grand Café, Boulevard des Capucines*. “Sobre uma pequena tela, uma fotografia recém-projetada de repente ganha vida. Carros, cavalos, pedestres começam a andar; toda a vida de uma rua aparece.” (CHALLIER; JEUNET, 1995, p. 6)

Mesmo com a fenomenal criação dos irmãos Lumière, outros inventos foram surgindo e se aperfeiçoando em todo o mundo, baseados no mesmo princípio. O norte americano Thomaz Alva Edison (1847-1931), considerado por muitos o

---

<sup>3</sup> Os irmãos Louis (1864-1948) e Auguste (1862-1954) Lumière nasceram em Besançon, na França. São considerados os pais do cinema por inventarem o cinematógrafo, que era uma máquina de filmar e projetor do cinema, em 28 de dezembro de 1895, na cidade de La Ciotat. Filhos de Antoine Lumière, fotógrafo que fabricava películas fotográficas, os irmãos colaboravam na fábrica do pai. (DA-RIN, 2006)

inventor do cinema, foi responsável pela execução do Quinetoscópio em 1888, um exibidor de imagens, apenas para uma pessoa e, do Quinetógrafo, um capturador de imagens (BILHARINHO, 1996). Em 14 de abril de 1894, foi realizada a primeira sessão pública paga, no *Kinetoscope Parlor* na *Broadway*. Logo, em 20 de maio de 1895, em Nova York, foi efetuada a projeção de um filme de boxe, que continha quatro minutos de duração. (BILHARINHO, 1996)

Com a chegada do Cinematógrafo de Louis e Auguste Lumière aos Estados Unidos, Thomas Edison sofrera uma pressão diante do invento dos irmãos em seu país de origem. Diante dessa adversidade, Edison adotou o Vitascópio, um projetor de filmes em tela (DA-RIN, 2006). “As atualidades conquistaram imediatamente as platéias norte-americanas, pelo realismo, a qualidade fotográfica, a variedade dos filmes exibidos; e também, por constituírem uma espécie de 'jornal da tela'.” (DA-RIN, 2006, p. 33)

Pela Europa, alguns países também tiveram seus destaques. Cita-se o caso de Louis Aimé Auguste Le Prince. Em novembro de 1888, o francês capturou imagens do jardim da residência de seu sogro, localizado em Leeds, na Grã-Bretanha. (BILHARINHO, 1996)

Em 1895, na Alemanha, os moradores de Berlim, presenciaram uma sessão cinematográfica organizada por Marx e Emil Skladanowski, utilizando o Bioskop, aparelho de invenção. (BILHARINHO, 1996)

Após criações importantes para a concepção do cinema, foi a França e a Inglaterra que tornaram-se grandes produtores de filmes. E em menor escala, Dinamarca, Suécia e Alemanha. A principal produtora na época de 1900 foi a França. Porém, após 1920, os franceses vieram a perder para a potência da indústria cinematográfica, Estados Unidos. (DA-RIN, 2006)

### **3.2 Um Novo Gênero: Documentário**

Os documentários surgiram exatamente com o advento do cinema e sua ascensão por diversos países, a partir de 1895 (SACRINI, 2003). No Brasil, o documentário originou-se a fim de retratar o outro, o desconhecido. Segundo Altafini

(1999), a primeira tomada feita em terras brasileiras foi realizada em 19 de julho de 1898 por Afonso Segreto, irmão de Paschoal Segreto<sup>4</sup>.

A mando do irmão, Afonso deslocou-se até a Itália para comprar novos equipamentos e, assim, familiarizar-se melhor com a nova tecnologia. Foi a bordo do navio *Brésil*, de volta ao Brasil, que Afonso fez as imagens em primeiro plano, na qual flagrava a entrada do navio na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. (ALTAFINI, 1999)

Entretanto, os documentários só se estabeleceram como gênero a partir de 1920, “[...] e de todos esses gêneros é o que ainda se mantém e se diversifica, abarcando o público de cinema e da tevê.” (ROSSINI, 2006, p.244)

Da-Rin (2006) aponta o nome do escocês John Grierson<sup>5</sup> como o principal idealizador do gênero documentário propagado na Inglaterra em meados de 1927. Nesse mesmo ano, o escocês havia residido por 27 meses nos Estados Unidos, para onde tinha viajado com a intenção de investigar os efeitos sociais causados pela imigração. Porém, Grierson foi deslocado a Hollywood, “[...] atraído pela disponibilidade de dados sobre as preferências cinematográficas do público norte-americano.” (DA-RIN, 2006, p.55)

Impressionado com as produções americanas sobre a conquista do Oeste e a formação da população, Grierson via no cinema, “[...] com seus padrões dramáticos e sua capacidade de capturar a imaginação das plateias [...]”, uma oportunidade de explorar e difundir a formação da cidadania e valores patrióticos. (DA-RIN, 2006, p.56)

O primeiro registro do gênero documentário foi datado em 8 de fevereiro de 1926, quando John Grierson publicou um texto na edição do jornal *The New York Sun* sobre o filme Moana, intitulado *Flaherty's Poetic Moana*. A obra retratava a vida de uma jovem unida a sua família polinésia (PENAFRIA, 1999). Para a autora, Grierson teve o objetivo de obter “valor documental” por meio do uso das técnicas cinematográficas, sendo que a realidade e a descrição da família Polinésia são considerados secundários. (PENAFRIA, 1999)

---

<sup>4</sup> Paschoal Segreto era dono de salas de cinema na época e um dos maiores produtores de entretenimento do Rio de Janeiro e São Paulo. (ALTAFINI, 1999)

<sup>5</sup> “Grierson era um reformista moderado, com formação universitária em filosofia moral e metafísica, que acabara de concluir uma especialização em ciências sociais e procurava meios para colocar em prática um projeto de educação pública através do cinema.” (DA-RIN, 2006, p.55)

Diante deste feito, Grierson, fundador do movimento documentarista em 1927, foi nomeado por muitos como o “pai do documentário”, ao lado de Flaherty<sup>6</sup>. Um de seus objetivos era fazer com que o cinema britânico se utilizasse de formas artísticas e, conseqüentemente, houvesse a fomentação de sentimentos, referentes à identidade nacional e de comunidades proporcionais aos programas políticos do país. O modelo alusivo ao patrocínio governamental para o documentário foi propagado a outros países, inclusive, para os Estados Unidos que, desde então, possuía grande destaque na produção de filmes. (NICHOLS, 2008, p.185)

Grierson impulsionou o patrocínio governamental da produção de documentários na Inglaterra dos anos 30 da mesma forma como Dziga Vertov fizera em toda a década de 1920 na União Soviética e Pare Lorentz faria em meados da década seguinte nos Estados Unidos. Na verdade, Vertov promovera o documentário bem antes de Grierson, mas permaneceu mais como um não-conformista, no interior da nascente indústria cinematográfica soviética [...]. (NICHOLS, 2008, p.119)

No entanto, mesmo com o modelo abordado por Dziga Vertov<sup>7</sup> e do cinema soviético, foi Grierson quem impulsionou o nicho do gênero documentário, dando espaço para o surgimento de novas obras. Com isso, Grierson tornou-se “[...] o principal inspirador dos movimentos britânico e, mais tarde, canadense, no campo do documentário.” (NICHOLS, 2008, p.118-119)

Com o êxito profissional, Grierson fundou uma unidade cinematográfica no *Empire Marketing Board*, em 1930 e logo após, em 1933, o *Government Post Office (GPO)*, agências governamentais. Na época, tal fato foi considerado um dos maiores exemplos de eficiência por parte da administração inglesa.

O incentivador “[...] deu ao cinema documentário uma base institucional, cultivou uma comunidade de profissionais, defendeu formas selecionadas de convenção documental e estimulou um conjunto específico de expectativas no público.” (NICHOLS, 2008, p.185)

Nos anos de 1930, John Grierson inaugurou a tradição não ficcional que dominou a primeira metade do século, a qual chamaria de “documentária”. Em suas pesquisas, existe uma proposta estilística para o cinema documentário,

---

<sup>6</sup> Robert Flaherty (1884-1951) é considerado um dos primeiros documentaristas. Foi responsável pela execução do filme *Nanook of The North*, em 1922, no qual registrava o cotidiano dos esquimós localizados no norte do Canadá. (LABAKI, 2006)

<sup>7</sup> Dziga Vertov (1896-1954) foi jornalista, cineasta e documentarista. O russo incentivou diferentes teorias e práticas referentes ao “cinema-verdade”. Este tinha o objetivo de trazer a realidade para o filme, deixando de lado a produção ficcional e teatral. (NICHOLS, 2008)

permanecendo como base para muitos profissionais até o início dos anos de 1960. (RAMOS, 2004)

Aos poucos, o gênero documentário foi influenciado pela cobertura jornalística que começava a se estabilizar, junto com a linguagem audiovisual (ROSSINI, 2006). A década de 1930, por exemplo, foi marcada pela adoção de características de jornal cinematográfico, por parte da obra documental. (NICHOLS, 2008)

Diante desta nova realidade, em fevereiro de 1932 foi decretada uma lei que obrigava os cinemas a exibir curtas-metragens educativos antes de iniciarem os longas ao público presente. Quatro anos depois, o atual presidente, Getúlio Vargas criou em seu mandato, o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), no qual o principal objetivo era desenvolver obras cinematográficas com temas didáticos-científicos, contendo um olhar getulista. (LABAKI, 2006)

Outro destaque na década de 1930 foi a criação dos cinejornais, reproduzidos nas salas de cinema, antes do início dos filmes, com o intuito de apresentar as principais notícias da semana (ROSSINI, 2006). “Com o advento do som, eles também passaram a ter música e narração. Durante as duas grandes guerras mundiais eles foram os principais meios de informação [...]” (ROSSINI, 2006, p.244)

No Brasil, o cinejornal mais conhecido pelos brasileiros foi o Canal 100. Este foi projetado nas telas do país por cerca de 40 anos, “[...] estabelecendo novos ritmos de montagem e de narrativa jornalísticas audiovisuais.” (ROSSINI, 2006, p.244). O departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e os Departamentos Estaduais de Informações e Propaganda (DEIPs) eram os responsáveis pela produção jornalística nos cinemas. No entanto, “[...] esses cine-jornais não gozavam de muita simpatia da crítica e eram alvo constante das vaias dos espectadores.” (ALTAFINI, 1999, p.11)

Em 1960, ocorre a ruptura da linguagem para o gênero em questão, com o surgimento do Cinema Verdade. O documentarista deve registrar a realidade como se apresenta (RAMOS, 2004). Esta vertente é transformadora, pois permite capturar fragmentos por meio de “[...] procedimentos estilísticos proporcionados por câmeras leves, ágeis [...] com o surgimento do gravador Nagra.” (RAMOS, 2004, p.83)

Rossini (2006) relata que tanto o cinema direto quanto o cinema verdade ainda são atuantes. A autora explica a diferença entre essas duas vertentes:

O cinema direto, que é a principal marca do cinema estadunidense, tem como lema o não-envolvimento do documentarista na situação filmada; já o cinema verdade, de origem francesa, procura registrar nos seus filmes a ação da equipe de filmagem na produção daquele material. (ROSSINI, 2006, p.246)

A tendência mais participativa criada pelo cinema direto/verdade introduziu no documentário uma outra maneira de anunciar a entrevista ou o depoimento durante a gravação. (RAMOS, 2008)

Porém, com a ditadura militar instaurada em 1964, a produção fílmica que pretendia revelar a realidade do Brasil ficou desfavorável, o que levou os documentaristas a procurarem um espaço alternativo, que seria a televisão. Paulo Gil Soares, cineasta baiano, chegou a TV em 1973 para produzir 20 documentários com o patrocínio da Shell. A proposta fracassou, mas serviu como matriz para o Globo Repórter, desenvolvido por jornalistas e cineastas como Wladimir Herzog. (TAVARES, 2005)

A partir deste momento, a relação é similar entre televisão e documentário, pois os estilos a serem trabalhados nesta nova forma documental passam a ser o cerne da produção videodocumentária. Programas como Globo Repórter serviram de vitrine para os materiais que abordam assuntos específicos de forma abrangente. (MATOS apud TEIXEIRA, 2004)

Com programas dedicados ao gênero videodocumentário, o público passou a ter acesso a assuntos que contribuíram para discussões referentes aos acontecimentos mundiais e que incentivavam o diálogo pertinente às experiências sentidas. (PENAFRIA, 2001)

No final de 1980, surgiram os primeiros documentários, direcionados ao cruzamento entre “[...] a representação do popular e a imagem de intensidade obscena.” (RAMOS, 2008, p.217-218). Em 1990, o documentário desperta enfim seu título de grande arte de imagens e sons, que detém a especificidade de estabelecer afirmações ao mundo e sobre ele. (RAMOS, 2008, p.208)

Mesmo com as transformações ocorridas durante os anos, o gênero documentário sempre exigiu que o autor das imagens execute seu ponto de vista, sua opinião. “É necessário o confronto de outro olhar: o olhar do documentarista. É, também, necessário que o resultado final, ou seja, o documentário seja o confronto entre esses dois olhares: o da câmera e o do documentarista.” (PENAFRIA, 1999, p.3)

Com a inserção do videodocumentário na televisão, algumas tecnologias contribuíram para garantir a autenticidade do que o público assiste. Essas tecnologias proporcionam que a relação entre o documentário e o mundo histórico, seja profunda. Além disso, o uso de efeitos nas lentes, focos diferenciados, resoluções adequadas, cores e contrastes, asseguraram a intencionalidade de uma linguagem diferenciada ao elemento audiovisual. É por meio desse raciocínio, que esse gênero “[...] acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social.” (NICHOLS, 2008, p.27)

Nichols (2008) se manifesta ao dizer que os documentários exercem um impacto sobre a realidade. Oferece assim, um retrato ou uma representação reconhecível do mundo e, por vezes, o documentarista assume o papel de representante do público. Ao abordar um assunto específico, o gênero fala em favor dos interesses de uma maioria, representando-os de uma maneira que algumas pessoas não poderiam.

Para Bernard (2008), o público confia nas produções documentárias. Sendo que essa confiança é a “chave” para o sucesso deste gênero. Em complemento, Comparato (1998, p.179, grifo do autor) atesta que “[...] a **credibilidade** de uma história está intrinsecamente unida à verdade das coisas, às necessidades reais do homem. Estes valores têm de ser mantidos se pretende que a história seja verossímil.”

Teixeira (2004, p.13) afirma que “[...] no campo das práticas audiovisuais, o documentário, repetidas vezes, foi codificado enquanto um domínio dos mais propícios à manifestação da ‘vida como ela é’.”

Com base nesta argumentação, é possível considerar o quão os documentários são poderosos diante dos espectadores. Esse documento tem o domínio de conduzir o público “[...] a novos mundos e experiências por meio da apresentação de informação factual sobre pessoas, lugares e acontecimentos reais [...]” (BERNARD, 2008, p.2)

Diante dessas interpretações sobre o verdadeiro significado de um filme documentário, Da-Rin (2006, p.165) aponta que “[...] através da palavra falada em som direto, o documentário pode ir além do registro factual, rememorar o passado dos personagens, especular seu futuro e abrir-se à fantasia.”

Pode-se deduzir que o gênero em questão tornou-se cada vez mais complexo e “auto-referente” conforme as evoluções sofridas no decorrer dos anos,

“[...] incorporando ao filme tanto um discurso sobre seu objeto de eleição como sobre a própria arte de filmá-lo.” (LABAKI, 2005, p.181-182). Por conseguinte, a linguagem documental é utilizada para trazer ao telespectador a visão daquilo que foi capturado durante as filmagens: a realidade. Esse assunto, é melhor investigado no próximo subitem.

### 3.2.1 Linguagem documental

O cinema possui a sua própria maneira de dizer as coisas. Portanto, Rittner (1965, p.10, grifo do autor) propõe que “[...] este conjunto de recursos que servem para exprimir idéias e sentimentos, constitui a *linguagem cinematográfica*.” Este pensamento serve como base também para o videodocumentário, pois “[...] o espectador vê o filme por intermédio da câmera, isto é, vê sempre aquilo que a câmera ‘viu’ durante a filmagem.” (RITTNER, 1965, p.11)

Considera-se que, por meio de uma linguagem, o diretor do videodocumentário, em conjunto com a equipe de produção, desenvolvem um estilo específico e uma estética diferenciada para o material que será produzido. (BILHARINHO, 1996)

De acordo com Rittner (1965), a linguagem abordada no vídeo é constituída por três elementos considerados fundamentais: planos, ângulos de tomada e movimentos de câmera (RITTNER, 1965). “Completados com a cenografia, a fotografia, o vestuário, os truques, que constituem aquilo que alguns chamam de ‘elementos técnicos-artísticos’ do filme. São técnicos por natureza, e são artísticos por finalidade.” (RITTNER, 1965, p.10)

Os planos podem se caracterizar pela distância da câmera com o objeto em que se quer gravar (BILHARINHO, 1996). Além disso, “[...] como de um plano para outro a câmera tem que mudar de posição, o plano é considerado a unidade fundamental do filme.” (RITTNER, 1965, p.15-16)

Stefanelli (2010) classifica os planos fixos em seis tipos:

- Plano Geral (PG) - situa o personagem no cenário em que se encontra, como por exemplo, uma casa, um pasto, um comércio;
- Plano Americano (PA) - isola a imagem da pessoa à altura do joelho ou pelo meio da perna;
- Plano Médio (PM) - enquadra o personagem da cintura para cima;

- Primeiro Plano (PP) - a pessoa em questão é vista de perto, com a imagem acima do busto. A cabeça e parte dos ombros;
- Primeiríssimo Primeiro Plano (PPP) - mostra completamente a face do personagem;
- Plano Detalhe (PD) - mostra pequenos detalhes de objetos e parte corpo humano.

De acordo com Comparato (1998), a câmera não é um objeto estático. Esta ferramenta é como o prolongamento do olho humano que realiza os movimentos desejados pelo cinegrafista. “A câmera penetra num mundo ao qual, normalmente, não temos acesso. Voa, corre, olha por baixo, por cima, de lado etc.; faz muitas coisas que com certeza não poderíamos fazer com os olhos.” (COMPARATO, 1998, p.312)

Em sua obra “Da criação ao roteiro”, de 1998, Comparato relata que a câmera é infinitamente mais versátil que o próprio olho humano, sendo assim, mais sensível e perspicaz. Segundo o autor, esta ferramenta essencial tem a capacidade de penetrar em um mundo ao qual, normalmente, não se tem acesso. (COMPARATO, 1998)

Para se realizar um videodocumentário, os ângulos de tomada também são explorados pelo cinegrafista, já que uma tomada representa um *take* em uma imagem. Este *take* pode ser composto pela imagem estática ou pode haver movimentos de câmera durante a filmagem. (BERNARD, 2008)

Segundo Rittner (1965, p.11) “[...] no cinema, as imagens não estão sujeitas a um ângulo visual fixo, como acontece no teatro, e essa variação do ângulo visual constitui a própria base da linguagem cinematográfica.”

Sobre esses possíveis movimentos no vídeo, Comparato (1998) classifica-os em:

- *Dolly Shot* – é o movimento que se caracteriza pela aproximação e o afastamento da objetiva, podendo deslocar-se para baixo e para cima;
- Ponto de Vista – a câmera faz diferentes ângulos, situando-se ao nível dos olhos do personagem e provocando a sensação de vista subjetiva, ajudando a criar sensação de profundidade;
- *Travelling Shot* – usado para acompanhar os movimentos do personagem ou de algum objeto à mesma velocidade. Este causa a sensação de movimento;

- Panorâmica – neste caso, a câmera se move para o lado direito e esquerdo, ou de cima para baixo, dando visão geral do ambiente filmado;
- *Process Shot* (Transparência) – projeta uma cena pré-filmada por trás dos personagens. Muito utilizado pelo cinema americano, quando o carro se desloca, mas na realidade, o que se move é a imagem projetada por trás dos atores;
- *Zoom* – designa-se por uma aproximação ou afastamento de imagens causados pela mudança da distância focal;
- Desfocagem (Transfocador) – diante de dois elementos, a câmera concentra-se apenas em um só. Desta maneira, um dos elementos fica desfocado enquanto o outro fica em destaque.

Cada vez que a câmera faz diferentes movimentos, “[...] cada ângulo que ela mostra em relação ao que está sendo gravado, cria um efeito visual e temático.” (KELLISON, 2007, p.194). O videodocumentário tem uma linguagem própria. A posição das imagens e o processo de edição possuem significados próprios. O público sente as emoções por meio do encadeamento das cenas. (KELLISON, 2007)

Um bom documentário, com uma linguagem adequada, faz com que o telespectador “confunda” suas expectativas, levando-o a ter ideias que antes, nunca havia imaginado, impelindo fronteiras. (BERNARD, 2008)

### **3.3 Etapas do Documentário em Vídeo**

No processo de produção de um videodocumentário são desenhados esquemas com o objetivo de facilitar o trabalho da equipe durante sua execução. (COMPARATO, 1998)

Desta maneira, Penafria (2001, p.4) divide esse processo em três etapas. São elas: “[...] pré-produção (pesquisa e desenvolvimento); produção (filmagens); pós-produção (montagem).” Para a autora, o cumprimento dessas três fases facilita a tomada de decisões imediatas diante de situações inesperadas, por parte de toda a equipe. (PENAFRIA, 2001)

A seguir, os discentes apresentam esses três estágios em subitens, considerando que a peça prática do grupo foi realizada da mesma maneira.

### 3.3.1 O Início: pré-produção

A parte de pré-produção é essencial para o início dos trabalhos. Não importa o tamanho do projeto desenvolvido, é toda essa organização feita anteriormente que irá direcionar as filmagens para que o trabalho fique completo. Antigamente, a ideia do filme, seja qual fosse o gênero, era responsabilidade do cinegrafista, “[...] figura que até então centralizava os comandos da produção.” (BORDWELL; STAIGER; THOMPSON apud PUCCINI, 2010, p.13). A organização textual era composta apenas por uma sinopse, porém ainda não abordava questões técnicas relacionadas às filmagens, de acordo com os autores.

A mudança no processo de planificação da filmagem ocorre no momento em que a figura do *cameraman* (o antigo ‘dono’ do filme) perde espaço para a do diretor de cinema, que, já na segunda metade da primeira década (1907), passa a comandar as decisões da produção do filme. (BORDWELL; STAIGER; THOMPSON apud PUCCINI, 2010, p.13)

Contudo, o profissional só terá um bom desenvolvimento do material audiovisual se houver planejamento e organização. Esses itens são primordiais para as etapas posteriores, sendo mais importante do que a parte criativa do processo. (BONASIO, 2002)

Nichols (2008) menciona que a montagem de um documentário não só aprofunda o envolvimento do telespectador com a história que desdobra o filme, mas também aborda todos os tipos de explicação ou afirmação referentes ao mundo.

O ponto determinante para a interpretação do vídeo é o momento da “[...] organização/ligação que se cria entre essas imagens e sons.” Desta maneira, para a pré-produção, o documentarista deve considerar diversos elementos como “[...] entrevistas, som ambiente, legendas, música, imagens filmadas in loco, imagens de arquivo, reconstruções, etc.” (PENAFRIA, 2001, p.5)

Destaca-se, também, a qualidade das fontes que participaram do vídeo. Sabe-se que poucos materiais jornalísticos se originam apenas com a observação do produtor. Portanto, a veracidade é garantida pelas fontes. “A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público.” (LAGE, 2001, p.49)

Neste momento do processo, Noblat (2003) confirma que diante da informação desejada, a melhor fonte é aquela que conta o que compreende. E não aquela que alega saber de tudo.

Sobre os gastos adquiridos para se executar um videodocumentário, Bonasio (2002) relata a necessidade de ser cauteloso com os orçamentos, sendo uma tarefa significativa neste processo da pré-produção. Segundo ele, é atinente ao produtor desenvolver orçamentos e entender suas obrigações contratuais. “Uma vez que você listou todos os itens de que você vai precisar, adicione de 10% a 20% para ‘contingências’, ou itens de que você tenha se esquecido de incluir.” (BONASIO, 2002, p.68)

### *3.3.1.1 Lápis e papel: traçando um bom roteiro*

Ir a campo, já com a história que deseja reproduzir em mente, não apenas torna o trabalho rápido e natural, mas significa o quanto o profissional está preparado para incluir nas gravações as cenas que necessita para contar o fato. Deste ponto de vista, toda a produção estará habilitada a imprevistos e, provavelmente, a equipe fará um documentário superior ao esperado. (BERNARD, 2008)

Bernard (2008) deixa claro o quanto é importante a produção de um roteiro, já que esse procedimento destina-se “[...] a ajudar você e os outros a verem no papel, o filme que você imagina pelos vários pontos de vista possíveis da produção.” (BERNARD, 2008, p.153)

Essa descrição das gravações que se pretende documentar, é “[...] parente próximo do texto teatral [...]”, como relata Puccini (2010, p.13). Desta forma, o roteiro é desenvolvido com o intuito de atender às exigências da produção, “[...] visando sempre à redução dos custos e à consequente ampliação da margem de lucro na comercialização do produto.” (PUCCINI, 2010, p.13)

Segundo Field (apud COMPARATO, 1998), o roteiro é um processo que demanda tempo e que deve seguir uma série de etapas.

Primeiro, encontra-se um tema; depois, estrutura-se a ideia; em seguida, definem-se as personagens; mais tarde, procuram-se os dados que faltam [...]. Quando o primeiro rascunho está pronto, fazem uma revisão profunda e as alterações necessárias para ajustar a dimensão adequada. Por último, é

preciso poli-lo até estar pronto para ser visto por todos. (FIELD apud COMPARATO, 1998, p.22)

Mas a ideia sobre o assunto a ser trabalhado no documentário deve possuir um conflito maior. Comparato (1998) denomina essa ideia de “conflito-matriz.” Para se alcançar este meio, o autor observa ser necessário desenvolver uma *story line*, bem redigida e elaborada. Para Puccini (2010), é por meio da *story line* que se estabelece o interesse principal do filme. Ou seja, “[...] o trabalho do roteirista não se baseia apenas no talento para escrever e criar, mas também na capacidade para colocar seu trabalho num caminho adequado de produção.” (COMPARATO, 1998, p.37)

Além disso, uma das responsabilidades do roteirista é pensar nas cenas que deseja para o documentário. Comparato (1998, p.206, grifo do autor) confirma ao dizer que “[...] a **cena** é a base, a **unidade dramática do roteiro.**” Para ele, “[...] toda cena tem um ponto capital, que é sua **razão de ser**, e poder estar no **diálogo**, na **imagem**, no **som**, nas **personagens**, no **tempo da cena** ou em qualquer outro aspecto [...]” Ou seja, a primeira montagem do roteiro, ocorre com a definição dessas cenas dramáticas. (PUCCINI, 2010)

O *storyboard* também é um componente importante para o roteiro. Segundo Stefanelli (2010, p.9):

Storyboard é o roteiro de filme cinematográfico ou de uma produção de vídeo ilustrado por imagens. Descreve e mostra como será feito o plano a ser filmado, a fala do narrador, o diálogo da cena, enfim, mostra a seqüência de planos que formam o filme.

A composição de traços básicos das cenas facilita a ligação entre os planos, como é o caso da composição da câmera e do quadro. (PUCCINI, 2010, p.98)

Kellison (2007) afirma que os *storyboards* têm o objetivo de resumir as imagens que serão feitas a toda a equipe, incluindo produtor, diretor e editores. Desta maneira, representa uma grande vantagem do início ao fim. Após a conclusão dessas etapas, será a hora de dar início à produção do videodocumentário.

### 3.3.2 Mãos à Obra: Produção

Esta é a etapa em que vários profissionais dividem suas tarefas, colocando em prática a concepção do videodocumentário. As principais funções são: produtor, repórter, cinegrafista e o diretor.

O processo de produção em vídeo é o momento em que se englobam todas as atividades visando ordenar e providenciar os recursos que contribuirão para o documentário, podendo ser humanos, ambientais e por equipamentos. (SERRA, 1986)

Nesta fase são delineados os “[...] esquemas para facilitar o trabalho da equipe.” (COMPARATO, 1998, p.293)

O produtor tem a capacidade de promover um espírito colaborativo entre os profissionais-chave do projeto. Ou seja: será ele o responsável por agendar reuniões entre a equipe, para que cada um possa fazer sua reflexão sobre o trabalho desenvolvido. (KELLISON, 2007)

Outro ofício destinado a este profissional refere-se ao momento em que ele está com o roteiro em mãos, construído na fase da pré-produção. Assim, ele irá “preparar o cenário” onde ocorrerão as gravações, comparecendo antecipadamente, a esses locais (SERRA, 1986). O autor relata que um bom produtor conhece as possíveis dificuldades inerentes que podem ocorrer com a equipe, desde o momento da gravação à edição de vídeo. (SERRA, 1986)

Em se tratando da execução de um documentário, Puccini (2010) explica que o produtor deve ler todos os tipos de materiais referentes ao assunto escolhido. É necessário fazer levantamentos de arquivos, como por exemplo, fotos, filmes, permissão para as gravações e, principalmente, conversar antecipadamente com todas as pessoas que possam estar envolvidas de alguma forma ao tema.

Portanto, as fontes podem ter sido levantadas e identificadas na primeira etapa do projeto. “Cabe ao documentarista aprofundar seu conhecimento sobre o assunto certificando-se da quantidade e qualidade de material visual e textual disponível para o filme, além da real viabilidade de todas as possíveis locações.” (PUCCINI, 2010, p.32)

O primeiro contato com a fonte é estabelecido pelo produtor. No momento da apuração, ele irá avaliar se o que a fonte tem a dizer é oportuno (CURADO, 2002). Por isso, a pré-entrevista determina quem realmente fará parte do conjunto.

“O elenco representa um papel essencial na hora de contar a história, dando ao projeto credibilidade e energia e estabelecendo uma conexão verdadeira com o espectador.” (KELLISON, 2007, p.157)

Outra função que faz parte da produção de um videodocumentário é o cinegrafista, responsável por captar as imagens por meio da câmera filmadora. Trata-se de um profissional que torna-se “[...] o olho do telespectador. Tem a curiosidade do repórter e tem a sensibilidade do artista fotográfico.” (CURADO, 2002, p. 50)

Watts (1999) aponta a importância de um planejamento para a captura das imagens. Desta maneira, o cinegrafista deve filmar cerca de 10% a mais do que o necessário para a produção do videodocumentário. Assim, será possível descartar o material considerado mais fraco no momento da edição do produto. Todo esse processo amplia a variedade de opções de corte que é realizado na edição das imagens. “[...] quando você está trabalhando com a câmera, filme e grave para editar.” (WATTS, 1999, p.30)

Um elemento que vale ressaltar durante as gravações é a iluminação, pois torna-se indispensável para a elaboração de um vídeo. Bonasio (2002, p.347) descreve a luz como um “ingrediente chave” para a percepção visual do profissional, afetando as emoções gerais, podendo, assim, criar formatos, texturas, reflexos, profundidades e detalhes na imagem.

A iluminação pode ser considerada eficiente quando produz uma imagem esteticamente prazerosa, ajudando e complementando a comunicação, além de proporcionar luz suficiente, tecnicamente falando, para a operação do sistema. (BONASIO, 2002, p.347)

Apesar de a visão ser o órgão sensorial que proporciona observar a iluminação correta e possui maior poder de recepção da informação, não significa que os outros sentidos estão ocultos enquanto utiliza-se os olhos. O áudio também é essencial para a captação da mensagem. (PENAFRIA, 2003)

As imagens e sons dirigem-se mais imediatamente aos sentidos da visão e audição. O tacto, o paladar, e o cheiro são estimulados pela imagem e pelo som. Em resumo, os espectadores dirigem-se aos filmes com todos os seus sentidos. (PENAFRIA, 2003, p.2)

O repórter também compõe a equipe que executa o videodocumentário, além do produtor e cinegrafista. Cabe a este profissional mostrar o seu espírito de líder do conjunto, responsável pelas gravações externas. É ele quem dita o ritmo e o desenvolvimento dos trabalhos, analisando as necessidades do grupo. Além disso, deve ter total “[...] compreensão do material que irá realizar e boa comunicação com a equipe.” (CURADO, 2002, p.46)

Considera-se que o repórter deve, antecipadamente, se informar tanto sobre o assunto a ser abordado, quanto sobre os personagens que serão entrevistados. Para que isso ocorra, o profissional deve ir além das informações constatadas no processo de apuração. “Se demonstrar conhecimento o entrevistado vai respeitá-lo mais. Ao contrário, a insegurança coloca tudo a perder.” (PRADO, 1996, p. 32)

Sobre o instante da entrevista, Lage (2001, p.83) destaca dois aspectos que devem ser considerados. O primeiro é a preocupação com o conteúdo que será abordado durante a gravação. Já o segundo, é a atenção diante da personalidade que o entrevistado demonstrará no momento das perguntas. “Enfim, deverá descobrir e avaliar a credibilidade do entrevistado para falar sobre o assunto para o qual foi procurado e que se dispõe a abordar.” (SQUIRRA, 1993, p.87)

Diante do entrevistado, Ricardo Noblat (2003) afirma que o repórter deve se mostrar humilde, como se estivesse diante de algo novo. Contudo, a melhor forma de realizar isso é fazer primeiro as perguntas consideradas, leves. O autor considera que o sucesso de uma boa entrevista depende do comportamento do convidado, pois se ele responder mal às questões, a entrevista não será interessante. (NOBLAT, 2003)

A figura do diretor é peça-chave para a o momento das gravações, como relata Bonasio (2002, p.73): “[...] o diretor é um artista criativo e imaginativo, que pode trazer uma perspectiva nova e mais interessante [...].”

Dentre as tarefas que este profissional da direção fica responsável, destacam-se a continuação do roteiro produzido desde a pré-produção e monitoramento do áudio e tempo de duração. (BONASIO, 2002)

É relevante mencionar que a função de diretor pode ser dividida em algumas categorias de acordo com Stefanelli (2010). O diretor de arte é o profissional responsável pela criação visual que direciona o videodocumentário. Portanto, faz a criação de logotipos, cenários, figurinos, além de preparar a trilha sonora do documento. Já o diretor de imagem, pode ser chamado de operador de câmera

também, pois é quem executa as gravações, além de ser colaborador da fotografia que compreende e executa a reedição do vídeo. (STEFANELLI, 2010)

Porém Salles (2008) aponta outra categoria de direção: o diretor de fotografia ou simplesmente, fotógrafo. Há uma tendência moderna em nomeá-lo de *cinematographer* ou então *director of photography*, já que a figura produzida por ele é a própria imagem do cinema. Em resumo, este profissional é responsável pela harmonia visual do vídeo. “Como todo o filme é uma projeção de imagens fotográficas, sua participação confunde-se com o próprio ato de fazer cinema, e daí o uso dessas expressões.” (SALLES, 2008, p.99)

O autor complementa ao dizer que:

O resultado estético do filme no que diz respeito à imagem captada e projetada é de concepção, criação e realização dele junto com sua equipe de trabalho. Ele deve participar das reuniões de pré-produção com o diretor, produtor e diretor de arte, afim de que as diretrizes estéticas sejam estabelecidas e ele então possa designar os melhores técnicos, equipamentos e materiais sensíveis (filmes) para que o resultado seja condizente com a proposta do filme. (SALLES, 2008, p.99)

Desta maneira, é possível estabelecer o design da luz do filme, ou seja, “[...] ele concebe as características estéticas dos tipos de iluminação para cada plano, bem como eventuais efeitos de filtragem na luz [...] para obter colorações específicas na luz ou mesmo balanceá-las [...]” (SALLES, 2008, p.99)

Contudo, o profissional que exerce as funções acima não atua sozinho. Para que as filmagens sejam produzidas de maneira rápida e eficiente, o diretor de fotografia deverá trabalhar sempre com uma equipe personalizada e em harmonia. Em longa-metragem, estes membros podem ser formados por publicitários, assistentes de câmera, assistente de iluminação, eletricista e maquinista. No entanto, este número pode variar de acordo com o tamanho do videodocumentário e a verba da produção. “[...] sendo que em curta-metragens em geral só há necessidade de um assistente de câmera.” (SALLES, 2008, p.99)

De acordo com Kellison (2007), o diretor de fotografia deve atuar ao lado do produtor e do diretor do gênero em questão. Juntos, esses profissionais discutem as opções técnicas referentes à melhor maneira de filmar e capturar as imagens. “Suas decisões determinam o fluxo da narrativa, afetam o estilo e o ritmo do programa e guiam a maneira como os telespectadores verão o personagem.” (KELLISON, 2007, p.193). De certa forma, essa perspectiva pode ser subjetiva, pela qual conta-se a

história a partir do ponto de vista do próprio personagem, tornando a tomada mais próxima e estreita. (KELLISON, 2007)

### 3.3.3 Hora de Finalizar: pós-produção

A pós-produção trata-se da finalização do projeto. É o momento em que se realiza a junção do material recolhido durante todo o processo de produção. E para se chegar até este passo, é necessário o uso das técnicas fílmicas. Catherine Kellison (2007) afirma que, em essência, as tomadas e cenas adquirem significados quando são conectadas umas com as outras, formando assim, uma sequência de sentido.

É essa conexão que chamamos edição. A edição pode manipular o tempo, criar situações de drama, tensão, ação ou comédia. Sem a edição, você só teria peças desconexas de uma idéia flutuando isoladamente em busca de uma conexão. (KELLISON, 2007, p.233)

Portanto, de nada valerá capturar cenas brilhantes e perfeitamente produzidas se foram editadas de maneira descontínua. Para que isso não ocorra, será necessário juntar as imagens na sequência prevista, de acordo com o roteiro produzido na fase de pré-produção. Logo, acrescentam-se os toques finais de sonorização para o encerramento do videodocumentário. (SERRA, 1986)

Do roteiro, nasce a leitura atenta das descrições do conteúdo de cada uma das cenas produzidas. Este texto descritivo apresenta em si, sugestões de cortes importantes para a decupagem técnica construída. (PUCCINI, 2010)

Kellison (2007, p.221) considera a decupagem das cenas, antes mesmo da ida à ilha de edição, como um método eficaz a esta função:

A partir desses registros, é possível construir um roteiro de edição, ou um *storyboard* para a edição. É como fazer um roteiro para a edição, fornecendo ao editor uma idéia clara de quais cenas aparecem, em que ordem e onde (fita, time code etc.) cada cena pode ser encontrada. O roteiro da edição traz uma lista de time codes (TC), locações e descrições das cenas selecionadas, assim como observações sobre elementos gráficos e de áudio, e a ordem em que as cenas aparecem no roteiro. (KELLISON, 2007, p.221, grifo do autor)

Logo na etapa de seleção inicial, eliminam-se todos os planos que apresentam problemas técnicos, assim como aqueles que não possuem nenhum

interesse para o filme. “Essa primeira seleção facilitará o trabalho seguinte, que é o da transcrição das entrevistas e da decupagem das sequências de ação.” (PUCCINI, 2010, p.102)

Ao finalizar toda a seleção do material será o momento da edição de imagens. Atuando junto com o diretor, o profissional que executa a edição, “[...] é o antigo cortador ou montador. Recebe a fita com todas as imagens feitas [...] e seleciona aquelas que melhor estejam adequadas [...]” (CURADO, 2002, p.54)

Esse conhecedor tem a função de “[...] montar ou mixar o vídeo-teipe, empregando cortes ou juntando os diferentes elementos sonoros e visuais que foram gravados, realizando assim o produto final.” (CUNHA, 1990, p.125). Em geral, o editor de imagem deve ter aptidão de encontrar “[...] soluções para questões aparentemente impossíveis de corrigir e que, mais cedo ou mais tarde, acabam aparecendo em todo o projeto.” (KELLISON, 2007, p.224)

Ao lado do diretor, o editor de imagens tem a responsabilidade de definir a estrutura do videodocumentário proposto, respondendo às seguintes perguntas:

[...] ela será montada por meio de blocos temáticos claramente divididos, pela mistura de vozes e entrevistas, pelo respeito a uma ordem cronológica? Qual será sua abertura? Como será desenvolvido o tema? Qual será a sua resolução? (PUCCINI, 2010, p.104)

Muitas vezes, a grande quantidade de material bruto dificulta a escolha das principais entrevistas e cenas (PUCCINI, 2010). Por isso, “[...] definir quais serão as sequências iniciais de um documentário implica a maneira de introduzir o assunto ao espectador, como atizar sua curiosidade para aquilo que está por vir [...]” (PUCCINI, 2010, p.105)

No momento da edição de imagens, o profissional terá um compromisso a mais com a verdade, além de estar sempre atento aos interesses da sociedade. O editor tem a responsabilidade de selecionar as imagens e entrevistas, de modo que não haja manipulação das informações coletadas. Essas condições referidas a todos os produtos jornalísticos são apresentadas pela Federação Nacional dos Jornalistas. (FENAJ, 2007)

Art. 12º expõe que é dever do jornalista: [...]  
V. rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de

fotomontagem, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações. (FENAJ, 2007)

O documentarista, quando produz o material, deixa implícita a vontade de que as pessoas encontrem solução para problemas ou apenas tenham uma visão maior de tudo aquilo que faz parte da vida de todos nós. “A informação deve colaborar para produzir em nós um sentimento de inclusão social ou política, aumentando a nossa consciência acerca do que se passa nas nossas cercanias ou alhures.” (CURADO, 2002, p. 16)

Após abordar os entendimentos teóricos que embasam as concepções históricas ditas nesta repartição até a compreensão a respeito do processo de produção no vídeo, os pesquisadores desenvolverão os conceitos que compreendem o fenômeno migratório, no próximo capítulo.

## 4 MIGRANTES EM TARABAI

### 4.1 Panorama Histórico da Produção de Cana

A cana-de-açúcar foi destaque na economia brasileira em diferentes períodos da história. Originária do Sudeste Asiático - Tailândia, Vietnã, Cingapura e Indonésia -, foi trazida para o Brasil por volta de 1500, no início da colonização do país pelos portugueses. Inicialmente a produção se concentrou na região Nordeste, sendo impulsionada para outras localidades brasileiras devido à compatibilidade do clima tropical às necessidades da planta, além da facilidade de uso da mão de obra escrava, existente na época. (UNICA, [s.d.]a)

A maior parte do açúcar comercializado na Europa era fabricado em terras brasileiras em função das dificuldades climáticas europeias. Por este motivo, a produção era inferior à demanda, o que incentivava valores superiores às cotações do ouro. Este período é conhecido como o primeiro ciclo econômico brasileiro, o “Ciclo da Cana-de-Açúcar” (UNICA, [s.d.]b). Por causa do enriquecimento dos portugueses, foi estimulada a expansão do cultivo da planta ao longo da América Central, desta vez por espanhóis, franceses e ingleses. (UNICA, [s.d.]b)

Mesmo após o fim do Ciclo da Cana, no século XVIII, a cultura se manteve em destaque em função de manobras políticas, como destaca Thomaz Junior (2012):

[...] eles historicamente sempre contaram com o apoio público. Essa atividade tem no Brasil há mais ou menos 500 anos. Então, são praticamente 500 anos de apoio público incondicional, em alguns momentos com ênfase mais na expansão da lavoura, em outros momentos na melhoria da performance agroindustrial. (THOMAZ JUNIOR, 2012)

Uma das estratégias políticas de incentivo à produção foi a criação do Instituto do Açúcar e Alcool (IAA), em 1930. Foi gerado para regular o mercado, fixando preços e cotas e, dessa forma, impulsionou a exportação de açúcar (SCOPINHO et al., 1999). O decreto nº 19.717, de 20 de janeiro de 1931, foi outra política de desenvolvimento. Por meio dele, o então presidente Getúlio Vargas instituía a adição de 5% de álcool à toda gasolina enviada ao Brasil. (NETTO, 2007, p.100)

O Programa Nacional do Álcool (Proálcool), criado pelo Governo Federal em 14 de novembro de 1975 durante o mandato do então Presidente da República general Ernesto Geisel e fundamentado pelo Decreto nº 76.593, é o principal indício de incentivo econômico por parte do sistema político. A iniciativa surgiu durante o período da ditadura militar e nasceu como aposta em uma alternativa energética própria, impulsionando o aumento na produção de álcool para suprir a demanda de veículos movidos pelo combustível, possibilitando, assim, a quebra da dependência do petróleo. Nesse período, a cana-de-açúcar seria alternativa de interesse devido aos altos preços do álcool combustível e à queda das cotações do açúcar. (THOMAZ JUNIOR, 2002)

Sobre a intencionalidade estatal perante a implantação do programa, Netto (2007, p.217) afirma:

[...] o Proálcool estava sendo lançado não exatamente para proporcionar aos usuários de automóveis um combustível mais barato do que os combustíveis convencionais derivados do óleo fóssil. Em última análise, a criação do Proálcool nesse momento era de ordem puramente econômica, mais ou menos como ocorrera com a própria indústria brasileira no período pós-guerra: como não existiam divisas para a aquisição de produtos manufaturados, a solução era fabricá-los aqui mesmo, ainda que, de início, os investidores fossem grandes. Com o Proálcool, o objetivo era, em síntese, o mesmo: economia de dólares.

As decorrências dos estímulos praticados durante esse período puderam ser percebidas já nos primeiros dez anos após a criação do Proálcool, visto que ao longo desse tempo a área de cultivo da cana-de-açúcar dobrou no país. Enquanto que, em 1975, apontava 1,90 milhões de hectares de área plantada, em 1985, a área correspondia a 3,90 milhões de hectares (THEODORO, 2011). Sobre estes resultados da criação do programa, Netto (2007, p.34) enumera:

[...] o Proálcool consumiu cerca de US\$ 10 bilhões em investimentos, mas trouxe benefícios incalculáveis, representados por uma extraordinária economia de divisas, da ordem de US\$ 27 bilhões, e a criação de cerca de 1 milhão de empregos diretos e, pelo menos, 3 milhões de empregos indiretos.

Na primeira década do século XXI, a cana-de-açúcar ocupa sete milhões de hectares ou aproximadamente 2% de toda a terra cultivável do Brasil, sendo o maior produtor do planeta, à frente de países como Índia, Tailândia e Austrália (UNICA, [s.d.]). Os principais motivos para este quadro se devem ao fato de locais

populosos como a China terem quase a totalidade de suas terras produtivas ocupadas, ao passo que locais com vastos territórios disponíveis, como Rússia, Austrália e Canadá possuem baixas temperaturas e complicações para o acesso à água (HOLANDA apud POCHMANN, 2009). Em terras brasileiras, a planta é cultivada nas regiões Nordeste, Sul, Centro-Oeste e Sudeste em função de fatores como condições climáticas e tipos de solo, o que possibilita a produção de açúcar e álcool para os mercados interno e externo durante o ano todo. (UNICA, [s.d.]c)

A respeito dos estados que cultivam a cana, aqueles da região Centro-Sul<sup>8</sup> do Brasil são os que mais se destacam, sendo responsáveis pela produção superior aos 560 milhões de toneladas do total de mais de 620 milhões de toneladas que o país produziu na safra 2010-2011. Da quantidade produzida pela região Centro-Sul, São Paulo representou 64,5% na mesma safra. (BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2011)

Boin (2000) afirma que a região do Oeste Paulista<sup>9</sup>, ocupada no século XVII, inicialmente por missões jesuíticas, começou o seu ciclo de desenvolvimento com a expansão da estrada de ferro, o que impulsionou o processo de destruição da cobertura vegetal do local, incentivando a ocupação do solo com o cultivo de diferentes culturas como o café, o algodão, o amendoim, a menta, campos de pastagem e também a cana-de-açúcar.

De acordo com Gomes (2007, p.26), no período de 1920 a 1930, as variedades cultivadas que se destacavam eram basicamente o arroz, a mandioca, o feijão, o milho e o café, o que culminou no surgimento de pequenas “[...] indústrias de origem familiar e capital local ligadas à transformação desses produtos agrícolas.” Em 1930, a crise do café ocorrida em 1929 chegou à região,

---

<sup>8</sup> De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a região Centro-Sul compreende os estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. (BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2011)

<sup>9</sup> Para este trabalho, o Oeste Paulista abrange a Região Administrativa de Presidente Prudente. De acordo com a Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional do Estado de São Paulo, os 53 municípios que fazem parte desta regra são: Adamantina, Alfredo Marcondes, Álvares Machado, Anhumas, Caiabu, Caiuá, Dracena, Emilianópolis, Estrela do Norte, Euclides da Cunha Paulista, Flora Rica, Flórida Paulista, Iepê, Indiana, Inúbia Paulista, Irapuru, Junqueirópolis, Lucélia, Marabá Paulista, Mariápolis, Martinópolis, Mirante do Paranapanema, Monte Castelo, Nantes, Narandiba, Nova Guataporanga, Osvaldo Cruz, Ouro Verde, Pacaembu, Panorama, Paulicéia, Piquerobi, Pirapozinho, Pracinha, Presidente Bernardes, Presidente Epitácio, Presidente Prudente, Presidente Venceslau, Rancharia, Regente Feijó, Ribeirão dos Índios, Rosana, Sagres, Salmourão, Sandovalina, Santa Mercedes, Santo Anastácio, Santo Expedito, São João do Pau d’Alho, Taciba, Tarabai, Teodoro Sampaio e Tupi Paulista. (BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2011)

influenciando a expansão de plantações de algodão. Este permaneceu em evidência durante os anos 1930, 1940 e 1950, gerando melhorias ao setor agrícola. (GOMES, 2007)

Durante os anos 1960 e 1970, o algodão ainda gerava lucros para região, facilitando a instalação de empresas ligadas a esse setor como a “[...] Lótus S/A (produtora de óleos vegetais brutos da mamona, do amendoim e da soja – fundada em 1961).” (GOMES, 2007, p.34)

Nas décadas de 1970 e 1980 a pecuária ganhou importância em Presidente Prudente, culminando na instalação de frigoríficos de outros estados, como Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Goiás (GOMES, 2007). A década de 1970 é marcada também pela diversificação da economia local, visto que começam a despontar as produções de tomate, pastagem, soja e cana-de-açúcar. (GOMES, 2007)

Ainda na década de 70, o Programa Nacional do Álcool (Proálcool) reforçou a produção da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo por meio do chamado Pró-Oeste, bases para um plano de desenvolvimento para o Oeste Paulista. (GOMES, 2007)

A respeito da influência do programa no Oeste Paulista, Azevedo, Thomaz Junior e Oliveira (2008, p.25) destacam que:

[...] o Proálcool atendeu a todos os anseios e necessidades conjunturais do setor sucroalcooleiro, a exemplo de seis destilarias autônomas que este patrocinou na Alta Sorocabana; a saber: Destilaria Alcídia (1974) em Teodoro Sampaio; Destilaria Dalva (1979) em Santo Anastácio; Destilaria Decasa (1980) em Caiuá; Destilaria Laranja Doce (1981) em Regente Feijó; Destilaria Alta Floresta (1982) em Caiabú e Destilaria Bela Vista (1982) em Narendiba.

Sobre o programa, Ferreira Júnior e Hespanhol (2006) comentam que foi em função deste incentivo que a cana-de-açúcar expandiu-se na região e, segundo eles, o Pró-Oeste deu origem ao Programa de Expansão da Canavicultura para a Produção de Combustível do Estado de São Paulo (PROCANA), “[...] que abrangeu 153 municípios do oeste paulista, distribuídos na região considerada de alta prioridade pela CATI, e consolidou a expansão significativa do cultivo da cana-de-açúcar.” (FERREIRA JÚNIOR; HESPANHOL, 2006, p.5)

Em função destes estímulos, o Oeste Paulista tornou-se um dos principais contribuidores para os índices de produção da cana-de-açúcar. A região é considerada a segunda maior produtora de álcool do Brasil, colhendo anualmente

cerca de 180 milhões de toneladas de cana, além de gerar aproximadamente 2,5 bilhões de litros de etanol, segundo dados da União dos Produtores de Bioenergia. (UDOP, 2012)

Ainda de acordo com a Udop ([s.d.]), o Oeste Paulista ganha este destaque graças ao alojamento de usinas em 16 de suas 53 cidades.

Acerca da discussão a respeito do uso e do prestígio da cana-de-açúcar para a economia brasileira, Felício (2009) atesta que o padrão de produtividade atual é o prolongamento do sistema da Revolução Verde. Sobre ela, o autor afirma:

[...] entre outras coisas – buscou a inserção do agro aos mercados financeiros estabelecendo uma aliança política entre os capitalistas agrários e industriais. Esse modelo é altamente subordinado ao capital para a compra de sementes, agrotóxicos, pesticidas, insumos e uso de máquinas e equipamentos dependentes de petróleo. O avanço da industrialização do campo encontra nas commodities a oportunidade para agregar valor à produção agrícola destinada à exportação. (FELÍCIO, 2009, p.2)

Sobre a Revolução, Porto-Gonçalves (2006, p.225) ressalta que as primeiras transformações concretas aconteceram ainda na década de 1950, “[...] quando mais de 70% da população mundial habitava o mundo rural.”

Fuck e Bonacelli (2009, p.10) alegam que nesta fase “[...] observou-se uma ampliação significativa na oferta mundial de alimentos, deixando para trás os temores relacionados ao desabastecimento mundial de alimentos.” Segundo eles, nesta época os problemas com a fome passaram a ser relacionados com elementos que tinham mais a ver com o acesso à comida do que com a quantidade dela. (FUCK; BONACELLI, 2009)

Os autores garantem que esse período foi marcado por avanços tecnológicos e científicos na agricultura, de forma que um grande número de institutos de pesquisa na área foi instalado em diferentes localidades do mundo para melhorar a produção, como “[...] o Instituto Internacional de Pesquisa de Arroz (IRRI), criado em 1959 nas Filipinas, o Centro Internacional para Melhoramento de Milho e Trigo (CIMMYT), criado em 1963 no México, entre outros.” (FUCK, BONACELLI, 2009, p.10). Dessa maneira, Sousa (2010) reconhece que o fim da década de 1950 e início da década de 1960 foram o marco dos grandes rendimentos das safras de grãos nos países em desenvolvimento, influenciando assim o alongamento da fronteira agrícola. Ele explica que, enquanto os países centrais

davam origem às técnicas científicas, aos países emergentes cabia a implantação destes métodos em busca de melhores resultados nas colheitas. (SOUSA, 2010)

No entanto, Marouelli (2003) expõe que o entusiasmo propiciado pelos altos índices de produtividade deu lugar “[...] a preocupações relacionadas aos impactos sócio-ambientais e quanto à viabilidade energética.” (MAROUELLI, 2003, p.7). Sendo que as principais consequências desta medida foram: “[...] a erosão, a perda de fertilidade dos solos, a destruição floresta, a dilapidação do patrimônio genético e da biodiversidade, a contaminação dos solos e da água.” (MAROUELLI, 2003, p.7-8)

Sobre as complicações citadas, Mazzoleni e Nogueira (2006, p.269) sustentam que, durante o auge da Revolução Verde, o termo “agricultura orgânica” foi ridicularizado, porém, depois de percebidos os primeiros impactos ambientais, essa expressão adquiriu um novo significado, o que despertou um ciclo de preocupação com relação ao desenvolvimento sustentável por parte de todos os setores da sociedade.

É com base nessa preocupação ambiental que o setor sucroalcooleiro tem investido no aproveitamento de derivados do sistema de produção do etanol e do açúcar, anteriormente considerados como rejeitos industriais (THOMAZ JUNIOR, 2002). Segundo Thomaz Junior (2002), antes estes resíduos “[...] eram conhecidos como fatores ‘problema’. O bagaço tinha de ser queimado e a vinhaça era despejada nos córregos e rios, causando grandes problemas ambientais.” (THOMAZ JUNIOR, 2002, p.168)

A maior utilidade atribuída ao bagaço é a de fonte de energia natural para consumo interno da empresa, sendo muitas vezes comercializado para distribuidoras de energia, originando assim a possibilidade de uma nova forma de renda à usina, que transforma em lucro, inclusive, o material que sobra dos processos da produção do açúcar e do álcool. (THOMAZ JUNIOR, 2002)

A Unidade Termelétrica da Umoe Bioenergy é um desses exemplos. Localizada na cidade de Sandovalina, a usina possui “[...] capacidade de moagem de 2,6 milhões de toneladas [...]”, por safra (UMOE BIOENERGY, [s.d.]). Contudo, inaugurou no dia 30 de maio de 2012 a produção de bioeletricidade. Por meio do 12º Leilão de Energia Nova, ocorrido em 2011, a empresa comercializou 17,3 MW médios, o que corresponde ao abastecimento de energia para 340 mil pessoas durante o período de um ano. (UMOE BIOENERGY..., 2012)

Após abordar o panorama histórico da produção da cana-de-açúcar, o próximo item apresenta os diferentes desdobramentos derivados do trabalho no corte da planta.

## 4.2 Setor Sucroalcooleiro e o Capital

O crescimento do setor sucroalcooleiro, nos últimos três anos, se consolida pela expansão em novas terras com características que possam trazer mais benefícios, como por exemplo: terras planas, férteis e com proximidades aos recursos hídricos (THOMAZ JUNIOR, 2012). Deve-se também pelo “[...] processo acelerado de industrialização e urbanização, que organizou os espaços urbanos em função de privilegiar a mobilidade dos indivíduos com o automóvel [...]” (BRAVO, 2007, p. 8)

Esse processo recente de expansão do agronegócio favorece as exportações das *commodities*, como “[...] o álcool da cana-de-açúcar, o fortalecimento da pecuária em grandes extensões de terra, a verticalização das granjas (suínos, frangos).” (THOMAZ JUNIOR, 2010, p. 98). Atualmente, esse desenvolvimento influencia outros setores da economia, como os negócios da construção de barragens e hidrelétricas.

Na obra “Agrocombustíveis, cultivos energéticos e soberania alimentar na America Latina: debate sobre agrocombustíveis”, escrito por Elizabeth Bravo (2007, p.18, grifo do autor) diz que as monoculturas energéticas apresentam uma “[...] *estimativa de escala de ocupação territorial virtualmente ilimitada.*” Isso se deve à “*progressiva e acelerada criação compulsória de mercados consumidores em todos os países, além de incentivos fiscais, empréstimos e subsídios, promovidos pelo próprio Estado [...].*” (BRAVO, 2007, p.18, grifo do autor)

Para Thomaz Junior (2010), o Oeste Paulista gera este interesse por estar situado acima do terceiro maior aquífero do mundo, o Aquífero Guarani<sup>10</sup>. O primeiro é o Aquífero Amazônico, situado no Brasil, e passa pelo Equador, Colômbia e Venezuela, com quatro milhões de hectares de abrangência, seguido pela Grande Bacia Artesiana, que localiza-se na Austrália, com 1,7 milhão de hectares. No

---

<sup>10</sup> O Aquífero Guarani possui aproximadamente 1,2 bilhão de quilômetros quadrados. Só no Estado de São Paulo a reserva natural ocupa 155,8 mil quilômetros quadrados. (PORTAL DO GOVERNO..., 2007)

momento seu uso é inviável, pois está a 1.500 metros de profundidade (THOMAZ JUNIOR, 2010). “É nesse acervo subterrâneo de água que o capital envolvido [...] (cana-de-açúcar [...]) está atento e disposto a conciliar os interesses de controlar as melhores terras e o acesso a água.” (THOMAZ JUNIOR, 2010, p.95)

Para Fernandes e Gonçalves (2009), além da água doce, a região do Pontal do Paranapanema possui terras griladas e a disputa fundiária se arrasta por mais de um século. Por este motivo, o agronegócio está dominando os pastos degradados e os substituindo com a cana-de-açúcar. “As terras de conflitos entre grileiros e sem terra passam a ser disputadas pelos movimentos camponeses e o agronegócio sucroalcooleiro.” (FERNANDES; GONÇALVES, 2009, p.10)

Com isso, os territórios de pequenos produtores estão se convertendo em territórios do agronegócio. (FERNANDES; GONÇALVES, 2009)

O salto de 380% que revela o crescimento da expansão da área plantada com cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema [...] indica que a territorialização da cana-de-açúcar se dá sobre áreas de pastagens e de culturas (anuais e perenes), considerando-se nisso também algumas frações do território dos assentamentos rurais, até meados de 2008. (THOMAZ JUNIOR, 2010, p.104)

Com a expansão da cana-de-açúcar no início do século XXI, em São Paulo, Mato Grosso do Sul e no Triângulo Mineiro e a conseqüente valorização das terras, “[...] a pecuária dessas áreas está se deslocando para outras porções do país.” (THOMAZ JUNIOR, 2010, p.110). O autor afirma haver outra frente de expansão da agropecuária e também das áreas das pastagens provenientes do Norte ocidental, que estende-se pela Amazônia Legal<sup>11</sup>, Maranhão, Piauí, Norte do Tocantins, até a divisa do Estado do Pará. (THOMAZ JUNIOR, 2010)

Em 1995, a extinta Destilaria Alcídia, hoje administrada pela ETH Bioenergia, empresa da organização Odebrecht, que atua no município de Teodoro Sampaio, propôs um sistema de parceria aos assentados de Água Sumida. O objetivo era mostrar que é possível o plantio de cana em “[...] *pequenas propriedades de forma rentável, de modo a proporcionar uma renda mensal durante*

---

<sup>11</sup> Conforme informações oficiais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, [s.d.]), “[...] a Amazônia Legal é uma área que corresponde a 59% do território brasileiro e engloba a totalidade de oito estados (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e parte do Estado do Maranhão.”

*toda a vida produtiva do canavial.*” (FERNANDES; GONÇALVES, 2009, p. 12, grifo do autor)

Durante a proposta de parceria, o Instituto de Terra do Estado de São Paulo (ITESP) solicitou ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (Unesp) de Presidente Prudente um parecer sobre o plantio da cana nos assentamentos. Entre os resultados, o laudo mostra a “face perversa” do processo de modernização da agricultura brasileira. (FERNANDES; GONÇALVES, 2009)

No artigo “Políticas de agrocombustíveis no Brasil: paradigmas e disputa territorial” Fernandes e Gonçalves (2009, p.13), os autores pontuam que:

Ao mesmo tempo em que cana-de-açúcar oferece uma saída única para a viabilidade econômica aos produtores assentados, também os condena a dependência, não participação, a perda da autonomia, a alienação e a sujeição aos critérios impostos pela Destilaria.

De acordo com Antonio, Fernandes e Silveira (apud FERNANDES; GONÇALVES, 2009), percebe-se que a intenção da Destilaria Alcídia era utilizar os territórios dos assentados como estratégia para expandir a produção. O objetivo não era a geração de renda para os camponeses, e sim obter empréstimos em nome deles para conseguir melhores condições de créditos e terra a baixo custo para a produção de cana-de-açúcar.

Vale ressaltar que “[...] os recursos – como todo o processo – foram gestados pela usina sem qualquer transparência e conhecimento dos assentados [...]” (FERNANDES; GONÇALVES, 2009, p.15)

A subordinação do trabalhador rural ocorre de duas formas: “[...] quando o campesinato vende sua produção para corporações capitalistas, muitas vezes com a formação de cartéis [...]” e pela “[...] territorialidade do agronegócio em território camponês.” (FERNANDES; GONÇALVES, 2009, p.4)

Fernandes (2008) afirma que a segunda forma pode ser percebida ao visitar uma propriedade e encontrar o aparato tecnológico das corporações na produção. Ou seja, “[...] o capital, tentando manter [...] seus princípios, enfrenta permanentemente os camponeses para continuar dominando-os. Por sua própria dignidade, os camponeses lutam pela autonomia política e econômica.” (FERNANDES, 2008, p.9)

Ainda conforme informações de Fernandes (2008), o campesinato ocupa terras e reivindica desapropriação das mesmas:

Essa é uma forma de rompimento com a relação dominante, mas que não supera a subalternidade, porque após a conquista da terra, os novos camponeses são dominados pelos capitalistas por meio da sujeição da renda da terra. Esse processo de dominação e resistência permanentes é constituinte estrutural da questão agrária, gerador de *conflitualidade*. (FERNANDES, 2008, p.9, grifo do autor)

A economia e a sociedade capitalista são “petro-dependentes”<sup>12</sup>, da mesma forma que até a Revolução Industrial e a descoberta do petróleo no século XIX todas as civilizações no decorrer da história dependeram da madeira como a principal matriz energética (MORENO, 2007, p.8). E com a expansão da cultura da cana-de-açúcar, o cenário do agronegócio passa por uma mudança da matriz energética, ao substituir o combustível fóssil por combustível verde, o que proporciona questionamentos sobre as políticas do agronegócio e sua relação com o campesinato. (FERNANDES; GONÇALVES, 2009, p.4)

A mistura de etanol e gasolina, que poderia diminuir a saída de combustíveis fósseis e frear o aumento da expansão do cultivo da cana-de-açúcar “[...] pode ser anulada diante do possível e esperado aumento da frota de automóveis.” (THOMAZ, 2007, p.3). Vale ressaltar as polêmicas geradas por aqueles que confundem a melhoria do bem-estar da população com o aumento do Produto Interno Bruto (PIB).

[...] no que tem a ver com a pretensa vantagem ambiental da cana-de-açúcar, vários interesses se somam e quase nada de políticas públicas é formulado para garantir a inserção no mercado de trabalho formal, dos trabalhadores que safra após safra são dispensados, sobretudo da etapa do corte, tendo em vista o crescimento da mecanização. (THOMAZ, 2007, p.3)

Além de atender aos interesses do capital, a mudança de matriz energética se deve também à necessidade de reduzir “[...] as emissões dos gases responsáveis pelo aquecimento global [...]” e, também ao “[...] esgotamento progressivo das reservas mundiais de petróleo.” (MORENO, 2007, p.5)

A produção de agrocombustíveis, promovidos para mitigar os efeitos da mudança do clima, causada historicamente pelo *processo de industrialização*, se dá às custas da expansão de monoculturas industriais

---

<sup>12</sup> George W. Bush, ex-presidente dos Estados Unidos, durante um discurso, “[...] chamou seus concidadãos de ‘viciados e petróleo.’” (MORENO, 2007, p.8)

de cultivos agrícolas 'energéticos', como a cana-de-açúcar, para permitir justamente que a *mesma lógica industrial se aprofunde*. (MORENO, 2007, p.6, grifo do autor)

A União Européia, com o objetivo de cumprir suas obrigações firmadas no Protocolo de Kyoto, busca adaptar seus sistemas energéticos, que funcionam com combustíveis fósseis, para os agrocombustíveis, como forma de manter o estilo de vida, sem aumentar as emissões de gases de efeitos estufa (BRAVO, 2007). Mas a autora observa que a Europa não possui terras o suficiente para a produção de agrocombustíveis necessários para atender ao mercado interno. Com isso, utilizam a importação para atender esta demanda. “De onde virão, então, estes agrocombustíveis? A resposta: de regiões como América Latina, Ásia e África.” (BRAVO, 2007, p.22)

Bravo (2007) afirma ainda que a América Latina torna-se região estratégica para a produção dos agrocombustíveis, pois possui terras agricultáveis, é favorável à implementação massiva da monocultura que irá suprir as necessidades do século XXI. Países como a Argentina e Paraguai (soja), Chile (beterraba e batata), Uruguai (soja e girassol), já criam programas para se adaptar aos agrocombustíveis, de modo a atender a demandas mundiais. (BRAVO, 2007)

De acordo com a União Internacional de Alimentação Agrícola (UITA), constata-se que 70% da produção de açúcar e álcool é controlada por corporações internacionais que cuidam da maior parte dos lucros gerados. Pode-se observar também que ocorre uma concentração da cadeia produtiva relacionada a este setor. (NEVES apud BRAVO, 2007)

Os agrocombustíveis representam uma estratégia global para a reprodução do capitalismo, como complementa Bravo (2007, p.18-19):

[...] proporcionando a manutenção de um estilo de vida e um padrão de consumo ao perpetuar e expandir a mesma lógica de produção e circulação de mercadorias, bem como do controle estratégico dos recursos para prover a proporcional – e vital – demanda contínua de sempre mais e mais energia; o agronegócio e a agricultura camponesa familiar são projetos políticos diametralmente contraditórios e *absolutamente inconciliáveis* de relação tecnológica com a natureza, de apropriação e de poder sobre os territórios e de viabilização social e da produção de vida

Em declaração, o ex-presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva afirma que os usineiros de cana eram vistos como “bandidos” e foram alçados à categoria

de heróis nacionais e mundiais (BRAVO, 2007). “Nós temos que garantir para eles o atendimento ao suprimento.”<sup>13</sup> (BRAVO, 2007, p.13)

Bravo (2007, p.10) pondera que uma possível solução para os impactos ambientais, sociais e econômicos que os agrocombustíveis causam, seja uma “[...] mudança radical na agricultura, para sistemas de locais auto-suficientes e voltados ao auto-consumo.”

A autora observa que precisamos de uma revolução energética para “[...] construir as condições de autonomia sobre os nossos territórios, pois só assim teremos as condições de afirmar uma emancipação política verdadeira.” (BRAVO, 2007, p.10)

Por detrás de uma série de benefícios oferecidos pelo setor sucroalcooleiro, existe um controle disciplinar destinado a garantir o aumento da produtividade por meio da construção da figura do cortador de cana (MOURA apud SILVA, M., 1990). Assunto que será melhor detalhado no próximo item.

### **4.3 O Trabalho no Corte**

Os altos índices de produção da cana-de-açúcar se devem a um elemento que ainda é necessário à engrenagem do sistema sucroalcooleiro: o trabalhador braçal. De acordo com Alves (2006, p.2), as atividades do cortador se dão da seguinte forma:

No corte, especificamente, o trabalhador abraça um feixe de cana (contendo entre cinco e dez canas) e curva-se para cortar a base da cana. O corte da base tem que ser feito bem rente ao chão, porque é no pé da cana que se concentra a sacarose. O corte rente ao chão não pode atingir a raiz para não prejudicar a rebrota. Depois de cortadas todas as canas do feixe o trabalhador corta o palmito, isto é a parte de cima da cana, onde estão as folhas verdes, que são jogadas ao solo.

Sobre o trabalho do cortador, em dez minutos, o funcionário corta 400 quilos de cana por meio de 131 golpes de facão e 138 inflexões (dobrar, curvar e inclinar todo o corpo até o chão), sendo que cada movimento é executado em 5,6 segundos. (VILELA; LAAT apud SILVA, 2008, p.6)

Vilela e Laat (apud SILVA, 2008, p.6) atestam ainda que:

---

<sup>13</sup> Matéria do jornal Folha de São Paulo. Presidente Lula chama usineiros de heróis. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/foha/brasil/ult96u90477.shtml>>.

O trabalho é feito em temperaturas acima de 27 graus centígrados com muita fuligem no ar, e, ao final do dia, a pessoa terá ingerido mais de 7,8 litros de água, em média, desferido 3.792 golpes de podão e feito 3.994 flexões com rotação da coluna. A carga cardiovascular é alta, acima de 40%, e, em momentos de pico os batimentos cardíacos chegam a 200 por minuto. Este fato caracteriza o trabalho como extremamente árduo e estafante, pois exige um dispêndio de força e energia que, muitas vezes, os trabalhadores não possuem, tendo em vista o fato de serem extremamente pobres, senão doentes e subnutridos.

Ao longo dos anos, as atividades do cortador sofreram algumas mudanças. Na década de 1950, por exemplo, esse trabalhador braçal era responsável unicamente por tarefas como o corte da planta crua, fazendo uso do podão<sup>14</sup>, além de enfeixar em fardos e transportá-los até o caminhão. Nessa época ele colhia entre uma e três toneladas de cana por dia. Já nas décadas de 1960 e 1970, foi inserido no sistema de colheita o uso do fogo, o que facilitava o corte. (MORENO, 2011)

Roseiro e Takayanagui (2004) dizem que este modelo foi muito utilizado pelas usinas nos canaviais paulistas. A produtividade do corte manual com o uso das queimadas chegava a render três vezes a mais do que aquela realizada com a cana crua.

O fogo é, também, amplamente utilizado na plantação de cana-de-açúcar, para a queima das palhas e promoção da limpeza do canavial, facilitando para o trabalhador rural o corte dessa vegetação [...]. O fogo é intenso, porém, dura pouco tempo, especialmente se o clima estiver seco e com baixa umidade, o que é característico do clima de inverno no interior paulista. A duração do fogo é de cerca de 20 a 30 minutos, dependendo do tamanho do talhão, e cessa após a queima total da palha seca. (ROSEIRO; TAKAYANAGUI, 2004, p.80)

Para auxiliar e agilizar o trabalho no campo, começaram a surgir os primeiros maquinários que, segundo Alves (1991, p.95) foram trazidos ao Brasil no “[...] final da década de 1970 [...]”, o que praticamente extinguiu o transporte manual de feixes (ALESSI; SCOPINHO, 1994). A produtividade se expandiu e o cortador começou a colher, em média, 12 toneladas de cana ao dia. Essa fase ficou marcada pela semimecanização, a inserção gradual das primeiras máquinas no campo, que ganharam cada vez mais destaque desde então. Na década de 1990, praticamente todos os processos já eram mecanizados, sendo que o corte, carregamento e transporte possibilitaram avanços ainda maiores, exigindo rendimentos extremos por

---

<sup>14</sup> O podão é um facão afiado, considerado a principal ferramenta de trabalho do cortador de cana-de-açúcar. (ANDRADE JÚNIOR, 2010)

parte dos trabalhadores braçais para que estes não fossem substituídos (ALESSI; SCOPINHO, 1994). É o que afirma Thomaz Junior (2002, p.206), ao dizer que “[...] tem-se registrado um aumento da produtividade do trabalho no corte manual, impulsionado pelo corte mecânico e exigido pelas metas diárias da empresa, chegando alguns trabalhadores a cortar mais de 15 toneladas de cana por dia.”

O autor declara que a inserção da máquina no campo deu origem a novas relações de trabalho:

Os investimentos em tecnologia, potenciados nacionalmente com o Proálcool, na relação da apropriação do aumento da produtividade do trabalho, entrecruzam-se ao incremento da valorização do capital, com o rebaixamento dos custos de produção, e consubstanciam-se, a um só tempo, às novas formas de controle e gestão do processo de trabalho que, também, apontam para novas formas de arregimentação e contratação da força de trabalho.

Na prática, isso faz emergir novos tipos de trabalhadores, assim como redefine integralmente a estrutura do mercado de trabalho, ditado pela nova especialização e importância dos trabalhadores, adequando-os às novas condições e colocando novos desafios à organização dos mesmos em suas entidades sindicais [...]. (THOMAZ JUNIOR, 2002, p.137)

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Venceslau e Marabá Paulista, Rubens Germano (2012) afirma que grandes grupos econômicos usam de má fé com a mecanização:

[...] por que acelera a mecanização? [...] ter trabalho braçal, tem que cumprir as normas internacionais do trabalho e ter trabalho braçal tem que queimar a cana, entra na questão ambiental. Ter mecanização é esconder todo o lixo que você produziu esses anos todos, que são os cortadores de cana, com péssimas condições de saúde. Ter mecanização hoje é você disputar o mercado interno com a juventude, porque aqueles que vai tirando a sua habilitação, ou vira operador de máquina, tratorista, operador de colhedeira, tratorista reboco ou caminhão, e aí você tem uma mão de obra nova, sadia pra colocar no mercado.

Sobre os sistemas de colheita, Scopinho (apud SCOPINHO et al., 1999, p.148) supõe que “[...] a mecanização na lavoura canavieira pode não estar, efetivamente, contribuindo para sanear os ambientes de trabalho e reverter o padrão de desgaste-reprodução dos trabalhadores, e, sim, apenas imprimindo a ele novos padrões.”

Acerca dos novos padrões de trabalho, os autores complementam o assunto:

Para os capitalistas, a intensificação do ritmo de trabalho na lavoura canavieira significa aumento da produtividade do trabalho com melhoria da qualidade da matéria-prima, diminuição de custos de produção e maior agilidade na amortização do capital investido em inovações tecnológicas. Já para os trabalhadores rurais, a intensificação do ritmo de trabalho pode significar a deterioração da saúde e da segurança no trabalho. (SCOPINHO et al., 1999, p.157)

Geraldo dos Santos (2012), cortador de cana há 21 anos, na cidade de Tarabai, localizada no Oeste Paulista, garante que a mecanização gera outros prejuízos ao trabalhador. “[...] agora mesmo com os maquinários que tão ponhando aí, só tá ficando as coisas mais difícil pra gente. Cada vez mais tá ficando mais difícil. Tão ponhando a gente pra cortar as canas naqueles lugar que as máquinas não entram, aquelas pirambeiras, buraqueira, que elas não podem entrar pra não tombar [...]” (SANTOS, G., 2012)<sup>15</sup>

Já José Nery Macedo da Silva (2012), cortador há dois anos, cita a mecanização como forma de desemprego para os cortadores:

Tá acabando com as oportunidades que o cortador de cana tem, porque num tá podendo queimar a cana e cada vez mais estão comprando máquina. Cada vez a gente corta menos cana porque a máquina corta de dia e de noite e a gente corta de dia.

Novaes (2009) explica que, mesmo com o crescimento da área plantada no Estado de São Paulo, o corte manual persiste nas usinas paulistas. Para o autor, a proporção de utilização entre o corte mecanizado e o manual pode variar dependendo das estratégias de cada unidade responsável pela produção, além das restrições técnicas apresentadas pelas colheitadeiras. (NOVES, 2009)

Esta produção elevada das máquinas intimida os trabalhadores, pressionando-os a buscar maiores rendimentos ao dia, mesmo que estes esforços não sejam equiparáveis à produtividade dos maquinários. Este temor surge devido à tendência das usinas em dispensar um número cada vez maior de funcionários, sendo a quantidade de cana colhida, uma das principais características para o descarte. (ALVES apud NOVAES, 2007)

Sobre o aceleração das atividades manuais, Thomaz Junior (2002) explica que as mudanças ocorreram em toda a cadeia produtiva sucroalcooleira, modificando suas relações de trabalho:

---

<sup>15</sup> Este estudo vai apresentar as falas dos cortadores de cana de forma original, tal como foram ditas, mesmo diante de desacordos da Língua Portuguesa.

[...] impõe, também, novas exigências quanto a qualidade, ritmo e intensidade do trabalho aos cortadores de cana (nas áreas não mecanizadas), não somente nas empresas que partiram para o corte mecanizado pois, de forma generalizada, são obrigados a seguir a eficiência da máquina, repercutindo diretamente em novas formas de contratação, remuneração, como também no controle da força de trabalho no processo de produção. (THOMAZ JUNIOR, 2002, p.204)

Dessa forma, a mecanização influencia no processo de desemprego e na diminuição do salário médio do cortador braçal, o que incentiva a criação de novos cargos e fortalece a presença de outros, como tratoristas, motoristas de caminhões e os chamados “bituqueiros”, os trabalhadores que auxiliam a tarefa de guinchos e outros veículos coletores, recolhendo ou cortando as canas que restaram após a passagem das máquinas. (THOMAZ JUNIOR, 2002)

Estes novos cargos conservam o ideal capitalista da mais-valia<sup>16</sup>, posto que “[...] no caso dos operadores de máquinas, tratoristas, motoristas, operadores de colheitadeiras, o pagamento costuma ser vinculado às horas trabalhadas, em geral 12 horas/dia, ou mais, e não em função da produção realizada.” (THOMAZ JUNIOR, 2002, p.215)

A respeito da forma de contratação e manutenção de funcionários, Holanda (apud POCHMANN, 2009, p.13) afirma:

Enquanto há elevação de capital humano do setor sucroalcooleiro [...] assistiu-se à concentração dos postos de trabalho na base da pirâmide salarial, acompanhada por um padrão de emprego cada vez mais próximo do asiático (baixos salários, alta jornada de trabalho e de rotatividade no emprego).

Thomaz Junior (2002) revela que a remuneração dos cortadores é feita de acordo com a produção individual diária, mas o pagamento ocorre sem controle devido aos métodos próprios de cada usina no momento da pesagem e conversão do valor compatível. Dessa forma, de acordo com o autor, o processo acaba sendo comandado pelas empresas, visto que não há fiscalização efetiva dos trabalhadores, nem dos sindicatos. (THOMAZ JUNIOR, 2002)

Sobre o modo de cálculo da produtividade, Cremonesi (2012) afirma que a cana é cortada de cinco em cinco ruas, podendo variar de cinco a sete este número, conforme a topografia do local. O trabalhador corta duas ruas, mantendo uma

---

<sup>16</sup> Consequência de uma espoliação dos trabalhadores assalariados, que, em troca de sua força de trabalho recebem apenas o valor das mercadorias e serviços indispensáveis à sua subsistência. (THOMAZ JUNIOR, 2002)

distância de 40 metros, por exemplo. Depois disso, ele amontoa as plantas, formando uma lera<sup>17</sup>. A etapa é repetida até que as cinco ruas estejam terminadas.

De acordo com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Prudente, os funcionários já sabem quanto devem cortar, o tipo da cana e seu rendimento ao dia. A comprovação deste valor ocorre com a medição do fiscal, segundo Cremonezi (2012):

[...] vem o fiscal no final de tarde e vai fazer a medida através do compasso, esse compasso tem dois metros, então ele vai medir e já sabe a lera sempre é uma só de cinco ruas e a distância geralmente 30, 40, 50 metros que dá em torno mais ou menos de 6 a 12 toneladas/dia esse trabalhador, depende do trabalhador. (CREMONEZI, 2012)

Thomaz Junior (2002, p.214-215) ressalta que há diferenças regionais na definição de valores.

[...] no Brasil, há uma diferencialidade de formas de medição, pesagem, classificação e pagamento, que se traduz em acentuada disparidade de remuneração de uma mesma Tabela de Tarefa, como exemplo, a carga na Paraíba corresponde a 100 kg, já no Rio Grande do Norte é de 170 kg. No entanto, predomina, nos Estados nordestinos, a classificação da cana por tipo de corte (solta, amarrada, crua, esteirada, amontoada) e, ainda, pelo número de linhas de cana cortada pelo trabalhador.

Segundo o Acordo Coletivo de Trabalho do ano de 2012 (ANEXO A), realizado entre a usina Cocal e os municípios de Paraguaçu Paulista, Quatá, Rancharia, Tupã, Presidente Prudente e Regente Feijó, o piso salarial destes cortadores é de R\$ 730, sendo que este valor é modificado de acordo com a produção de cada indivíduo e conforme os tipos de cana, que pode ser bisada (R\$ 4,39 por tonelada); caída (R\$ 3,93 por tonelada); em pé (R\$ 3,66 por tonelada); crua para moagem (R\$ 6,93 por tonelada) ou crua para plantio (R\$ 9,20 por tonelada). Além disso, cada trabalhador tem direito ao recebimento de uma cesta básica, desde que possua até uma falta por mês.

Thomaz Junior (2002) define o pagamento como ferramenta de controle usada pelos usineiros.

[...] os sistemas de remuneração (juntamente com as formas de medição, classificação e pagamento) são armas importantes, disponibilizadas pelo capital, que garantem a um só tempo a manutenção da extração do

---

<sup>17</sup> Lera é um conjunto de ruas com amontoados de cana-de-açúcar cortada. (CREMONEZI, 2012)

sobretalho, como também o controle do processo de trabalho e da superexploração do trabalho, que chega às raias da semi-escravidão. (THOMAZ JUNIOR, 2002, p.215)

Sobre esse assunto, Alves (2008, p.12) defende a mudança no padrão de assalariamento, “[...] esse pagamento deve ser substituído pelo princípio universal do pagamento por tempo de trabalho e da jornada fixada em horas de trabalho.” Para o autor, o sistema de renda baseado na produtividade é um dos fatores que influenciam na ocorrência de mortes por excesso de trabalho. (ALVES, 2008)

Novaes (2007) alega que as usinas efetivam os cortadores por meio de pré-requisitos, um deles se refere à quantidade produzida por cada trabalhador, sendo que os mesmos têm que cortar no mínimo dez toneladas de cana/dia, caso contrário, serão demitidos. “Trabalhadores selecionados chegam a cortar até vinte toneladas de cana/dia e manter uma média mensal entre 12 e 17 toneladas/dia.” (NOVAES, 2007, p.172)

Além disso, o autor explica que o cortador é refém do contrato de trabalho por tempo determinado – contrato safrista<sup>18</sup> – e tem em sua produção a chave para manter o emprego, visto que, uma vez que não consiga atingir a meta definida pela usina, será substituído por outro funcionário. (NOVAES, 2007)

João Altino Cremonezi (2012), presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Prudente, reconhece essa afirmação ao declarar que “[...] se um trabalhador for para cortar cana e chegar lá só cortar duas toneladas por dia, ele só vai trabalhar por um mês, não serve para a empresa, não tem produção.” Ele salienta ainda que “[...] se é para cortar cinco ou seis toneladas de cana e ele corta só duas toneladas, ele vai ganhar o quê? Só o piso. Então, só o piso não interessa para a empresa, interessa sim é a produção, por isso tem que trabalhar por produção.” (CREMONEZI, 2012)

Thomaz Junior (2002) acrescenta outro fator de incentivo às longas jornadas de trabalho oferecido pelas usinas, o chamado “bingo da morte”.

Destaca-se [...] na estratégia utilizada pelo capital para viabilizar a intensificação do ritmo do trabalho no corte mecanizado, o anúncio, no início da safra, de diversos “prêmios” (carros, bicicletas, geladeiras, rádios e outros eletrodomésticos), que cumprem o papel de “estimular” a saga da superexploração do trabalho. Expostos em lugares de passagem obrigatória

---

<sup>18</sup> Contrato com duração de um ano em que o trabalhador perde benefícios, como o seguro desemprego, conforme o Acordo Coletivo de Trabalho estabelecido entre usinas e sindicatos. (CREMONEZI, 2012)

na sede das empresas, os tais “prêmios” são objeto de cobiça pela maioria esmagadora dos trabalhadores, até por uma questão de sobrevivência e garantia de poder contar com o emprego na safra seguinte, ao serem forçados a atingirem determinadas *performances* no corte, por dia, mês e na safra. (THOMAZ JUNIOR, 2002, p.211-212, grifo do autor)

Rocha (2007) afirma que o corte manual é um processo de exploração do trabalhador e que os próprios funcionários ainda são influenciados pelos antigos sistemas de movimentação dos canaviais, período que se estendeu até o ano de 1888<sup>19</sup>, quando a mão de obra era composta somente por escravos. Desde então, diversos problemas foram enfrentados pelos cortadores.

E em razão destas complicações envolvendo os trabalhadores, algumas paralisações ocorreram ao longo da história. Uma das mais importantes foi a Greve de Guariba, realizada na região de Ribeirão Preto, interior paulista, em 15 de maio de 1984, com o intuito de garantir direitos significativos aos trabalhadores rurais. Grande parte dos benefícios atuais da classe foi conquistada graças a esta reivindicação. (ROCHA, 2007)

Goulart (apud ROCHA, 2007, p. 33) descreve as principais reclamações dos cortadores na época:

[...] possuíam longas jornadas de trabalho, baixos salários, meio de transporte inseguro, realizado em carrocerias de caminhões totalmente desprotegidas, não recebiam Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para o corte da cana e não tinham qualquer garantia trabalhista ou contrato de trabalho, sendo agenciados por “gatos”, pessoas comissionadas pelos usineiros para arremeter trabalhadores em outros estados brasileiros.

Alves (1991) explica que, durante as décadas de 1980 e 1990, outros protestos ocorreram e, junto ao fortalecimento dos sindicatos trabalhistas, pressionaram a elaboração de leis específicas voltadas ao cortador.

Segundo Rocha (2007), entre os direitos adquiridos na Greve de Guariba, se destacaram a remuneração por tonelada colhida e com valor definido previamente, a informação diária sobre o rendimento de cada trabalhador; pagamento de salário extra, equivalente ao tempo de deslocamento até as lavouras de cana; recebimento de diárias com valores fixos nos dias em que o cortador não pode trabalhar por causas alheias à sua vontade, como chuva e ausência de queima da cana; fornecimento gratuito dos instrumentos de trabalho pelas usinas, sendo

---

<sup>19</sup> Ano em que a Lei Áurea foi assinada pela Princesa Isabel.

transportados em compartimentos separados; suprimento de equipamentos de proteção individual e reposição dos mesmos sempre que necessário; garantia de remuneração em caso de afastamento relacionado a problemas de saúde; distribuição de marmitas térmicas para conservação de alimentos e de água potável durante todo o período de trabalho; acesso a banheiros masculinos e femininos e abrigo em caso de adversidades; além do recebimento de adicionais noturnos, férias, horas extras e 13º salário. (ROCHA, 2007)

Em 1986 ocorreu também a Greve do Leme, que teve início nos municípios de Leme (SP) e Araras (SP) e se expandiu para outras áreas canavieiras do país. Nesta paralisação, os cortadores reclamaram do tipo de medida adotada para definir a produção no campo. A reivindicação era para que o cálculo fosse feito em metros e não mais em toneladas, sendo que os valores variariam de acordo com cada tipo de cana, o que poderia diminuir o risco de pagamentos equivocados (ALVES, 2006). O autor explica que os funcionários “[...] ao final do dia receberiam um recibo (pirulito), no qual ficariam gravados a quantidade de metros cortados naquele dia e o valor do metro de cana naquele eito<sup>20</sup>.” (ALVES, 2006, p.94)

Além da decisão de converter as toneladas em metros lineares, Alves (2006) relata que os grevistas adquiriram o direito de fiscalizar o processo de contagem, o procedimento foi acordado da seguinte maneira:

Ao início do trabalho [...] um caminhão, chamado de campeão, vai ao local de corte. Este caminhão é carregado com cana colhida em três pontos diferentes do talhão, para realizar uma amostra representativa da qualidade e especificidades da cana naquele talhão. [...] Este caminhão depois de carregado, com cana a colhida nos três pontos do talhão e medida em metros lineares, vai para a usina para ser pesado. [...] Depois de realizada a pesagem, é realizada a conversão de tonelada de cana para metro, já atribuído o valor do metro, na medida em que a tonelada de cana paga aos trabalhadores já tem seu valor definido pelo acordo coletivo. [...] No fim do dia de trabalho, cada eito de cana de cada trabalhador daquele talhão é medido através de um compasso de ponta de ferro com 2 metros entre uma ponta e outra. (ALVES, 2006, p.95-96)

Porém, Thomaz Junior (2002) aponta que até os dias atuais, apesar da remuneração e dos benefícios conquistados, o cortador permanece refém das decisões dos grandes usineiros.

---

<sup>20</sup> Divisão do canavial em retângulos, que, por sua vez, são distribuídos aos cortadores de cana. Segundo Alves (2006, p.92), “[...] seu comprimento varia de trabalhador para trabalhador, pois depende do ritmo de trabalho e da resistência física de cada um.”

De acordo com Alves (2006), os métodos de fiscalização não funcionam efetivamente, visto que as etapas dependem da participação dos trabalhadores e estes ganham os salários de acordo com a produtividade. Logo, se eles não realizam o corte, não recebem o planejado ao final do dia.

Novaes (apud ROCHA, 2007, p.29) confirma a exploração dos trabalhadores causada pela presença das máquinas e pela produção diária exigida, ao dizer que “[...] um símbolo da ‘modernização dolorosa’ pela qual passa o setor canavieiro é a distribuição de repositores energéticos e hidroeletrólíticos aos cortadores na busca de camuflar os sintomas decorrentes da excessiva carga de trabalho [...]” Além disso, o autor declara que, para manter o ritmo de trabalho, os cortadores adotam soluções rápidas:

[...] para aliviar as dores no corpo, provocadas pelo excesso de trabalho, buscam os antiinflamatórios, prescritos pelos médicos ou adquiridos livremente nas farmácias, para aliviar as dores de coluna e musculares, as bursites e as tendinites. Com esse produto eles asseguram rápido reingresso ao trabalho sem prejuízo de sua produtividade e sem necessitar de afastamento do trabalho, expediente condenado pela usina e desinteressante para os trabalhadores [...]. (NOVAES, 2007, p.173)

Sobre a composição dos repositores garantidos aos cortadores, Alves (2008, p.10) assegura:

Algumas usinas afirmam tratar-se apenas de soro caseiro, uma mistura de sal e açúcar em água. Outras usinas dizem que além de sal e açúcar, o soro contém potássio e outros sais minerais, além de substâncias que dão cor e sabor, tornando o soro uma espécie de refresco. Outras usinas, ainda, admitem que os soros têm componentes energéticos. Porém, até este momento as autoridades sanitárias não sabem a composição de todos os soros e suplementos energéticos distribuídos pelas usinas aos trabalhadores, nem sabem quais os efeitos que esses suplementos podem causar a curto, médio e longo prazo sobre a saúde de trabalhadores submetidos a forte esforço físico e com carência nutricional e hídrica.

O autor atesta que o consumo do soro fisiológico pode ser feito no campo, durante a carga horária e em alguns casos “[...] os próprios trabalhadores, ao chegarem à cidade, procuram os hospitais onde lhes é ministrado soro diretamente na veia.” (ALVES, 2006, p.95)

Além da exaustão citada por Novaes (apud ROCHA, 2007), o processo manual da cana-de-açúcar envolve o trabalhador em outras situações de risco referentes à saúde, “[...] como altas temperaturas, chuvas, presença de poeiras

provenientes da terra, da fuligem da cana e de animais peçonhentos e há um risco acentuado de ocorrência de acidentes de trabalho em decorrência do manuseio do facho [...]” (ALESSI; SCOPINHO apud ROCHA, 2007, p.23)

As autoras destacam também que o trabalhador canavieiro está sujeito à adoção de posturas irregulares em razão do extremo esforço físico e movimentos corporais inadequados que são exigidos pelo serviço, diariamente. (ALESSI; SCOPINHO apud ROCHA, 2007)

Sobre essas complicações, a fisioterapeuta e mestre em Fisioterapia, Aline Duarte Ferreira Ceccato (2012) cita os problemas ortopédicos, além dos problemas respiratórios, acarretados pelo clima seco e pelo contato direto com a fuligem. A profissional indica que a aspiração ocorre porque o trabalhador não usa máscara como equipamento de proteção individual (EPI)<sup>21</sup>, deixando o nariz exposto às diferentes substâncias encontradas nos canaviais.

Diante das diferentes complicações, Thomaz Junior (2012) assegura que o corte de cana não é um trabalho que se queira delegar a alguém em razão de ser “[...] uma atividade penosa, causa acidentes, causa encomodações, causa uma série de problemas na saúde dos trabalhadores.”

#### **4.4 A Migração para o Corte de Cana**

O sistema do corte mecanizado está em contínuo progresso, sendo adotado pela maioria das usinas brasileiras. Neisvaldo Santos (2011, p.35) relata que, atualmente, “[...] os custos referentes à mecanização agrícola, representam 40% do total da produção, sendo importante dimensionar adequadamente o maquinário para o processo produtivo.”

O crescimento do corte mecanizado vem se concretizando também por outro motivo, o fim da queima da cana-de-açúcar. A lei estadual paulista nº 11.241/2002, prevista no artigo 27 do Código Florestal, estabeleceu prazos para a erradicação das queimadas de cana para as áreas mecanizáveis até 2021, e para as terras não mecanizáveis até 2031. Mas, em junho de 2007, um acordo entre a indústria paulista e o governo do Estado de São Paulo antecipou os prazos firmados anteriormente. O Protocolo Agroambiental do Setor Sucroenergético prevê o fim das queimadas para

---

<sup>21</sup> A máscara não é considerada pelo Ministério do Trabalho como Equipamento de Proteção Individual (EPI).

2014 (para área mecanizáveis) e 2017 (para áreas não mecanizáveis). (UNICA, 2009)

De acordo com Moreno (2011), dentre os estados brasileiros que possuem grandes extensões de terras que fornecem alto volume de produtividade, o Estado de São Paulo é o que possui maior evidência. A área de plantio pode corresponder a 94,6% do país só com a implementação da colheita mecanizada. O autor destaca ainda que “[...] o Estado já conta com uma infraestrutura de apoio à mecanização, como oficina para reparos das máquinas e empresas autorizadas.” (MORENO, 2011, p.47)

Junto às medidas de aproveitamento máximo da matéria-prima, Thomaz Junior (2002) explica que a tecnologia e a mecanização têm confirmado também o processo de extração da mais-valia diante de seus funcionários. Devido a esse crescente uso da máquina, o número de trabalhadores braçais tende a diminuir bastante, ou até desaparecer. (THOMAZ JUNIOR, 2002)

Desse modo, seriam substituídos por outros sete profissionais: o operador de colhedora, que é o motorista da máquina que colhe a cana; o operador de transbordo, motorista do caminhão que percorre a roça ao lado da colhedora e é o veículo onde a planta é despejada e transportada para a usina; dois a três funcionários encarregados de cuidar do engate e desengate das cordas que estão ligando a colhedora no transbordo; e um fiscal, responsável por esse grupo. (CECCATO, 2012)

Ceccato (2012) cita a substituição do trabalho manual para o mecanizado como um problema social, pois:

[...] as empresas estão treinando, capacitando esses profissionais para inserir eles na mecanização, mas infelizmente nem todos vão conseguir essa inserção porque muitos não têm grau de cognição, estudo para conseguir fazer esses treinamentos, essas capacitações. Então muitos não conseguirão mesmo. São aqueles que vão continuar no trabalho rural, cortando a cana crua, cortando as canas que a mecanização não corta, arrumando as cercas, [...].

Thomaz Junior (2012) apresenta o mesmo ponto de vista ao afirmar que:

[...] para o trabalhador deixar de cortar cana, que é uma atividade penosa, pode significar algo pior ainda porque ele não tem nenhuma garantia do que ele vai fazer. Então a gente tem que pensar esse assunto como parte de um grande contexto, repleto de contradições e desafios.

Acerca do ritmo intenso de atividades nos canaviais, Novaes (2007) destaca que os trabalhadores do Nordeste do país possuem o perfil adequado para suportar os enormes esforços físicos exigidos pelo corte manual. Esse fato se deve ao árduo trabalho no setor rural a que, muitas vezes, estão acostumados, além de serem dedicados e agradecidos pela oportunidade encontrada na região paulista. “A necessidade premente de ganhar dinheiro, para assegurar a subsistência da família distante, tem funcionado como um freio que os torna mais tolerantes com descumprimentos de leis trabalhistas [...]” (NOVAES, 2007, p.171)

Sobre essa condição, Moraes, Figueiredo e Oliveira (2009) relatam que a maioria dos migrantes é da região Nordeste e partem em direção ao Sudeste, Centro-Oeste e Norte do Brasil.

Isto se deve à forte desigualdade social da região nordeste, que é consequência do clima seco e do solo pouco produtivo dos sertões, associados à má distribuição de terras e renda. As regiões sul e sudeste do Brasil, por sua vez, são bem desenvolvidas industrialmente e com mercado crescente e, portanto, têm sido visadas cada vez mais pelas correntes migratórias, devido também à expansão das fronteiras agrícolas, à abertura de garimpos, às obras (como usinas hidrelétricas e rodovias) e, nas últimas décadas, devido à expansão do setor sucroalcooleiro, o qual tem contratado diversos trabalhadores migrantes para o corte da cana-de-açúcar durante safra. (MORAES; FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2009, p.3-4)

Após a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), muitos moradores nordestinos se direcionaram para as chamadas “grandes cidades.” Porém, atualmente, tal comportamento volta-se também para os pequenos e médios municípios (POCHMANN, 2009). O autor relata ainda que, só em 2005, constatou-se um aumento de 10,4% de empregos rurais, “[...] sendo de 26,6% a expansão dos postos de trabalho com carteira assinada. Assim, o peso do assalariamento rural passou de 28,1% para 32,3% somente nos cinco primeiros anos da atual década.” (POCHMANN, 2009, p.89)

Para Novaes (2009), a decisão de migrar para trabalhar com o corte de cana no Estado de São Paulo está relacionada aos sonhos de consumo dos trabalhadores. Dentre os itens adquiridos estão: roupas, sapatos, óculos, tatuagens, produtos de higiene pessoal, entre outros. Quando retornam para as suas cidades natais com os bens materiais adquiridos na região paulista, passam a aparência de “jovens” aos outros familiares. Com o dinheiro conquistado no serviço anterior,

realizam também compras de eletrodomésticos, como geladeira, fogão e máquina de lavar.

O cortador de cana José Nery Macedo da Silva (2012) confirma essa realidade ao dizer que não gastou nada do dinheiro usufruído com o emprego em função de seu principal objetivo ao sair da cidade de origem. Silva, J. (2012), migrou de sua região por três vezes. “[...] chegar lá no Piauí, chegar em Angical e trocar a moto. Tô torcendo aí para não adoecer e tudo, trabalhar sossegado até o final do ano. Chegar lá e concluir o plano de comprar a minha moto [...]” (SILVA, J., 2012)

Novaes (2009, p.122) acredita que estas conquistas dêem a sensação de compensação a esses trabalhadores com relação aos “[...] gastos com moradia e alimentação e os olhares preconceituosos dirigidos aos ‘maranhenses’, aos ‘paraíbaes’, quando circulam pelas cidades ricas do interior de São Paulo.”

Silva (apud NOVAES; ALVES, 2007, p. 78) acrescenta que, apesar dos problemas e da exclusão vivida no novo local de moradia, os migrantes sofrem determinadas pressões, ao passo que eles “se habituaram a uma vida cheia de complicações, tendo em vista que o comportamento e a plasmação das pulsões foram, desde a infância, ajustados a essa organização da sociedade.” O autor afirma que isto não ocorre por falta de conhecimento das dificuldades a serem enfrentadas, mas serve justamente como uma “provação” para os próprios migrantes, “[...] uma espécie de rito de passagem.” (SILVA apud NOVAES; ALVES, 2007, p. 75)

Diante do referencial os pesquisadores se dirigiram a Tarabai para conhecer o grupo alojado na cidade por meio de conversas, observação e aplicação de um formulário composto por 29 perguntas. Foram coletadas diferentes informações acerca do perfil, da migração, da vida e do trabalho em Tarabai. Os resultados são demonstrados e analisados no item 4.5.

#### **4.5 Perfil dos Migrantes de Tarabai**

Com o objetivo de recolher informações referentes ao migrante, o grupo deu início à elaboração de um instrumento de coleta de dados quantitativo, o formulário, que foi considerado como a melhor opção devido ao fato de a maioria dos trabalhadores canavieiros terem pouca ou nenhuma escolaridade. Este foi aplicado durante pesquisa de campo, ocorrida entre os dias 15 e 23 de julho nos bairros Centro, Jardim Brasília, Jardim das Acácias, Jardim Paraíso, Candeias, Jardim Bela

Vista, Jardim Santa Tereza, Jardim das Flores e Pereira Galvão. Sendo entrevistados ao todo 74<sup>22</sup> cortadores migrantes.

Diante da impossibilidade de estabelecer o universo do migrante desejado no projeto junto às duas usinas – Cocal Comércio e Indústria Canaã de Açúcar e Álcool Ltda.<sup>23</sup> e Umoe Bioenergy S/A<sup>24</sup> - que empregam estes trabalhadores<sup>25</sup>, foi necessário elaborar um plano para composição da amostra dividido em três etapas: a primeira se deu por meio de pesquisas nas casas que foram localizadas durante a visita do grupo no dia 16 de junho. Auxiliados por Célio Roberto dos Santos Paes, morador há 40 anos de Tarabai e conhecido como Narandiba junto aos tarabaenses, os discentes se dirigiram às residências dos cortadores. Assim, 33 habitações foram relacionadas.

No mesmo dia, os pesquisadores tiveram acesso a uma lista com nomes de funcionários responsáveis pelo corte manual da usina Cocal, outro documento que trouxe informações importantes ao projeto. A lista com 252 nomes foi disponibilizada por um funcionário da usina, responsável pelo transporte dos cortadores canavieiros à Cocal. Além desses números, o grupo entrou em contato com três fiscais responsáveis pela Umoe Bioenergy, que disponibilizaram mais nomes de trabalhadores.

A partir desses três procedimentos, os pesquisadores chegaram ao número de 309 cortadores de cana residentes no município em questão. Porém, sem a informação precisa de quantos deles eram migrantes. Com isso, foi preciso fazer contato com todos os trabalhadores listados pelos três processos, o que culminou na identificação de 74 cortadores de cana migrantes.

Com os nomes de trabalhadores migrantes apurados, os cinco pesquisadores se dividiram em dois grupos para o preenchimento do formulário

---

<sup>22</sup> Não foi possível estabelecer o número exato de migrantes cortadores de cana residentes em Tarabai, pois de acordo com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Presidente Prudente, João Altino Cremonezi (2012), não tem esse controle e as usinas em questão, não forneceram os dados necessários para estabelecer este universo.

<sup>23</sup> A unidade matriz da Cocal Comércio Indústria Canaã Açúcar e Álcool Ltda., foi fundada em 1980, na cidade de Paraguaçu Paulista e possui filial na cidade de Narandiba, tendo 5 mil colaboradores. (COCAL..., [s.d.])

<sup>24</sup> A Umoe Bioenergy S/A localiza-se na cidade de Sandovalina. Foi instalada em 2008 e possui 1.700 colaboradores. (GRUPO..., 2012)

<sup>25</sup> Desde o início da pesquisa, o grupo tentou contato com o Departamento de Comunicação e os diretores da Cocal e Umoe Bioenergy. Em julho de 2012 os pesquisadores encaminharam um ofício (APÊNDICE B) às empresas para solicitar parceria entre as usinas e a instituição de ensino. A Umoe Bioenergy enviou um ofício (ANEXO B) aos pesquisadores declarando “não ter interesse em participar do projeto.” Já a Cocal declarou, por meio de outro ofício (ANEXO C), não se enquadrar na ilustração do referido trabalho, pois a empresa não faz a contratação de migrantes.

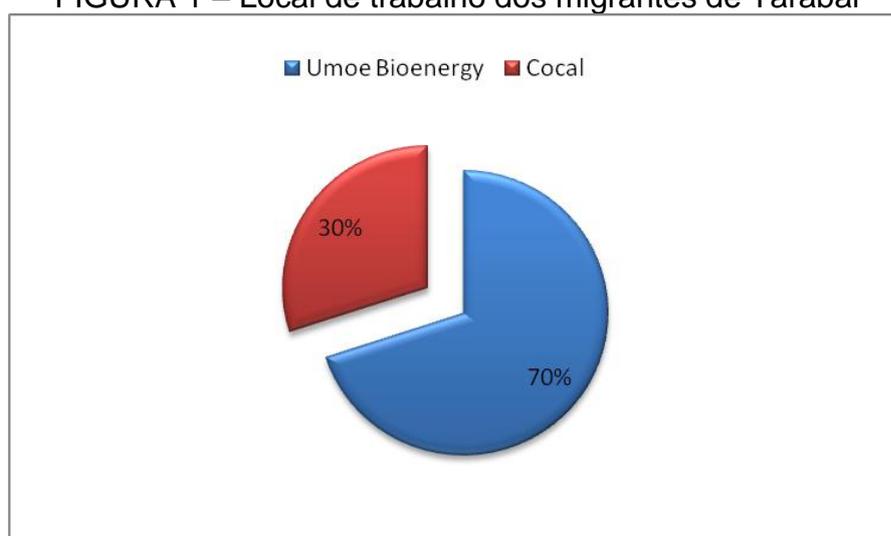
(APÊNDICE A), que continha 29 perguntas e foi dividido em três temas. A primeira parte aborda os dados pessoais (nove perguntas), a segunda compreende oito questões sobre a migração e a terceira questiona a vida e o trabalho em Tarabai (12 perguntas).

Com os resultados tabulados pelo *software* PSCP, uma extensão gratuita do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS)<sup>26</sup>, foi possível fazer uma análise dos dados amostrados. A tradução do PSCP possui similitudes em suas funções com o SPSS, por isso as informações sobre o perfil dos 74 migrantes adquiridas pelos formulários foram divulgadas pelo programa em versão português.

Durante o processamento dos dados, foram elaboradas categorias para análise, sendo que cada uma delas gerou um gráfico. No total, foram produzidas 32 figuras. Assim, nas próximas páginas serão apresentados os resultados e a interpretação dos dados apurados pelos pesquisadores com o objetivo de identificar e descrever o objeto estudado: os migrantes cortadores de cana residentes na cidade de Tarabai.

De acordo com as 74 respostas adquiridas pelos formulários, os migrantes em questão prestam serviços a duas usinas, Umoe Bioenergy S/A (Sandovalina) e Cocal Comércio e Indústria Canaã de Açúcar e Álcool Ltda. (unidade de Narandiba), conforme demonstra a figura 1.

FIGURA 1 – Local de trabalho dos migrantes de Tarabai



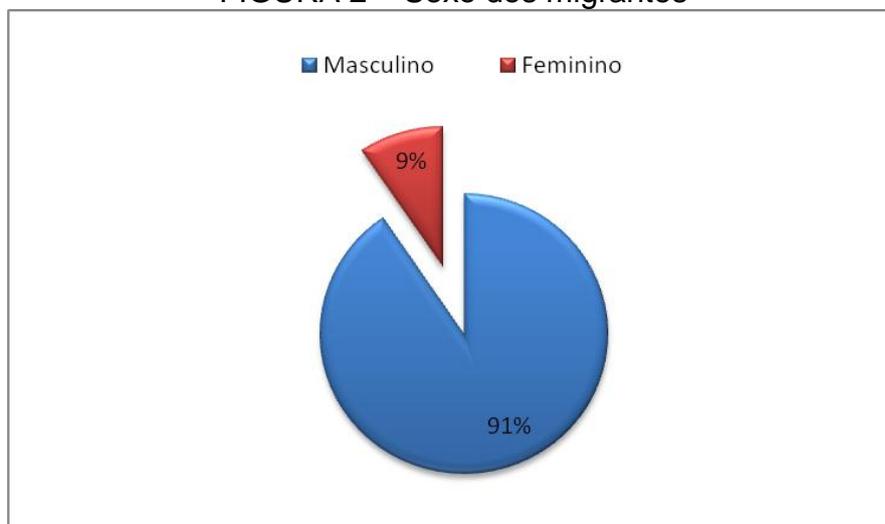
Fonte: Pesquisa de Campo

<sup>26</sup> Pacote Estatístico para as Ciências Sociais (Tradução Livre).

Nota-se que, dentro do universo pesquisado, o número de migrantes trabalhando para a Umoe Bioenergy é consideravelmente maior, 52 sujeitos (70%). Já a usina Cocal contratou menos da metade de cortadores provenientes de outras regiões, o que corresponde a 22 pessoas (30%) entrevistadas.

Com o objetivo de definir a quantidade de mulheres e homens migrantes, a pesquisa revelou que 9% dos entrevistados (sete pessoas) são do sexo feminino e os outros 91% (67 pessoas) são do sexo masculino, como demonstra a figura 2.

FIGURA 2 – Sexo dos migrantes



Fonte: Pesquisa de Campo

De acordo com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Prudente e região, João Altino Cremonezi (2012), as mulheres estão presentes nos canaviais, embora isso ocorra em menor número. Para ele, não há diferença entre os trabalhadores de sexos diferentes, já que “[...] não pode de forma nenhuma ser tratados diferentes. Homens e mulheres são todos iguais conforme o artigo cinco da Constituição Federal.”

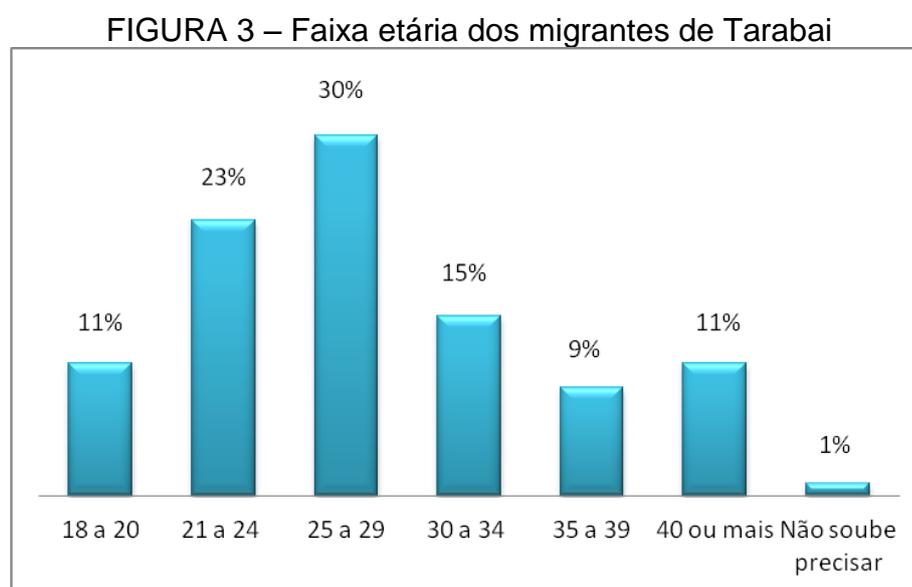
Por meio de conversas com as trabalhadoras na pesquisa de campo, foi possível perceber que algumas mulheres não atuam no corte de cana em si, com tanta frequência, visto que várias delas são encarregadas de fazer o plantio das mudas. De fato, dentre as mulheres entrevistadas, sete no total, quatro (57%) afirmaram que trabalham com o corte e três (43%) disseram que realizam o plantio.

Sobre o assunto, Thomaz Junior (2012) confirma o fenômeno existente em Tarabai:

[...] esse número de mulheres que cortam cana ou que são contratadas para cortar cana diminui ano a ano, então é praticamente insignificante. Várias empresas não contratam nenhuma mulher. Contratam apenas para trabalhar em reprodução de mudas, trato com gemas e, quando muito, na bituca, catação de pedras. (THOMAZ JUNIOR, 2012)

Uma das personagens participantes do videodocumentário, parte prática deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), é Marinete Alves dos Santos, de 52 anos, que trabalha para a usina Cocal e reside em Tarabai há um ano. Em entrevista, Santos (M., 2012) afirmou não apenas cortar cana, mas também fazer outros tipos de serviço como cavar buracos, empurrar a terra e plantar a cana. “[...] trabalhar com cana, é bom [...] mas pra quem tem coragem. Não tendo coragem não vai não, porque se eu fosse uma mulher sem coragem eu não ia não, porque é muito pesado.” (SANTOS, M., 2012)

Ainda para delinear o perfil do cortador de cana, o formulário questionou sobre a idade dos trabalhadores. As faixas etárias dos entrevistados estão demonstradas na figura 3.



Fonte: Pesquisa de Campo

Com base nos dados, observa-se que a maior parte dos funcionários é considerada jovem. Os que possuem entre 18 e 20 anos (oito cortadores) representam 11% dos resultados. Os cortadores de 21 a 24 anos (17 pessoas) equivalem a 23% do total. Com 30% estão os trabalhadores de 25 a 29 anos de idade (22 cortadores). Onze deles compõem a faixa etária de 30 a 34 anos (15%). Enquanto 9% (sete pessoas) possuem entre 35 e 39 anos. Com 40 anos ou mais

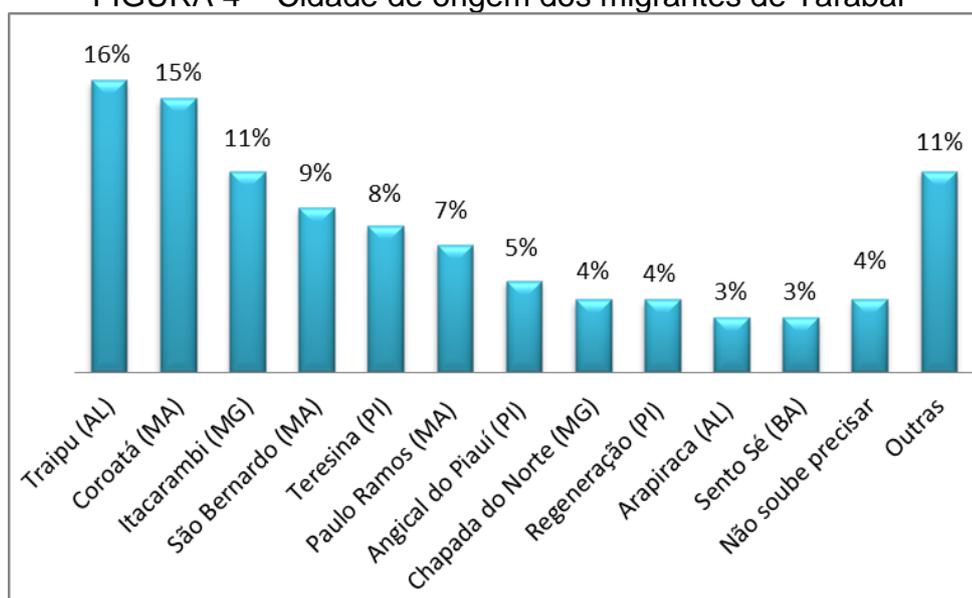
aparecem 11% (oito pessoas). Deve-se considerar que um dos entrevistados (1%) não soube precisar a idade.

Na casa de um dos personagens do videodocumentário, José Nery Macedo da Silva, de 23 anos, moram outros três jovens cortadores: seu colega Emanuel Carlos Sandro Pereira de Alencar, de 25 anos; o primo Carlos Iran Pereira da Silva, de 26 anos e o irmão de José Nery, Nerisvaldo Macedo da Silva, de 19 anos. (SILVA, J., 2012)

Thomaz Junior (2012) afirma que a maioria dos cortadores migrantes é jovem por se tratar de um grupo com menos obrigações a cumprir. Quando solteiros têm facilidade em migrar e, quando casados e com filhos pequenos, podem levar a família para o local de destino.

Visando traçar um mapa da migração, os resultados identificaram os municípios de origem dos cortadores de cana conforme nota-se pela figura 4.

FIGURA 4 – Cidade de origem dos migrantes de Tarabai



Fonte: Pesquisa de Campo

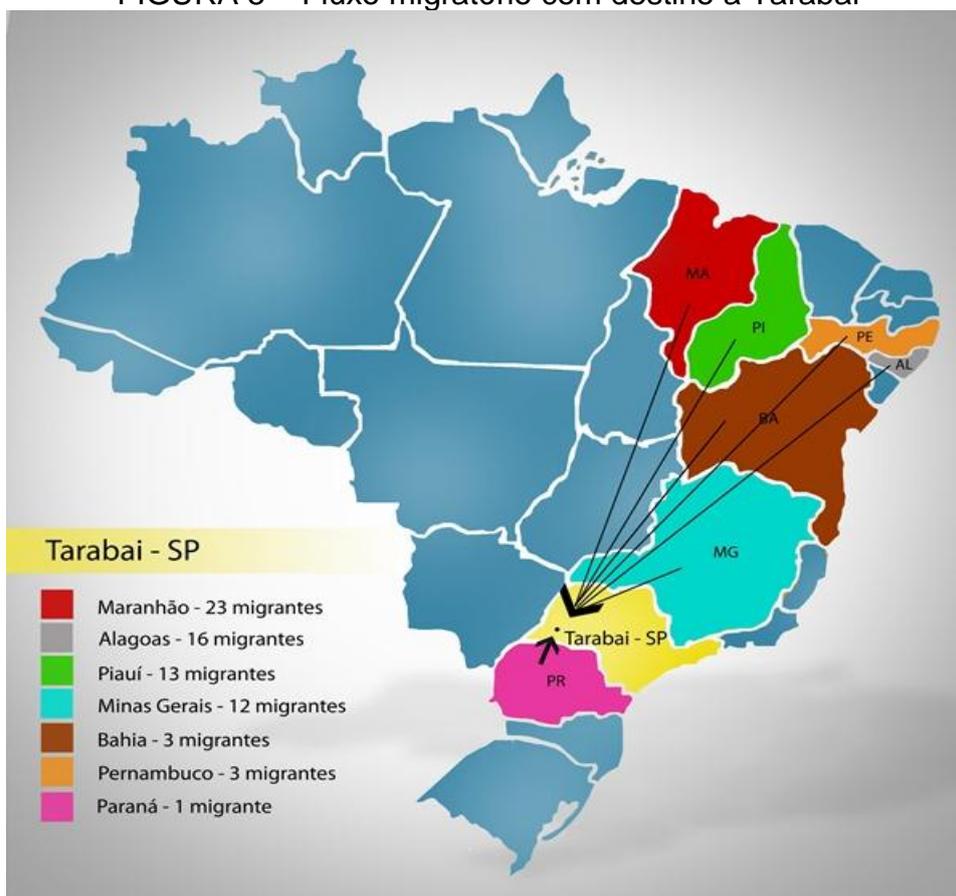
Os resultados revelam que Traipu (AL) é a cidade de origem de 16% dos entrevistados (12 pessoas). Em seguida, com 15%, Coroatá (MA) foi citada por 11 trabalhadores. Itacarambi (MG) aparece em terceiro lugar, sendo a resposta de 11% (oito pessoas); São Bernardo (MA) equivale a 9% (sete sujeitos). De Teresina (PI), vieram 8% do total (seis sujeitos). Já a cidade de Paulo Ramos (MA) foi apontada por 7% dos entrevistados (cinco pessoas). O município de Angical do Piauí (PI) aparece com quatro sujeitos (5%) e Chapada do Norte (MG) e Regeneração (PI)

apresentam três respostas cada (4%). Em seguida, Arapiraca (AL) e Sento Sé (BA) representam 3%, com dois sujeitos cada. Dos dados apresentados, é preciso considerar que três (4%) entrevistados não souberam informar suas cidades natais. Por fim, Lago da Pedra (MG), Bom Conselho (PE), Ipirá (BA), Junqueiro (AL), São José da Tapera (AL), Recife (PE), São Pedro (PR) e Inajá (PE) foram citadas apenas uma vez cada e, no total, se somadas, representam 11% do total das respostas.

Com essas informações, é possível constatar o Estado de origem dos migrantes entrevistados: Maranhão, com 23 respostas (31%); Alagoas, com 16 respostas (22%); Piauí, com 13 (18%) e Minas Gerais, com 12 (16%). Em seguida vêm Pernambuco e Bahia, com três respostas cada (4%). Paraná foi citado uma vez (1%) e três sujeitos (4%) não souberam responder.

A figura 5 demonstra quais são os principais estados de onde esses indivíduos migram:

FIGURA 5 – Fluxo migratório com destino a Tarabai



Fonte: Pesquisa de Campo

Sobre as regiões de origem dos migrantes, Thomaz Junior (2012) explica que há aproximadamente três anos muitos dos trabalhadores que se mudavam para nossa região, “[...] eram originários do Norte de Minas, do Oeste da Bahia e de algumas regiões do Sul do Ceará, sobretudo da região do Cariri.” Em contrapartida, as pesquisas mais recentes indicam “[...] um fortalecimento dos corredores migratórios do Oeste da Bahia, mas Alagoas, Pernambuco e Maranhão também estão crescendo [...]” (THOMAZ JUNIOR, 2012)

De acordo com o autor, o “estado de miserabilidade” da cidade de origem desse trabalhador é o que impõe que ele proceda ou não na situação de migrante. Do “ponto de vista geográfico”, há o problema da seca, da falta de alimentos e da ausência de políticas públicas consideráveis para essas regiões. Ou seja, os maiores incentivos para migrar “[...] têm a ver com instabilidade econômica ou dificuldade para reprodução social do indivíduo, da família ou de um grupo, de uma comunidade e que, por conta disso, as pessoas vão em busca de alternativas.” (THOMAZ JUNIOR, 2012)

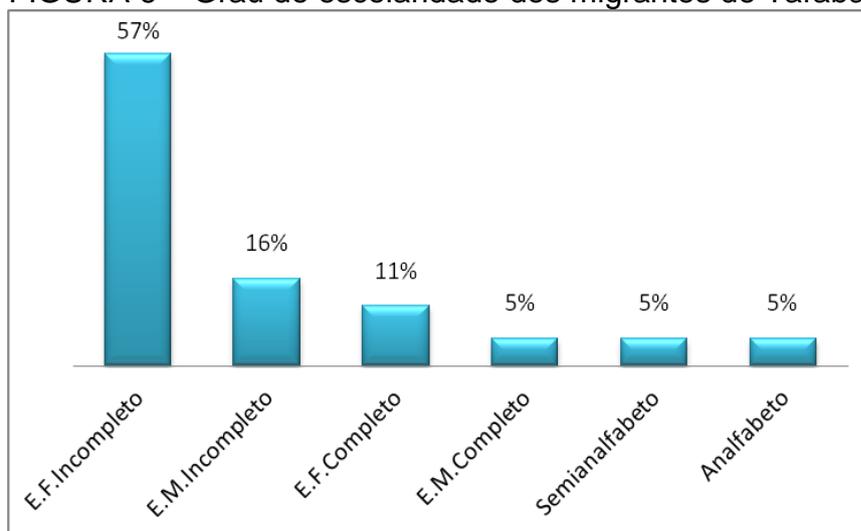
Marinete Alves dos Santos (2012) é um dos casos de pessoas que apostaram na migração como forma de fugir da seca. “[...] saí do Norte por causa de sede, tava passando sede. Então eu vim para Tarabai tomar água de chuva.”

A cortadora complementa:

Aqui é a terra do dinheiro. Aqui é terra de barriga cheia. Terra que não tem miséria de ninguém. Quando eu cheguei não tinha nada, eu não tinha o que comer. Quando eu cheguei do Norte todo mundo me apoiou, todo mundo me abraçou e me deu tudo o que eu queria. Tudo tão alegre, tudo tão satisfeito. Chegava a cesta de base: toma aqui para a senhora e para os seus filhos. Ô meu Deus! Aqui para mim é o céu, para mim foi uma benção! (SANTOS, M., 2012)

Na sequência, a figura 6 demonstra qual é o grau de escolaridade do migrante que atualmente reside em Tarabai.

FIGURA 6 – Grau de escolaridade dos migrantes de Tarabai



Fonte: Pesquisa de Campo

Com relação à escolaridade dos migrantes, foi possível observar que 57% dos entrevistados (42 cortadores) possuem o “Ensino Fundamental Incompleto”. O “Ensino Médio Incompleto” foi a resposta de 12 pessoas, o que compõe 16% do total. Em seguida, o “Ensino Fundamental Completo” foi citado por 11% (oito cortadores). Já as respostas de “Ensino Médio Completo”, “Semianalfabeto” e “Analfabeto”, representam 5% da pesquisa cada um (quatro cortadores).

Thomaz Junior (2012) cita a falta de estudos como uma característica que acaba por definir o futuro destes jovens, que não têm alternativa a não ser migrar:

Primeiro que eles nem conseguem finalizar o Ensino Fundamental. Quando conseguem finalizar o Ensino Fundamental e vão para o Ensino Médio, eles não conseguem concluir o Ensino Médio. Quando conseguem concluir o Ensino Médio, eles estão aptos, por exemplo, para trabalhar em atividades que o setor público atua diretamente pela via da subcontratação, como o caso dos consórcios que estão envolvidos na construção de hidroelétricas, portos, aeroportos, estradas, etc. [...]. (THOMAZ JUNIOR, 2012)

Thomaz Junior (2012) complementa seu pensamento neste caso ao dizer que a própria população migrante com pouca escolaridade já estabeleceu o corte de cana como opção de trabalho, assim como as usinas já aceitaram essas pessoas como trabalhadores produtivos, desconsiderando seu grau de instrução.

É o caso de Geraldo dos Santos (2012), de 44 anos, considerado analfabeto. Ele afirma que seu maior sonho era ter tido uma formação, mas que esse objetivo não foi possível em função da falta de apoio do pai, que incentivou os filhos a trabalharem na roça desde a infância.

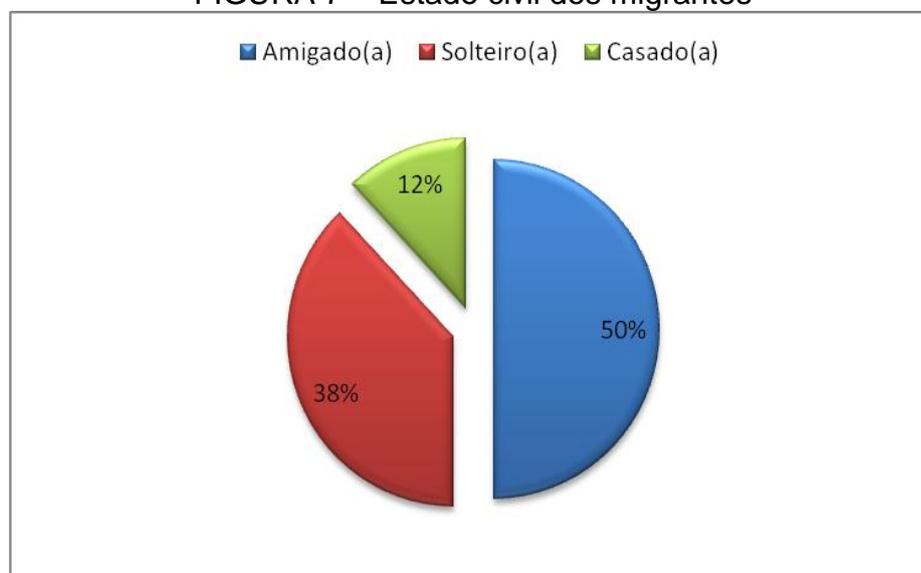
Eu vou falar a verdade, eu penso um pouco meio alto. Eu só tenho uma coisa que eu tenho inveja nesse mundo, que eu não tenho vergonha de falar e falo dentro ônibus pra qualquer um, é o estudo que eu não tenho. Isso aí que eu falo pra eles [...] muitos têm estudo e não aproveitou. (SANTOS, G., 2012)

Santos (G., 2012) reside em Tarabai há 17 anos com sua esposa Lázara Santos, também cortadora de cana. Durante os três primeiros anos de migração permaneceu na cidade devido à insistência do irmão, que já residia em Tarabai e o apoiou. Nesse período, trabalhou fazendo bicos, vendendo leite na rua e também como ajudante de pedreiro, até que foi contratado pela usina Alvorada, localizada em Santo Anastácio e, logo depois, pela usina Cocal. (SANTOS, G., 2012)

José Nery Macedo da Silva (2012) também lamenta a pouca escolaridade ao afirmar que “[...] corte de cana é a gente que tem que fazer o salário da gente. Não tem profissão, não tem nada. E a gente procurando outro serviço, tem muito serviço lá que não tem profissão e com uma profissõzinha é melhor.”

Na próxima figura, serão apresentados os atuais estados civis dos migrantes que residem em Tarabai.

FIGURA 7 – Estado civil dos migrantes



Fonte: Pesquisa de Campo

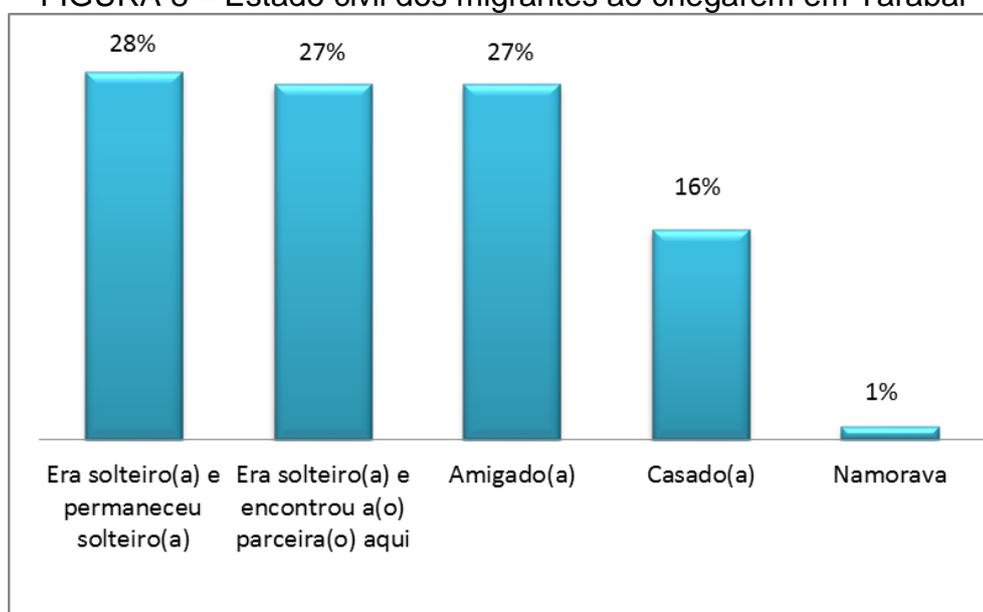
Acerca do estado civil dos entrevistados, os pesquisadores puderam constatar que 50% dos migrantes (37 pessoas) são considerados “amigados”, ou seja, moram com a(o) parceira(o), mas não são casados oficialmente. Os solteiros também se destacam nas respostas de 28 entrevistados, com 38%. Já o estado civil

de “casado(a)” compreende 12%, representados por nove trabalhadores. As opções de “divorciado(a)” e “viúvo(a)” não foram mencionadas pelos entrevistados.

Vale destacar que, durante a pesquisa de campo, foi possível verificar que a condição de estar amigado(a) já representa a condição de casado(a) para muitos deles. Além disso, apenas um entrevistado alegou ser casado no civil e também no religioso.

Com o objetivo de verificar se a migração interferiu nos relacionamentos afetivos, os 74 entrevistados foram questionados sobre o estado civil ao chegarem em Tarabai.

FIGURA 8 – Estado civil dos migrantes ao chegarem em Tarabai



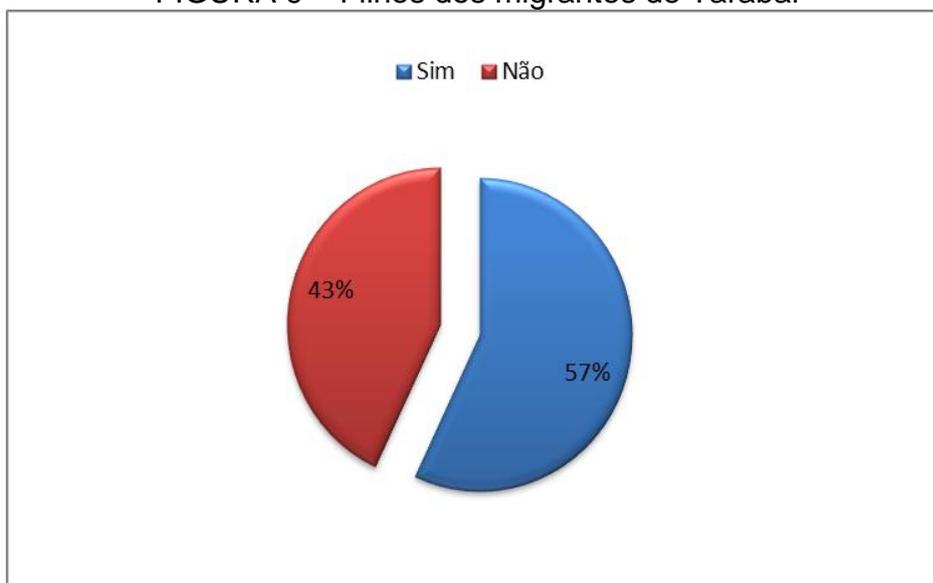
Fonte: Pesquisa de Campo

Os formulários apontaram que 28% (21 sujeitos) não responderam à questão porque chegaram solteiros à cidade e permaneceram com o mesmo estado civil. Em contrapartida, as opções “era solteiro(a) e encontrou a(o) parceira(o) aqui” e “amigado(a)” correspondem a 27% cada, que foram as respostas de 40 pessoas no total. Outros 16% (12 sujeitos) afirmaram terem sido casados na época em que vieram trabalhar em Tarabai. Por fim, um entrevistado declarou que namorava na época (1%).

Afirma-se então, que 20 pessoas, das 74, constituíram relacionamento amoroso com homens e mulheres também residentes de Tarabai, incluindo, outros migrantes ou tarabaenses.

Os pesquisadores perceberam ainda, como já foi dito, que a condição de amigado tem grande força entre os migrantes alojados no município paulista, muitas vezes, gerando filhos ou, então, adotando o(a) filho(a) do parceiro, o que será retratado na próxima figura.

FIGURA 9 – Filhos dos migrantes de Tarabai



Fonte: Pesquisa de Campo

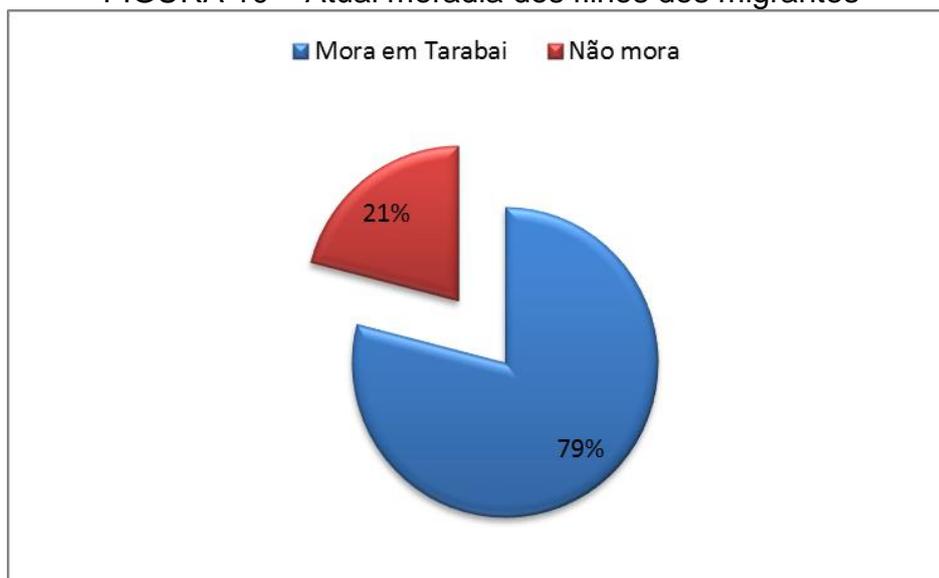
Entre os aspectos relacionados ao estado civil do migrante, o formulário questionou os entrevistados a respeito da geração dos filhos. A pesquisa apontou que 57% (42 entrevistados) alegaram ter filhos legítimos. Diferentemente dos outros 43% (32 entrevistados) que responderam não ter nenhum filho do mesmo sangue. Dos que possuem filho biológico, ou seja, dos 42 entrevistados, 43% (18 sujeitos) têm apenas um filho(a).

O destaque nesta questão foi um entrevistado que possui oito filhos legítimos morando na mesma casa. Uma grande quantidade se comparada às outras famílias.

Nesta variável, vale lembrar que 73 entrevistados (99%) responderam não ter filhos enteados. Enquanto que, dentro dos 57% que têm filhos legítimos, apenas uma trabalhadora disse possuir também dois filhos não biológicos, o que representa 1% dos pesquisados.

Após 57% dos entrevistados terem respondido possuir filhos, a figura 10 complementa com a informação sobre a localização dos descendentes desses migrantes.

FIGURA 10 – Atual moradia dos filhos dos migrantes



Fonte: Pesquisa de Campo

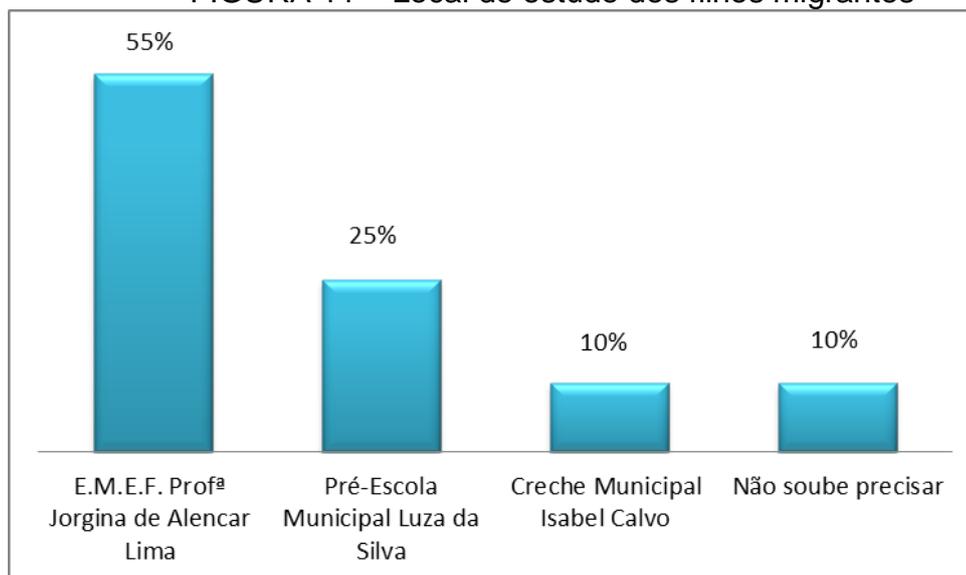
A respeito da convivência entre migrantes e seus filhos, o formulário demonstrou que, dos filhos legítimos dos entrevistados, 79% (33 sujeitos) residem em Tarabai. Os outros 21% (nove sujeitos) responderam que os filhos moram em outros locais. Destas nove pessoas, quatro citaram Itacarambi (MG), Palmeirais (PI) e o estado de Alagoas como localização dos filhos. Este último não soube responder o nome da cidade alagoana.

Conclui-se que grande parte dos filhos de trabalhadores vive com os pais, podendo usufruir de serviços que o município oferece, como escolas, projetos sociais e postos de saúde.

Marinete Alves dos Santos (2012) é uma das migrantes entrevistadas que trouxe os filhos para morar com ela em Tarabai. “[...] eu trouxe os meus quatro filhos, eu não ia deixar eles lá sozinho, sem proteção nenhuma. Se eu saísse de lá, quem é que ia cuidar de meus filhos? Então eu resolvi trazer.” (SANTOS, M., 2012)

A figura a seguir mostra quais são os locais de estudo dos filhos dos 33 entrevistados em Tarabai.

FIGURA 11 – Local de estudo dos filhos migrantes



Fonte: Pesquisa de Campo

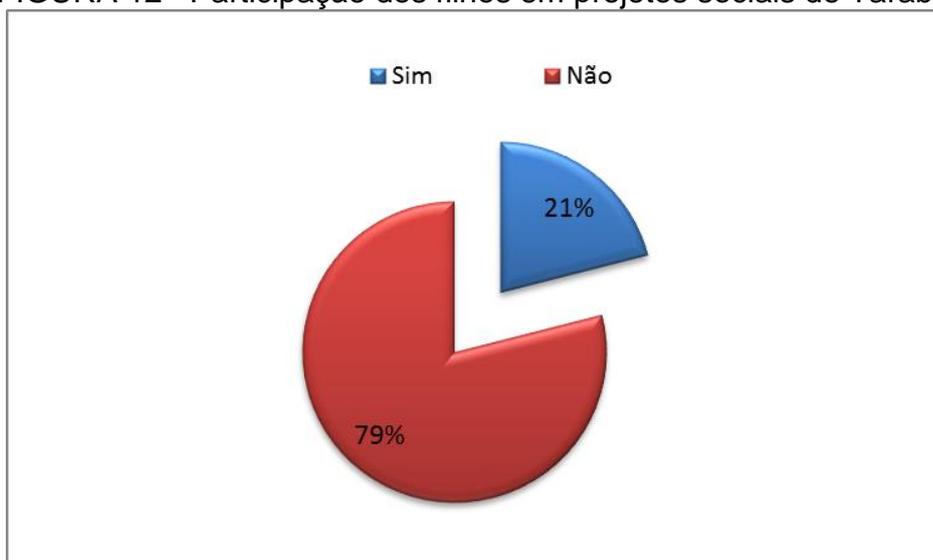
Constatou-se que dos 33 cortadores (78%) que residem com seus filhos em Tarabai, 61% (20 sujeitos) têm descendentes matriculados em alguma escola da cidade. A Escola Municipal Ensino Fundamental Professora Jorgina de Alencar Lima atende 55% (11 sujeitos) dos filhos matriculados.

A Pré-Escola Municipal Luza da Silva foi citada por 25% (cinco sujeitos) na pesquisa. A Creche Municipal Isabel Calvo abriga apenas dois descendentes dos migrantes, com 10%, e os outros dois entrevistados (10%) não souberam dizer o nome das escolas em que os filhos estudam. Percebe-se que 39% (13 sujeitos) dos cortadores não inscreveram seus filhos em nenhuma das unidades educacionais devido a fatores como: maioria dos descendentes, idade menor do que a estipulada para frequentar a escola e alguns migrantes deixam as crianças com parentes em detrimento de matriculá-las em creches.

Outra percepção dos pesquisadores durante a aplicação dos formulários foi a confusão que os pais demonstraram em conversas com os entrevistados. Ao terem contato com o formulário, eles se sentiam confusos com a nomeação das escolas e creches. Muitas das vezes eram as próprias crianças que informavam aos pesquisadores os locais onde estão matriculadas.

Pelos formulários foi possível saber se os filhos dos migrantes que residem no município participam de projetos sociais. Os resultados estão evidenciados na figura 12.

FIGURA 12– Participação dos filhos em projetos sociais de Tarabai



Fonte: Pesquisa de Campo

Sobre a participação dos filhos dos 33 migrantes em projetos sociais, a figura acima apresenta que 21% (sete entrevistados) responderam que seus descendentes participam de projetos sociais.

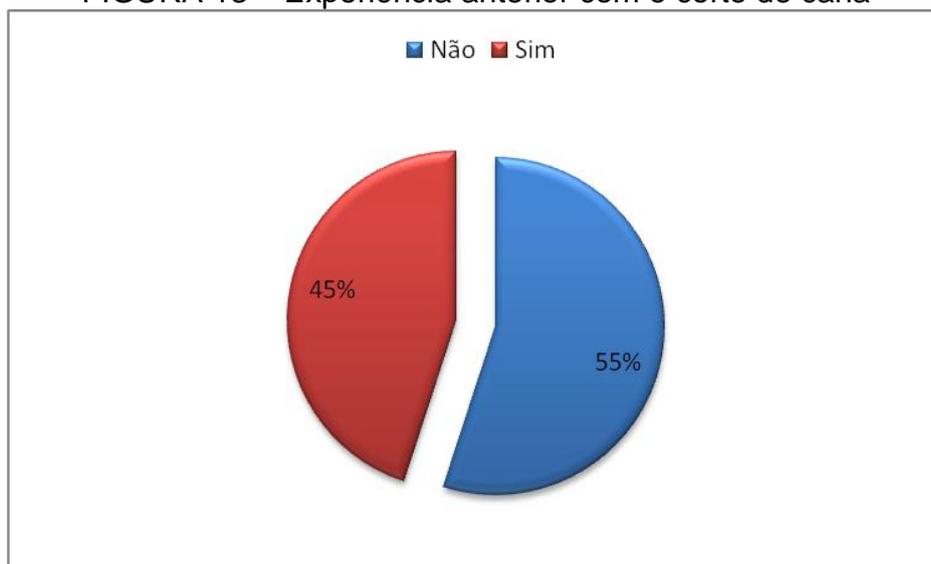
No entanto, 79% (26 trabalhadores) deram respostas negativas. Aos que estão envolvidos, os projetos mais citados foram a Escolinha de Futebol (43%) e o Projeto Guri (43%), com três respostas cada. Ambos os projetos, Futuro Verde (14%) e Espaço Amigo (14%) foram mencionados apenas por uma pessoa.

Considera-se que, nessa questão, os entrevistados puderam fornecer mais de uma resposta de acordo com o número de participações de cada um. Assim tem-se: três crianças que participam da Escolinha de Futebol; uma que frequenta o Futuro Verde, dois no Projeto Guri e um no Projeto Guri e Espaço Amigo.

Quanto à participação de todos, apenas um entrevistado disse que a família inteira participa de atividades disponibilizadas pelo município. Este fato pode ocorrer devido a fatores como o desconhecimento sobre a existência destes programas, à falta de tempo para procurar repartições públicas em busca destes benefícios - a carga horária do corte (8h) ocupa grande parte do dia dos entrevistados -, entre outros.

Após delinear o perfil do sujeito cortador com dados pessoais, o formulário abrangeu questionamentos referentes à migração. O primeiro deles buscou verificar a experiência do migrante no corte de cana-de-açúcar (figura 13).

FIGURA 13 – Experiência anterior com o corte de cana



Fonte: Pesquisa de Campo

A primeira conclusão derivada das perguntas referentes ao corte de cana é que para trabalhar em usinas nem sempre é necessário ter experiência anterior com a atividade. Dos 74 entrevistados, 55% (41 sujeitos) não tinham prática com o corte de cana antes de migrar para Tarabai. Outros 45% (33 sujeitos), já haviam trabalhado em alguma usina anteriormente.

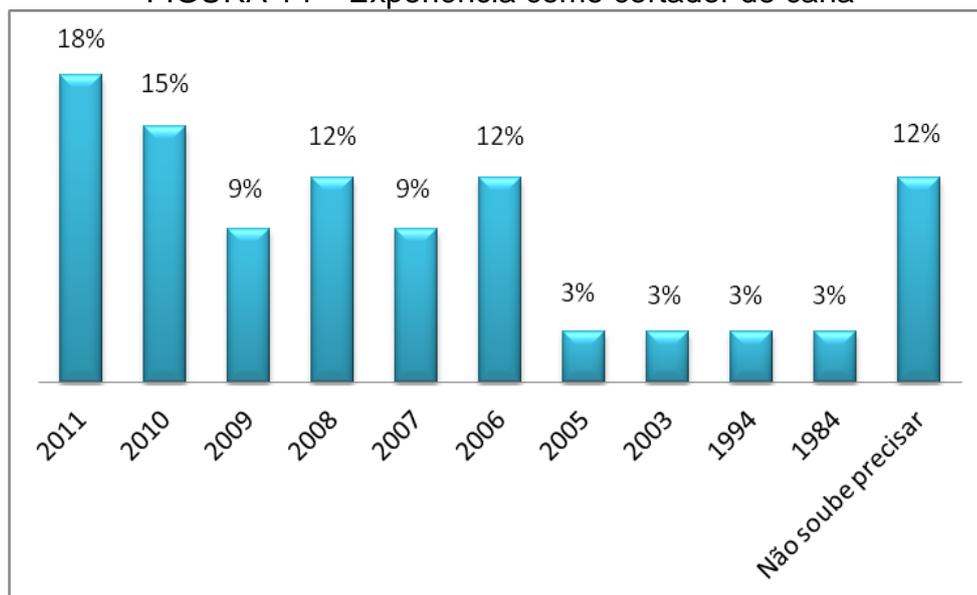
O alagoano Geraldo dos Santos (2012) migrou para Tarabai em 1995, com o objetivo de ganhar mais dinheiro, como ajudante de pedreiro, durante um ano e meio. O convite para entrar em uma usina veio com o tempo, por meio de amigos. “[...] o trabalho é pesado, mas compensa, porque ganha mais.” (SANTOS, G., 2012)

E foi por meio da atual ocupação que Santos (G., 2012) conquistou algumas melhorias:

Eu consegui bastante coisa aqui. Coisa que eu nunca conseguiria no Norte, eu tô conseguindo aqui. Porque raramente esse gadinho que vocês tão vendo aqui, lá raramente eu conseguiria. Mesmo que eu pudesse trabalhar num serviço bom do jeito que for. Terra nós tem pra criar, mas eu não tinha condição de comprar esse tanto de gado que tem aí hoje. E consegui comprar esse gado trabalhando nas cana.

Ao serem questionados sobre a experiência anterior, os 33 entrevistados com experiência no corte responderam quais foram os anos em que trabalharam pela primeira vez na área. Os resultados são apresentados na figura 14.

FIGURA 14 – Experiência como cortador de cana



Fonte: Pesquisa de Campo

Entre os que já obtiveram experiência com o trabalho canavieiro, ou seja, 33 trabalhadores do total de sujeitos, a maior parcela teve início em 2011, totalizando 18%, (seis respostas). O ano de 2010 representou 15% dos trabalhadores nesta variável, ou seja, cinco afirmações.

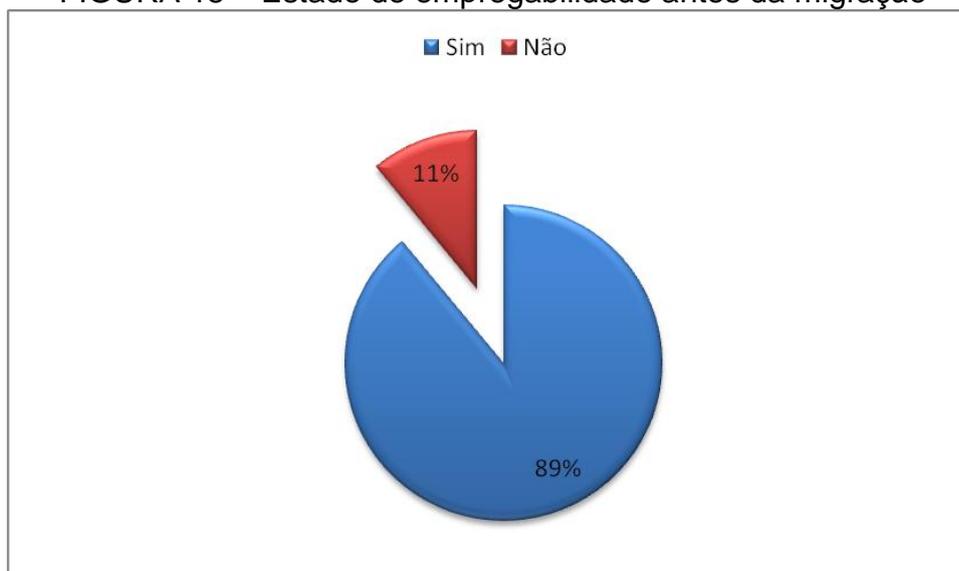
Os anos de 2008 (12%) e 2006 (12%) foram citados por quatro pessoas cada um. Com três respostas cada, aparecem 2007 (9%) e 2009 (9%). Em 1984 (3%), 1994 (3%), 2003 (3%) e 2005 (3%), foi registrado apenas um trabalhador em cada ano. Os outros quatro sujeitos (12%) não se recordaram o ano em que tiveram experiência como cortadores.

Antônio Carlos de Oliveira Lima (2012) relata ter tido o primeiro contato com o corte de cana em 2008, na cidade de Pradópolis (SP). No ano seguinte, retornou para Coroatá (MA) e em 2011 foi convidado para vir trabalhar em Tarabai pelo seu irmão Francisco de Oliveira Lima que está na cidade desde 2009.

Outro exemplo é Geraldo dos Santos (2012), que trabalha como cortador de cana desde 1994, porém em usinas diferentes.

A seguir, a figura 15 mostra quantos migrantes estavam empregados antes de virem atuar no corte de cana no interior paulista.

FIGURA 15 – Estado de empregabilidade antes da migração



Fonte: Pesquisa de Campo

A pesquisa constatou que 89% (66 sujeitos) tinham algum emprego anteriormente. Outros 11% (oito sujeitos) se encontravam na situação de desempregados.

Percebe-se que grande parte dos migrantes entrevistados abandonou o trabalho para apostar no corte de cana-de-açúcar no Oeste Paulista. Sobre este assunto, Thomaz Junior (2012) conta que dificilmente a opção de migrar surge como uma aventura para estes trabalhadores:

[...] na minha compreensão, esses trabalhadores estão migrando não para completar uma satisfação pessoal deles. Eles estão migrando porque pressupõe que onde eles vivem não estão conseguindo extrair o que precisam para viver. [...] Esses trabalhadores migram e se deslocam de uma região para outra, enfrentando todas as barreiras sociais, políticas, econômicas, imposições, cobranças, controles, uma série de coisas para atender o quê? Para atender a uma demanda do capital. (THOMAZ JUNIOR, 2012)

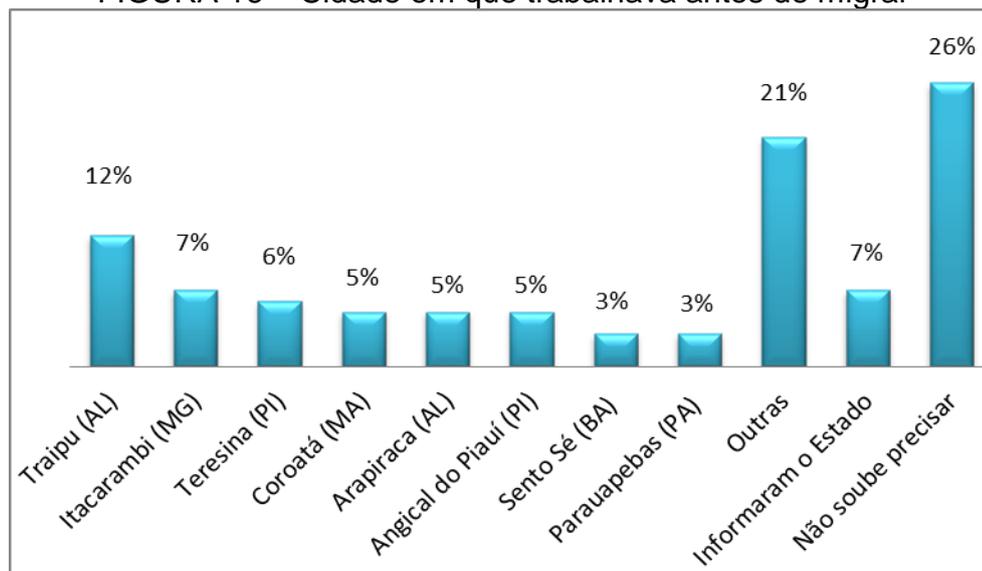
Em entrevista, o cortador José Nery Macedo da Silva (2012), de 23 anos, relata que veio atuar como cortador de cana no Oeste Paulista pela primeira vez em junho de 2008, para ganhar mais dinheiro do que ganhava trabalhando na roça com o pai em Angical do Piauí (PI). “[...] a gente pretende ganhar um dinheiro rápido e aqui para nós, ganhar um dinheiro rápido cortando cana é mais fácil.” (SILVA, J., 2012)

Além dele, o rapaz afirma que na segunda migração a Tarabai, ocorrida no início de 2012, trouxe o irmão Nerisvaldo Macedo da Silva, de 19 anos, que havia

acabado de concluir o Ensino Médio e já estava apto a trabalhar em usina. (SILVA, J., 2012)

Com base nas respostas positivas sobre o trabalho antes da migração, os cortadores foram questionados sobre o último local onde trabalharam, como apresenta a figura 16.

FIGURA 16 – Cidade em que trabalhava antes de migrar



Fonte: Pesquisa de Campo

Pelas respostas constatou-se que 12% dos entrevistados (oito pessoas) prestavam algum serviço na cidade de Traipu (AL). Cinco migrantes (7%) trabalhavam em Itacarambi (MG). Teresina (PI) foi citada por quatro cortadores, o que representa 6% na pesquisa. Os municípios de Coroatá (MA), Arapiraca (AL) e Angical do Piauí (PI) totalizaram 5% cada, o que equivale a três respostas para cada localização. Com duas respostas foram apontadas as cidades de Sento Sé (BA), com 3% e Parauapebas (PA), também com 3%.

Nota-se também que outras cidades como Ribeirão Preto (SP), Junqueiro (AL), Araraquara (SP), Campestre (MG), Ipirá (BA), Palmeirais (PI), Paulo Ramos (MA), Uberaba (MG), Altos (PI), Chapada do Norte (MG), Belém (PA), Bom Conselho (PE), Recife (PE) e Brasília (DF), juntas, representam no total 21% dos entrevistados pelos formulários, com uma resposta cada.

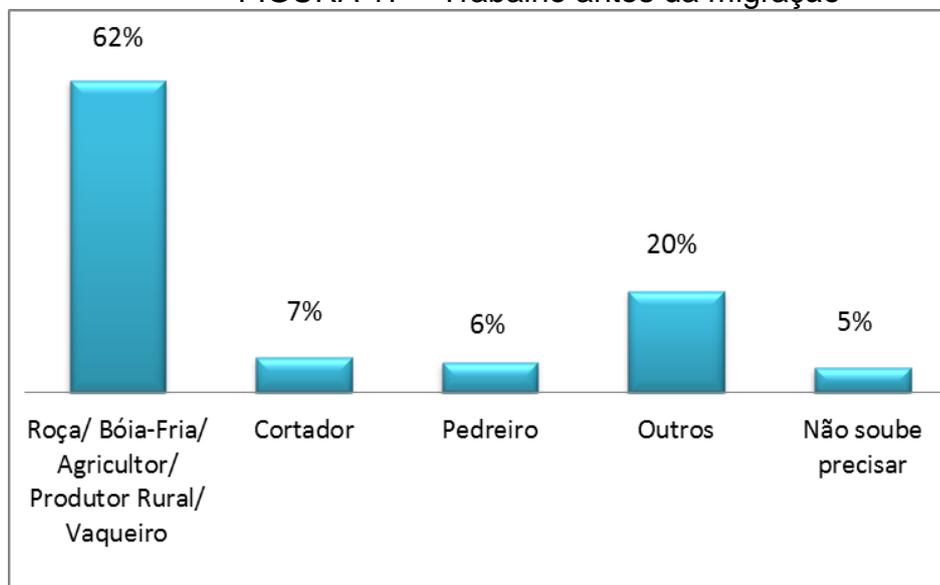
Além disso, alguns entrevistados não informaram a cidade onde estavam empregados, mas citaram os estados. As respostas foram Alagoas (três sujeitos), com 5%; Maranhão (um sujeito), com 1% e Pará (um sujeito), também com 1%.

Outros 17 (26%) cortadores não souberam responder a localização onde trabalhavam antes da migração.

Após a apresentação dos dados, as respostas foram agrupadas de acordo com cada estado indicado nos formulários para facilitar o entendimento. Desta forma temos: Alagoas (23%), com 15 respostas; Piauí (14%), com nove respostas; Minas Gerais (12%), com oito respostas; Maranhão (8%), com cinco respostas; Pará (6%), com quatro respostas; Bahia (4%), com três respostas; São Paulo (3%) e Pernambuco (3%), com duas respostas cada e Distrito Federal (1%), com uma resposta. Lembrando que, do total de 66 sujeitos que estavam empregados antes de migrar, 17 (26%) não souberam precisar o último local onde exerceram o trabalho. Esses dados demonstram que a maior parte dos cortadores deixou o emprego no Nordeste para vir para o Sudeste do país.

Dos 66 sujeitos (89%) que afirmaram estarem trabalhando antes de migrar, a maior parcela demonstrou relação com o trabalho rural, como nota-se pela figura 17.

FIGURA 17 – Trabalho antes da migração



Fonte: Pesquisa de Campo

As categorias mais citadas foram “trabalho com roça” (19 sujeitos), “bóia-fria” (13 sujeitos), “agricultor” (seis sujeitos), “produtor rural” (dois sujeitos) e “vaqueiro” (um sujeito). Juntas, elas representam 62% das respostas (41 sujeitos).

Em seguida, aparece atividade de “cortador”, que representa 7% (cinco sujeitos) e “pedreiro”, com 6% (quatro sujeitos).

As demais funções citadas cada uma apenas por um dos migrantes foram “construção civil”, “eletricista”, “entregador”, “feirante”, “funcionário público”, “jardineiro”, “mecânico”, “pasteleiro”, “pescador”, “salgadeira”, “serralheiro”, “serviço geral” e “vendedor”. Juntas, somam 20% (13 sujeitos) dos entrevistados. Outros três sujeitos (5%) não souberam precisar a função antes de migrar.

Desta forma, o grupo concluiu que não há um emprego específico que incentive a migração. O que se verifica de acordo com os dados, é a relação que muitos destes trabalhadores migrantes têm com a terra.

José Nery Macedo da Silva (2012) confirma esta premissa ao falar sobre como era a sua vida em Angical do Piauí (PI):

O jeito de trabalhar era com roça, plantando arroz, fava, feijão, abóbora, jerimum e tudo. Aí foi indo, sempre no começo é muita dificuldade, mas depois vai indo e melhora. [...] dava muito legume e tudo, aí vendia um pouquinho de um, de outro, mas sempre ficava pra gente comer à vontade. (SILVA J., 2012)

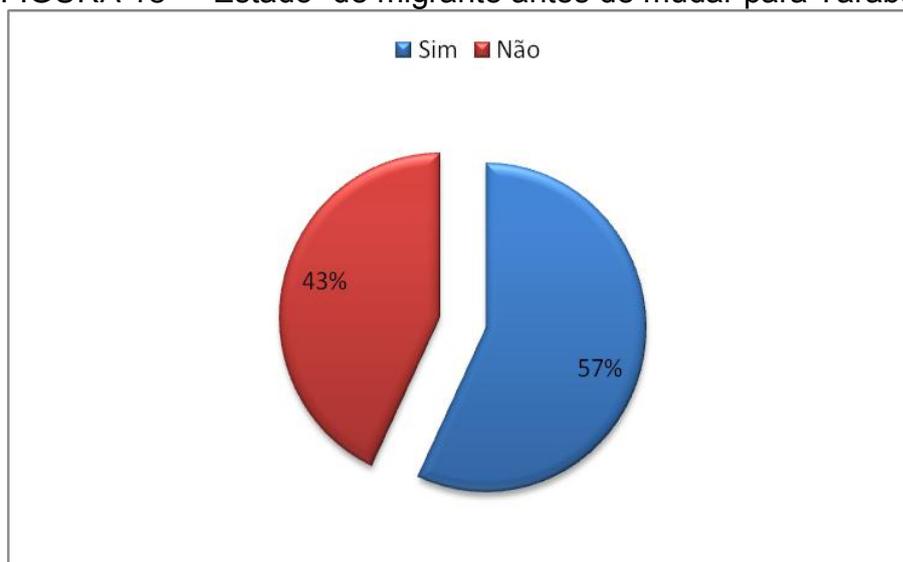
Sobre a natureza do migrante, Thomaz Junior (2012) explica:

[...] se são pequenos produtores, se são posseiros, se são arrendatários, enfim, que mantêm algum tipo de relação precária com a propriedade da terra, mas que eles ainda estão vinculados com a terra. Eles produzem o que consomem e que poderiam ter contado com uma sobra para vender, auferir renda. Eles migram porque há problemas nisso, eles não conseguem se manter [...].

Silva (J., 2012) relata ainda que o mês de julho era a melhor época para se colher legume, o que era benéfico à família. “Papai toda vez que dava muito ele vendia e, se desse pra comprar uma coisa ele comprava. E se não desse, ficava com o dinheirinho quieto ajuntando.”

Para aprofundar mais a observação acerca do fenômeno migratório, os entrevistados responderam pelo formulário se já haviam saído de sua cidade de origem alguma vez para trabalhar, agindo assim, como migrante. A figura 18 apresenta as respostas.

FIGURA 18 – “Estado” de migrante antes de mudar para Tarabai



Fonte: Pesquisa de Campo

Quando questionados sobre seu histórico de migração, 57% dos entrevistados (42 pessoas) admitiram que deixaram suas cidades em busca de trabalho pela primeira vez ao vir para Tarabai. Os outros 43% (32 pessoas) já migraram por mais vezes, por algum motivo.

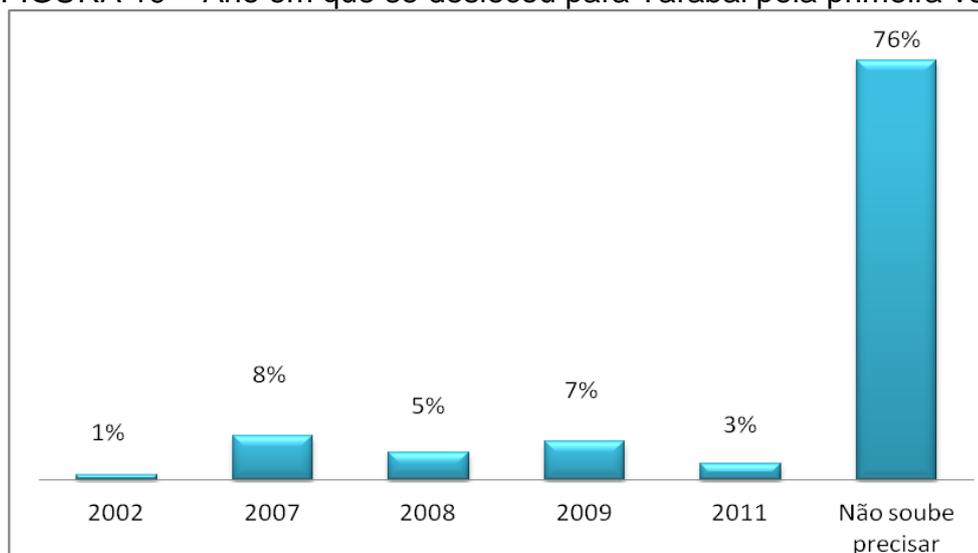
Os maiores números de ausência da cidade de origem apurados pelos formulários foram de dois cortadores, um migrou por 12 vezes e o outro já deslocou-se por dez vezes. Os demais entrevistados responderam que já migraram duas (seis sujeitos); três (nove sujeitos); quatro (oito sujeitos); cinco (três sujeitos); seis (um sujeito) ou sete vezes (um sujeito). Enquanto outros dois sujeitos não souberam precisar o número de vezes que deixaram suas cidades.

Este estado de constante migração por parte dos cortadores é evidenciado por José Nery Macedo da Silva (2012). Ele afirma que na primeira vez que saiu de sua cidade, em 2008, percorreu quase 50 quilômetros até Jaborandi, no estado de São Paulo, onde permaneceu por dois meses e, em seguida, se dirigiu para Tarabai. (SILVA, J., 2012)

Além disso, ele assegura que a maior parte dos migrantes, principalmente os mais jovens, sai de suas cidades em busca de “dinheiro rápido”, trabalha o quanto consegue no corte de cana e no final da safra a usina faz o “acerto” e eles voltam para seus locais de origem para comprar aquilo que desejam. (SILVA, J., 2012)

A figura 19 apresenta os anos em que os cortadores de cana migraram para as cidades em questão, Tarabai.

FIGURA 19 – Ano em que se deslocou para Tarabai pela primeira vez



Fonte: Pesquisa de Campo

Dos 74 entrevistados que responderam ao formulário, 56 (76%) não souberam dizer quando foi a primeira vez que vieram a Tarabai. Apenas um sujeito (1%) disse ter vindo à cidade no ano de 2002; 8% (seis sujeitos) vieram em 2007; 5% (quatro sujeitos) migraram em 2008; 7% (cinco sujeitos) deslocaram-se em 2009 e 3% (dois sujeitos) chegaram em 2011.

Considerando os 32 cortadores que alegaram ter migrado mais de uma vez em busca de trabalho, dez deles (31%) responderam que vieram pela segunda vez para cidade e dois (6%) alegaram ter vindo pela terceira vez. Vinte sujeitos (63%) não souberam responder a pergunta e alegaram, em conversas com os pesquisadores, que não se recordavam da quantidade em função do grande número de vezes que já se alojaram em Tarabai.

A respeito do período em que a cidade mais recebeu cortadores de outras regiões, entende-se que o número de migrantes aumentou conforme a demanda de trabalho no Oeste Paulista, pois, sobre esse período de fortalecimento do sistema migratório na região, Thomaz Junior (2012) explica que:

[...] é a partir de 2005 que essa atividade econômica ganha destaque nessa região. E ganha destaque não somente pela implantação de novas empresas, inclusive da migração para esse canto do mundo de novos grupos empresariais como é o caso da Odebrecht, como é o caso da Umoe. Mas, sobretudo, o que eu quero destacar é que essas empresas [...] se deslocam para cá porque vislumbraram não somente condições favoráveis para reprodução dos seus capitais, ou seja, ter retorno dos seus investimentos como regra geral para qualquer empresário. Mas eles tiveram, creio eu, [...] uma forte inclinação para o retorno mais fácil dos investimentos.

Além disso, os arrendamentos das terras proporcionam resultados satisfatórios no Pontal do Paranapanema, como apontado pelo autor. Destaca-se o “[...] acesso fácil à água, seja água superficial, seja água de aquífero.” (THOMAZ JUNIOR, 2012)

Dos trabalhadores entrevistados no videodocumentário, José Nery Macedo da Silva (2012) foi incentivado pelo primo a vir atuar como cortador de cana na região, o que aconteceu em 2008. Em 2011, Antônio Carlos de Oliveira Lima (2012) chegava ao município para atuar no corte manual.

Quando questionados sobre como ocorreram as viagens a Tarabai, os migrantes ressaltam a distância como principal motivo de incomodação.

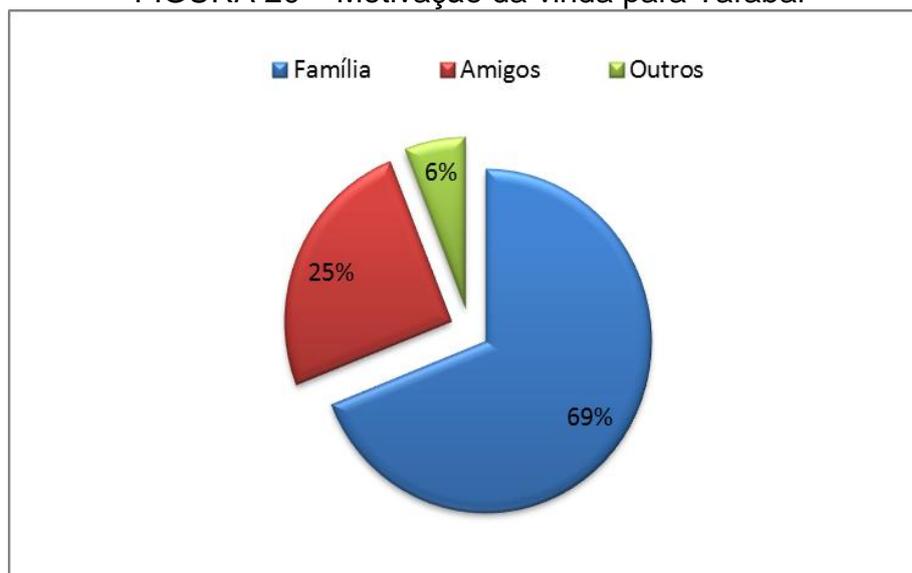
Quando eu vim de lá pra cá, o ônibus era de empresa. Foi três dias com três noites de lá pra cá. Meus pés inchou muito. Quando chegou em Aparecida do Norte eu falei: - Graças à Deus, chegou! Ele falou: - Não, chegamos ainda não, ainda tem uma temporada pra chegar em São Paulo, e de São Paulo pra lá ainda é mais um dia de viagem. Aí eu pensei e falei: - Meu Deus do céu! Nunca mais eu vejo minha mãe e meu pai! Pense num lugar! Pensei: É longe demais moço! Aí ele falou bem assim: é longe, não é em São Paulo, é interior de São Paulo. (SANTOS, G., 2012)

Marinete Alves dos Santos (2012) aponta a incerteza do desconhecido como o que mais lhe afligiu:

Veio foi muita gente dentro do ônibus, o ônibus veio cheio de gente. Então, com tanto medo, meu Deus do céu, de dar um desastre no meio da estrada! Vim me pelando de medo. Chovendo, trovoada, o relâmpago chegava meio que trançava e eu: - Ô meu Jesus! Vamos morrer dentro do ônibus! A menina: - Não, calma que nós não morre não. Então vamos fazer fé em Deus. Vamos botar fé em Deus que vai dar tudo certo.

Um fator decisivo no fenômeno da migração é a influência que alguns grupos têm na decisão do trabalhador de abandonar ou não sua cidade de origem. Essa realidade é retratada pela figura 20.

FIGURA 20 – Motivação da vinda para Tarabai



Fonte: Pesquisa de Campo

Dos 74 entrevistados, 48 (65%) afirmaram terem sido motivados por alguém a vir para Tarabai. Destes 48, 33 (69%) alegaram persuasão por parte da família, 12 trabalhadores (25%) foram induzidos pelos amigos e a opção “outros” representou 6% na pesquisa, resposta de três pessoas.

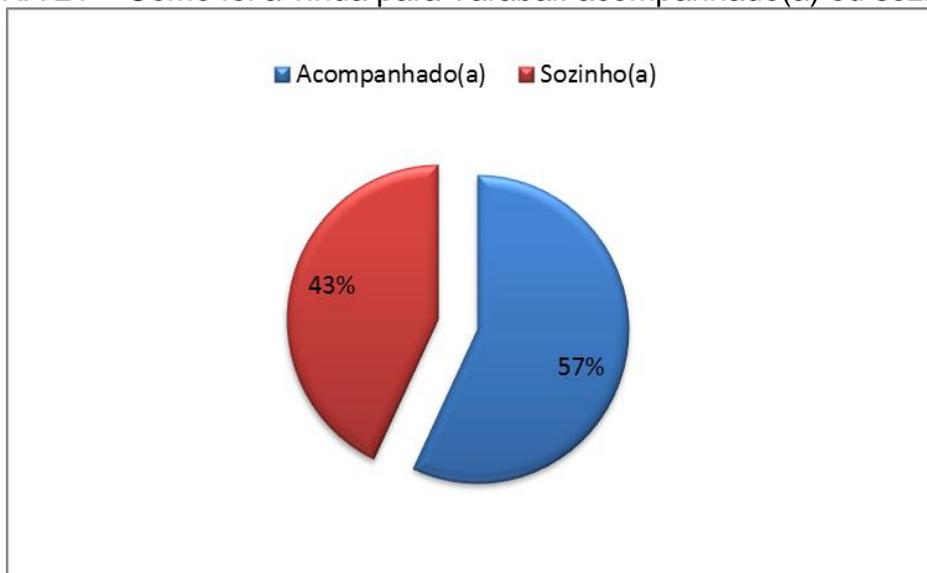
O caso dos entrevistados que responderam ter sofrido influência da família para sair de seus estados de origem, pode ser elucidado pela história de Antônio Carlos de Oliveira Lima (2012), cortador de cana há dois anos. “[...] o que me segura aqui é o serviço pra mim dar o sustento dos meus filhos. É por isso que eu tô ficando aqui na cidade de Tarabai.”

Mas o cortador José Nery Macedo da Silva (2012) revela que nem sempre é preciso a intervenção direta de um amigo ou familiar para convencer o trabalhador a migrar. “[...] a gente não convence eles a vir. A gente fala o jeito daqui. A gente fala o dinheiro que a gente ganha. Aí se interessa de vir. Aí pergunta quando vem e se tem como vir com a gente, [...] Eles vêm pela própria vontade.” (SILVA, J., 2012)

Com base neste exemplo, pode-se concluir que a experiência e o testemunho de parentes e amigos que já são migrantes desperta em outros trabalhadores o desejo de alcançar as mesmas conquistas.

Ainda sobre a migração, o formulário questionou se, durante a mudança para Tarabai, os trabalhadores vêm acompanhados ou sozinhos. As respostas estão evidenciadas na figura 21.

FIGURA 21 – Como foi a vinda para Tarabai: acompanhado(a) ou sozinho(a)



Fonte: Pesquisa de Campo

Quarenta e dois (57%) deles responderam que se mudaram na companhia de familiares ou amigos. Os outros 32 (43%) vieram sozinhos. Considerando que esse número envolve migrantes solteiros, casados e amigados, como foi apresentado na figura 6.

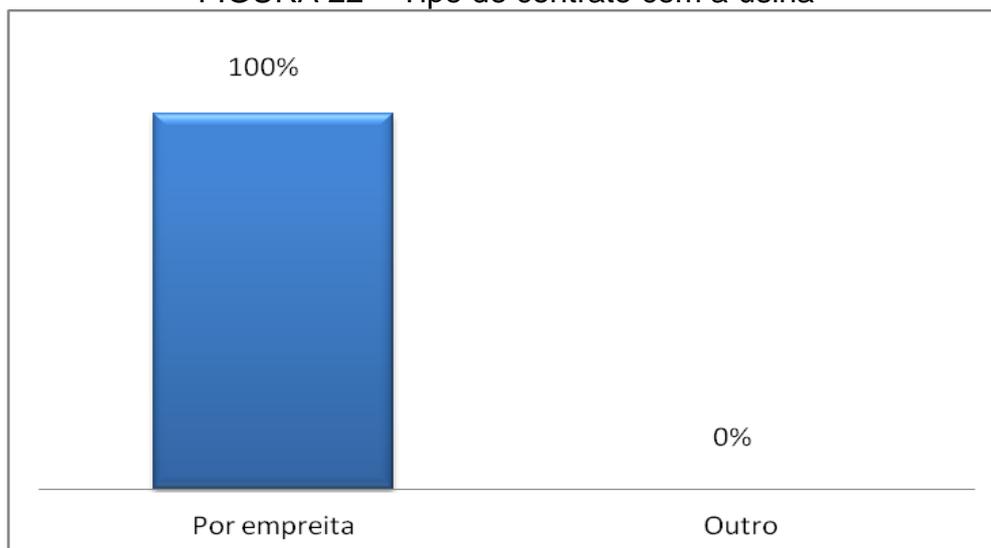
Com base nos dados apresentados e no aprofundamento das informações por meio de entrevistas realizadas, é possível perceber que muitos dos migrantes que não trazem a família no momento de mudança o fazem ou pela falta de interesse em fixar raízes na cidade de destino, geralmente os jovens solteiros; ou pela falta de dinheiro, no caso de trabalhadores casados que já constituíram família.

Antônio Carlos de Oliveira Lima (2012) conta que deixou a família em Coroatá (MA) porque ainda não tinha condições financeiras. “Os filhos tudo pequeno, estudando, cinco filhos, não tinha como trazer para outra cidade. Aí eu trabalhava, mandava dinheiro para ela e aí eles ficaram trabalhando em roça, quebrando côco [...]” (LIMA, 2012)

O coroatense explica que trabalhou por um ano com o objetivo de trazê-los para Tarabai. “[...] juntei o dinheiro, deposei. Já tinha arrumado uma casa e mandei chamar a família e hoje estão aqui, junto comigo.” (LIMA, 2012)

Ainda dentro da segunda parte do formulário, buscando estudar os aspectos referentes à migração, perguntas foram elaboradas para compreender a relação entre o migrante e o trabalho prestado, considerando as usinas em questão, Cocal e Umoe Bioenergy.

FIGURA 22 – Tipo de contrato com a usina



Fonte: Pesquisa de Campo

A respeito do registro de trabalho estabelecido entre usina e cortadores, o projeto acadêmico constatou que 100% dos entrevistados trabalham por contratos anuais feitos pelas empresas, ou seja, por empreita/safrista.

Em ambas as usinas abordadas na pesquisa, o trabalho no corte é realizado por um período da safra. Ou seja, a cada início de ano, novos contratos são firmados ou renovados<sup>27</sup>.

Porém, Novaes (2007) afirma que o cortador de cana é refém desse tipo de contrato, na qual possui tempo determinado para atuação. Desta maneira, o trabalhador se vê na situação de produzir para conseguir o mesmo emprego na próxima safra. Caso contrário, poderá ser substituído por outro funcionário.

Rubens Germano (2012), presidente do sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Venceslau, explica que o contrato safrista não garante ao trabalhador o aviso prévio, o seguro desemprego, nem os 40% de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), assegurados legalmente. Mas aponta que a extinção desse tipo de contrato foi o motivo de muitas brigas entre os próprios migrantes e os sindicatos, em função destes manterem o hábito de pedir demissão ao final de cada safra para retornar aos locais de origem. As usinas, por sua vez, ao firmarem os contratos por prazo indeterminado, se negavam a dar a dispensa aos mesmos. (GERMANO,

<sup>27</sup> “Há dois tipos de contrato garantidos por lei: o contrato por prazo indeterminado e o contrato por prazo determinado. O primeiro ocorre quando o empregador efetiva o funcionário, quando há o registro em carteira. O segundo corresponde ao chamado ‘contrato de experiência’, que pode durar de 30 a 90 dias ou o período da safra para o setor canavieiro (contrato safrista), estendendo-se por até dois anos, data limite para que o contrato passe a ser indeterminado.” (CREMONEZI, 2012)

2012)

Ainda de acordo com Germano (2012), atualmente, a maioria dos contratos de usinas é por prazo indeterminado, mas ainda existem acordos verbais entre empresas e migrantes, assegurando o descarte de cortadores no final de cada safra.

A figura 23 aponta a quantidade de horas que o migrante trabalha segundo as respostas dos entrevistados.

FIGURA 23 – Horas trabalhadas de segunda a sexta



Fonte: Pesquisa de Campo

Quando questionados sobre as horas trabalhadas, todos os entrevistados declararam que trabalham de segunda a sábado. Aos domingos e feriados eles não têm expediente previsto em contrato, mas foi percebido por meio de conversas com os cortadores que, se um deles quiser trabalhar neste período para aumentar sua renda mensal, é autorizado.

Os dados mostram que 94% dos entrevistados (70 sujeitos) afirmaram cumprir oito horas de trabalho por dia, durante a semana. Sete e nove horas foram os valores apontados por quatro trabalhadores, com 3% cada opção.

Sobre a carga horária referente aos sábados, 70% (52 sujeitos) responderam cumprir oito horas e apenas um disse cumprir nove horas. Outros 16% (12 sujeitos) disseram prestar serviço por sete horas e 12% (nove sujeitos) cumprem seis horas.

É possível perceber divergências nas respostas referentes às horas, devido à localização do canavial. Quando localizado em lugares mais distantes, os

trabalhadores demoram mais tempo para chegar a Tarabai, o que pode causar confusão com relação à jornada de trabalho exigido.

Segundo Cremonezi (2012), essa dúvida com relação à distância do canavial é normal, já que a localização pode variar. No entanto, o presidente do sindicato afirma que os trabalhadores do corte têm direitos quando se trata das horas extras, baseados no acordo coletivo entre empregados e empregadores. “Dentro de uma hora, por exemplo, meia hora pra ir e meia hora pra voltar, [...] passa a ser hora extraordinária. Aí aplica-se o artigo 58 da CLT, como hora extraordinária.” (CREMONEZI, 2012)

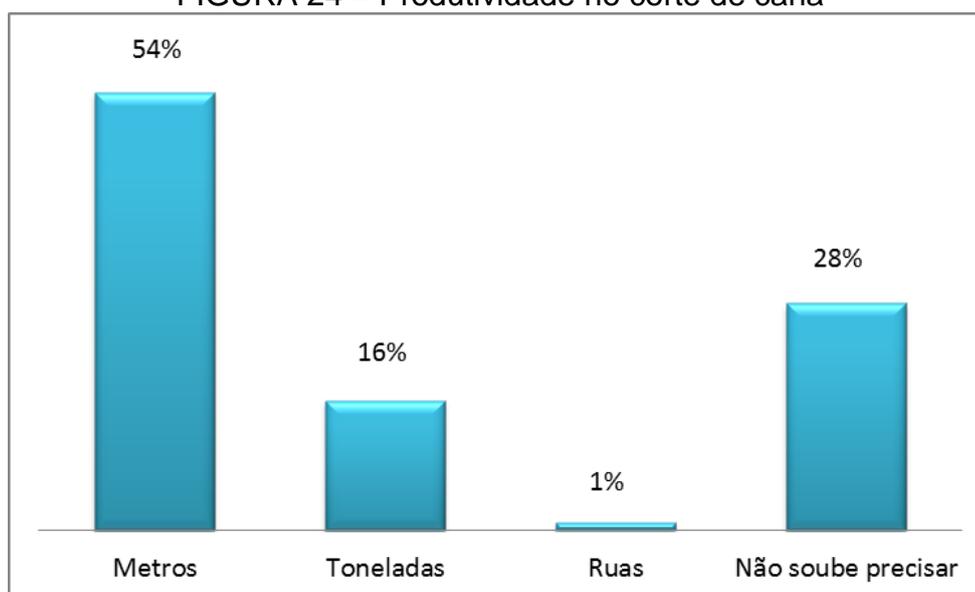
Ou seja, o cortador trabalha oito horas por dia, sendo incluso a este período o horário de almoço e de locomoção até o canavial. Mas quando o tempo percorrido até a roça ultrapassa meia hora, tanto na ida, quanto na volta, passa a ser calculada a hora extra a ser paga pela empresa.

Ainda conforme Cremonezi (2012) é proibido por lei que o cortador de cana trabalhe mais que nove horas, o que poderia ocasionar excesso de esforço físico, fadiga e outros problemas.

Para Germano (2012), quanto mais tempo o cortador permanece no corte, mais problemas de saúde desenvolve, “[...] como ele vende a força de trabalho, aquilo que ele vende começa a dar problema. A empresa começa a descartar e descarta mesmo [...].”

A respeito do código estabelecido entre os trabalhadores para definir a produtividade individual diária e seus respectivos pagamentos, a pesquisa constatou que o tipo de medida do corte conhecido pelos entrevistados é bem diversificado, como mostra a figura 24.

FIGURA 24 – Produtividade no corte de cana



Fonte: Pesquisa de Campo

De acordo com Novaes (2009), o corte de cana é um trabalho considerado solitário, já que a produtividade individual é um desafio diário. O ganho nas usinas é determinado pela metragem, peso e também pelo tipo de cana cortada.

No momento de aplicação do piloto, verificou-se que não seria possível estabelecer a produtividade individual dos cortadores porque cada um se referia a ela de uma maneira, por isso a questão foi adaptada para o tipo aberta. Dessa forma, foram registradas diferentes medidas. Quarenta sujeitos (54%) responderam a produção em metros; 16% (12 sujeitos) afirmaram fazer o controle por toneladas e, apenas 1% (um sujeito) por ruas. Os outros 28% (21 sujeitos) não souberam precisar a sua produtividade.

Essa divergência na quantidade cortada por dia de expediente se deve à falta de controle efetivo por parte dos migrantes com relação ao quanto trabalham, como afirma o cortador José Nery Macedo da Silva (2012) referindo-se aos fiscais:

[...] eles usam o compasso, o compasso é dois metros. [...] Aí ele pega um total de oito e vai soltando. Às vezes, deixa 100 metros, cento e poucos metros para cada e vai tirando, aí que, às vezes, a gente não sabe quantos metros. Quando ele solta a gente não sabe o total de metros. Quando a gente corta aquilo tudo o medidor vem com compasso e mede, aí leva, põe na folha tudinho, manda para a usina, aí a usina manda o pirulito. Pirulito é o que tem o total de metros e o valor da cana, se é trinta, quarenta centavos [...]. (SILVA, J., 2012)

Durante conversas com os entrevistados, foi possível perceber que a

medição depende da confiança do cortador, pois a pesagem da cana não é feita em uma balança, o fiscal faz os cálculos por meio da observação e informa o valor ao trabalhador. O resultado são quantidades discrepantes apresentadas pelos entrevistados. Por exemplo, um dos cortadores respondeu que corta 400 toneladas, enquanto que outros informaram que sua produtividade é de oito a 20 toneladas. Já os valores em metragem variam de 50 a até três mil metros.

Portanto, percebe-se a falta de conhecimento dos cortadores com relação à própria produtividade, visto que para fazer o controle efetivo do quanto corta, o funcionário precisa realizar as pesagens, o que demanda tempo. Germano (2012) afirma que a única forma de fiscalização direta acontece durante as visitas do sindicato às empresas, oportunidade para fazer a pesagem teste.

[...] nós trabalhamos com preço de tonelada, R\$ 4,80 hoje uma tonelada de cana. Agora, como ele corta por metro, [...] aí o metro de cana está variando de 15 a 40 centavos. Quanto mais a cana é pesada, mais valor tem o metro. Quando há dúvida, aí faz o quê? Pega o caminhão de cana em cinco ruas e enche o caminhão. Mede quantos metros ele levou. Pesa o caminhão, divide quantos metros tem e quantos metros deu. Aí você vai achar quantos quilos dá por metro de cana, é o preço da tonelada. É a forma que a gente encontra para fiscalizar. (GERMANO, 2012)

Cremonesi (2012) relata que o valor cobrado pela cana varia de usina para usina. No entanto, existe o piso salarial que é de R\$ 730 reais.

Sobre o aumento do salário base, Germano (2012) assegura que as empresas sempre demonstraram resistência, utilizando o mesmo argumento: o ganho por produtividade, que, segundo as usinas, é uma oportunidade de o cortador aumentar a renda.

Acerca disso, o sindicalista critica:

[...] se o preço não está bom vai na operação tartaruga. Porque se ele não ganhar bem, minimamente ele garantiu a diária dele. Se nós avançar no piso, que é uma reivindicação do cortador de cana - um salário justo; ele vai descobrir que não tem mais necessidade de se matar, que pode trabalhar com um trabalho justo e ganhar justo. (GERMANO, 2012)

Em depoimento, José Nery Macedo da Silva (2012) relata que se a produção for boa, um cortador pode tirar por mês em torno de R\$ 1.300 a R\$1.500 reais. “[...] dependendo da gente e a gente aguenta o serviço, tem capacidade de ganhar o dinheiro mais rápido [...]” (SILVA, J., 2012)

O irmão, Nerisvaldo Macedo da Silva (2012), de 19 anos, alega que já chegou a receber R\$ 1.650 reais.

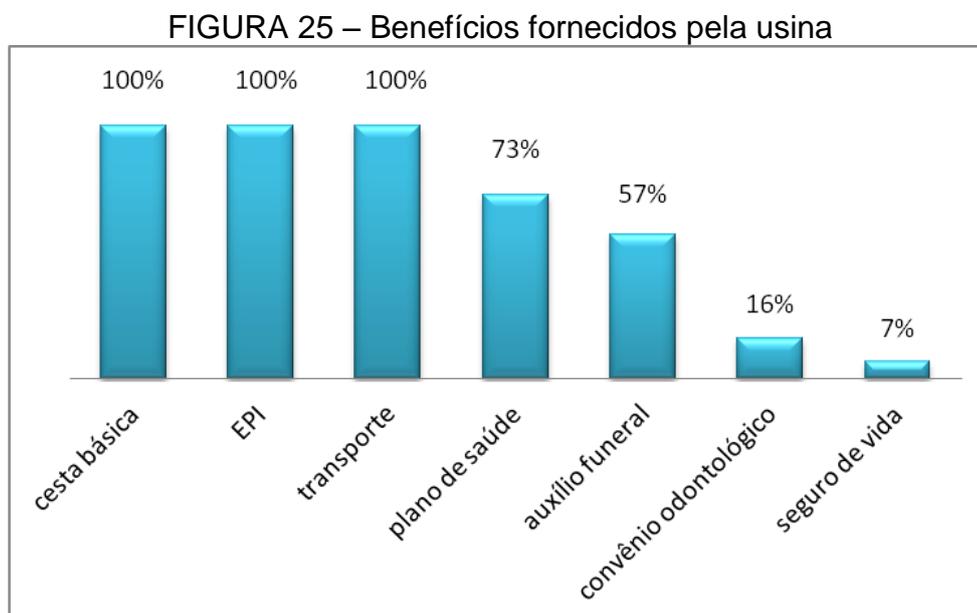
Já Geraldo dos Santos (2012) afirma auferir o mesmo valor que José Nery Macedo da Silva, trabalhando pela Cocal. “A média depende do que a gente ganha. Porque quanto mais a gente trabalhar, [...] ganha mais. Então nesses cinco meses que eu já to lá, ta saindo média para mim de R\$ 1.500 reais livre. Fora o desconto bruto. Assim vai sair uns 1.700 reais [...]” (SANTOS, G., 2012)

Antonio Cardoso da Silva (2012), de 27 anos, declara que sua produção já alcançou os R\$ 2.100 reais, enquanto Ricardo Ferreira dos Santos (2012), 26 anos, já ganhou R\$ 2.040 reais.

Ainda sobre a renda mensal, Antônio Carlos de Oliveira Lima (2012) declara ter dez irmãos que moram na cidade de origem e recebem R\$ 20 reais por dia trabalhando com roça, enquanto ele consegue ganhar a média de R\$ 1.200 reais por mês, o que equivale a uma diária de aproximadamente R\$ 44 reais, o dobro da auferida pelos irmãos. (LIMA, 2012)

O mesmo ocorre com Marinete Alves da Silva (2012), responsável pela renda de cinco pessoas da sua família, a trabalhadora afirma tirar por mês a média de R\$ 1.200 reais.

Com o objetivo de verificar os benefícios oferecidos pelas usinas, o formulário abordou itens referentes às necessidades básicas dos trabalhadores, como demonstra a figura 25.



Fonte: Pesquisa de Campo

Baseado nos direitos trabalhistas fornecidos pelas usinas, constatou-se que “cesta básica”, “equipamento de proteção individual (EPI)” e “transporte” foram citados em 100% das respostas.

Em seguida, com 73% das respostas (54 sujeitos), aparece o “plano de saúde”. Nesta categoria, apenas 4% (dois sujeitos) são da usina Cocal, os demais 96% (52 sujeitos) pertencem à Umoe.

A opção “auxílio funeral” representa 57% das respostas (42 pessoas). Deste valor, a usina Cocal representa 9% (quatro sujeitos), enquanto que 90% (32 sujeitos) são funcionários da Umoe.

O plano de “convênio odontológico” foi apontado por 12 trabalhadores (16%), deste total, 92% (11 sujeitos) fazem parte da Umoe, e os outros 8% (um sujeito) são da Cocal. A alternativa “seguro de vida” foi mencionada por 7% dos cortadores (cinco pessoas). Deste valor, 80% (quatro sujeitos) prestam serviço para Cocal e 20% (um sujeito) trabalham na Umoe.

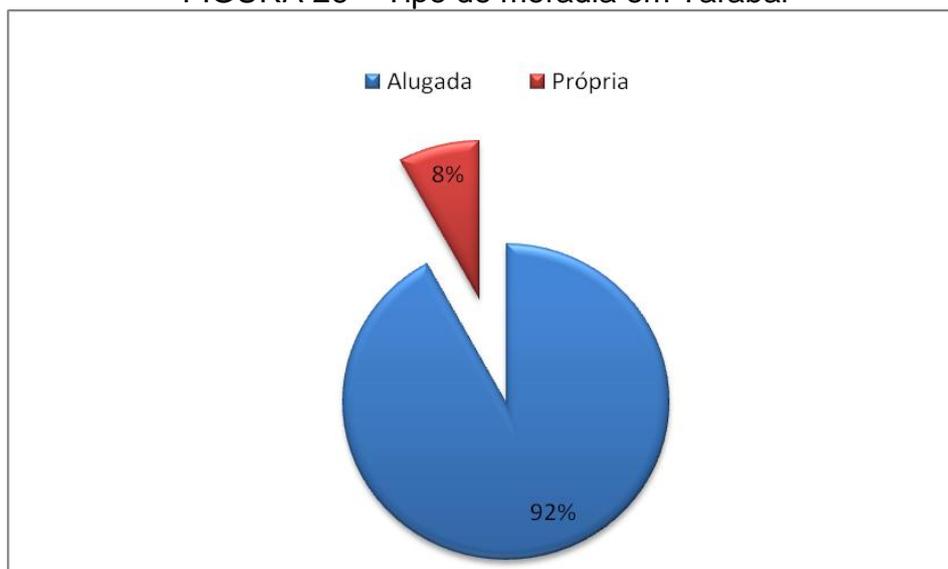
Com base nesses resultados, é possível perceber que ambas as usinas oferecem benefícios ao trabalhador. Porém, considera-se que alguns desses auxílios, são obrigações do empregador asseguradas por lei, como é o caso das opções: cesta básica, EPI e transporte.

Além destes, Cremonesi (2012) cita também o registro profissional como obrigação do empregador, já que esse documento contribui para fatores referentes ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e ao seguro de vida, auxiliando o trabalhador em caso de falecimento e/ou acidente de trabalho.

Sobre as condições de recebimento dos direitos citados, Geraldo dos Santos (2012) atesta que “[...] o ônibus não espera por ninguém. Tá no ponto vai, se não tiver, fica. Aí se você ficar, você já perdeu o seu domingo. Tem lugar aí que você já perdeu a sua cesta básica.”

Após levantar os dados pessoais e informações sobre a migração dos pesquisados, o formulário questionou sobre a vida do migrante na rotina de Tarabai. A primeira pergunta revelou o tipo de moradia dos cortadores na cidade e os resultados são apresentados na figura 26.

FIGURA 26 – Tipo de moradia em Tarabai



Fonte: Pesquisa de Campo

Por meio da pesquisa foi possível perceber que, em Tarabai, 92% (68 pessoas) dos migrantes residem em casas alugadas e apenas 8% dos indivíduos já possuem casa própria na cidade, o que representa seis respostas.

Com base nos dados coletados por meio do formulário, de observações, de pesquisa de campo e entrevistas em profundidade, pode-se concluir que a maioria dos migrantes não possui casa própria devido a fatores como a renda insuficiente para esta conquista e/ou a possível falta de interesse em fixar raízes na cidade de destino.

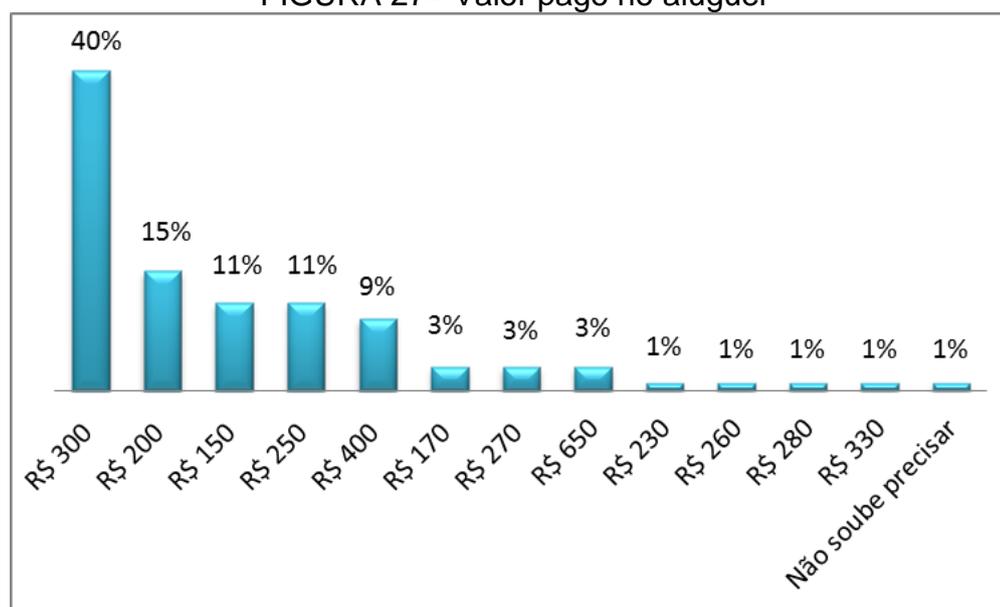
Ao contrário deste grupo, alguns cortadores se deparam com melhores condições de vida na nova localidade e acabam por se estabelecer no lugar de migração. É o caso de Geraldo dos Santos (2012), que mora em Tarabai há 18 anos, desde 1995, configurando-se como o mais antigo migrante que reside na cidade, de acordo com a pesquisa de campo realizada.

Ao longo desse período, o trabalhador da usina Cocal conseguiu construir duas casas, além de adquirir outros bens.

[...] eu consegui bastante coisa aqui. Coisa que eu nunca conseguiria no Norte, eu tô conseguindo aqui, porque raramente esse gadinho [...] eu conseguiria, mesmo que eu pudesse trabalhar num serviço bom do jeito que for. Terra nós tem pra criar, mas eu não tinha condição de comprar esse tanto de gado que tem aí hoje, e consegui comprar esse gado, trabalhando nas cana. (SANTOS, G., 2012)

A figura 27 revela qual é o valor do aluguel pago pelos migrantes.

FIGURA 27– Valor pago no aluguel



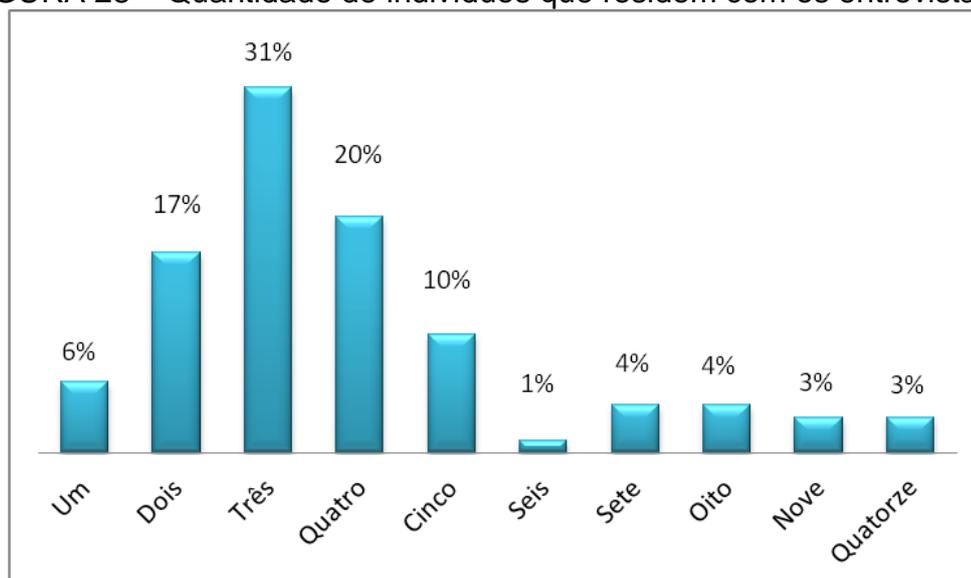
Fonte: Pesquisa de Campo

Ainda sobre a moradia do migrante, baseado nos 68 cortadores (92%) que vivem em residências locadas na cidade de Tarabai, a pesquisa avaliou os diferentes valores referentes ao aluguel das moradias. Por meio dessas informações foi possível definir que os entrevistados gastam entre R\$ 150 e R\$ 650, dependendo da localização e do número de cômodos de cada imóvel. O valor de R\$ 300, foi citado por 27 entrevistados (40%).

Em seguida, a opção de R\$ 200 foi mencionada por dez trabalhadores (15%). Em terceiro lugar aparecem alugueis de R\$ 150 e R\$ 250, respostas de sete cortadores (11%) para cada valor. Seis moradores (9%) pagam a quantia mensal de R\$ 400 pela casa em que vivem. Os valores de R\$ 170, R\$ 270 e R\$ 650 foram apontados por dois sujeitos (3%) cada. Já as quantias de R\$ 230, R\$ 260, R\$ 280 e R\$ 330 tiveram uma resposta (1%) cada. Um (1%) dos sujeitos não soube informar o valor pago nos alugueis.

A próxima figura mostra qual é a quantidade de indivíduos que residem com os 95% (70 sujeitos) entrevistados em uma mesma casa.

FIGURA 28 – Quantidade de indivíduos que residem com os entrevistados



Fonte: Pesquisa de Campo

Considerando os 74 migrantes entrevistados, 95% (70 sujeitos) declararam que moram com mais de uma pessoa. Para os que residem acompanhados, a quantidade de sujeitos varia de um a 14 integrantes e apenas quatro trabalhadores moram sozinhos (5%).

Constatou-se que quatro pessoas (6%) hospedam-se com um morador. Doze (17%) vivem com duas pessoas. Vinte e duas delas (31%) moram com três sujeitos; quatorze (20%) dividem a casa com outros quatro cortadores; sete (10%) residem com mais cinco trabalhadores.

Em sexto lugar aparece um entrevistado (1%) que mora com seis pessoas. Com três respostas (4%) cada, aparecem sujeitos que vivem com sete e oito pessoas. Também empatadas, surgem dois funcionários (3%) que moram com nove cortadores e dois (3%) que residem com quatorze.

Com base nestas informações e em conversas com os entrevistados, foi possível compreender que a união de sujeitos em uma mesma casa ocorre devido à oportunidade que eles têm de dividir o valor dos alugueis com os outros moradores (as), o que possibilita economizar o salário, como afirma o cortador José Nery Macedo da Silva (2012):

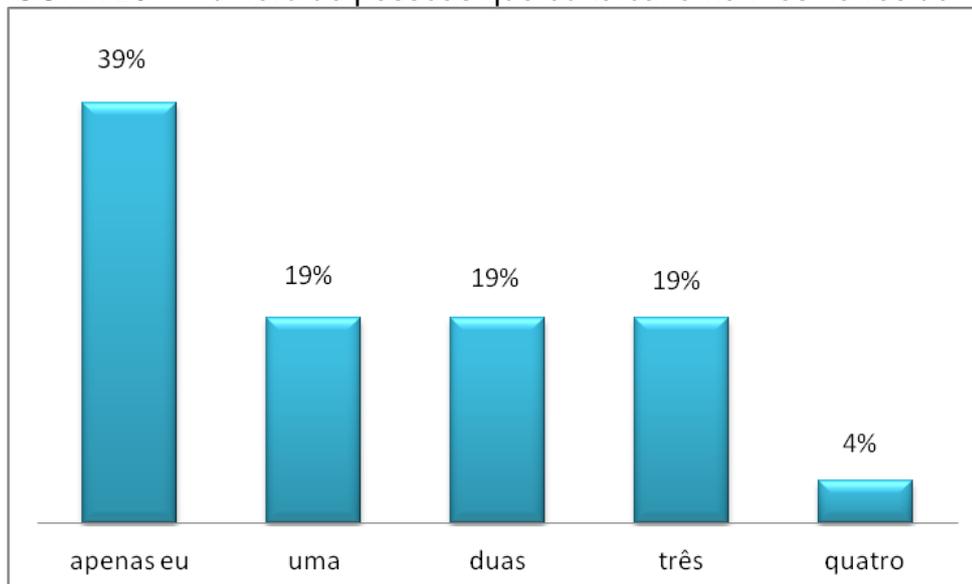
Numa pessoa só, o aluguel fica caro. Aí a gente já tinha uns conhecido. A gente também vem com gente da mesma cidade da gente, aí não vamos morar todo mundo junto. Chegando lá o aluguel também é caro e juntando em quatro, cinco. Já fica mais barato. (SILVA, J., 2012)

Essa contenção de gastos é necessária por que, segundo Germano (2012):

Os trabalhadores migrantes, eles vêm por conta. Pegou dinheiro emprestado, teve que alugar uma casa, teve que comprar um fogão véi, um colchão véi, pra montar uma estrutura mínima pra ficar na periferia. Ele já vem endividado e ficou mais endividado ainda. Se submete àquelas condições de trabalho pra pagar isso e arrumar dinheiro pra retornar ao trabalho, retornar ao seu local de origem. Isso traz vantagens pras usinas.

Com o objetivo de saber se os migrantes se agrupam na mesma casa com outros cortadores ou moram com a família, foi perguntado aos 95% que alegaram morar com uma ou mais pessoas, qual o número de sujeitos que corta cana na mesma residência. Os resultados são revelados na figura 29.

FIGURA 29 – Número de pessoas que corta cana na mesma residência



Fonte: Pesquisa de Campo

Os dados mostram que 39% (29 sujeitos) são os únicos a exercer a atividade de cortador. As opções “uma”, “duas” e “três” foram mencionadas por 19% cada (14 sujeitos). Três pessoas afirmaram que quatro outros moradores trabalham no corte, o que representa 4% na pesquisa.

Com base nas informações obtidas com a aplicação dos formulários e nas entrevistas realizadas, além da pesquisa de campo e da observação, foi possível perceber que o grupo de 39% (29 sujeitos), que afirmou ser o único a cortar cana dentro de uma mesma casa, corresponde aos trabalhadores que vieram para Tarabai ao lado da família ou constituíram-na aqui. Esse é o caso de Antônio Carlos

de Oliveira Lima, de Coroatá (MA), que migrou para Tarabai sozinho. Após economizar dinheiro trabalhando na usina, trouxe sua esposa, três filhos e um neto para residir com ele no município paulista. (LIMA, 2012)

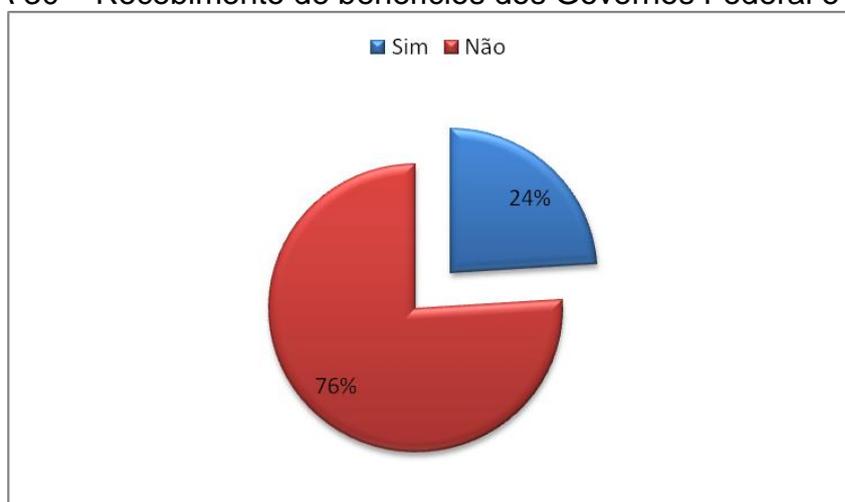
Os outros 45 sujeitos (61%) informaram residir com outros cortadores, representando o grupo de trabalhadores solteiros, que costumam migrar sozinhos e depois, em Tarabai, juntam-se em repúblicas. José Nery Macedo da Silva (2012) é um desses jovens. Ele conta que desenvolveu junto aos rapazes que residem com ele, uma divisão de tarefas referente à preparação das marmitas que levam para o trabalho. “[...] nós passa uma semana cada um fazendo a comida. Quem faz essa semana sempre acorda primeiro. Aí os outros só tem quando dá cinco horas, para ir para o ponto esperar o ônibus.” (SILVA, J., 2012)

Sobre a divisão de residências com outros migrantes, Rubens Germano (2012) alega que acontece também em função de outros interesses:

Aqui na nossa região de Presidente Prudente, os órgãos públicos ou o sindicato não identifica o migrante porque eles vêm por conta própria. Alugam casa, três, quatro pessoas e, para descaracterizar que eles são migrantes, traz alguém da família ou um primo e aí fica em família. Isso tenta driblar a fiscalização do Ministério do Trabalho, do Ministério Público, ou tenta driblar o próprio sindicato. Isso é bom pro capital, para a usina, mas fere os direitos dos trabalhadores. [...] porque a questão dele é retornar ao seu local de origem, não é ficar, então ele vive precariamente.

Com o objetivo de identificar se os migrantes recebem algum benefício financeiro do Governo Federal, os entrevistados foram questionados sobre a participação em programas sociais.

FIGURA 30 – Recebimento de benefícios dos Governos Federal e Estadual



Fonte: Pesquisa de Campo

Dos 74 trabalhadores, 24% (18 sujeitos) responderam que fazem parte de algum programa social. Outros 76% (56 sujeitos) afirmaram que não recebem benefício. Considerando os 24% (18 sujeitos) matriculados em programas sociais dos Governos Federal e Estadual, os benefícios citados foram: Fome Zero<sup>28</sup>, com 6% (um sujeito); Vale Leite<sup>29</sup>, com 22% (quatro sujeitos); Bolsa Família<sup>30</sup>, com 83% (15 sujeitos).

Para esta variável, o entrevistado tinha a opção de escolher mais de uma alternativa, por ser uma questão do tipo semiaberta. Por meio dos dados coletados e de conversas com os entrevistados, os pesquisadores perceberam a falta de conhecimento dos cortadores com relação à identificação dos benefícios recebidos. Foi verificado, ainda, que muitos deles sequer conheciam alguns dos programas sociais citados no formulário. O que justifica o fato de apenas um cortador (6%) ter

---

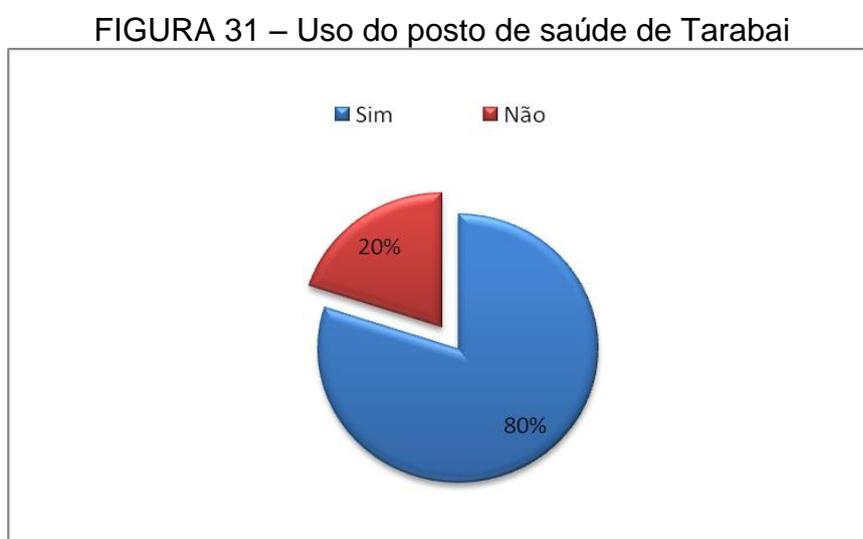
<sup>28</sup> Fome Zero é um programa que visa “assegurar o direito humano à alimentação adequada às pessoas com dificuldades de acesso aos alimentos.” É realizado com base em quatro frentes: “acesso aos alimentos, fortalecimento da agricultura familiar, geração de renda e articulação, mobilização e controle social.” O acesso aos alimentos ocorre por meio do Bolsa Família; alimentação escolar (PNAE); alimentos a grupos populacionais específicos; cisternas; restaurantes populares; bancos de alimentos; agricultura urbana/hortas comunitárias; sistema de vigilância alimentar e nutricional (Sisvan); distribuição de vitamina A (Vitamina A +); distribuição de ferro (Saúde de Ferro); alimentação e nutrição de povos indígenas; educação alimentar, nutricional e para consumo; alimentação saudável/promoção de hábitos saudáveis; alimentação do trabalhador (PAT) e desoneração da cesta básica de alimentos. O fortalecimento da agricultura familiar é realizado por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf); Garantia-safra; seguro da agricultura familiar e programa de aquisição de alimentos da agricultura familiar (PAA). A geração de renda é promovida com qualificação social e profissional; economia solidária e inclusão produtiva; Consórcio de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Local (Consad); organização produtiva de comunidades (Produzir); desenvolvimento de cooperativas de catadores e microcrédito produtivo orientado. Já a articulação, mobilização e controle social se dá com a Casa das Família, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS); mobilização social e educação cidadã; capacitação de agentes públicos e sociais; mutirões e doações; parcerias com empresas e entidades e controle social – conselhos da área social. (PORTAL..., [s.d.]

<sup>29</sup> Vale Leite – Atualmente é denominado Viva Leite. Este é um “[...] projeto social de distribuição gratuita de leite fluído, pasteurizado, com teor de gordura mínimo de 3%, enriquecido com ferro (aminoácido quelato) e Vitaminas A e D.” No interior do estado, o benefício é voltado para “Crianças de 6 meses a 6 anos e 11 meses de idade[...]”, em que as famílias tenham renda mensal de no máximo dois salários mínimos. (SEDS, [s.d.]

<sup>30</sup> Bolsa Família é um “programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza [...]”. É realizado com base em três frentes: “transferência de renda, condicionalidades e ações e programas complementares.” Apresenta cinco categorias de benefícios: “Benefício Básico (na valor de R\$ 70, concedidos apenas a famílias extremamente pobres, com renda per capita igual ou inferior a R\$ 70); Benefício Variável (no valor de R\$ 32, concedidos pela existência na família de crianças de zero a 15 anos, gestantes e/ou nutrizes – limitado a cinco benefícios por família); Benefício Variável Vinculado ao Adolescente (BVJ) (no valor de R\$ 38, concedidos pela existência na família de jovens entre 16 e 17 anos – limitado a dois jovens por família); Benefício Variável de Caráter Extraordinário (BVCE) (com valor calculado caso a caso, e concedido para famílias migradas de Programas Remanescentes ao PBF); e Benefício para Superação da Extrema Pobreza na Primeira Infância (BSP) (com valor correspondente ao necessário para que a todas as famílias beneficiárias do PBF – com crianças entre zero e seis anos – superem os R\$ 70,00 de renda mensal por pessoa).” (BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, [s.d.]

citado receber apenas o Vale Gás. De acordo com a assistente social, Silvia Aline Ferreira (2012), este auxílio que disponibiliza gás para as famílias foi um programa do Governo Federal, que em 2003 foi unificado, passando a ser chamado de Bolsa Família. “Então na verdade não houve a extinção, mas sim a junção de vários programas de transferência de renda: Bolsa Escola, Bolsa Alimentação e Programa Auxílio Gás/Vale.” (FERREIRA, 2012)

Além dos questionamentos sobre moradia, benefícios recebidos do governo, os pesquisadores também indagaram sobre o uso do posto de saúde municipal, o que está demonstrado na figura 31.



Fonte: Pesquisa de Campo

Com relação ao uso do sistema público de saúde, 15 sujeitos (20%) afirmaram que nunca utilizaram o posto de Tarabai, enquanto 59 cortadores (80%) declararam já ter frequentado a unidade. Dentre eles, 27 (46%) alegaram ter ido de uma a quatro vezes ao posto. Dezesete (29%) já recorreram ao sistema público de saúde mais de cinco vezes, sendo que um deles afirmou ter ido ao local por 50 vezes. Os 15 (25%) demais entrevistados não souberam responder quantas vezes precisaram do serviço.

Sobre o uso do posto de saúde pela população flutuante, a diretora da Divisão Municipal de Saúde de Tarabai, Marize Ocolati Vitale (2012) explica que os diagnósticos mais comuns são de origem odontológica ou gástrica, problemas derivados principalmente em razão do pouco acesso que os migrantes têm a esse serviço em suas cidades natais.

Além disso, Vitale (2012) conta que já presenciou complicações relacionadas ao trabalho do cortador, como a exaustão muscular, que pode culminar em desmaios, câimbras, hipotensão e cortes, estes últimos mais raros de testemunhar, devido ao fato de certos quadros serem encaminhados para unidades de saúde de outras cidades, mais próximas dos canaviais onde os problemas ocorrem.

Sobre a ocorrência de câimbras nos canaviais, Antonio Cardozo da Silva (2012), de 27 anos, natural de Paulo Ramos (MA), relata que primeiro surgem os sintomas, como dores e vômito. O cortador há seis anos, descreve uma das situações vivenciadas:

[...] semana retrasada, mais ou menos, eu senti bastante câimbra, não na roça. Lá eu senti um pouco do sintoma dela. Aí cheguei em casa, tomei banho. Já tava um pouco descansado, aí comecei a sentir câimbra também. Começou aqueles tombo levantar no corpo da gente. Aquilo levanta nas costas, nas costelas, nos braços, nas pernas. É muita dor no corpo da gente. Aí imediatamente pedi para a esposa ligar para a ambulância, ela ligou e fui parar na Santa Casa. Lá, tomei dois soro. (SILVA, A., 2012)

Ceccato (2012) explica que os maiores índices de atestados relacionados à saúde do trabalhador canavieiro são referentes aos problemas ortopédicos. Como exemplo, a profissional de saúde cita tendinites (inflamação do tendão), cervicalgias (dor no seguimento cervical da coluna) e as lombalgias (dor lombar decorrente da flexão). Todas são referentes aos movimentos que o cortador tem que fazer para golpear a cana e estão relacionadas ao alto nível de esforço físico. (CECCATO, 2012)

O cortador de 26 anos, Ricardo Ferreira dos Santos (2012), atua no setor há seis anos e veio de Itacarambi (MG) por duas vezes. Sobre essas complicações, o trabalhador assegura:

[...] dói o corpo da gente, dói tudo, negócio de corte de cana é dor muscular no corpo todo. É perna, braço, as costas da gente. E quando termina o dia a gente já tá cansado [...] Inclusive, esses dias mesmo eu tava com uma dor nas costas e ela vinha das costas até em cima. Isso acontece conforme o movimento do facão e a força física que a gente faz, aí a gente causa essas dores musculares [...]. (SANTOS, R., 2012)

Além dos problemas ortopédicos há também os respiratórios, como relata Ceccato (2012):

A nossa região é uma região seca, permanece por longo tempo com estiagens. Aí quando tem queima de cana associa à fuligem. A secura do ambiente aumenta mais ainda e essa fuligem que ele vai inalar, porque essa fuligem fica depositada no chão e como ele tem que ir lá no olho da cana para cortar, na hora que ele golpeia, aquela fumaça sobe, então ele inala isso.

Ceccato (2012), que desenvolveu uma pesquisa<sup>31</sup> sobre o efeito dos poluentes derivados pela queima da biomassa na qualidade de vida dos cortadores, afirma que a aspiração desses resíduos pode provocar problemas respiratórios, como alergias, irritações e rinites. “[...] ele vai espirrar, vai tossir, [...] o que ele não conseguir eliminar vai descer para a via aérea inferior e isso vai ser depositado nos pulmões.” (CECCATO, 2012)

O migrante Antonio Cardozo da Silva (2012) que deslocou-se por quatro vezes até Tarabai, confirma o problema. “[...] a gente espirra de vez em quando, acho que é por causa do ar. Tem muito pó, areia, venta muito também. Aí, às vezes, entope o nariz da gente com aquele bagaço e a gente espirra sim [...]” (SILVA, A., 2012)

Ricardo Ferreira dos Santos (2012) também aponta a fuligem como dificuldade do corte de cana, “[...] o pó da cana prejudica sim, ainda mais se for a cana caída. Conforme a gente se abaixa pra cortar ela, o rosto da gente vai no chão. Se for uma cana arrastada, aí conforme a gente abaixa pra cortar, na hora que bate vem o pó [...]”

Além disso, há os problemas ocasionados em função de acidentes de trabalho, como o ocorrido com Cicero Carlos Antônio de Oliveira (2012) que atua há 10 anos no setor da cana e já migrou cinco vezes para a cidade:

[...] eu tava com meu colega chamando no facão e bate na cana pra mim apodá ele, naquela pressa eu não vi o cipó. Daqui a pouco o facão avuô e eu caí por cima dele. [...] tinha outro ônibus lá e me levou na usina. De lá, pegou uma ambulância e me levou no hospital. Fiquei a faixa de 90 dias parado. Teve outro dia que eu trabalhei um dia e no outro dia precisava do trator. Aí eu fui pro campo de novo, só pra não fazer nada. [...] aí cheguei lá, não sei o que aconteceu, daqui a pouco eu senti a picada da cobra aqui na minha perna, mas aí também tava pertinho da usina. [...] chamei o ônibus, chamei o fiscal, aí cheguei na usina. Fiquei dois dias internado, quinze dias parado, e graças a Deus tô bom e graças a Deus teve uma oportunidade e agora tô na máquina, graças a Deus.

---

<sup>31</sup> Efeitos dos poluentes gerados pela queima de biomassa no transporte mucociliar nasal e percepção da qualidade de vida de cortadores de cana. Disponível em: [http://www4.fct.unesp.br/pos/fisioterapia/dissertacao/11/diss\\_aline-ferreira.pdf](http://www4.fct.unesp.br/pos/fisioterapia/dissertacao/11/diss_aline-ferreira.pdf).

Antônio Cardoso da Silva (2012) também se cortou durante o trabalho enquanto lavava o facão, “[...] cortei os dedo da mão esquerda, cortou nervo, cortou tendão e fui socorrido imediatamente. Foi feita a cirurgia e passei 60 dias afastado e voltei a trabalhar normal, estou trabalhando até hoje só que era em outra usina.”

Já Ricardo Ferreira dos Santos (2012), teve o ferimento agravado por erro médico:

Em 2006 eu acabei se cortando, aí fui para o posto para dar ponto. O médico foi, pegou o meu tendão e costurou junto do couro. Eu fiquei um bom tempo sem a perna melhorar, passando pelo médico e nada. Quando o médico descobriu, o tendão estava costurado, aí eu passei pela cirurgia. Fiquei andando quatro meses de muleta. Encostei pelo INSS e fiquei prejudicado por um bom tempo por conta disso. Daí, quando foi em 2010 aconteceu outro corte por riba do mesmo corte que eu tive.

Alguns migrantes alegam ainda que os problemas de saúde derivados do corte e o esforço físico diário causam a sensação de envelhecimento precoce. Santos, R. (2012) diz que começou a trabalhar em usinas em 2006, quando tinha 19 anos, e que com o passar do tempo, “[...] sente o corpo cansado, parece que a gente vai se desgastando mais [...].”

Acerca da exaustão, Antonio Cardozo da Silva (2012) relata:

Quando sair daqui, não quero mais corte de cana. Eu quero caçar outro serviço. Vou pro Maranhão, vou pra minha cidade, vou trabalhar de pedreiro mais meu irmão. Eu não quero voltar pro corte de cana mais não. É um serviço que a gente ganha bastante dinheiro, bastante não, um salário bom, mas acho que a gente se maltrata muito também. (SILVA, A., 2012)

Nerisvaldo Macedo da Silva (2012), cortador de cana há dez meses, cita ainda a presença dos entorpecentes na rotina dos cortadores.

[...] quando o sol tá quente é que eles usam mais ela, pra aguentar o sol. Eles aguentam o sol mais do que a gente. Quando o sol tá muito quente eles para o serviço até três e vinte da tarde. A gente para uma, uma e meia, porque a gente não aguenta. E eles, não, eles trabalham aí diretão [...] trabalha dobrado e ganha muito dinheiro, mais dinheiro do que eu eles ganha, por que eles aguenta mais tempo trabalhando no sol quente. (SILVA, N., 2012)

O sindicalista Rubens Germano (2012) confirma o fato:

Na nossa região é mais comum você encontrar no meio dos cortadores de cana a maconha. Isso de manhã você vai no ponto, aí os trabalhadores já

começam a usar na roça, aí ele chega e pega o eito da cana, entra pra dentro, você só vê a fumaça. [...] nem tem tanto a presença na nossa região do crack, tá localizado mais a questão da maconha. (GERMANO, 2012)

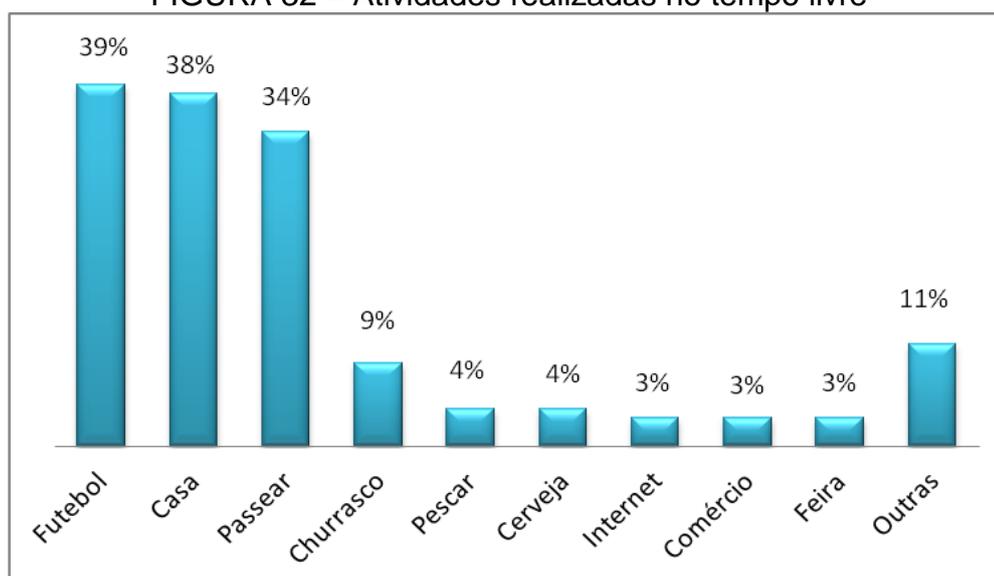
Já o uso do álcool não é constante durante a carga horária, pois segundo Germano (2012) “[...] como você fica embriagado, então dá visão. É muito raro quando você encontra um caso de embriaguês.” E quando o funcionário vai bêbado para a roça, Nerisvaldo Macedo da Silva (2012) explica que esses indivíduos “[...] não aguentam nem trabalhar. Porque trabalha um pouquinho que é pra marcar o dia, porque se você trabalhar meia hora, fizer qualquer pouquinho de serviço, eles já aponta o dia. Por que deu um lucro, qualquer lucro pra usina deu, aí já aponta só a diária, que é 25 reais. Se você não trabalhar nem nada, aí não conta, não vem nem a diária.” (SILVA, N., 2012)

Diante dos fatores de risco à saúde apresentados, Thomaz Junior (2012) conclui que:

Do ponto de vista prático e de médio e longo prazo, ele está apostando nas delimitações físicas dele. Porque ele está se dedicando com muito mais ênfase, com muito mais afinco, à uma atividade laboral que é extremamente destrutiva, que causa acidentes e que vai promover nele um conjunto de sequelas que, na maioria dos casos, vamos dizer assim, que no momento que o trabalhador está vivendo a atividade laboral, isso não está em primeiro plano.

A última pergunta do formulário abordou as atividades realizadas no tempo livre de cada trabalhador, o que possibilitou obter diferentes respostas, como apresentadas na figura 32.

FIGURA 32 – Atividades realizadas no tempo livre



Fonte: Pesquisa de Campo

Para esta variável, o entrevistado tinha a opção de mencionar mais de uma resposta, por se tratar de uma questão do tipo aberta.

Dentre as atividades que os trabalhadores mais realizam durante o tempo livre, o “jogo de futebol” foi o mais cotado, com 39% (29 respostas). Em seguida, 38% (28 respostas), preferem “ficar em casa”; 34% (25 respostas) mencionaram gostar de “passear” pela cidade e 9% (sete respostas) citaram o “churrasco”. A pesquisa aponta que 4% (três respostas) gostam de “pescar” e 4% (três respostas) e “beber cerveja”. Empatadas com 3% (duas respostas), estão às opções “internet”, “comércio” e “feira”. No gráfico, a opção “outros” representa o “futebol na TV”, “videogame”, “ir à igreja”, “cantar”, “tocar violão”, “estudar”, “jogar sinuca” e “cuidar do gado”. Estas últimas categorias representam juntas 11% (oito respostas) e foram agrupadas devido ao fato de cada uma ter sido indicada uma única vez durante a aplicação dos formulários.

Sobre as atividades realizadas nas horas vagas, Marinete Alves dos Santos (2012) declara:

Quando eu chego das cana eu tomo banho, faço uma comidinha, vou comer. Quando acaba a comida, demoro um pouquinho no sofá. Depois eu vou para a casa da minha filha e quando eu volto da casa da minha filha na boquinha da noite volto de novo para a televisão. Vou assistir à novela e depois da novela que assisto eu vou me deitar. (SANTOS, M., 2012)

Semelhante, é a rotina de Antônio Carlos de Oliveira Lima (2012), que relata nas horas vagas, organizar um churrasco com os amigos ou visitar o irmão, que também reside em Tarabai, além de assistir televisão com a família.

Além deles, Geraldo dos Santos (2012) também prefere ficar em casa nos horários livres. Para ele, o principal objetivo é economizar.

Chega o final de semana, eu tô em casa com a minha mulher. A gente trabalha a semana inteira, o dia que a gente têm mais é o dia de domingo pra gente ficar junto. Então dia de sábado ela vai, pede uma pizza na pizzeria, a gente fica em casa. A gente come, assiste um pouco de televisão e vai dormir. A gente não anda em festa, não anda esbanjando dinheiro que nem eu vejo muitos aí [...]. (SANTOS, G., 2012)

José Nery Macedo da Silva (2012), 23 anos, mantém o pensamento da maioria dos migrantes – economizar para poder investir no retorno à cidade de origem. Ele afirma que a única forma de diversão em Tarabai é quando saem para beber, pois as festas da região são muito diferentes das do Piauí, “[...] não tem brincadeira igual tem pra lá e a gente fica um pouco preso, não tem como. Aí toda vez que sair, tem que sair para beber.” (Silva, J., 2012)

Para falar de Tarabai, o próximo capítulo apresenta um resgate dos principais momentos da história da cidade a partir do fenômeno migratório por meio de entrevistas de moradores e fontes oficiais do município.

## 5 TARABAI: CIDADE DORMITÓRIO

### 5.1 Contextualização Histórica

Tarabai é uma das cidades do Oeste Paulista que abriga migrantes cortadores de cana. Com 6.607 habitantes e uma área de 197 quilômetros quadrados, localiza-se no Estado de São Paulo, próximo ao município de Presidente Prudente. Atualmente, é administrada por Lindinalva Rosa Almeida Santos, e pelo vice-prefeito Marcos Aparecido do Nascimento (mandato 2009 - 2012), conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

A base de sua economia são as atividades relacionadas principalmente à presença de indústrias, como a “Amidoeste” (derivados de mandioca); a “Sofetline” (curtume); a “Enzipet” (produtos para cães), duas fábricas de móveis e duas fábricas de confecções, além do comércio e das plantações em áreas rurais. (CALVO, 2012)

Segundo o agente de saneamento da Vigilância Sanitária, Everaldo Gonçalves Amorim (2012), desconsiderando os funcionários que prestam serviço à prefeitura local, 70% da população busca emprego nas cidades vizinhas, como Presidente Prudente e Pirapozinho, pois as empresas locais não têm demanda compatível com o número de habitantes, além de não oferecer serviços de capacitação aos moradores, culminando na contratação de profissionais de outros municípios. (AMORIM, 2012)

Com base na entrevista do ex-prefeito Waldemar Calvo (2012) e informações retiradas do site da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (EMUBRA), a cidade de Tarabai teve início com João Boff, nascido na província de Belluno, Itália, em 1886. Sua chegada ao Brasil ocorreu no ano de 1898, fixando moradia em Uberaba (MG) e tornando-se comerciante e pioneiro no setor industrial da mesma. (EMUBRA, 2004)

Em 1924, Boff fundou a Companhia de Indústria e Comércio e, em janeiro de 1939, quando já residia em Pompéia, interior de São Paulo, comprou 30 alqueires de terra, dividindo-os em lotes e comercializando a área onde foi fundada a Vila Nova Itália, em homenagem à terra natal (ANEXO D). Além de chamar a atenção de pessoas de outras regiões do Brasil, a intenção de João Boff era atrair principalmente os imigrantes japoneses, recém-chegados do Japão durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Prova disso foi a confecção de cartazes

anunciando a venda dos lotes, escritos em português e em japonês (ANEXO E). (CALVO, 2012)

De acordo com Calvo (2012) e com o ex-vereador Edivaldo Clementino de Souza (2012), em função da Segunda Guerra Mundial e do medo de possíveis retaliações, João Boff mudou o nome de Nova Itália para Nova América. Depois de aproximadamente três anos, o local foi vendido ao espanhol e comerciante Ulpiano Sevilha Dias, que mudou-se de Birigui para São Paulo em 1941 com sua mulher, Beatriz Grima e os filhos, Roque e Paulo. Dias prosseguiu com a venda de terrenos a novos moradores com o intuito de manter a expansão do vilarejo. (EMUBRA, 2004)

A mudança de vila para distrito se deu em 1953 e a criação do município aconteceu em 28 de fevereiro de 1964. Na época, o governador era Adhemar de Barros (1947 a 1951 e 1964 a 1968) e ele impôs que em troca da municipalização, a cidade fosse chamada de Tarabai, “[...] em homenagem ao seu compadre Felício Tarabai.” (CALVO, 2012)

A respeito do desenvolvimento econômico da cidade, Souza (2012) alega a existência de diferentes ciclos. O primeiro ocorreu durante o desbravamento das terras compradas por João Boff, o que fez com que a primeira renda local derivasse da madeira. Segundo ele, à medida que as árvores eram derrubadas, as primeiras madeiras se instalavam. (SOUZA, 2012)

O segundo ciclo foi em 1940, com a hortelã e o café, sendo que a hortelã começou a ser cultivada conforme os primeiros lotes eram abertos (SOUZA, 2012). Jalon Bernardo da Costa (2012), ex-prefeito de Tarabai (mandatos 1983-1988 e 1993-1996), afirma que nessa época o município já recebia nordestinos e japoneses, sendo atraídos inicialmente pela promessa de terra fértil, onde “tudo o que se plantava, dava” e pelos empregos nas lavouras, além do plantio da hortelã-pimenta. Esta última era cultivada principalmente para exportação e agregava valor com a extração do óleo “de cheiro forte, que queimava a pele”, usado para fins bélicos durante a Segunda Guerra Mundial (COSTA, 2012). Ainda sobre as primeiras culturas, Calvo (2012) aponta que o plantio de milho também se destacava devido às dificuldades de “[...] tombar a terra mesmo com animal porque ela tinha muito toco [...].”

Durante a década de 1940, surgiram as primeiras escolas da cidade. Calvo (2012) afirma que a primeira delas foi inaugurada a partir de 1944, com quase

nenhuma infraestrutura, por isso nem os professores contratados tinham onde se hospedar. Em função disso, o ex-prefeito conta que, na época, sua mãe acolheu na própria casa aproximadamente 15 professores, vindos das cidades de Tietê e Santa Cruz (CALVO, 2012). Já o Emubra (2004) citou a primeira escola só em 1946, nomeada como Grupo Escolar Nova América (ANEXO F) e erguida pelos próprios moradores. O colégio abrigava o ensino de 1ª a 4ª séries. Hoje, o ensino fundamental.

Sobre o Grupo Escolar, Calvo (2012) relata que a construção se deu principalmente em função da ajuda de moradores japoneses, sendo popularmente conhecido como “Grupão”. Segundo o ex-prefeito, a colônia japonesa era muito grande e os filhos de imigrantes vinham para essa escola a pé, percorrendo sete, oito quilômetros por dia devido à falta de transporte e porque a maior parte das famílias morava na zona rural e vivia de lavouras, “[...] trazia uma marmitinha de alumínio, na hora do recreio ficava uma fila dos filhos dos imigrantes japoneses com aquela marmitinha, eles tinham que se alimentar porque eles tinham que voltar para a casa.” (CALVO, 2012)

O terceiro e maior ciclo econômico de Tarabai teve como destaque o algodão e ocorreu em meados dos anos 1950, época em que aconteceu o primeiro fenômeno migratório de nordestinos para a cidade. Destas pessoas, os que possuíam mais recursos instalaram alguns comércios e os mais pobres foram empregados em plantações localizadas no município. Souza (2012) assegura que graças à tradição das famílias, muitos destes empreendimentos sobreviveram ao longo da história. O paraibano Zeferino Soares Branquinho é prova disso, visto que a loja fundada por ele permanece em funcionamento após mais de 60 anos, com a administração de sua sobrinha, Francisca Branquinho de Vasconcelos. (SOUZA, 2012)

Durante essa década, Tarabai recebeu o primeiro avanço em termos de infraestrutura. Ulpiano Sevilha encomendou ao governador estadual, Lucas Nogueira Garcez (1951-1955), um motor a diesel para gerar energia para todos os moradores. “Meu pai ganhou, pagou o frete e o instalou. A máquina funcionava até às 22h por quatro anos.” (EMUBRA, 2004). Além disso, Ulpiano Sevilha foi responsável pela instalação do cartório em 1954. Em depoimento para a enciclopédia, o filho do pioneiro, Roque Sevilha, comenta que o pai contribuiu para o desenvolvimento de Tarabai ao doar terras para a igreja, o campo de futebol, o

cemitério, a rodoviária, construída em 1955, e o posto de saúde. “O primeiro padre também foi trazido de Anhumas por ele [...]” (SEVILHA apud EMUBRA, 2004)

Ainda em 1958, durante o mandato do governador do Estado de São Paulo Jânio Quadros (1955-1959), a região inaugurou a estrada de ferro. Souza (2012) explica que o trem era utilizado porque naquele tempo não haviam estradas asfaltadas no Pontal do Paranapanema, “[...] então, a única condição que tinha era a estrada de ferro [...]” (SOUZA, 2012). E com a instalação dela começaram a despontar as primeiras empresas de ônibus, que disponibilizavam carros nas laterais da ferrovia com o objetivo de conquistar usuários. (SOUZA, 2012)

Durante 20 anos o trem foi o meio de transporte mais usado na região, possibilitando a locomoção de inúmeras pessoas. Dessa forma, a economia se fortalecia, pois, de acordo com Calvo (2012) e Souza (2012), Tarabai era o local mais próximo da linha férrea. E devido à distância da mesma com relação aos municípios vizinhos, os moradores da região achavam inviável se dirigir a outros centros, passando a consumir principalmente na cidade, que era formada por vários armazéns, botecos e bares.

Além disso, Calvo (2012) sustenta que “[...] a Camargo Correia tinha um escritório muito grande em Tarabai. Tudo era concentrado em Tarabai.” Para ele, a ferrovia impulsionou o desenvolvimento.

Tarabai é uma das poucas cidades que o comércio ficou encostado da estação da rodovia, então todo esse sertão despejava em Tarabai e fazia o comércio em Tarabai. Eu tinha um boteco e nós levávamos viagens e viagens de mercadoria para ser embarcada no trem, e depois à tarde a mesma coisa. Eram dois horários e todo esse sertão, porque Mirante fica longe da estação, 12 quilômetros, Teodoro Sampaio fica longe, Pirapozinho fica longe. Tarabai é o único município que foi privilegiado porque a estação ficou perto do comércio. Então, como o horário às vezes era apertado e o trem ia e voltava, eles vinham fazer comércio em Tarabai. O comércio de Tarabai ganhou muito na época com a rodovia e depois a ferrovia foi desativada e o comércio teve que achar outra forma de economia para sobreviver. (CALVO, 2012)

Sobre essa época, o mestre de capoeira Nelson Barbosa dos Santos (2012) lembra que tinha 12 anos e que o comércio era movimentado, com várias lojas de roupas, tecidos, além de açougues e barbearias, mesmo ocupando apenas quatro ou cinco quarteirões (SANTOS, N., 2012). Ele conta que a maior parte da população morava na zona rural e aos fins de semana se dirigia à cidade para realizar as

compras do mês, de carroça ou a cavalo, pois não existiam outros meios de transporte. (SANTOS, N., 2012)

Calvo (2012) confirma o fato ao declarar que o plantio de algodão “[...] gerava muita mão de obra [...]” e que, por isso, grande parte da população se concentrava no campo. Souza (2012) explica que a pouca concorrência e a dificuldade de locomoção para os grandes centros, como Presidente Prudente e Pirapozinho, foram os fatores que mais contribuíram para o aquecimento do comércio.

Costa (2012) também cultivou o algodão e diz que “[...] as plantações foram deixando a terra exausta e começaram a surgir pragas que eram difíceis de tratar nessa época e a estiagem era complicada também.” Segundo ele, foram essas complicações que influenciaram no surgimento de uma nova cultura, a do amendoim. Esta teve início nos anos 1960 e perdurou por quase dez anos, sendo substituída pelo quinto ciclo em meados de 1970, que teve como evidência a soja e a pecuária. (COSTA, 2012)

Sobre o avanço da pecuária, Souza (2012) defende que o novo investimento foi o que despertou a saída de famílias pertencentes ao município, pois “[...] na medida em que a pecuária foi ficando forte, o campo foi ficando esvaziado de seus moradores rurais e os que não mudaram para a nossa cidade, mudaram para outras cidades em busca de emprego [...]” (SOUZA, 2012)

Já a sexta e última fase ocorreu ainda na década de 1970, a partir da instalação da primeira usina sucroalcooleira da região, a Alcídia, de Teodoro Sampaio, que permaneceu por mais de dez anos como a única empresa no setor. Esse período deu destaque ao cultivo da cana-de-açúcar e gerou a segunda grande migração de nordestinos para a cidade, iniciada durante os anos 1980, atraindo aproximadamente 400 pessoas de outros estados. (SOUZA, 2012)

Para Calvo (2012), “[...] hoje os canaviais estão entrando, resta um pouco de pecuária, agricultura, um pouco de soja, mas parece que nós vamos caminhando para virar tudo canavial.”

Sobre a chegada de migrantes a Tarabai em diferentes períodos da história, Souza (2012) explica:

[...] principalmente na década de 40 e 50 houve uma migração muito forte de nordestinos que vinham trabalhar na lavoura [...] principalmente no nosso município. A partir da década de 60, o que aconteceu é que a maioria

desses migrantes nordestinos migraram novamente, dessa vez para a capital paulista, em busca de empregos na indústria. Tarabai chegou a ter na década de 40 e 50 um número de população maior que tem hoje, só que na zona rural. Mais de 80% era na zona rural, na cidade era bem reduzido. Hoje o quadro se inverteu. No último censo, Tarabai está com 91% na zona urbana e só 9% na zona rural porque com a decadência da agricultura hoje, a zona rural está praticamente esvaziada. O que na época acontecia, onde uma fazenda de 200 alqueires tinha 50 famílias, hoje na maioria das vezes não tem nenhuma família, apenas uma pessoa administra a fazenda [...]. (SOUZA, 2012)

## 5.2 Os Migrantes e a Cidade

Atualmente, Tarabai serve de dormitório a migrantes cortadores de cana em função da instalação de empresas sucroalcooleiras no Oeste Paulista. Waldemar Calvo (2012) explica que isso acontece por causa da localização da cidade.

Tarabai tem o privilégio de estar num ponto estratégico. Nós estamos entre as usinas da região, que eu citaria a Cocal, em Narandiba, a Umoe em Sandovalina e a de Mirante do Paranapanema [referindo-se à Conquista do Pontal – grupo ETH] [...] então diante disso daí, a facilidade de locomoção para Presidente Prudente faz com que a gente seja uma cidade meio dormitório. (CALVO, 2012)

Além disso, segundo Amorim (2012), essa população procura as cidades vizinhas aos municípios que alojam as usinas devido ao alto preço dos aluguéis, que praticamente dobraram. Este fenômeno ocorre graças à demanda muito alta no período da safra. Ele conta que os primeiros cortadores migrantes eram trazidos pelos gatos, profissionais responsáveis pela contratação de trabalhadores de outras localidades. Entre os anos de 2007 e 2008, aproximadamente 20 homens eram acomodados em cada residência, funcionando como uma espécie de alojamento. Mas, ao final da safra, quando as casas eram desocupadas, muitas vezes estavam danificadas e o gato tinha que pagar o prejuízo, o que fez com que estes perdessem o interesse em se responsabilizar pelos funcionários. (AMORIM, 2012)

Como muitos cortadores já conheciam a cidade começaram a voltar por conta própria nas safras seguintes, trazendo familiares e amigos e dividindo as despesas, ao passo que residiam em uma mesma casa. Dessa forma, era possível fracionar o valor do aluguel, o que transformava as moradias em repúblicas, de acordo com Amorim (2012).

Nesse mesmo período, o tempo de estada do trabalhador na cidade era de aproximadamente seis meses ou até que a safra tivesse terminado. Ao final do

contrato, a usina realizava os pagamentos e esses funcionários voltavam para os seus estados de origem, muitas vezes levando o dinheiro economizado para viver os próximos seis meses ao lado da família. (AMORIM, 2012)

Hoje o perfil dessas pessoas mudou, visto que é cada vez mais comum os trabalhadores trazerem suas famílias no momento de migração, o que transforma o alojamento ou república em uma residência fixa e faz com que os grupos tenham maior propensão a permanecer na cidade (AMORIM, 2012). Este fenômeno pode ser comprovado por meio dos resultados obtidos com a aplicação de formulários, onde 46 sujeitos (62%) declararam morar em família. Destes, 33 (72%) trouxeram os familiares de suas cidades natais e os outros 13 (28%) constituíram família em Tarabai.

Marize Ocolati Vitale (2012), diretora da Divisão Municipal de Saúde, acrescenta que isto ocorre devido ao maior acesso a benefícios como saúde e educação. Ela conta que muitos chegam de seus estados com problemas gástricos e odontológicos e, uma vez que estão dentro do município, passam a usufruir do serviço público disponível. Este fenômeno sobrecarrega o sistema, pois a verba repassada à cidade permanece a mesma. (VITALE, 2012)

Ainda segundo Vitale (2012), “[...] os valores são calculados com base no censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que não consegue localizar e definir a proporção de moradores flutuantes.”

A diretora explica que este dado pode ser verificado ao comparar o número de habitantes registrados pelo IBGE e o número cadastrado pelas Equipes de Estratégia de Saúde da Família. Em 2011, o IBGE definiu 6.607 habitantes, enquanto que as Equipes de Saúde calcularam 7.304 (ANEXO G), uma diferença de 697 indivíduos, considerados como flutuantes. (VITALE, 2012)

Para Vitale (2012), a procura pelo atendimento no serviço público de saúde acontece também pelas condições e problemas derivados do trabalho desses cortadores. Os maiores casos atendidos são de exaustão e câimbras, decorrentes da hidratação e alimentação inadequada. “[...] por saírem muito cedo de casa, o almoço é praticamente 9h30, 10h da manhã, não têm a hidratação, líquido repostado de modo suficiente, e acaba chegando ao final da tarde com câimbras, exaustão muscular.” (VITALE, 2012). A diretora afirma ainda que a alimentação deve ser balanceada, mas que é complicado manter esse cuidado “[...] saindo de madrugada todos os dias, tendo essa refeição lá no meio da roça.” (VITALE, 2012)

Além da água consumida no campo, as usinas distribuem o chamado sorinho, uma mistura de açúcar, citrato de sódio, sal refinado, fosfato monopotássio, acidulante, aromatizante, antiemético e corantes (VITALE, 2012). Mas a diretora atesta que “[...] por não ser algo saboroso, muitas vezes eles não consomem.” (VITALE, 2012)

Valdira Abreu Silva (2012), moradora de Tarabai e comerciante há 19 anos, garante que a renda da cidade parece ter aumentado com a chegada dos trabalhadores, visto que estes sempre foram seus clientes. No começo Silva, V. (2012) possuía uma mercearia e depois passou a vender roupas e artigos de cama, mesa e banho, além de brinquedos. Ela conta que os produtos vendidos para essa população são diferenciados, pois a maioria desses trabalhadores prefere roupas mais estampadas, com bastantes bolsos, o que não é tão procurado pela população da cidade. (SILVA, V., 2012)

Outra característica citada por Silva, V. (2012) é o envolvimento de migrantes solteiros com moças locais, o que pode influenciar na escolha do funcionário em se fixar ou não na cidade em que se aloja.

José Nery Macedo da Silva (2012) afirma que “[...] muitos deles se envolvem com mulher, aí demora mais. Mas se ele ficasse solteiro é só questão de passar uma safra. Quando chega o final do ano a usina acerta o dinheiro e ele cai fora.”

Além disso, Silva, V. (2012) afirma que são pessoas muito honestas, que consomem com certo controle devido ao plano de voltar para os estados de origem ao final do ano, “Comparam tudo parcelado. Mas nunca tive problema, pagam certinho.” (SILVA, V., 2012)

José Nery Macedo da Silva (2012) é um dos exemplos de migrantes que somam as economias para voltar à cidade de origem ao final da safra. “Esse ano aqui eu não comprei quase nada. Tá com cinco mês que nós tamo aí e eu não comprei nada não. Comprei só umas coisas de higiene e só, o resto eu guardei.” (SILVA, J., 2012)

O ex-prefeito, Jalon Bernardo da Costa (2012) observa que esses funcionários vivem na cidade como moradores comuns e em muitos casos só são percebidos como migrantes durante conversas, pois Tarabai em si já foi povoada por nordestinos e esses traços permanecem na população local.

Ainda acerca do desenvolvimento da cidade com a presença dos novos moradores, o comerciante Isaías Bezerra da Silva (2012) garante que suas

economias foram conquistadas graças ao trabalho que prestou para empresas sucroalcooleiras durante 20 anos, transporte de cortadores de cana para as usinas Cocal, Alvorada e Dalva. Segundo ele, em 1988 a locomoção era realizada em um único caminhão que acomodava em torno de 40 pessoas. Mas, em 1992, foi proibida a condução de funcionários nesse tipo de veículo e ele foi obrigado a se adaptar. Vendeu a casa onde morava e os dois caminhões que possuía e com o dinheiro comprou seis ônibus destinados unicamente ao serviço. Com o passar dos anos chegou a ter 23 ônibus e carregou até 220 pessoas, todos moradores locais, pois a vinda dos migrantes não era tão comum ainda. (SILVA, I., 2012)

Com base no lucro que obteve com a presença das usinas, o comerciante acredita que a cidade também tenha prosperado, pois “[...] para o comércio principalmente, porque o pessoal gasta tudo na cidade. [...] E o pessoal que vem de lá é tudo trabalhador, não tem bagunça, no meu ver eu acho que foi bom.” (SILVA, I., 2012)

Souza (2012) apresenta a mesma opinião sobre os migrantes e explica que o que acontecia na década de 1940, está se repetindo atualmente. Além disso, a presença dessa população flutuante “[...] ajuda a movimentar o ciclo econômico, tanto do comércio, quanto das pessoas que necessitam trabalhar no campo.” (SOUZA, 2012)

Calvo (2012) garante que Tarabai melhorou com a vinda das usinas porque o setor ofereceu empregos não só para a população local e para pessoas vindas de fora, como inseriu a mulher no trabalho de campo, além de dar maior segurança aos boias-frias que, por meio das usinas, passaram a ter carteira de trabalho assinada (CALVO, 2012). O ex-prefeito relata que no começo achava o trabalho complicado, principalmente por causa da queima dos canaviais. “[...] quando aquelas mulheres desciam do ônibus, todas cheias de carvão, pretas, eu achava que era um serviço muito ruim [...]” (CALVO, 2012)

Mas com as mulheres trabalhando dentro das empresas sucroalcooleiras, a renda familiar cresceu e, conseqüentemente, o comércio também. Com base nisso, Calvo (2012) afirma que “[...] eles investem no comércio local, muitos deles já pegaram Tarabai como sua terra natal. Estão aqui, estão construindo, estão comprando residências. Então a cidade ganhou muito com a vinda dos migrantes também.”

Mas a dependência econômica de Tarabai com relação à renda gerada pelas empresas sucroalcooleiras fez com que a mecanização se tornasse preocupação constante por parte dos comerciantes, visto que o número de trabalhadores rurais vem diminuindo e isso poderá acarretar uma crise no setor. (CALVO, 2012)

[...] até onde essa mão de obra vai diminuir e o comércio vai sobreviver? Com os canaviais em torno dele e tudo mecanizado. É uma pergunta que, a grande esperança hoje é que o álcool vai ser substituído. Nós achamos que o ciclo da cana deve durar mais cinco, seis anos possivelmente. Vai aparecer um combustível que vai baratear, que vai substituir o álcool. É uma esperança, não sabemos se vai acontecer, [...]. (CALVO, 2012)

O ex-prefeito comprova a diminuição de postos de trabalho ao perceber que até o final do ano de 2011 o seu supermercado fornecia aproximadamente 700 cestas básicas para funcionários da Umoe Bioenergy, mas a partir de março de 2012 esse número diminuiu para 200. (CALVO, 2012)

Após a explanação de fatos relacionados à migração no Oeste Paulista e, mais especificamente, na cidade de Tarabai, é necessário detalhar a peça prática deste projeto. Portanto, no próximo capítulo, Memorial Descritivo constam relatos sobre a execução desta pesquisa, assim como a realização do videodocumentário: “Apostas”.

## 6 MEMORIAL DESCRITIVO

### 6.1 A Procura pelo Tema

Passados os quase quatro anos do curso de Jornalismo, os autores desta pesquisa puderam vivenciar o dia a dia do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), algo que até então soava com receio e curiosidade. Ao final do 6º termo, todos os alunos já tentavam organizar os grupos de acordo com o interesse pela área ou afinidade com os outros colegas. A produção de um videodocumentário era objeto de interesse do grupo e que, inclusive, nutriam o interesse pela área. Porém, antes mesmo da escolha do tema, o quinteto tinha um objetivo: trabalhar com um tema social que convidasse à reflexão.

Diante de várias possibilidades, a ideia de abordar algo relacionado à cana-de-açúcar no Oeste Paulista foi amadurecendo. Aos poucos, durante a apuração, dados revelavam as boas perspectivas da produção sucroalcooleira no Brasil, com destaque para o Estado de São Paulo, como foi explicitado no capítulo 4.

Durante o levantamento bibliográfico relativo ao corte de cana na região, os alunos recolheram alguns materiais na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Presidente Prudente e, em acervos de outras instituições de ensino. Foi a partir daí que surgiu o interesse do grupo em abordar a saúde do trabalhador canavieiro. Este foi o assunto inicial escolhido, que aos poucos foi ganhando forma com a elaboração da problematização, justificativa e objetivos. Porém, os discentes tiveram dificuldade em delimitar este tema, que poderia incluir tanto o excesso de esforço físico causado pelo corte de cana, quanto às questões relacionadas a problemas respiratórios derivados da inalação da fumaça proveniente das queimadas, além de problemas na coluna referentes à mecanização. Além disso, conforme avançava o projeto e baseado no relacionamento entre usinas e cortadores de cana, os alunos foram alertados sobre a dificuldade de produzir um audiovisual que revelasse o tema, em função da necessidade de expor profissionais da saúde e cortadores; também da falta de referencial teórico abordando o tema no Oeste Paulista e, principalmente, ao fato de este assunto trazer riscos à integridade física do próprio grupo. Com base nas complicações citadas, o grupo optou por buscar outra abordagem dentro da mesma temática.

No terceiro mês de 2012, o grupo teve contato com o médico Fernando Gomes. Na época, ele fazia o atendimento nos postos de saúde de Tarabai e Taciba. Foi este profissional quem deu a primeira ideia de trabalhar com alguma dessas cidades. Gomes relatou aos alunos a respeito dos atendimentos que fazia envolvendo o cortador de cana, que muitas vezes chegava ao ambulatório vindo direto da usina.

Outra fonte considerada importante no momento da apuração foi o feirante Aritonio Gomes da Silva, que vende produtos nordestinos nas feiras de diferentes municípios da região, incluindo Tarabai. Mais uma vez, Aritonio comentou sobre a presença de cortadores de cana na cidade e destacou a existência de migrantes. De acordo com ele, essas pessoas vinham do Maranhão, Piauí, Ceará e Bahia para atuarem no setor sucroalcooleiro, e, por este motivo, ele trabalhava com produtos nordestinos.

Diante de tantas informações, os pesquisadores sentiram a necessidade de ir à cidade checar as informações que haviam coletado. A primeira visita foi realizada no dia 31 de março. Uma tradicional loja de materiais de construção foi o destino inicial. Maria Teresa Gomes Soler, proprietária do comércio e da pensão, comentou sobre a presença de nordestinos no município, dando destaque aos maranhenses e indicou, inclusive, a residência de uma dessas famílias. Com isso, o grupo se dirigiu até a moradia de Raimunda Alencar Lima, dona de casa, mãe de oito filhos e esposa de Francisco Oliveira Lima, cortador de cana. A família veio de Coroatá (MA) há um ano. Muito tímida, porém prestativa aos interesses dos pesquisadores, Raimunda mostrou sua casa e apresentou mais duas esposas de cortadores, Maria Gomes de Aguiar Dias e Marlene Lima Dias, também coroataenses. Ambas famílias dividem um sobrado com dois andares e têm três filhos cada. Os maridos das donas de casa, José Gomes de Aguiar (Marlene) e Antônio de Jesus Dias Júnior (Maria) estavam em expediente naquele horário. Deste modo, foi possível realizar breve entrevista com as esposas e filhos e conhecer um pouco da rotina das residências.

Em seguida, os pesquisadores dirigiram-se até o centro de Tarabai e lá, encontraram um casal de senhores que havia chegado à cidade por volta do meio dia e ainda não tinha se alimentado devido à falta de dinheiro. Luíz Gonzaga, de 60 anos, e Marlene Gonzaga, de 45 anos, viajaram de Aliança (PE) em busca de melhores condições, agindo como migrantes. O casal alegou ter passado 10 dias viajando,

uma parte realizada de ônibus e a outra, de carona. E ao chegar à cidade aguardavam a segunda-feira para se candidatar a uma vaga de emprego na região. Os discentes então levaram o casal até a cidade vizinha, Pirapozinho, em busca de um albergue. Este fato surpreendeu os alunos, que puderam testemunhar a chegada desses migrantes e as dificuldades enfrentadas por eles, ao se deparar com um local desconhecido e com pouco ou nenhum dinheiro para poder se sustentar inicialmente.

Neste mesmo dia, o grupo teve acesso ao fascículo “Edição Especial de Aniversário do Município”, elaborado durante o mandato de 1989/1992. Essa edição continha dados sobre o início da cidade, primeiros prefeitos, estabelecimentos comerciais, escolas e postos policiais.

Outra informação importante adquirida se refere aos horários de chegada e saída dos ônibus de trabalhadores rurais. Dado que possibilitou o primeiro contato com os cortadores migrantes. Além disso, os trabalhadores informaram que, naquele sábado, haveria uma partida de futebol entre os cortadores das usinas Cocal e Umoe no campinho do Jardim das Acácias. Deste modo, os discentes puderam conversar informalmente com os funcionários, cerca de dez homens. O primeiro dia de visita e observação encerrou-se às 19h, com informações que despertaram o interesse por desenvolver a pesquisa em Tarabai.

No dia 3 de abril, foi realizada uma reunião no Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) de Presidente Prudente, com Antonio Thomaz Junior, livre-docente em Geografia do Trabalho. Esta reunião foi marcada com o objetivo de os pesquisadores terem maior contato com o tema a partir do olhar de um especialista na área. Estavam em pauta: a realidade vivida pelo migrante diante das empresas e as dificuldades dos estudiosos e sindicatos em localizar este grupo. Durante a conversa, surgiu a proposta de investigar qual é o perfil desse trabalhador. Outras questões também foram abordadas como a rotina na cidade alojamento, os problemas enfrentados, a renda, entre outros. O especialista no tema também sugeriu materiais bibliográficos, base para os primeiros contatos com o assunto.

Uma segunda visita a Tarabai foi concretizada no dia 7 de abril. O entrevistado foi Waldemar Calvo, ex-prefeito do município com mandatos de 1977 a 1983, 1989 a 1992, 1997 a 2000 e o último de 2001 a 2004. Nesta conversa informal

foi possível concluir que a migração faz parte da história e do desenvolvimento de Tarabai, desde a sua criação.

Repetindo os passos da primeira visita, o grupo foi novamente ao campo de futebol no Jardim das Acácias, onde haveria mais uma partida entre os trabalhadores de ambas as usinas. Lá, os pesquisadores conversaram com 12 migrantes, com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre eles para a elaboração de um instrumento de coleta de dados da pesquisa.

## **6.2 Lapidando o Objeto em Estudo**

Após o dia 25 de abril, várias reformulações no projeto foram feitas de acordo com as observações dos professores presentes na banca de qualificação. Logo os pesquisadores entraram em contato com as direções das empresas para a qual os cortadores prestam serviço, a Umoe Bioenergy e a Cocal, buscando a permissão para visitar as instalações durante o projeto e ter acesso a alguns dados. Contudo, no dia 4 de maio, por meio do assessor de imprensa, Layrton Gomes, a Umoe negou o primeiro pedido, informando a decisão informada por telefone.

No dia 24 de maio, o grupo deslocou-se até Narandiba para uma reunião com o então prefeito, Enio Magro. Nesta ocasião, a própria autoridade entrou em contato com os diretores da usina Cocal e marcou uma reunião entre o gestor de bem-estar da empresa, Battle Desterro, e os discentes no período da tarde. No entanto, durante a conversa Desterro alegou que a usina não fazia mais a contratação de migrantes, apenas de trabalhadores locais, o que contradizia as informações pesquisadas na teoria e na prática pelos discentes.

Dois dias depois, informados sobre as partidas de futebol que aconteciam todos os sábados, às 17h no Jardim das Acácias, os pesquisadores deslocaram-se no mesmo horário com o objetivo de acompanhar o jogo e realizar o pré-teste do formulário. No entanto, os alunos se depararam com o campo vazio, pois especialmente naquele dia não haveria nenhuma partida. Em busca de informação, o grupo conversou com um morador, que no momento passava pela rua e que, coincidentemente era um cortador de cana migrante. Lá mesmo, a discente fez a primeira aplicação teste do formulário. Dessa maneira, o resto do grupo dividiu-se em duplas para bater de porta em porta, em busca de mais migrantes. Nesse dia,

cinco cortadores participaram do primeiro piloto, que ocorreu no Jardim das Acácias e foi realizada em menos de meia hora.

Outra tentativa para contato com a usina Umoe Bioenergy foi realizada por meio da prefeitura de Sandovalina. Uma reunião foi realizada no dia 28 de maio, com o assessor de imprensa da prefeitura, Adriano Rocha. Na ocasião, o grupo explicou sobre o projeto e solicitou a colaboração do órgão para uma possível conversa com diretores da Umoe. Muito prestativo, Rocha ligou no mesmo momento a um dos diretores para pedir uma possível reunião. Rocha comprometeu-se a dar uma resposta durante a semana sobre o caso, no entanto, o discente Italo Antunes entrou em contato com o assessor várias vezes por celular, mas não houve retorno.

No sábado, dia 16 de junho, mais uma ida a Tarabai foi programada. Os pesquisadores dividiram-se em dois grupos para um possível levantamento de nomes. A primeira lista foi elaborada por Dayane Machado, Maysa Pontalti e Vanessa Tomáz, acompanhadas do professor de futebol infantil, Célio Roberto dos Santos Paes, morador há 40 anos de Tarabai e conhecido como Narandiba. Junto com o grupo, Narandiba foi mostrando quais eram as casas de moradores que prestavam serviço às usinas. Juntos, o morador e as discentes percorreram os bairros Candeias, Jardim Paraíso, Avenida Marechal Castelo Branco, Jardim das Acácias, Jardim Brasília e Centro. Só neste procedimento foi possível levantar 33 moradias.

No centro da cidade, Ariane Viana e Italo Antunes, buscaram por mais informações na rádio Pérola 104,9 FM, da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, situada no centro de Tarabai. Lá, foram recepcionados pelo radialista Fabiano Melo, que sugeriu que o grupo deixasse uma lista no local, para que assim os próprios trabalhadores viessem até a rádio preencher a folha A4, com seus dados pessoais, sendo que, em meio à programação diária, ele mesmo faria a divulgação do projeto. Porém, a ideia não surtiu efeito, já que durante o desenvolvimento da pesquisa, nenhum nome foi listado em função da carga horária dos cortadores, incompatível com os horários de funcionamento da emissora. Outro profissional atuante nesse setor informativo é Ivanildo Oliveira, atualmente aluno da Facopp e que, por residir em Tarabai, contribuiu com os pesquisadores cedendo algumas informações que foram de grande importância para essa etapa do projeto. Oliveira conhece um dos funcionários da Cocal que, inclusive, foi o responsável em ceder uma lista com 252 nomes de cortadores da usina localizada em Narandiba. Após andarem dez minutos

até a casa do empregado da usina, Ariane e Italo foram recepcionados pela esposa do mesmo, que cedeu a relação da empresa com nomes e telefones para que os discentes fizessem uma cópia. O nome do funcionário e de sua esposa serão omitidos durante esta pesquisa, como forma de preservar a integridade física e moral dos mesmos.

Diante dos bons resultados adquiridos neste dia, o grupo finalizou a visita com mais uma etapa das pré-entrevistas realizada. Por isso, os pesquisadores dirigiram-se até o campo de futebol do Jardim das Acácias, onde puderam conversar com cinco migrantes que demonstraram as primeiras dificuldades em responder às questões. Muitos diziam ser tímidos e, outros, não demonstraram interesse em participar do TCC. O episódio mostrou a importância da abordagem correta da fonte e a necessidade de adaptação e atenção por parte dos pesquisadores ao se expressar, pois, neste caso, os alunos tiveram que agir com o máximo de seriedade com os entrevistados, porém, mantendo postura e vocabulário informais, evitando assim algum desentendimento, intimidação ou constrangimento por parte dos trabalhadores.

Logo na semana seguinte, os autores deste projeto dividiram a lista cedida por uma empresa de transportes, com 50 nomes para cada um. Foi necessário realizar ligações para os telefones registrados ao longo de uma semana e, assim, descobriram quem da lista era migrante, no total, 30 cortadores.

Para aprofundar o conhecimento sobre a produção de um videodocumentário, o grupo se reuniu com a orientadora Thaisa Bacco e o coorientador Roberto Mancuzo Junior, para uma sessão do filme “Migrantes” (2008), de Carlos Machado. Nesta ocasião, o grupo discutiu aspectos relacionados à produção do gênero audiovisual. Questões estéticas, como áudio, iluminação, tipos de enquadramento e gravação em formato *High Definition (HD)* foram definidas. Já durante a orientação do dia 28 de junho, foi decidido que o universo de migrantes seria calculado a partir da triangulação dos dados até então coletados: primeiramente, foram considerados os nomes derivados das visitas às residências. Em segundo lugar, acrescentaram-se os nomes descobertos por meio da lista cedida por um funcionário da Cocal. Por último, seria preciso entrar em contato com os fiscais da Umoe para ter acesso aos trabalhadores migrantes da usina.

Após essa decisão, três fiscais foram procurados pelos autores deste projeto que, muito solícitos, divulgaram 24 nomes de migrantes. Os nomes dos fiscais

também serão omitidos durante esta pesquisa, como forma de preservar a integridade física e moral dos mesmos.

No dia 4 de julho, uma reunião com a prefeita de Tarabai, Lindinalva Rosa Almeida Santos, foi concretizada após várias tentativas. Durante esta ocasião, a prefeita disponibilizou o contato das autoridades responsáveis pelo setor de saúde, educação e segurança do município. Deste modo, os discentes tiveram acesso a alguns dos dados relacionados a essas áreas, utilizando parte deles no projeto teórico desta pesquisa.

### **6.3 Perfilando o Migrante**

Depois de realizados os pré-testes, um formulário com 29 perguntas do tipo semiabertas e abertas foi, enfim, finalizado. Em seguida, era o momento de organizar todos os nomes e localidades dos migrantes de Tarabai em um único documento. Os bairros Centro, Jardim Brasília, Jardim das Acácias, Jardim Paraíso, Candeias, Jardim Bela Vista, Jardim Santa Tereza, Jardim das Flores e Pereira Galvão foram os locais selecionados para a aplicação dos formulários.

No dia 15 de julho, os pesquisadores foram a campo para realizar as aplicações nas casas dos cortadores listados. Das 9h às 18h30, o grupo deslocou-se a pé, de bairro em bairro, certificando-se que todos responderiam. No entanto, alguns imprevistos ocorreram. Muitos dos trabalhadores não se encontravam em suas casas, alguns haviam saído para visitar amigos, outros estavam na feira e a maior parte encontrava-se em bares. Além disso, a falta de placas com a identificação das ruas e a ausência de números nas residências representou um grande atraso para esta etapa da pesquisa. Quando os alunos não localizavam um endereço e precisavam de alguma informação dos moradores, muitos deles não sabiam sequer o nome da rua e, muito menos, conheciam a pessoa que o grupo estava procurando. Para solucionar este problema, os discentes contaram, mais uma vez, com a ajuda de Ivanildo Oliveira, aluno do 7º termo da Facopp. O morador de Tarabai orientou Ariane Viana e Italo Antunes para que, assim, encontrassem as residências. Após nove horas de aplicação, sem intervalos, os pesquisadores conseguiram aplicar 43 formulários.

O preenchimento do formulário voltou a ser feito no fim da semana seguinte, dia 23 de julho. Mas em função da dificuldade em localizar os cortadores no período

da manhã, o grupo dirigiu-se à cidade ao meio dia. Mais uma vez, a aplicação foi feita de porta em porta e, ao final, 31 trabalhadores responderam perguntas sobre seu perfil, a migração, a vida e o trabalho em Tarabai.

Finalizada a etapa dos formulários, era necessário tabular as informações em busca de respostas para o problema. Para tanto, com o *software* PSPP, uma extensão gratuita do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), foi possível analisar os dados amostrados.

Cerca de dois dias foram necessários para a tabulação, sendo que, para realizar a interpretação dos dados, foi preciso mais uma semana. Todos os resultados estão expostos no subitem 4.4 deste TCC.

A partir da compreensão dos dados coletados, o grupo analisou todos os formulários, procurando por personagens que pudessem representar os 74 migrantes. Assim foram escolhidos inicialmente quatro cortadores: Antônio Carlos de Oliveira Lima, Geraldo dos Santos, José Nery Macedo da Silva e Marinete Alves dos Santos. Antônio foi indicado para representar o trabalhador que traz a família consigo no momento de migração. Geraldo foi apontado para representar o migrante que conquistou melhores condições econômicas no corte de cana, apesar do sofrimento e dos riscos diários. José Nery representa o jovem cortador, que sai de sua cidade de origem para suprir necessidades básicas e adquirir independência. Já Marinete representa a mulher no corte de cana e também o indivíduo que migra por não ter outra escolha, migra como única alternativa de sobreviver e criar sua família. De cada um desses migrantes, foi produzido um histórico que encontra-se disponível no Apêndice C.

Nessa fase do projeto, os pesquisadores optaram por realizar mais uma tentativa de estabelecer parceria entre as empresas e a instituição de ensino. Um ofício (APÊNDICE B) foi redigido aos diretores, constando as assinaturas da orientadora, Thaisa Sallum Bacco, o coordenador, Roberto Mancuzo Junior e a coordenadora de Jornalismo da Facopp, Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo. À Cocal, o documento foi entregue por e-mail à assessora de imprensa da usina, Sirlei Dore. Considerando as possibilidades de permissão, foram enviados três ofícios à Umoe Bioenergy, um para empresa Cana Planta, em nome de Francisco Jacinto da Costa; outro para Renato Balduino, diretor de gestão e recursos humanos e, novamente, ao assessor Layrton Gomes.

Logo após o envio dos documentos, a Umoe Bioenergy retornou o e-mail na qual outro ofício (ANEXO B) afirmava que a usina não tinha interesse em participar do projeto, mas desejava boa sorte aos integrantes. A Cocal também encaminhou ofício (ANEXO C) insistindo na afirmação de que não contratava trabalhadores migrantes e, por isso, não poderia estabelecer parceria com o projeto. As respostas influenciaram na decisão dos pesquisadores de avançar no estudo, procurando por alternativas equivalentes e legais, que não dependessem diretamente das empresas citadas.

#### **6.4 Ação, Gravando!**

Ao fazer a escolha de uma área do Jornalismo para a execução da peça prática, o grupo optou por retratar a realidade por meio de um videodocumentário, que gerou quase 42 horas de gravação e 15<sup>32</sup> entrevistas, realizadas em 56 dias. Desta maneira, a realização do projeto audiovisual foi dividido em três momentos: pré-produção, produção e pós-produção. Ariane Viana ficou responsável pela produção, Maysa Pontalti, reportagem, Dayane Machado e Vanessa Tomáz, cinegrafia e direção e Italo Antunes, pela edição.

A pré-produção é a etapa de planejamento e organização, e de acordo com Bonasio (2002), é o que garante a qualidade do audiovisual. Essa fase teve grande importância durante todo o projeto, desde a composição da parte teórica até a seleção de fontes para o vídeo. A escolha dos personagens, por exemplo, só teve início após a tabulação e interpretação dos dados. Em meio a tantas histórias, oito indivíduos foram escolhidos para representar a massa de migrantes no documentário: Antonio Cardozo da Silva, Antônio Carlos de Oliveira Lima, Cicero Carlos Antônio de Oliveira, Geraldo dos Santos, José Nery Macedo da Silva, Marinete Alves dos Santos, Nerisvaldo Macedo da Silva e Ricardo Ferreira dos Santos. Cada trabalhador recebeu ligações da produção, marcando as gravações para agosto e setembro, sendo que as entrevistas com Antônio Cardozo, Cicero Carlos, Nerisvaldo e Ricardo foram gravadas no mês de outubro, durante a edição do videodocumentário.

---

<sup>32</sup> Foram realizadas 15 entrevistas entre cortadores de cana, moradores de Tarabai e especialistas no assunto. Porém, 13 delas foram selecionadas para a participação no videodocumentário.

Antes do início das externas, o coorientador Roberto Mancuzo Junior deslocou-se até Tarabai para poder captar imagens da cidade por meio das lentes fotográficas. A partir desta visita, foi possível estabelecer o padrão de luz utilizado no videodocumentário. Para melhor compreensão das características estéticas do município, o professor organizou uma apresentação no dia seguinte visando orientar os pesquisadores e, assim, prepará-los para os imprevistos referentes à iluminação e aos ângulos desejados. Tarabai é uma cidade arborizada, o que representou uma das maiores dificuldades das externas referente à claridade ambiente. Com base neste fator, os pesquisadores foram orientados a, ao ar livre, utilizar planos mais fechados, buscando fugir das sombras e também do excesso de luz. E, em ambientes fechados, o conselho foi relativo ao aproveitamento da luz natural, dando preferência sempre para a captação da realidade como é, mostrando ambientes e pessoas de forma espontânea.

Além disso, antes que as externas começassem, a aluna Vanessa Tomáz recebeu a função de diretora de fotografia do videodocumentário, o que a incumbia de planejar as imagens, iluminação e enquadramentos a serem utilizados em cada *take*. Essa preparação seria feita por meio de *storyboard*, um “[...] roteiro de filme cinematográfico ou de uma produção de vídeo ilustrado por imagens.” (STEFANELLI, 2010, p.9). Tem a função de informar a equipe sobre todas as imagens que serão produzidas (KELLISON, 2007). Algumas versões do *storyboard* (APÊNDICE D) foram produzidas e colocadas em prática, mas em função da equipe reduzida que acumulava diferentes funções, esse recurso acabou sendo abandonado.

Em outra ocasião, a jornalista Mariana Gouveia, ex-aluna da Facopp, foi convidada a acompanhar os discentes em uma das visitas à Tarabai, com o intuito de estudar as cenas adequadas e, principalmente, o melhor uso do equipamento durante as gravações, visto que o grupo optou por produzir o vídeo em resolução *High Definition* (HD), função que os pesquisadores não tiveram contato durante a faculdade. Imagens do cotidiano da cidade foram capturadas, sendo inseridas no vídeo final.

No dia seguinte, o grupo teve o primeiro contato real com a população de Tarabai ao visitar a feira, o que aguçou a curiosidade dos habitantes ao perceber a movimentação de pessoas desconhecidas e o uso de câmeras filmadoras e fotográficas. Além disso, foi constatada a presença de parte dos cortadores

migrantes, que quando estão sem dinheiro, vão à feira apenas para conversar com os amigos. Após o encerramento do mercado, às 12h, os integrantes foram até a casa da personagem Marinete Alves dos Santos para a realização de uma pré-entrevista, conhecendo também os ambientes da casa e analisando a iluminação local.

Nesse início de externas, a visão dos pesquisadores ainda era superficial. Até o momento, o contato aprofundado com a realidade do migrante ainda não tinha sido realizado e a falta de domínio com relação ao universo do cortador de cana e suas problemáticas gerava certa insegurança no grupo. Mesmo assim, a pesquisa avançou nos temas propostos e foi por meio do referencial teórico e das informações fornecidas por migrantes e fontes oficiais, que os alunos foram ganhando confiança e olhar crítico diante dos fatos abordados.

Para a entrevista com o livre-docente em Geografia do Trabalho da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Antonio Thomaz Junior, profissional que também embasa teoricamente esta pesquisa, era necessário encontrar um cenário adequado. Por isso, foi preciso ir até a biblioteca da Unesp para decidir se este ambiente seria conveniente à gravação da sonora. O ambiente escolhido foi uma parte restrita da biblioteca. A apreensão dedicada à escolha do cenário ocorreu em todas as sonoras em função da qualidade visual exigida na elaboração de um videodocumentário, mantendo um padrão de enquadramento comum a todas as entrevistas. Por isso, o grupo optou em fazer o uso de duas câmeras, já que segundo Watts (1999), esse formato permite que as filmagens sejam feitas sem a necessidade de cortes bruscos. O posicionamento de ambas as filmadoras, permite uma “continuidade de direção, mesmo com coisas que não se movimentam.” (WATTS, 1999, p.46)

Após a verificação do local, elaboraram o roteiro de perguntas para o professor. Esse foi outro padrão adotado pela equipe com relação às sonoras, já que, no lugar de pautas foram produzidos roteiros de perguntas que continham o histórico de cada personagem. A preocupação em lapidar as perguntas surgiu da insegurança em abordar um assunto tão profundo com um especialista no assunto e também da complexidade de compreender as temáticas em um tempo limitado, em função da agenda do entrevistado e também da dificuldade em transmitir em uma fita de vídeo a realidade como ela de fato é.

Após outro dia, na Prefeitura Municipal da cidade, a secretária do local, Luzia Sales Santana Ribeiro forneceu mais alguns nomes de moradores antigos que poderiam auxiliar o projeto. O assessor contábil, Edivaldo Clementino de Souza conversou com os estudantes sobre fatos históricos referentes ao início de Tarabai, como a agricultura e a migração de nordestinos. Em seguida, o funcionário público Edvaldo Carvalho Filho foi contatado pelos pesquisadores por ter em sua casa arquivos históricos relacionados à criação do município. Esses documentos pertenciam a seu pai, Edvaldo Carvalho, falecido há dois anos. O primeiro contato com o empresário foi feito pelo celular e no mesmo momento ele se prontificou a retornar aos arquivos que estavam guardados desde a morte de seu pai para colaborar com a pesquisa, marcando assim uma data para a apresentação do conteúdo às estudantes. Ainda antes do almoço, os integrantes tiveram contato com a diretora da Divisão Municipal de Saúde, Marize Ocolati Vitale. A mesma forneceu dados sobre a população local, população flutuante, números de atendimentos realizados pelo município e explanou sobre o trabalho dos agentes de saúde.

Uma das externas mais cansativas concretizou-se no dia 18 de agosto, pois os alunos passaram a manhã e a noite gravando as imagens de apoio para sonora de Antônio Carlos de Oliveira Lima e inclusive, cenas de seu aniversário. As imagens tiveram que ser feitas com muito cuidado, devido à má iluminação no local. Além disso, a residência era pequena e estava repleta de convidados, dificultando o trabalho da equipe. No churrasco, as discentes tiveram contato com outro fiscal da Umoe e também com o chefe dos fiscais da mesma empresa, que se prontificaram em ajudar o grupo na entrada da usina para gravações, mas esta tentativa não resultou em mudança por parte da direção da multinacional.

A primeira sonora oficial realizou-se no dia 19 de agosto e estabeleceu um padrão para as demais: dentro das circunstâncias, todas as entrevistas seriam gravadas com duas câmeras e tripés, além de utilizar o microfone de lapela como única fonte de captação de áudio durante as sonoras, posto que o equipamento demonstrou mais qualidade de som. Na entrevista, a cortadora da Cocal, Marinete Alves dos Santos, que de início se mostrou tímida, ao longo da conversa se despreendeu, o que foi uma surpresa para a equipe. O cenário escolhido foi sua residência, que contextualizava a personagem e a forma humilde e simples em que vive. A entrevista foi gravada na cozinha, composta por um fogão de lenha desativado e utilizado apenas para guardar as panelas bem ariadas.

Esta primeira sonora mostrou aos estudantes uma barreira pela qual não esperavam: a dificuldade em conquistar a confiança de pessoas que vivem contextos completamente diferentes da realidade a que os pesquisadores estavam habituados. A sede; a exaustão; a falta de informações; as doenças derivadas do trabalho; a decisão de abrir mão da vida ao lado da família e dos amigos em função da migração; a falta de opção; a incerteza do amanhã, entre outras temáticas, foram constatadas aos poucos pelo grupo.

A sonora com Antonio Thomaz Junior foi realizada no dia 20 de agosto. Para dar suporte à equipe, composta na ocasião apenas por três integrantes do grupo, a jornalista Mariana Gouveia esteve presente. Com 1h10 de gravação, o conteúdo exposto pelo professor foi de grande valia tanto para o videodocumentário quanto para a parte teórica. Durante a preparação para a sonora, um ruído no cabo de áudio atrapalhou o início das gravações por 30 minutos. A falha só foi solucionada quando o grupo percebeu que a câmera estava com o carregador conectado na tomada.

Dando continuação à peça prática, imagens do momento da chegada dos cortadores José Nery Macedo da Silva e seu irmão, Nerisvaldo Macedo da Silva, foram capturadas. Conforme combinado com os personagens, assim que o ônibus que os trazia entrou na cidade eles ligaram e comunicaram as alunas para que já ficassem preparadas para filmar. Em seguida, foi gravado o percurso feito por eles a pé, até a residência dos mesmos. Na mesma ocasião, a equipe registrou a rotina da casa que possui quatro moradores jovens e, também, cortadores. Logo após, deu-se início à gravação da sonora produzida na sala da casa do personagem. Como não havia nenhuma cadeira na residência, o entrevistado sentou-se em um engradado de bebida. A opção por gravá-lo sentado na caixa foi com a intenção de não interferir naquele ambiente, já que em todas as sonorais buscou-se utilizar os elementos que contextualizassem os entrevistados. Devido ao horário da entrevista, no período noturno, foi necessário fazer o uso de iluminação artificial.

A externa do dia 21 começou às 2h da madrugada para que fosse possível a gravação do despertar do personagem Antônio Carlos de Oliveira Lima e de sua família. Como Maria Pontes Lima, esposa do personagem, acordou às 3h30 para preparar o almoço do marido e dos dois filhos que também prestam serviço à usina, foi preciso dirigir-se a cidade ainda de madrugada, chegando à casa do personagem às 3h10. Assim que o despertador tocou, o grupo iniciou as gravações de Maria na

cozinha e de Antônio Carlos escovando os dentes. Todo o processo foi gravado até às 5h, horário que eles se deslocaram para o ponto de ônibus. Como ainda não havia luz solar, foi necessária a utilização do carro para iluminar os cortadores que aguardavam a chegada do ônibus no ponto. Assim que o sol saiu, os membros do grupo foram para a rodoviária fazer imagens dos tarabaenses que vão trabalhar em outros municípios.

Às 16h, Cleonilson de Oliveira Lima, filho de Antônio Carlos, avisou a equipe que ele e seu pai estavam retornando para o município. A partir daí foram feitas imagens de ambos descendo do ônibus e percorrendo o caminho até a casa. Nesta ocasião, a repórter teve bastante dificuldade em realizar a entrevista também porque o cortador não falava de forma contínua. Era necessário refazer as perguntas solicitando o mesmo conteúdo, mas de uma maneira completa.

O domingo, dia 26 de agosto, foi destinado à gravação da sonora de Geraldo dos Santos no sítio que o migrante e sua esposa, Lázara dos Santos arrendaram para criar gado. Ao chegar, imagens de apoio foram feitas e a gravação da entrevista com o personagem ocorreu embaixo de uma árvore, de forma tranquila.

Em busca de mais informações sobre migrantes, foi preciso responsável contatar a Pastoral do Migrante na região. No entanto, em conversa com o Padre José Altino Brambilla, da Paróquia Nossa Senhora Mãe da Igreja, descobriu-se que não há uma instituição que faça este trabalho no Oeste Paulista. O religioso então informou sobre a Comissão Pastoral da Terra (CPT), assessorada por Jurandir Severino de Lima, da Paróquia São José de Álvares Machado (SP). O grupo entrou em contato com o padre para obter mais informações sobre o setor, mas Jurandir afirmou que na região não há um local que preste esse tipo de serviço aos migrantes, devido à falta de incentivo da própria Igreja Católica, onde a própria CPT auxilia apenas a população sem-terra que protesta em favor da reforma agrária, segundo ele.

Decididos a encontrar a informação que o projeto precisava, os alunos entraram em contato com Antônio Garcia Peres, padre responsável pela Pastoral do Migrante na região de Jaboticabal. O mesmo, muito atencioso, explicou como é realizado o trabalho da unidade naquela região. No entanto, o religioso alegou não ter informações referentes à migração no Oeste Paulista, encerrando, assim, a procura dos pesquisadores por voluntários que auxiliam, de alguma forma, os

migrantes do setor canavieiro. Assim, no decorrer do projeto, muitas fontes foram descobertas devido à indicação de conhecidos.

Com relação ao processo de edição, a captura de imagens teve início no dia 24 de setembro, sendo que os dias seguintes obedeceram a uma alternância de tempo que variou entre nove e dez horas em função da carga horária do editor de imagens José Edivaldo Silva. No total foram 194 horas de edição, percorridas ao longo de 24 dias, terminando assim na semana do dia 30 de outubro.

Durante o processo de estruturação do videodocumentário, algumas pessoas contribuíram de forma mais atuante para o projeto, são eles: Mariana Gouveia, Guilherme Oliveira, Erivelton de Souza Silva e Pedro Bernardi Menossi.

Para ilustrar o caminho percorrido por alguns dos personagens migrantes, a jornalista Mariana Gouveia produziu um videografismo em forma de mapa. Os principais problemas ocorreram em função da falta de imagens em alta qualidade e da dificuldade em sincronizar o tempo de cada movimento com a fala dos personagens, fato que exigiu correções até o último momento das edições. Um dos exemplos de videografismo expostos no vídeo está na figura abaixo:

FIGURA 33 - Videografismo de Antônio Carlos de Oliveira Lima



Fonte: Mariana Gouveia

Já para a identificação dos personagens, inicialmente o grupo havia decidido que o mais simples seria o melhor, ou seja, a utilização de fonte branca sem base ao fundo, justamente para que o conteúdo das entrevistas pudesse ficar em evidência. Em função disso, uma tarja simples foi feita por José Edivaldo Silva e finalizada por

Guilherme Oliveira, como evidenciado na figura 34. A fonte usada foi a Arial Narrow, tamanho 30.

FIGURA 34 – Tarja finalizada



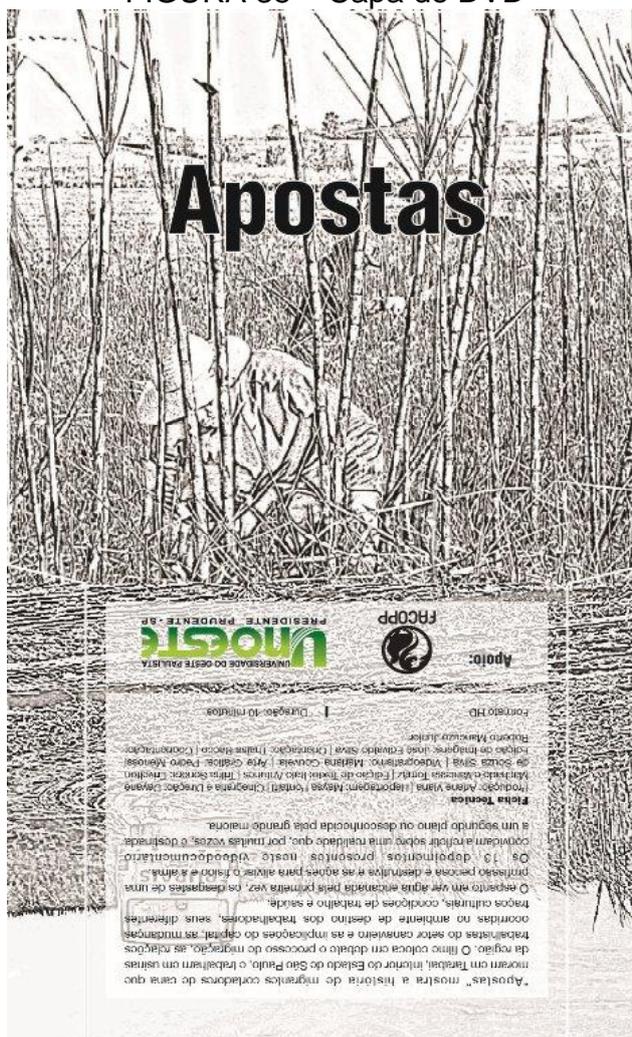
Fonte: Guilherme Oliveira

Um mapa que representou o fluxo migratório dos 74 cortadores entrevistados neste projeto, também foi elaborado por Oliveira como foi representado na figura 5, localizado no subitem 4.4 Perfil dos Migrantes de Tarabai.

Além disso, para ambientar o telespectador e criar sensações, o grupo estabeleceu parceria com um dos alunos do curso de Licenciatura e Música da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), Erivelton de Souza Silva. O relacionamento surgiu de uma conversa do grupo e o coordenador do curso, Valter Luiz Trevisan. A partir daí, alguns encontros entre o grupo e o músico foram marcados. Nessas oportunidades, os pesquisadores explicavam a temática do filme e que efeitos esperavam que a trilha sonora provocasse. Durante dois meses, Erivelton produziu quatro trilhas sonoras, mas por decisão do grupo, apenas uma foi introduzida no videodocumentário. Para a produção da música “Canto dos Lagos”, foi necessário a utilização de piano, violão, flauta e percussão.

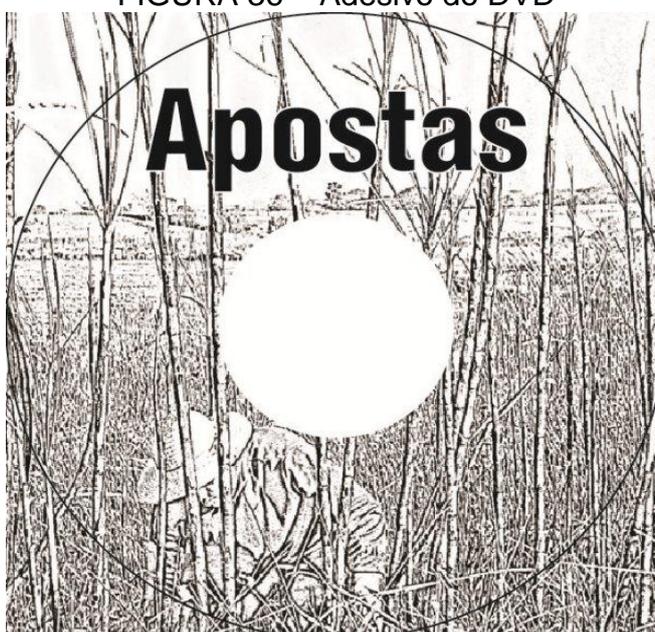
O publicitário, Pedro Bernardi Menossi, ex-aluno da Facopp, contribuiu com a produção das artes gráficas referentes à divulgação do videodocumentário. Desta maneira, uma capa e um adesivo personalizados para os DVDs, foram executados. As figuras 35 e 36 abaixo demonstram essas artes.

FIGURA 35 – Capa do DVD



Fonte: Pedro Bernardi Menossi

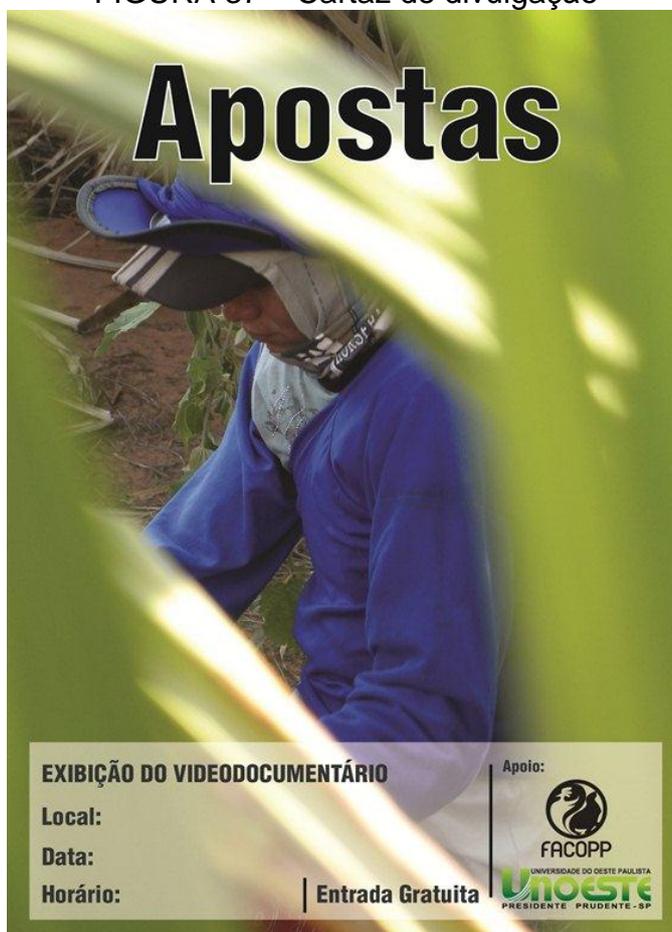
FIGURA 36 – Adesivo do DVD



Fonte: Pedro Bernardi Menossi

Além disso, Pedro produziu o cartaz e o convite, utilizados na divulgação das duas exibições do videodocumentário em Tarabai e Presidente Prudente.

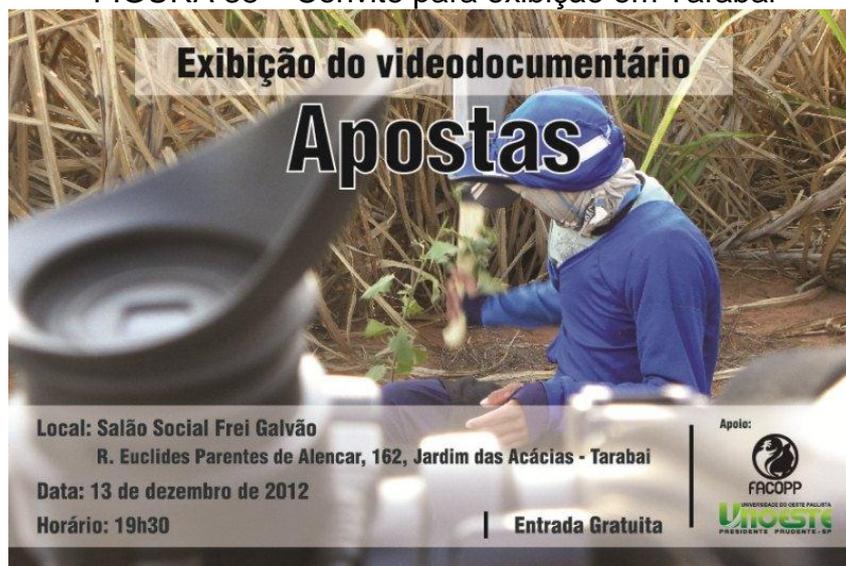
FIGURA 37 – Cartaz de divulgação



Fonte: Pedro Bernardi Menossi

Para os convites, dois tipos diferentes foram produzidos. O primeiro refere-se à exibição do dia 13 de dezembro para a cidade de Tarabai, no Salão Frei Galvão, localizado no Jardim das Acácias. Os convites foram destinados aos cortadores de cana que participaram do videodocumentário, assim como as autoridades e moradores locais. Assim demonstra a figura 38.

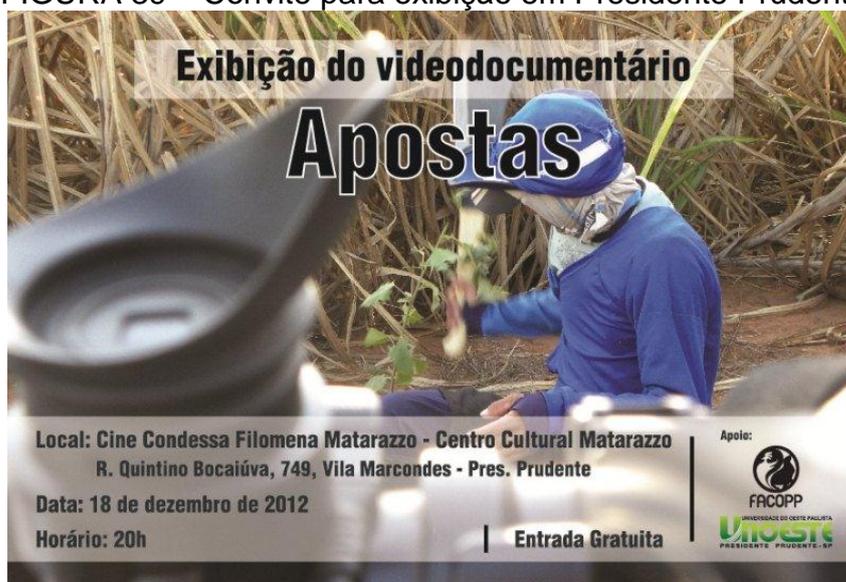
FIGURA 38 – Convite para exibição em Tarabai



Fonte: Pedro Bernardi Menossi

O segundo formato de convite foi destinado aos profissionais que, de alguma forma, contribuíram com esta pesquisa, assim como os familiares e amigos do grupo, além de veículos de comunicação de Presidente Prudente. A exibição ocorreu no dia 18 de dezembro no Centro Cultural Maratazzo de Presidente Prudente.

FIGURA 39 – Convite para exibição em Presidente Prudente



Fonte: Pedro Bernardi Menossi

A correção da primeira versão do videodocumentário realizada pela orientadora, Thaisa Bacco e o coorientador, Roberto Mancuzo, ocorreu no dia 27 de

setembro. Na ocasião, foi detectada a necessidade de mostrar a realidade dos migrantes não só baseada em depoimentos, mas em imagens que deveriam ilustrar e confirmar o que fora relatado pelos entrevistados. Em função disso, a equipe foi para Tarabai de madrugada com o objetivo de gravar o despertar de Marinete Alves dos Santos. Assim que a moradora acendeu a luz da residência, o grupo deu início às gravações, registrando a colocação do uniforme, o café, a preparação para o trabalho e a ida para o ponto de ônibus. Em seguida, os integrantes deslocaram-se ao centro da cidade para fazer cenas da escola, além de gravar a sonora com o morador, Everaldo Gonçalves Amorim.

No dia primeiro de outubro, uma integrante do grupo descobriu que próximo à sua casa, em Santo Anastácio, haveria uma queima de canavial. Foi então que na mesma noite, algumas imagens de suporte puderam ser produzidas. Empolgados com a conquista, os alunos aproveitaram para gravar imagens do trabalho do cortador, que começou às 6h da manhã. Lá, foram capturadas imagens do corte de cana, da parada para o almoço e do consumo do soro, não identificando os trabalhadores em questão.

Em meio à edição, o grupo sentiu falta de uma fonte que tratasse do trabalhador braçal de uma forma mais incisiva, na questão política. Com isso, os pesquisadores entraram em contato com o sindicalista Rubens Germano, responsável pela vistoria das usinas ao redor de Presidente Venceslau, já que este é o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Venceslau e Marabá Paulista.

Com a sonora de Rubens, temas como a mecanização e a exploração do trabalhador foram abordados de forma mais crítica, mostrando a intencionalidade das usinas e a forma como estas descartam os trabalhadores. Com base nesses novos pontos de vista, algumas ideias surgiram e a sonora de João Altino Cremonesi perdeu um pouco de força com relação ao conteúdo, o que levou os pesquisadores a eliminar do roteiro a entrevista do primeiro sindicalista e a incorporar um número maior de sonoras de Germano. Deu-se início, então, a mais uma reestruturação do documento, deixando-o mais próximo da realidade e buscando mostrar as dificuldades e necessidades pela qual passam os migrantes.

Desta maneira, novas sonoras com o tema “saúde” foram feitas, onde, além das fontes iniciais, mais três cortadores de cana contribuíram com o vídeo. Casos

como picadas de cobra, ferimentos devido ao mal uso do facão, dores no corpo, vômitos e câimbras foram empregados no documentário e nos capítulos.

As últimas sonoras citadas foram algumas das mais chocantes em termos de conteúdo, pois, ao falar dos problemas de saúde, os cortadores elucidaram tudo o que já havia sido contemplado no referencial teórico, demonstrando reações diferentes ao longo dos próprios relatos. Lidar com situações como estas, exigiram dos pesquisadores um cuidado muito maior com relação ao envolvimento pessoal. Em uma visita à Marinete Alves dos Santos, por exemplo, a aluna Vanessa Tomáz se deparou com a cortadora de rosto inchado, reclamando de fortes dores nos dentes, que a impediram de dormir na noite anterior. A senhora relatou que procurou o posto de saúde, mas não obteve nenhuma solução. Quadros como esse, fizeram com que os formandos em jornalismo se questionassem muitas vezes sobre o limite que deveriam estabelecer entre o profissional e o pessoal, essa dúvida ainda existe, embora decisões diferentes tenham sido tomadas de acordo com cada circunstância, sempre consultando a opinião da orientadora e coorientador do projeto.

A correção da segunda versão do vídeo ocorreu no dia quatro de outubro, onde foi reforçada pela orientadora e coorientador a necessidade de dar foco para a realidade que estava sendo mostrada e definir melhor a intencionalidade do vídeo. A maior dificuldade nesse momento foi o cansaço do grupo, que se viu obrigado a refazer o videodocumentário a menos de um mês do prazo de entrega do projeto e peça prática. A partir daí, foram encontradas algumas lacunas no roteiro, como a questão dos entorpecentes e bebidas alcoólicas no cotidiano do trabalhador do sistema sucroalcooleiro. Assim, os pesquisadores voltaram a Tarabai na mesma noite do dia cinco para gravar o relato que complementaria o audiovisual, confirmando uma temática levantada pelo sindicalista Rubens Germano, com o cortador Nerisvaldo Macedo da Silva.

A sonora foi incorporada no dia oito de outubro e as adaptações e pequenas correções foram realizadas no vídeo e roteiro final (APÊNDICE E) pelo grupo até o dia dez, véspera da terceira avaliação. Em função de todos os apontamentos citados, a edição foi prolongada para os dias 12, 15, 16 e 17 de outubro. Para a ficha técnica envolveu 80 nomes, dentre eles, 72 pessoas físicas e oito instituições.

Seguindo as normas impostas para a veiculação de um elemento audiovisual, os 15 indivíduos que participaram desta pesquisa, assinaram o Termo

de Autorização de Imagem, permitindo o uso da imagem e som da voz, para a possível divulgação do videodocumentário: “Apostas” (ANEXO H).

O nome do vídeo foi baseado na entrevista de Antonio Thomaz Junior (2012) que, na ocasião, afirmou que o cortador migrante abre mão de viver em sua cidade de origem para apostar em uma atividade profissional que causa diferentes problemas a esse indivíduo. Uma escolha que estes nunca têm certeza se possibilitará a realização de seus sonhos.

Após percorrer aproximadamente um ano de dedicação completa ao projeto intitulado “Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade”, o grupo se sente satisfeito diante do crescimento pessoal e profissional que obteve ao trabalhar com um tema tão complexo e até então desconhecido e conviver com pessoas únicas, com histórias de vida reveladoras e surpreendentes e que, senão fosse por esta pesquisa, talvez nunca tivesse tido a oportunidade de conhecer.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto intitulado “Migrantes em Tarabai: O gênero videodocumentário para retratar a realidade” teve como ponto de partida um fenômeno comum e presente na região do Oeste Paulista: a migração de cortadores de outras localidades do país em função da demanda de trabalho no setor sucroalcooleiro. Este acontecimento ocorre na região administrativa de Presidente Prudente há aproximadamente sete anos, época em que foram instaladas algumas das principais empresas que empregam a população atualmente e acabam por influenciar na dinâmica das cidades sede e vizinhas.

Como *locus* de pesquisa foi escolhida a cidade de Tarabai, que não abriga usinas canavieiras, mas aloja parte dos funcionários contratados pela Umoe Bioenergy e pela Cocal. A primeira se encontra na cidade de Sandovalina, situada a 35 quilômetros de Tarabai e a segunda fica em Narandiba, a 17 quilômetros.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) culminou no estudo e compreensão da realidade dos migrantes cortadores de cana residentes em Tarabai, em busca da definição das relações e influências exercidas por eles na cidade de destino. Assim, os pesquisadores empregaram como base científica o método quanti-qualitativo com delineamento de estudo de caso, foram utilizados também o método histórico e a história oral e adotados como instrumentos de coletas de dados a pesquisa bibliográfica, de campo e a análise documental, bem como a aplicação de formulários e entrevistas em profundidade.

A partir desta metodologia foi possível responder a um dos objetivos específicos dessa pesquisa, definindo assim que o migrante cortador de cana residente em Tarabai presta serviço para duas usinas da região, a Umoe Bioenergy S/A (70% dos entrevistados) e a Cocal Comércio e Indústria Canaã de Açúcar e Álcool Ltda. (30% dos entrevistados), e estabelece contratos por empreita entre as empresas e os funcionários. Ou seja, novos acordos são firmados ou renovados a cada período da safra. Sobre as horas trabalhadas, os 74 entrevistados informaram que trabalham de segunda a sábado. Noventa e quatro por cento afirmaram cumprir oito horas de trabalho por dia e 70% alegaram cumprir oito horas aos sábados. Deste grupo, a maioria é do sexo masculino (91%); não possui escolaridade (apenas 5% possuem Ensino Médio completo) e é essencialmente jovem, pois 23% têm de

21 a 24 anos e com 25 a 29 anos totalizam 30%. Sendo que a experiência anterior com o corte de cana está presente na vida de 45% das pessoas.

Do total estudado, 89% estavam empregados antes de migrar para Tarabai. Deste grupo, 62% disseram ter se ocupado em atividades ligadas à terra antes da migração, como “trabalho com roça”, “bóia-fria”, entre outros, o que demonstrou a inexistência de uma atividade que incentive o trabalhador a migrar.

Com relação à origem dessas pessoas, o projeto constatou que a maior representatividade é proveniente do Maranhão (31%). O histórico de migração de 57% dos entrevistados teve início por meio da vinda para Tarabai e 43% declararam já ter saído de suas cidades natais outras vezes. Essa mudança ocorreu na companhia de familiares e amigos para 57%. A respeito da decisão de migrar, 65% contaram que sofreram algum tipo de influência. A maioria, 69%, por parte da família.

Sobre o estado civil do migrante, o formulário apontou que 50% se consideram “amigados” e do total, 57% possuem filhos legítimos. Destes que têm filiação, 79% moram com os descendentes em Tarabai e 21% têm filhos que residem em outros estados.

A maioria deles (95%) vive com uma ou mais pessoas e mora em casas alugadas (92%), despendendo a quantia média de R\$ 300,00 todos os meses (40%). Destes moradores, 39% responderam ser os únicos da casa a trabalhar no corte, os demais exercem a função ao lado de mais um, dois, três ou quatro pessoas com quem dividem o aluguel.

Após a definição do perfil do migrante, os pesquisadores selecionaram alguns cortadores para participar de entrevistas em profundidade. Baseado nelas e em relatos de fontes oficiais, um videodocumentário de 40 minutos foi produzido. Durante as etapas de pré-produção, produção e pós-produção, os alunos puderam ter contato com a prática do jornalismo, vivendo inúmeras situações que exigiram questionamentos acerca da ética estudada em sala de aula. A maioria delas envolveu questões ligadas ao envolvimento pessoal dos integrantes com as fontes, posto que, em função da pouca instrução e até das poucas condições econômicas de alguns deles, muitos cortadores pediam “agrados” aos pesquisadores e em outros casos, os próprios alunos sentiam impulso por encontrar a solução para os problemas testemunhados.

Observar de tão perto a realidade dos oito cortadores presentes no audiovisual, fez ainda com que o grupo por muitas vezes se questionasse sobre a real função do jornalista; sobre a fragilidade e a força do ser humano e sobre a consolidação imutável do capital como sistema social, que sempre se renova e se adapta, garantindo a própria sobrevivência, pois como afirma Thomaz Junior (2012), “[...] os capitalistas [...] eles trabalham, operam com essa dinâmica de substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto, [...]” Além disso, o autor afirma que esses indivíduos são “reféns” do capitalismo, já que a única opção de conseguirem extrair o mínimo para sobreviver, é migrar. “Esses trabalhadores migram e se deslocam de uma região para outra, enfrentando todas as barreiras sociais, políticas, econômicas, imposições, cobranças, controles, uma série de coisas para atender o quê? Para atender a uma demanda do capital.” (THOMAZ JUNIOR, 2012)

Apesar da complexidade em elaborar um produto audiovisual, os pesquisadores concluíram que não poderia ter sido outro o gênero escolhido para tratar de uma temática tão profunda, ao mesmo tempo que, tão visível àqueles que desejam olhar. A pesquisa teve exatamente este anseio, o de revelar uma realidade que existe, mas que nem todos conseguem enxergar, refletir, compreender ou questionar. É baseado nisso que os alunos concluem que os objetivos propostos foram alcançados, visto que a compreensão do fenômeno da migração e as relações dela derivadas, a identificação do perfil do migrante, o resgate dos principais momentos da história de Tarabai e a documentação da massa migratória por meio do audiovisual foram realizadas.

O projeto foi desafiador ao grupo devido ao distanciamento do tema com a área da Comunicação, posto que a migração e o trabalho do cortador derivam de diferentes campos como a Geografia, Fisioterapia, História, Produção Sucroalcooleira, entre outros. Assuntos que não foram estudados durante a graduação dos autores desta pesquisa, resultando na busca e aprofundamento de estudos envolvendo este conteúdo. Além disso, a maior dificuldade consistiu na determinação do migrante cortador em meio aos demais trabalhadores e no contato e relacionamento com os mesmos durante os nove meses de visitas às residências, considerando empecilhos como a carga horária dos funcionários, pois “[...] você somente consegue conversar com o migrante, entrevistar o migrante, fora do horário de trabalho. Isso vai ser sábado à noite e domingo, quando eles não têm que trabalhar no domingo e feriados, quando não têm que trabalhar nos feriados

também.” (THOMAZ JUNIOR, 2012). A proibição da entrada dos pesquisadores nas usinas foi outro impedimento vivido pelo grupo, já que ao longo de sete meses, apesar das inúmeras tentativas de parceria entre as empresas e a universidade, ambas as usinas responderam de forma negativa. O livre-docente em Geografia do Trabalho, Antonio Thomaz Junior (2012) afirma ser em razão desse fator que muitos estudantes não se dedicam ao estudo referente a este conteúdo. “[...] nós somos proibidos, a gente não consegue entrar.” (THOMAZ JUNIOR, 2012)

Outro obstáculo encontrado foi a diversidade de vocabulários existente entre os cortadores, decorrente das diferentes localizações de origem destes indivíduos. O grupo enfrentou ainda a distância da cidade em questão e a não existência de acervo histórico de Tarabai, o que repercutiu na realização de entrevistas em profundidade com autoridades e moradores locais, visando o resgate histórico dos principais momentos do município, a partir da chegada dos primeiros moradores e migrantes, empresas pioneiras, assim como o crescimento econômico de Tarabai, relatando os dias atuais. Este histórico serviu para os discentes perceberem o quanto a migração foi e, ainda é importante para a economia da cidade. Como relatado no capítulo 4, os primeiros moradores, vieram de outras regiões do Brasil e em destaque, pessoas de outros países, como foi o caso dos japoneses. Percebeu-se o quanto a história de Tarabai é preciosa e necessita ser resgatada para que todos tenham acesso a essas informações.

Considerando os objetivos geral e específicos dessa pesquisa e as atividades práticas e teóricas realizadas, espera-se que este estudo, por meio do videodocumentário, possa cumprir o desafio de refletir sobre as relações de trabalho do cortador de cana e incentivar o respeito às histórias de vida e experiências compartilhadas pelo grupo estudado, despertando no corpo acadêmico da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp) da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), o interesse por aprofundar o tema pesquisado ou desenvolver projetos relacionados ao setor sucroalcooleiro e seus desdobramentos, como por exemplo: relações de trabalho estabelecidas entre o indivíduo e o capital; disputa e questões envolvendo o território do Pontal do Paranapanema; crescente mecanização e substituição das atividades manuais; saúde do trabalhador; uso do solo e suas temáticas ambientais; além do estudo sobre a exploração dos recursos naturais provenientes da região a partir da instalação de multinacionais no local e, os lucros e prejuízos derivados dela.

Proposições pertinentes ao desenvolvimento de pesquisas tanto no campo da Comunicação Social, quanto em outras áreas, como Geografia, Agrárias, Gestão Ambiental, Fisioterapia, entre outros.

Ao final de quase um ano estudando a migração, foi possível compreender a importância do audiovisual como um gênero que atrai a atenção das pessoas e transmite a mensagem desejada de forma explícita, com possibilidades maiores de dizer o que é pretendido. Por exemplo, o relato de uma fonte dizendo que a queima da cana provoca problemas à saúde do cortador em função da fuligem derivada dela, tem um valor para quem assiste. Quando se agregam imagens de um canavial queimando e de cortadores tossindo durante o trabalho, a mensagem tende a ganhar mais força, a se fixar mais facilmente na mente das pessoas. Além disso, por meio da pesquisa foi possível comprovar que a atuação do jornalista deve ir além dos “dados” produzidos para a pauta, o profissional tem a obrigação de compreender os anseios sociais, evidenciá-los, questioná-los, buscar possibilidades e fazer com que sua mensagem seja entendida por todo e qualquer público, inclusive os analfabetos ou semianalfabetos, os deficientes visuais ou auditivos, os desinteressados ou que possuem baixa escolaridade.

A real função de um jornalista em qualquer veículo de comunicação é informar para formar opiniões. A partir da propagação de dados com qualidade, novas opiniões surgirão, ocorrendo a possibilidade de solucionar problemas sociais que até então, pareciam irreversíveis. Mesmo se esses pensamentos forem divergentes, o importante é que toda a realidade vivida pelo ser humano, seja evidenciada. Este é o dever de um jornalista que faz jus ao seu nome e que cumpri o compromisso de levar boa informação para o meio social com muita ética.

Mas o contato com outras realidades e o respeito por elas mostra o quanto é fundamental o levantamento de debates, discussões sobre o tema, que conseqüentemente, fazem as pessoas pensarem sobre o significado de tudo aquilo. Talvez baste um pouco mais de empenho e dedicação, características indispensáveis à sobrevivência do verdadeiro “espírito de repórter”.

Durante o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), os pesquisadores puderam vivenciar ainda o prazer de realizar cada função proposta para criação de um videodocumentário. A cautela e a insistência da produção em busca de informações, mantendo sempre o planejamento e a atenção a todos os passos dados; a espontaneidade e a responsabilidade da reportagem, incumbida de não só

conquistar a confiança da fonte, como fazer se senti-la à vontade a ponto de revelar suas opiniões, expor sua vida; o rigor e a paixão da cinegrafia, disposta a subir qualquer altura, entrar em qualquer espaço para conseguir a melhor imagem, o sobe som mais surpreendente, e que vibra com cada *take*; o controle e o olhar crítico da edição, responsável por reunir o produto de todas as outras fases em único discurso, com o máximo de qualidade, sem perder a mensagem proposta e sem estourar os prazos. Cada etapa da preparação do videodocumentário serviu de incentivo para avançar no projeto. A sensação se deu devido ao fato de, independente das noites sem dormir, dos imprevistos, da corrida diária, da procura pela fonte, da busca pela imagem ou das inúmeras horas decupando fitas e transcrevendo sonoras, o momento de maior prazer e doação do grupo sempre foi em função do vídeo, gênero que, desde o início, fascinou todos os membros dessa equipe. Recomenda-se, não só aos alunos de Jornalismo, mas também de outros cursos, que busquem o olhar diferenciado, aquele que propague o bem. Mesmo que isto almeje mais esforços do que o convencional.

É com este anseio que Ariane Viana, Dayane Machado, Italo Antunes, Maysa Pontalti e Vanessa Tomáz, utilizaram-se da junção da formação humanística e acadêmica para tornar públicas informações, histórias e misturas de sentimentos, a serviço de toda sociedade.

Como relatou o escritor francês, Marcel Proust, “a verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos.” O olhar tanto de um cidadão quanto a de um profissional que compreende o que estuda, é descobrir outras maneiras de pensar e agir. E conseqüentemente, desta nova relação, perceber que não existe o melhor governo, empresa ou negócio, mas sim, o melhor ser humano.

## REFERÊNCIAS

ALESSI, Neiry Primo; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. A saúde do trabalhador do corte da cana-de-açúcar. In: **SAÚDE e trabalho no Sistema Único de Saúde**, São Paulo, p. 121-151, 1994.

ALTAFINI, Thiago. **Cinema documentário Brasileiro: Evolução Histórica da Linguagem**. 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/Altafini-thiago-Cinema-Documentario-Brasileiro.html>>. Acesso em: 20 set. 2012.

ALVES, Francisco. Processo de Trabalho e danos à saúde dos cortadores de cana. 2008. **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, São Paulo, v. 3, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.sp.senac.br/index.php/ITF/article/viewFile/113/130>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

ALVES, Francisco. Por que morrem os cortadores de cana? **Saúde e Sociedade**, v. 15, n. 3, p. 90-98, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v15n3/08.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

AMORIM, Everaldo Gonçalves. **O olhar de um profissional: história de Tarabai**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 29 set. 2012.

ANDRADE JÚNIOR, José Roberto Porto de. A realidade do trabalho rural canavieiro e a necessidade de políticas públicas compensatórias: um diálogo sobre as condições de trabalho e a mecanização da colheita da cana. In: **Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca**, Franca, 2010. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/sst/n1v1/v1n1a29.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2012.

AZEVEDO, José Roberto Nunes de; THOMAZ JUNIOR, Antonio; OLIVEIRA, Ana Maria Soares de. A (re)organização do capital agroindustrial canavieiro: o caso do Oeste Paulista. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 1, n. 8, p. 23-30. 2008. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/viewFile/242/pdf20>>. Acesso em: 19 set. 2012.

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: Técnicas para uma produção de alto impacto**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BILHARINHO, Guido. **Cem Anos de Cinema**. Uberaba: Instituto Triângulo de Cultura, 1996.

BOIN, Marcos Norberto. **Chuvas e erosões no Oeste Paulista**: uma análise climatológica aplicada. 2000. 264 p. Tese de Doutorado (Ciências e Meio Ambiente) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. Disponível em: <<http://www.sigrh.sp.gov.br/sigrh/ARQS/RELATORIO/CRH/CBH-PP/361/tese/1%20capa.PDF>>. Acesso em: 15 set. 2012.

BONASIO, Valter. **Televisão**: Manual de Produção e Direção. Belo Horizonte: Leitura, 2002.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Anuário estatístico da agroenergia**. Brasília-DF, 2009.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Evolução produção do Brasil 2005-2011**. Brasília-DF, 2011.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Sistema de acompanhamento da produção canavieira**. Brasília-DF, 2012a.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Acompanhamento da produção 2012/2013**. Brasília-DF, 2012b.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). **Bolsa família**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>. Acesso em: 16 out. 2012.

BRAVO, Elizabeth. **Agrocombustíveis, cultivos energéticos e soberania alimentar na América Latina**: aquecendo o debate sobre agrocombustíveis. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

CALVO, Waldemar. **Com suas palavras**: história de Tarabai. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 29 set. 2012.

CECCATO, Aline Duarte Ferreira. **Saúde do trabalhador canavieiro**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 6 set. 2012.

CHALLIER, Marion; JEUNET, Lou. **Era uma vez o cinema**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

COCAL Comércio Indústria Canaã Açúcar e Álcool Ltda. **Empresa**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.cocal.com.br/>>. Acesso em: 28 out. 2012.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, Jalon Bernardo da. **Nas palavras de um ex-vereador**: história de Tarabai. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 30 set. 2012.

CREMONEZI, João Altino. **O sindicato e os cortadores de cana**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 7 set. 2012.

CUNHA, Albertino Aor da. **Telejornalismo**. São Paulo: Atlas, 1990.

CURADO, Olga. **A notícia na TV**: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**. Rio de Janeiro: Azougue. 2006.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS (EMUBRA). **História de Tarabai**. 2004. Disponível em: <[http://camarapprudente.sp.gov.br/historia/hist\\_oeste/cidades/tarabai/historia.html](http://camarapprudente.sp.gov.br/historia/hist_oeste/cidades/tarabai/historia.html)>. Acesso em: 21 abr. 2012.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, Espírito Santo. 2007. Disponível em: <[http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)>. Acesso em: 4 ago. 2012.

FELÍCIO, Munir Jorge. Apontamentos para ampliar a compreensão da questão agrária do século XXI. **XIX ENGA**, São Paulo, p. 1-18, 2009. Disponível em: <[http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Felicio\\_MJ.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Felicio_MJ.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: BUAINAIN, Antônio Márcio (org.). **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p.173-224.

FERNANDES, Bernardo Mançano; GONÇALVES, Elienai Constantino. **Políticas de agrocombustíveis no Brasil**: paradigmas e disputa territorial. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2009. Disponível em: <http://www.ppgg.igeo.ufrj.br/publicacoes/index.php?journal=espacoaberto&page=articulo&op=view&path%5B%5D=3>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

FERREIRA, Sílvia Aline. **Programa Vale Gás**, [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <maysapontalti@gmail.com> em: 28 out. 2012.

FERREIRA JÚNIOR, Antonio Carlos; HESPANHOL, Antonio Nivaldo. Os efeitos das políticas voltadas ao setor sucroalcooleiro no Estado de São Paulo. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 1, n. 6, dez. 2006. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/viewFile/203/pdf>>. Acesso em: 18 set. 2012.

FUCK, Marcos Paulo; BONACELLI, Maria Beatriz. Sementes geneticamente modificadas: (in)segurança e racionalidade na adoção de transgênicos no Brasil e na Argentina. **Revista CTS**, v. 4, n. 12, p. 9-30, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ar/pdf/cts/v4n12/v4n12a02.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2012.

GERMANO, Rubens. **O sindicato entre os usineiros e o trabalhador braçal**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, em 2 out. 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GOMES, Maria Terezinha Serafim. **O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do Oeste Paulista: Araçatuba, Birigui, Marília**, Presidente Prudente, São José do Rio Preto. 2007. 295 p. Tese de Doutorado (Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <[http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/tese\\_maria\\_terezinha\\_serafim\\_gomes\[1\].pdf](http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/tese_maria_terezinha_serafim_gomes[1].pdf)>. Acesso em: 17 set. 2012.

GRUPO injeta US\$ 300 mi em usina em Sandovalina. **O Imparcial**, Presidente Prudente, 10 out. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Dados Tarabai. In: site Informações do Brasil. **Censo Demográfico 2010 completo de Tarabai (SP)**. Disponível em: <<http://www.informacoesdobrasil.com.br/dados/sao-paulo/tarabai/censo-demografico-2010/>>. Acesso em: 19 set. 2012.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **O que é? Amazônia Legal**. [s.d.]. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2154:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2154:catid=28&Itemid=23). Acesso em: 20 nov. 2012.

KELLISON, Catherine. **Produção e Direção para TV e Vídeo: Uma abordagem prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LABAKI, Amir. **É tudo verdade**: Reflexões sobre a cultura do documentário. São Paulo: Francis, 2005.

LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo: Francis, 2006.

LAGE, Nilson. **Reportagem**: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Antonio Carlos Oliveira. **História de vida**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, em 22 ago. 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MAGRO, Ênio. **A cidade de Narandiba e o corte de cana**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, em 24 mai. 2012.

MARQUELLI, Rodrigo Pedrosa. **O desenvolvimento sustentável da agricultura no cerrado brasileiro**. Brasília, 2003. 64 p. Disponível em: <[http://ag20.cnptia.embrapa.br/Repositorio/Desenvolvimento\\_sustentavel\\_agricultura\\_cerradoID-UkZstU83ek.pdf](http://ag20.cnptia.embrapa.br/Repositorio/Desenvolvimento_sustentavel_agricultura_cerradoID-UkZstU83ek.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2012.

MAZZOLENI, Eduardo Mello; NOGUEIRA, Jorge Madeira. Agricultura orgânica: Características Básicas do seu Produtor. **RER**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 263-293, abr./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v44n2/a06v44n2.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2012.

MORAES, Márcia Azanha Ferraz Dias de; FIGUEIREDO, Margarida Garcia de; OLIVEIRA, Fabíola Cristina Ribeiro de. Migração de Trabalhadores na Lavoura Canavieira Paulista: uma investigação dos impactos sócio-econômicos nas cidades de Pedra Branca, Estado do Ceará, e de Leme, Estado de São Paulo. **Revista Economia Agrícola**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 21-35, jul./dez. 2009. Disponível em: <<ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/rea/n2/rea2-2-09.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2012

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORENO, Camila. Soberania energética e soberania alimentar: uma só luta da agroenergia. In: BRAVO, Elizabeth. **Agrocombustíveis, cultivos energéticos e soberania alimentar na América Latina**: aquecendo o debate sobre agrocombustíveis. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MORENO, Luís Marcelo. **Transição da colheita da cana-de-açúcar manual para a mecanizada no Estado de São Paulo**: cenários e perspectivas. 2011. 110 p.

Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/86/86131/tde-29082011-100955/pt-br.php>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

NETTO, João Natale. **A saga do álcool: fatos e verdades sobre os 100 anos do álcool combustível em nosso país**. Osasco, SP: Novo Século, 2007.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 200.

NOVAES, José Roberto Pereira. Campeões de Produtividade: Dores e Febres nos Canaviais Paulistas. **Estudos Avançados**, v. 21, n. 59, p. 167-177. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n59/a12v2159.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2012.

NOVAES, José Roberto. Trabalho nos Canaviais: Os Jovens entre a enxada e o facão. **RURIS**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 105-127, mar. 2009. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/ceres/ruris-3-1-trabalho\\_nos\\_canaviais.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/ceres/ruris-3-1-trabalho_nos_canaviais.pdf)>. Acesso em: 17 mar. 2012.

NOVAES, José Roberto; ALVES, Francisco. **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EDUFSCAR, 2007.

PENAFRIA, Manuela. **Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo**. 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>> Acesso em: 6 ago. 2012.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2012.

PENAFRIA, Manuela. **Ouvir imagens e ver sons**. VII Encontros de Cinema-Música(s). Portugal. 2003. Disponível em: <[http://www.bocc.uff.br/pag/penafria\\_som\\_e\\_doc.pdf](http://www.bocc.uff.br/pag/penafria_som_e_doc.pdf)>. Acesso em: 6 ago. 2012.

POCHMANN, Marcio. **Força de trabalho e tecnologia no Brasil: uma visão de história com foco atual na produção de cana-de-açúcar**. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992. Disponível em: <[http://api.ning.com/files/LI8EhWKOjnpBzyw257Y0NHNZ7xcrf09jmLgegffTskrMH\\*4b](http://api.ning.com/files/LI8EhWKOjnpBzyw257Y0NHNZ7xcrf09jmLgegffTskrMH*4b)>

gGuha7RjunwpB7V0vtLjHGOM-t7nk\*godglpjyrgZxl1DJ8/MemriaeldentidadeSocial.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2012.

PORTAL FOME ZERO. **O que é Fome Zero?** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.fomezero.gov.br/o-que-e>>. Acesso em: 16 out. 2012.

PORTAL DO GOVERNO do Estado de São Paulo. **Extensão do Aquífero Guarani.** 2007. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=87560>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PRADO, Flávio. **Ponto Eletrônico:** Dicas para fazer telejornalismo com qualidade. São Paulo: Publisher Brasil, 1996.

PREFEITURA Municipal de Tarabai. **Autoridades.** [s.d.]. Disponível em: <[http://www.tarabai.sp.gov.br/\\_portal/autoridades/ver.asp?id=201](http://www.tarabai.sp.gov.br/_portal/autoridades/ver.asp?id=201)>. Acesso em: 18 ago. 2012.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário:** Da pré-produção à pós-produção. Campinas: Papirus, 2010.

RAMOS, Fernão Pessoa. Cinema Verdade no Brasil. In: **Documentário no Brasil:** Tradição e Transformação. São Paulo: Summus, 2004.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal...** o que é mesmo documentário? São Paulo: Editora Senac, 2008.

RITTNER, Maurício. **Compreensão de cinema.** Rio de Janeiro: Buriti, 1965.

ROCHA, Fernanda Ludmilla Rossi. **Análise dos fatores de risco do corte manual e mecanizado da cana-de-açúcar no Brasil segundo o referencial da Promoção da Saúde.** 2007. 183 p. Tese de Doutorado – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/83/83131/tde-07012008-103708/pt-br.php>>. Acesso em: 17 mar. 2012.

ROSEIRO, Maria Nazareth Vianna; TAKAYANAGUI, Ângela Maria Magosso. Meio Ambiente e Poluição Atmosférica: O caso da cana-de-açúcar. **Revista do Centro de Ciências da Saúde**, Rio Grande do Sul, v. 30, p. 76-83. 2004. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/revistasaude/2004/30\(1-2\)76-83,%202004.pdf](http://w3.ufsm.br/revistasaude/2004/30(1-2)76-83,%202004.pdf)>. Acesso em: 17 ago. 2012.

ROSSINI, Miriam de Souza. O gênero documentário no cinema e na tevê. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lídia Dias de. **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SACRINI, Marcelo. **Perspectivas do gênero documentário pela apropriação de elementos de linguagem da TV Digital Interativa**. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sacrini-marcelo-doc-digital-interativo.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

SALLES, Filipi. Como se faz cinema: Funções e equipe. In: **APOSTILA de Cinematografia**, p. 96-102, 2008. Disponível em: <[http://www.mnemocine.art.br/index.php?searchword=diretor+de+fotografi&ordering=&searchphrase=all&Itemid=62&option=com\\_search](http://www.mnemocine.art.br/index.php?searchword=diretor+de+fotografi&ordering=&searchphrase=all&Itemid=62&option=com_search)>. Acesso em: 23 set. 2012.

SANTOS, Marinete Alves dos. **História de vida**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 19 ago. 2012.

SANTOS, Geraldo dos. **História de vida**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 26 ago. 2012.

SANTOS, Nelson Barbosa dos. **O olhar de um tarabaense**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 29 set. 2012.

SANTOS, Ricardo Ferreira dos. **História de vida**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 29 set. 2012.

SANTOS, Neisvaldo Barbosa dos. **Identificação dos fatores críticos da colheita mecanizada de cana-de-açúcar**. 2011. 85 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/111148/tde-19102011-090951/pt-br.php>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida et al. Novas tecnologias e saúde do trabalhador: a mecanização do corte da cana-de-açúcar. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 147-161, jan./mar. 1999. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v15n1/0044.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL (SEDS). **Viva leite**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/portal.php/vivaleite>>. Acesso em: 28 out. 2012.

SERRA, Floriano. **A arte e a técnica do vídeo: do roteiro à edição**. São Paulo: Summus, 1986.

SILVA, José Nery Macedo da. **História de vida**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 21 ago. 2012.

SILVA, Valdira Abreu. **O olhar de uma comerciante**: história de Tarabai. Entrevista concedida a Vanessa Vazzi Tomaz, 28 set. 2012.

SILVA, Isafias Bezerra da Silva. **O olhar de um comerciante**: história de Tarabai. Entrevista concedida a Vanessa Vazzi Tomaz, 28 set. 2012.

SILVA, Antonio Cardozo da. **História de vida**. Entrevista concedida a Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 29 set. 2012.

SILVA, Nerisvaldo Macedo da. **História de vida**. Entrevista concedida a Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 5 out. 2012.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Como “expulsar o camponês” do proletário. In: **Travessia**: revista do migrante. São Paulo, set/dez, p.5-11 set/dez. 1990.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mortes e acidentes nas profundezas do ‘mar da cana’ e dos laranjais paulistas. **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 1-31, abr./ago. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.sp.senac.br/index.php/ITF/article/viewFile/112/129>>. Acesso em: 17 set. 2012.

SOUSA, Samir. Efeitos decorrentes da modernização no campo: notas sobre um estudo de caso em Piracicaba (SP). **4º Encontro da Rede de Estudos Rurais**, Curitiba, p. 1-10, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.redesrurais.org.br/sites/default/files/EFEITOS%20DECORRENTES%20DA%20MODERNIZA%C3%87%C3%83O%20NO%20CAMPO.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2012.

SOUZA, Edivaldo Clementino de. **O olhar de um morador**: história de Tarabai. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 21 ago. 2012.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. **Aprender Telejornalismo**: produção e técnica. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

STEFANELLI, Ricardo. **Roteiro**: Cinema, Televisão e Vídeo. 3. ed. 2010. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GsM\\_nqjtEM0J:189.108.236.229/srt/index.php?option%3Dcom\\_phocadownload%26view%3Dcategory%26download%3D471:apostila\\_video%26id%3D80:artes+&hl=pt-BR&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GsM_nqjtEM0J:189.108.236.229/srt/index.php?option%3Dcom_phocadownload%26view%3Dcategory%26download%3D471:apostila_video%26id%3D80:artes+&hl=pt-BR&gl=br)>. Acesso em: 23 ago. 2012.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

TAVARES, Denise. **Fronteiras entre cinema e jornalismo**: A realização de vídeo-documentário no curso de jornalismo. 2005. Disponível em: <[http://www.fnnpj.org.br/downloads/denise\(cinema-jornal\)2005.pdf](http://www.fnnpj.org.br/downloads/denise(cinema-jornal)2005.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2012.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil**. São Paulo: Summus, 2004.

THEODORO, Antônio Donisete. **Expansão da cana-de-açúcar no Brasil**: ocupação da cobertura vegetal do Cerrado. 2011. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Tecnologia em Biocombustíveis - Faculdade de Tecnologia de Araçatuba, Araçatuba. Disponível em: <<http://www.fatecaracatuba.edu.br/suporte/upload/Biblioteca/BIO%2017711107116%20-%20Autor%20Antonio%20Donisete%20Theodoro.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. **Por trás dos canaviais, os “nós” da cana**: a relação capital x trabalho e o movimento sindical dos trabalhadores na agroindústria canaveira paulista. São Paulo: Annablume, 2002.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. **A cana-de-açúcar na região**. Entrevista concedida à Maysa Fernanda Bosso Pontalti, 20 ago. 2012.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. O Agrohidronegócio no Centro das Disputas Territoriais e de Classe no Brasil do Século XXI. **CAMPO-TERRITÓRIO**: revista de geografia agrária, v.5, n.10, p.92-122, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/12042/8245>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

UMOEBIOENERGY. **Empresa**. [s.d.]. Disponível em: <<http://umoebioenergy.com/empresa/>>. Acesso em: 18 ago. 2012.

UMOEBIOENERGY começa produzir energia do bagaço. **Ifronteira**, 2012. Disponível em: <<http://www.ifronteira.com/mobile-noticia-37103>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

UNIÃO DA INDÚSTRIA DE CANA-DE-AÇÚCAR (UNICA). **Brasil é exemplo ideal para implantação da indústria da cana na África**. 2012. Disponível em: <<http://www.unica.com.br/noticias/show.asp?nwsCode=%7B3B4C9599-E7B7-49BC-803C-56CC37A4E6F9%7D>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

UNIÃO DA INDÚSTRIA DE CANA-DE-AÇÚCAR (UNICA). **Protocolo Agroambiental do Setor Sucroalcooleiro**. 2009. Disponível em:

<<http://www.unica.com.br/noticias/show.asp?nwsCode={9C316670-3A8A-4908-B41A-CEDC6E8B1088}>>. Acesso em: 17 ago. 2012

UNIÃO DA INDÚSTRIA DE CANA-DE-AÇÚCAR (UNICA). **História:** os antigos engenhos. [s.d.]a. Disponível em: <<http://www.unica.com.br/content/show.asp?cntCode=6D0B18FA-17A8-4FC2-B0A6-26FE59BC33C3>>. Acesso em: 18 mai. 2012.

UNIÃO DA INDÚSTRIA DE CANA-DE-AÇÚCAR (UNICA). **História:** ciclo econômico da cana. [s.d.]b. Disponível em: <<http://www.iunica.com.br/content/show.asp?cntCode=8875C0EE-34FA-4649-A2E6-80160F1A4782>>. Acesso em: 18 mai. 2012.

UNIÃO DA INDÚSTRIA DE CANA-DE-AÇÚCAR (UNICA). **Cultivo hoje.** [s.d.]c. Disponível em: <[www.unica.com.br/content/show.asp?cntCode=9E97665F-3A81-46F2-BF69-26E00C323988](http://www.unica.com.br/content/show.asp?cntCode=9E97665F-3A81-46F2-BF69-26E00C323988)>. Acesso em: 18 mai. 2012.

UNIÃO DOS PRODUTORES DE BIOENERGIA (UDOP). **Unidades do Estado de São Paulo.** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.udop.com.br/index.php?item=unidades&regiao=CS&estado=SP>>. Acesso em: 17 mar 2012.

UNIÃO DOS PRODUTORES DE BIOENERGIA (UDOP). **Oeste Paulista prepara o terreno para crescimento da produção.** 2012. Disponível em: <[http://www.udop.com.br/index.php?cod=1080409&item=noticias&fb\\_source=message](http://www.udop.com.br/index.php?cod=1080409&item=noticias&fb_source=message)>. Acesso em: 21 jun. 2012.

VASCONCELOS, Yuri. Inseto contra inseto. **Pesquisa FAPESP**, Editora FAPESP, n. 195, p. 68-73, mai. 2012.

VITALE, Marize Ocolati. **A saúde com o passar dos anos:** história de Tarabai. Entrevista concedida à Ítalo Eduardo Antunes, 28 set. 2012.

WATTS, Harris. **Direção de Câmera:** Um manual de técnicas de vídeo e cinema. São Paulo: Summus, 1999.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** Planejamento e Métodos. Tradução de Ana Thorell. Porto Alegre: Bookman, 2010.

**ANEXOS**

**ANEXO A**  
**ACORDO COLETIVO DE TRABALHO DO ANO DE 2012**

Documento cedido pelo Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Prudente: João Altino Cremonezi.

Data: 7/09/2012

**Resumo das Propostas Negociadas entre os Sindicatos de Paraguaçu Paulista, Quatá, Rancheira, Tupã, Presidente Prudente e Regente Feijó e as Usinas Cocal I e II para o Acordo Coletivo de Trabalho 2012**

**Para os trabalhadores que exercem atividades manuais nas lavouras de cana-de-açúcar:**

- **Piso Salarial:** De R\$ 680,00 passa para **R\$ 730,00** e a partir de janeiro/2013 passará ao valor de **R\$ 750,00**
- **Horas "IN ITINERE":** De R\$ 4,64 para **R\$ 4,98** e a partir de janeiro/2013 passará ao valor de **R\$ 5,11**
- **Plantio de cana:** De R\$ 13,28 para o valor de **R\$ 14,21** para 1000 metros lineares de área plantadas e picados, ou seja, R\$ 0,01421 por metro linear.
- **Corte de Cana:**

Tipo de Cana	Valor por Tonelada	Valor do Feixe
Cana enrolada pé-de-rolê) ou bisada	De R\$ 4,10 passa para o valor de <b>R\$ 4,39</b>	<b>R\$ 0,0878</b>
Cana caída	De R\$ 3,67 passa para o valor de <b>R\$ 3,93</b>	<b>R\$ 0,0786</b>
Cana em pé"	De R\$ 3,42 passa para o valor de <b>R\$ 3,66</b>	<b>R\$ 0,0732</b>
Cana crua para moagem	De R\$ 6,48 passa para o valor de <b>R\$ 6,93</b>	<b>R\$ 0,1386</b>
Cana crua para plantio	De R\$ 8,60 passa para o valor de <b>R\$ 9,20</b>	<b>R\$ 0,1840</b>

- **Cesta Básica:** Serão mantidos os mesmos produtos da Cesta Básica definida no Acordo anterior para aqueles que tiverem até uma falta, justificada ou não, no mês.
- **Participação nos Resultados:** Será elaborado o PR para Safra 2012 e apresentado aos trabalhadores.
- **Oportunidades:** Elaboração de programa para aproveitamento dos trabalhadores em risco de desemprego (cortadores de cana e fiscais)

**Para os Operadores de Máquinas Agrícolas**

**Reajuste Salarial:**

GRUPO	SALÁRIO MÊS
I	De R\$ 916,01 para o valor de <b>R\$ 980,13</b>
II	De R\$ 987,98 para o valor de <b>R\$ 1057,14</b>
III	De R\$ 1.092,67 para o valor de <b>R\$ 1169,16</b>

Para os operadores de máquina III, pé-carregadeira e moto-niveladora: De R\$ 1.296,71 passa para o valor de R\$ 1387,48 após 1 (um) ano de registro na função no Grupo Cocal.

**Para os Ajudantes Agrícolas da Capina Química (Máquina Costal) - Sistema 6x1**

**Reajuste Salarial:** De R\$ 705,35 para **R\$ 754,73** até 31/07/2012. E de **R\$ 797,25** a partir de 01/08/2012.

**Para Telefonista e Auxiliar de Escritório**

**Reajuste Salarial:** De R\$ 705,35 para **R\$ 754,73** até 31/07/2012. E de **R\$ 806,16** a partir de 01/08/2012.

Documento cedido pelo Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Prudente: João Altino Cremonezi.

Data: 7/09/2012

Para os demais trabalhadores			
<b>Reajuste Salarial:</b> Índice de Reajuste de 7%.			
Alimentação			
<b>Vale Alimentação:</b> De R\$ 151,20 para o valor de <b>R\$ 162,00</b> para os que não tiverem ausências. E de R\$ 104,00 para os que tiverem no máximo 1 ausência.			
<b>Refeição:</b> Fornecimento de refeição para os trabalhadores que comparecerem nos parques industriais para conserto de veículos em oficinas, tratativas administrativas, recursos humanos, medicina do trabalho e etc, nas mesmas condições dos demais trabalhadores que utilizam os refeitórios.			
Salário por Produção - SP			
<b>Pagamento do Salário de Produção:</b> Foram mantidas na íntegra as metas do acordo anterior, para todos os trabalhadores nas duas unidades, retroagindo assim os acordos do SP já assinados.			
Unidade I	abr/12	mai/12	jun/12
	De 7,88% para <b>14,81%</b>	De 5,17% para <b>14,38%</b>	De 6,77% para <b>14,25%</b>
Unidade II	abr/12	mai/12	jun/12
	De 4,31% para <b>12,44%</b>	De 6,38% para <b>13,19%</b>	De 8,25% para <b>13,75%</b>
Exemplo: Na Unidade I, para o salário de 1.057,14, o SP no mês de maio será de <b>R\$ 152,02</b>			
<b>Observação:</b> Será criado um grupo de trabalho com a participação dos trabalhadores e seus representantes a fim de discutirem um novo modelo de Acordo de SP para o próximo ano.			
Diferenças Salariais (dos meses de maio, junho e julho):			
<b>Diferenças Salariais referentes ao Reajuste e Salário por Produção</b>			
Para os <b>funcionários ativos</b> , o pagamento será feito em folha separada, em <b>10 (dez)</b> dias úteis após a assinatura do Acordo Coletivo.			
Para os <b>funcionários inativos</b> o pagamento será feito em <b>20 (trinta)</b> dias úteis após a assinatura do Acordo Coletivo, em folha de rescisão complementar, com depósito em conta bancária ou na ausência desta, por DOC.			
Assembleia Geral Extraordinária para votação das propostas:			
o dia 14 de Agosto de 2012, com início às 6hs e encerramento às 15hs, no Ponto de Apoio dos Funcionários da sina Cocal, em Paraguaçu Paulista e em Iepê, e na sede das Unidades I e II.			

**ANEXO B**  
**OFÍCIO DA UMOE BIOENERGY EM RESPOSTA À AUTORIZAÇÃO DA**  
**ENTRADA DOS DISCENTES NA USINA**

----- Mensagem encaminhada -----

De: Layrton Gomes <layrton.gomes@umoe.com.br>

Data: 23 de agosto de 2012 17:33

Assunto: ENC: Ofício TCC de Jornalismo - UNOESTE

Para: "ariane.pv3@gmail.com" <ariane.pv3@gmail.com>

Cc: Renato Souza Balduino renato.balduino@umoe.com.br

umoe|bioenergy

Resposta ao "OFÍCIO UMOE "

Sandovalina, 23 de agosto de 2012

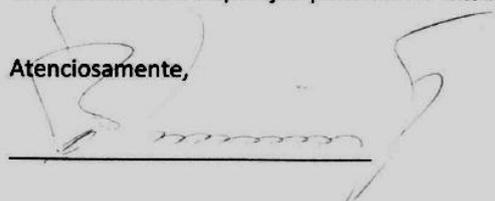
A/C: Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo  
Thaiza Sallum Bacco  
Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior

Agradecemos o contato e oportunidade para que a Umoe Bioenergy participe do estudo, mas não podemos contribuir com o projeto nesse momento.

Desejamos boa sorte aos desenvolvedores do trabalho de Conclusão de Curso denominado: "Migrantes em Tarabai: O Gênero Videodocumentário para Retratar a Realidade".

Nos colocamos à disposição para avaliar futuras parcerias.

Atenciosamente,

  
Renato Souza Balduino  
Diretor de Gestão e Recursos Humanos

**ANEXO C**  
**OFÍCIO DA COCAL EM RESPOSTA À AUTORIZAÇÃO DA ENTRADA DOS**  
**DISCENTES NA USINA**

----- Mensagem encaminhada -----

De: Sirlei Dore sdore@cocal.com.br

Para: "canatcc@gmail.com" <canatcc@gmail.com>

Data: 15 de outubro de 2012 14:49

Assunto: CARTA UNOESTE



Paraguaçu Paulista, 10 de setembro de 2012

Caros professores mestres

Em resposta a seu ofício solicitando a gravação de imagens de trabalhadores para documentar fluxo migratório de moradores em Tarabai, com a finalidade de ilustrar videodocumentário de Trabalho de Conclusão de Curso de alunas dessa conceituada instituição, informamos que, como já explicamos pessoalmente ao grupo de trabalho, não temos como contribuir com esse trabalho, pois, do ponto de vista da Legislação Trabalhista, nossa empresa não atua com trabalhadores migrantes.

Dessa forma, a Cocal não se enquadra na ilustração do referido trabalho, ficando contraditório para a empresa que seus trabalhadores uniformizados, destacando-se a sua logomarca, apareçam como exemplo do fluxo migratório da região.

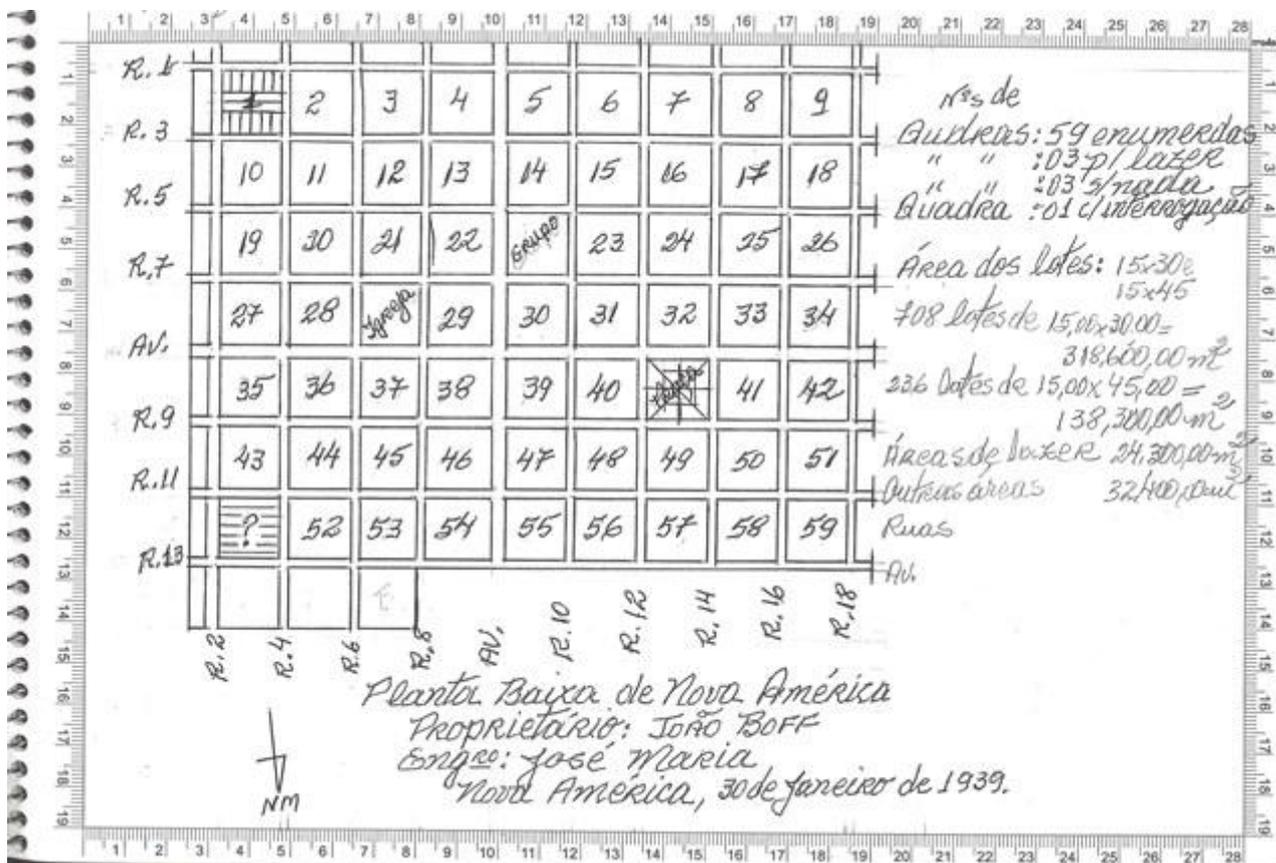
Esperamos contar com sua compreensão e estamos a disposição para contribuições futuras.

Atenciosamente

  
Carlos Fernando Damberg  
Diretor de Pessoas

**ANEXO D**  
**PLANTA BAIXA – DIVISÃO DE LOTES EM NOVA AMÉRICA (1939)**

Documento cedido pelo morador de Tarabai: Edvaldo Carvalho Filho (arquivo pessoal)  
 Data: 18/08/2012



**ANEXO E**  
**CARTAZ REFERENTE À VENDA DE LOTES EM NOVA AMÉRICA**

Documento cedido pelo morador de Tarabai: Edvaldo Carvalho Filho (arquivo pessoal)

Data: 18/08/2012

# NOVA AMERICA

O Patrimônio de maior futuro  
A 30 kms. de P. Prudente

市街地賣出シ並借地農募集

ノーバ・アメリカ (舊ノーバ・イタリア)  
A 30 kilometros de Presidente Prudente

亞州内ニ於イテ残サレタル、マレニ見ル將來發展ノ見込アル、當地帯ノ市街地ハ目下賣出中デ  
アリマス。

場所 プレシデント・ブルデシテ郡内【ノーバ・アメリカ】

千六百畝ノ處女林ニテ、パウダーリオ、フィゲラ・ブラシコ、オルテゴン等ノ密生セルマサ  
ペ・ブレタ地帯 700\$000 o alqueire em 3 prestações anuais sem juros

其ノ他二百畝ノ肥沃ナル雜作地ヲ年域當二百五拾ミルニテ借地シマス。但シ三ケ年契約トシ最  
短契約ト同時ニ半金、後半金ハ收穫後拂ヒトシマス。Só paga 2\$000 de frete por  
quantidadeノ方ニハ前貸モ致シマス。60 kilos até a estação。

上記新市街地ハ既ニセラリア、學校、雜貨店等アリ、乗合自動車ノ便ハ毎日アリマス。

市街地ノ「ダツタ」ハ小額ノ契約金ニテ月賦拂ニテ賣出シテ居リマス。

其ノ地詳細ハ下記宛御遠慮ナク御問合せ下サイ。

現 地 取 扱 人    ベードロ・ローザ・テ・モライス氏  
又ハボンバイア市    ジョオン・ボーフ氏

*João Boff*  
Proprietário

Caixa Postal N. 58

**POMPEIA**

**ANEXO F**  
**GRUPO ESCOLAR NOVA AMÉRICA DE 1948**

Documento cedido pelo morador de Tarabai: Edvaldo Carvalho Filho (arquivo pessoal)

Data: 18/08/2012



A primeira escola de Tarabai foi erguida pelos próprios moradores em 1946. O grupo foi então, nomeado de “Grupo Escolar Nova América”.

**ANEXO G**  
**DOCUMENTO REFERENTE AO NÚMERO DE HABITANTES DE TARABAI**

Documento cedido pela diretora da Divisão Municipal de Saúde: Marize Ocolati Vitale  
Data: 28/09/2012

SECRETARIA DE ASSISTENCIA A SAUDE / DAB - DATASUS  
PAG.: 1  
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAUDE  
VERSAO:6.6  
DATA:27/09/2012

SIAB - SISTEMA DE INFORMACAO DE ATENCAO BASICA

-----  
MUNICIPIO: TARABAI  
CONSOLIDADO DAS FAMILIAS CADASTRADAS DO ANO DE 2012 DA ZONA GERAL  
-----

Sexo	Faixa Etária (anos)									
	< 1	1 a 4	5 a 6	7 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 39	40 a 49	50 A 59	> 60
Total										
Masculino 3.573	44	225	93	184	276	318	1.190	475	337	431
Feminino 3.691	48	213	94	144	303	339	1.198	509	391	452
Numero de Pessoas 7.264	92	438	187	328	579	657	2.388	984	728	883

Faixa referida Etária (anos)	Doenças referidas											Faixa etária (anos)	Condição GES
	ALC %	CHA %	DEF %	DIA %	DME %	EPI %	HA %	HAN %	MAL %	TB %			
0 a 14			7	2		1						10 a 19	13
			0,43	0,12		0,06						anos	2,02
15 anos e mais	40	4	48	268		5	1.068					20 anos e mais	34
	0,71	0,07	0,85	4,75		0,09	18,94						1,33
Total	40	4	55	270		6	1.068					Total	47
	0,55	0,06	0,76	3,72		0,08	14,70						1,47

N. de famílias estimadas		1.959	%	ABASTECIMENTO DE AGUA		No	%	DESTINO DO LIXO		No
N. de famílias cadastradas		2.237	114,19	Rede publica		1.975	88,29	Coleta publica		
7 a 14 anos na escola		891	98,24	Poco ou nascente		262	11,71	Queimado/Enterrado		
15 anos e mais alfabetizados		5.406	95,85	Outros				Ceu aberto		
Pessoas cobertas c/ plano saúde		461	6,35	TIPO DE CASA		No	%	DESTINO FEZES/URINA		No
N. famílias no Bolsa Família		168	7,51	Tijolo / Adobe		2.109	94,28	Sistema de Esgoto		
Famílias inscritas no CAD-Único		116	5,19	Taipa revestida		5	0,22	Fossa		
TRAT. AGUA NO DOMICILIO		No	%	Taipa não revestida				Ceu aberto		
Filtracao		82	3,67	Madeira		121	5,41			
Fervura		2	0,09	Material aproveitado		1	0,04			No
Cloracao		9	0,40	Outros		1	0,04	Energia Eletrica		
Sem tratamento		2.144	95,84							

**ANEXO H**  
**AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Autorizações de uso da imagem e som da voz para a composição da parte teórica deste projeto, assim como o videodocumentário: “Apostas”.

### ALINE DUARTE FERREIRA CECCATO



Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

#### Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário “Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade”

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário “Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade” a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 06 de Setembro de 2012.

Aline Duarte Ferreira Ceccato  
Assinatura

Nome:	Aline Duarte Ferreira Ceccato
Endereço:	Rua Maria da Graça, mile, 43 - servante 2
Cidade:	Presidente Prudente - SP
RG Nº:	32225017-1
CPF Nº:	314785558-90
Telefone para contato:	(18) 39086044
	(18) 91581140

## ANTONIO CARDOZO DA SILVA



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

Campus I - Rua José Bongiovani, nº 700 - Cidade Universitária - CEP: 19050-900 - Fone: (018) 3229-1000  
 Campus II - Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro - CEP: 19067-175 - Fone: (018) 3229-2000

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
 "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade" a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 30 de Setembro de 2012.

*Antonio Cardozo*

Assinatura

Nome:	<i>Antonio Cardozo da Silva</i>
Endereço:	<i>Rua José Cândido, 412</i>
Cidade:	<i>Tarabai</i>
RG Nº:	<i>028392752004-3</i> <i>MARANHÃO</i>
CPF Nº:	<i>023.204.001-09</i>
Telefone para contato:	

## ANTÔNIO CARLOS DE OLIVEIRA LIMA



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
"Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário **"Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"** a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 22 de Agosto de 2012.

*Antonio Carlos de Oliveira Lima*

Assinatura

Nome:	<i>Antonio Carlos de Oliveira Lima</i>
Endereço:	<i>Rua Arapongas, 121</i>
Cidade:	<i>Tarabai</i>
RG Nº:	<i>19661012001-9</i>
CPF Nº:	<i>010.539.793-80</i>
Telefone para contato:	<i>(18) 9664-9460 / (18) 9694-9908</i>

## ANTONIO THOMAZ JUNIOR

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA  
**UNOESTE**  
 PRESIDENTE PRUDENTE - SP  
 WWW.UNOESTE.BR

Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

Campus I - Rua José Bonifácio, nº 700 - Cidade Universitária - CEP: 19050-900 - Fone: (018) 3229 1000  
 Campus II - Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro - CEP: 19062-175 - Fone: (018) 3229 2000

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
 "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade" a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 28 de setembro de 2012.

  
 Assinatura

Nome:	Antonio Thomaz Junior
Endereço:	R. Tomaziro Occhini, 334
Cidade:	Presidente Prudente
RG Nº:	11520409
CPF Nº:	012.328.648-22
Telefone para contato:	8137-5000

## CICERO CARLOS ANTONIO DE OLIVEIRA



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

Campus I - Rua José Bongiovani, nº 700 - Cidade Universitária - CEP: 19050-900 - Fone: (018) 3229 1000  
 Campus II - Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro - CEP: 19067-175 - Fone: (018) 3229 2000

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
 "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade" a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 20 de Setembro de 2012.

Cicero Carlos Antonio de Oliveira  
 Assinatura

Nome:	Cicero Carlos Antonio de Oliveira
Endereço:	Rua José Cândido, 282
Cidade:	Tarabai
RG Nº:	796477 SSP/AL
CPF Nº:	564.124.441-91
Telefone para contato:	(18) 9691-7350

## EDIVALDO CLEMENTINO DE SOUZA



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
"Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade" a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 29 de Setembro de 2012.

Assinatura

Nome:	Edivaldo Clementino de Souza
Endereço:	Av. Castelo Branco, 2779
Cidade:	Tarabai
RG Nº:	7330583
CPF Nº:	315763708-87
Telefone para contato:	(18) 9632-4733

## EVERALDO GOLÇALVES AMORIM



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

Campus I - Rua José Bongiovani, nº 700 - Cidade Universitária - CEP: 19050-900 - Fone: (018) 3229 1000  
 Campus II - Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro - CEP: 19067-175 - Fone: (018) 3229 2000

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
 "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade" a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 28 de Setembro de 2012.

Assinatura

Nome:	Everaldo Gonçalves Amorim
Endereço:	Rua 7 de Setembro, 2737
Cidade:	Tarabai
RG Nº:	19 816 535 - 3
CPF Nº:	097 626 038 77
Telefone para contato:	(18) 9694-1411 / (18) 3289-1143

## GERALDO DOS SANTOS



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
"Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade" a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 26 de Agosto de 2012.

Assinatura

Nome:	Geraldo dos Santos
Endereço:	Rua Fox Lândido, 522
Cidade:	Tarabai
RG Nº:	1.561.147
CPF Nº:	023157894-60
Telefone para contato:	(18) 9744-3200 / (18) 9627-6928

## JOÃO ALTINO CREMONEZI



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
"Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário **"Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"** a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 06 de setembro de 2012.

  
Assinatura

Nome:	JOÃO ALTINO CREMONEZI
Endereço:	RUA: FRANCISCO GOULART 389 VILA NOVA
Cidade:	PRESIDENTE PRUDENTE
RG Nº:	6281931 SP
CPF Nº:	153 373 358 SP
Telefone para contato:	3223-3681 /

## JOSÉ NERY MACEDO DA SILVA



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

### Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade" a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 21 de Agosto de 2012.

José Nery Macedo da Silva  
Assinatura

Nome:	<u>José Nery Macedo da Silva</u>
Endereço:	<u>Rua João Batista Pellegrini, 387</u>
Cidade:	<u>Tarabai</u>
RG Nº:	<u>3.026.925</u>
CPF Nº:	<u>040.621.203-13</u>
Telefone para contato:	<u>(18) 9170-6341 / (86) 9187-7936</u>

## MARINETE ALVES DOS SANTOS



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
"Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade" a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 19 de AGOSTO de 2012.

*Marinete Alves dos Santos*  
Assinatura

Nome:	MARINETE ALVES DOS SANTOS
Endereço:	RUA: CESARIANO DEFINO DOS SANTOS 2136
Cidade:	TARABAI
RG Nº:	1.759.590
CPF Nº:	842990964 87
Telefone para contato:	8185-39-91 / 8174-7431

## NERISVALDO MACEDO DA SILVA



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
"Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade" a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 29 de setembro de 2012.

*Nerisvaldo Macedo da Silva*

Assinatura

Nome:	NERISVALDO MACEDO DA SILVA
Endereço:	RUA: JOÃO BATISTA CELEQUINI 384
Cidade:	TARABAI
RG Nº:	3.302.046
CPF Nº:	065.008.343-13
Telefone para contato:	18.9662 0430

## RICARDO FERREIRA DOS SANTOS



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

Campus I - Rua José Bongiovani, nº 700 - Cidade Universitária - CEP: 19050-900 - Fone: (018) 3229 1000  
 Campus II - Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro - CEP: 19067-175 - Fone: (018) 3229 2000

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
 "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade" a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 30 de Setembro de 2012.

Ricardo Ferreira dos Santos  
 Assinatura

Nome:	Ricardo Ferreira dos Santos
Endereço:	Rua José Cândido, 531
Cidade:	Tarabai
RG Nº:	15 576 871
CPF Nº:	082 336 396 - 13
Telefone para contato:	(18) 9731 - 8939

## RUBENS GERMANO

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA  
**Unoeste**  
 PRESIDENTE PRUDENTE - SP  
 www.unoeste.br

Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

Campus I - Rua José Bongiovani, nº 700 - Cidade Universitária - CEP: 19050-900 - Fone: (018) 3229-1000  
 Campus II - Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro - CEP: 19067-175 - Fone: (018) 3229-2000

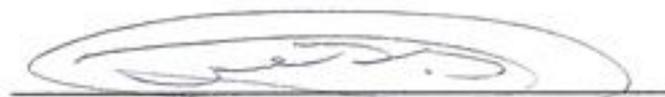
**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
 "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário **"Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"** a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 03 de Outubro de 2012.



Assinatura

Nome:	Rubens Germano
Endereço:	AV SARGENTO BIZIÇA 1266 S2 BOUFIN
Cidade:	PRESIDENTE VENCESLAV
RG Nº:	20 003 385 - 2
CPF Nº:	069 619 018 - 40
Telefone para contato:	3271-3744-9782-2608-9154-3237
	8107-2037 -

## WALDEMAR CALVO



Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho"

Fone: (18) 3229 2060

E-mail: comunic@unoeste.br

**Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz, no videodocumentário  
"Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade"**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem e o som de voz para compor o videodocumentário "Migrantes em Tarabai: o gênero videodocumentário para retratar a realidade" a ser planejado, criado e produzido, editado e veiculado como projeto de pesquisa universitária da Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Unoeste, com sede na Rodovia Raposo Tavares, Km 572 - Bairro Limoeiro, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e como material de acervo para a TV Facopp.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus a Unoeste ou terceiros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Presidente Prudente, 29 de setembro de 2012.

Assinatura

Nome:	Waldemar Calvo
Endereço:	Rua Orácio Januário, 134
Cidade:	Tarabai
RG Nº:	10111 033
CPF Nº:	147 868 008-30
Telefone para contato:	(18) 3289-1195 / (18) 9226-7334

## APÊNDICES

**APÊNDICE A**  
**INSTRUMENTO DA COLETA DE DADOS - FORMULÁRIO**

## FORMULÁRIO DE PESQUISA

*Este formulário de pesquisa foi desenvolvido com o objetivo de traçar o perfil do migrante que mora na cidade de Tarabai e que trabalha no corte de cana. Trata-se de um instrumento de coleta de dados da pesquisa intitulada "MIGRANTES EM TARABAI: O GÊNERO VIDEODOCUMENTÁRIO PARA RETRATAR A REALIDADE", desenvolvida pelos formandos em jornalismo Ariane Viana, Dayane Machado, Ítalo Antunes, Maysa Pontalti e Vanessa Tomaz, orientados pelos professores Thaisa Bacco e Roberto Mancuzo da Faculdade de Comunicação Social da Unoeste.*

Número do formulário: \_\_\_\_\_

Pesquisador: \_\_\_\_\_

Data da aplicação: \_\_\_\_\_ Local da aplicação: \_\_\_\_\_

### **PARTE 1: PERFIL DO MIGRANTE**

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Qual empresa trabalha: ( ) UMOE ( ) Cocal ( ) Outra.

Qual \_\_\_\_\_

Cidade natal: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

1) Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_ Ano, Ensino \_\_\_\_\_

- ( ) ensino fundamental completo
- ( ) ensino fundamental incompleto
- ( ) ensino médio completo
- ( ) ensino médio incompleto
- ( ) semianalfabeto
- ( ) analfabeto

2) Estado civil:

- ( ) solteiro(a)
- ( ) casado(a): ( ) civil ( ) religioso
- ( ) amigado(a)
- ( ) viúvo(a)
- ( ) divorciado

3) Tem filhos?

- ( ) Sim ( ) Legítimo: \_\_\_\_\_ filhos(s)/a(s) ( ) Enteadado(a): \_\_\_\_\_
- filho(s)/a(s)
- ( ) Não

3a) Se têm filhos, moram em Tarabai?

- ( ) Sim
- ( ) Não Onde mora(m)? \_\_\_\_\_

3b) Se têm filhos, estão matriculados em escola na cidade de Tarabai?

- ( ) Sim Qual escola? \_\_\_\_\_
- ( ) Não

3c) Se tem filhos, eles participam de algum projeto social?

- ( ) Sim Qual? \_\_\_\_\_
- ( ) Não

4) Mais alguém da família, participa de algum projeto social?

( ) Sim Qual? \_\_\_\_\_

( ) Não

4a) Quando veio para o corte:

( ) já era casado(a)

( ) namorava

( ) era amasiado(a)

( ) era solteiro(a) e encontrou a(o) parceira(o) aqui

5) Já teve experiências anteriores com o corte de cana?

( ) Sim Onde? \_\_\_\_\_; Quando?

\_\_\_\_\_

( ) Não

## **PARTE 2: A MIGRAÇÃO**

6) Você trabalhava antes de vir para Tarabai?

( ) Sim Onde? \_\_\_\_\_; Qual função?

\_\_\_\_\_ ( ) Não

7) É a primeira vez que sai da sua cidade em busca de trabalho?

( ) Sim

( ) Não

( ) Não soube responder

7a) Se não, quantas vezes já deixou a cidade natal em busca de trabalho?

\_\_\_\_\_ vez(es)

( ) Não soube precisar

8) Quantas vezes você já veio morar em Tarabai para trabalhar no corte de cana na região?

\_\_\_\_\_ vez(es)

( ) Não soube precisar

8a) Se veio mais de uma vez morar em Tarabai, em que ano veio pela primeira vez?

\_\_\_\_\_

( ) Não soube precisar

9) Alguém lhe motivou a vir trabalhar na cidade de Tarabai?

( ) Sim

( ) Não

9a) Se sim, quem?

( ) Família

( ) Amigos

( ) Funcionário da usina

( ) Outros. Quem? \_\_\_\_\_

10) Veio acompanhado de algum familiar ou sozinho(a)?

- ( ) Sozinho(a)  
 ( ) Familiar. Quem? \_\_\_\_\_

### **PARTE 3: A VIDA E O TRABALHO EM TARABAI**

11) Trabalha por empreita, ou seja, durante toda a safra (de abril a dezembro)?

- ( ) Sim  
 ( ) Não ( ) Durante qual período? \_\_\_\_\_  
 ( ) Não soube responder

12) Em quais dias da semana trabalha?

- ( ) Segunda-feira  
 ( ) Terça-feira  
 ( ) Quarta-feira  
 ( ) Quinta-feira  
 ( ) Sexta-feira  
 ( ) Sábado  
 ( ) Domingo  
 ( ) Feriados

13) Quantas horas trabalha por dia?

- \_\_\_\_\_ horas/dia (segunda a sexta)  
 \_\_\_\_\_ horas/dia (sábado, domingo e feriados)  
 ( ) Não soube responder

14) Em média quanto você corta de cana por dia?

- \_\_\_\_\_ toneladas \_\_\_\_\_ ruas \_\_\_\_\_ eitos \_\_\_\_\_ metros  
 ( ) Não soube precisar

15) Benefícios fornecidos pela usina:

- ( ) Cesta Básica  
 ( ) Plano de saúde  
 ( ) EPI  
 ( ) Auxílio-funeral  
 ( ) Convênio odontológico  
 ( ) Transporte  
 ( ) Outros. Quais?

- 
- ( ) Não soube responder

16) Qual é o tipo de moradia?

- ( ) casa própria  
 ( ) casa alugada. Valor do aluguel? R\$ \_\_\_\_\_  
 ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

17) Quantas pessoas moram junto com você?

- ( ) moro sozinho  
 \_\_\_\_\_ pessoa(s)

18) Das pessoas que moram com você quantas cortam cana?

- ( ) apenas eu

\_\_\_\_\_ pessoa(s)

19) Recebe algum tipo de benefício do governo?

( ) sim

( ) não

19a) Se sim, qual(is)?

( ) Fome Zero

( ) Leve leite

( ) Bolsa Família

( ) Vale gás

( ) Outro(s) Qual(is)? \_\_\_\_\_

20) Já utilizou o atendimento do postos de saúde de Tarabai?

( ) nunca usou

( ) \_\_\_\_\_ vez(es)

( ) Não soube precisar

21) O que faz no seu tempo livre ?

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B**  
**OFÍCIOS ENVIADOS ÀS USINAS COCAL E UMOE BIOENERGY**

----- Mensagem encaminhada -----

**De:** Ariane Viana [Ariane.pv3@gmail.com](mailto:Ariane.pv3@gmail.com)

**Data:** 16 de agosto de 2012 18:37

**Assunto:** Ofício TCC de Jornalismo – UNOESTE

**Para:** [bmoreira@cocal.com.br](mailto:bmoreira@cocal.com.br)

**Cc:** Danila Dal Poz Gonzalo [dgonzalo@cocal.com.br](mailto:dgonzalo@cocal.com.br)

OFÍCIO USINAS

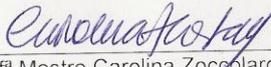
Presidente Prudente, 14 de agosto de 2012.

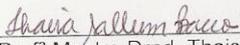
A/C Battle do Desterro Moreira  
Supervisor do Bem Estar

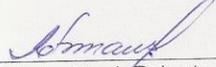
Declaro que os alunos Ariane Viana, RA: 0160944929, RG: 47059931-5; Dayane Machado, RA: 016094505-4, RG: 47737410-4; Ítalo Antunes, RA: 0161946646, RG: 44078444-X; Maysa Pontalti, RA: 0160946379, RG: 41389494-0 e Vanessa Vazzi, RA: 0160946832, RG: 40058054-8, regularmente matriculados no 8º termo do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (FACOPP) – Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), estão desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Migrantes em Tarabai: O Gênero Videodocumentário para Retratar a Realidade”. O projeto visa documentar o fluxo migratório dos trabalhadores no corte de cana que residem em Tarabai e que vieram de outras regiões em busca de melhores condições de vida. Diante disso, solicitamos a autorização da usina Cocal Comércio e Indústria Canaã de Açúcar e Alcool Ltda. para gravação de imagens dos trabalhadores durante sua atividade profissional. As filmagens serão realizadas mediante agendamento prévio, em dia e horário a combinar com a produção na última semana do mês de agosto.

Considerando a importância desta parceria entre a empresa e a universidade, colocamo-nos inteiramente à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

  
Profª Mestre Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo  
Coordenadora da Facopp  
98.486.865-4

  
Profª Mestre Drnd. Thaisa Sallum Bacco  
Orientadora do TCC

  
Profª Mestre Drnd. Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior  
Coorientador do TCC

----- Mensagem encaminhada -----

**De:** Ariane Viana [Ariane.pv3@gmail.com](mailto:Ariane.pv3@gmail.com)

**Data:** 16 de agosto de 2012 18:34

**Assunto:** Ofício TCC de Jornalismo – UNOESTE

**Para:** [canaplanta@gmail.com](mailto:canaplanta@gmail.com)

**A/C:** Francisco Jacintho da Costa

OFÍCIO CANA PLANTA

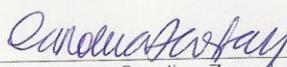
Presidente Prudente, 15 de agosto de 2012.

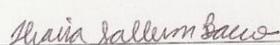
A/C Francisco Jacinto da Costa  
Proprietário da empresa Cana Planta

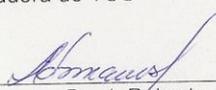
Declaro que os alunos Ariane Viana, RA: 0160944929, RG: 47059931-5; Dayane Machado, RA: 016094505-4, RG: 47737410-4; Ítalo Antunes, RA: 0161946646, RG: 44078444-X; Maysa Pontalti, RA: 0160946379, RG: 41389494-0 e Vanessa Vazzi, RA: 0160946832, RG: 40058054-8, regularmente matriculados no 8º termo do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (FACOPP) – Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), estão desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Migrantes em Tarabai: O Gênero Videodocumentário para Retratar a Realidade”. O projeto visa documentar o fluxo migratório dos trabalhadores no corte de cana que residem em Tarabai e que vieram de outras regiões em busca de melhores condições de vida. Diante disso, solicitamos a autorização da empresa Cana Planta para acesso e gravação de imagens dos trabalhadores durante sua atividade profissional na usina Cocal Comércio e Indústria Canaã de Açúcar e Álcool Ltda. As filmagens serão realizadas mediante agendamento prévio, em dia e horário a combinar com a produção na última semana do mês de agosto.

Considerando a importância desta parceria entre a empresa e a universidade, colocamo-nos inteiramente à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

  
Profª Mestre Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo  
Coordenadora da Facopp  
RG: 38.486.865-4

  
Profª Mestre Drnd. Thaisa Sallum Bacco  
Orientadora do TCC

  
Profº Mestre Drnd. Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior  
Coorientador do TCC

----- Mensagem encaminhada -----

**De:** Ariane Viana [Ariane.pv3@gmail.com](mailto:Ariane.pv3@gmail.com)

**Data:** 21 de agosto de 2012 15:44

**Assunto:** Ofício TCC de Jornalismo – UNOESTE

**Para:** [renato.balduino@umoe.com.br](mailto:renato.balduino@umoe.com.br)

**A/C:** Renato Balduino

OFÍCIO UMOE

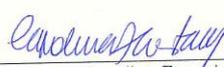
Presidente Prudente, 21 de agosto de 2012.

A/C Renato Balduino  
Diretor de Gestão e Recursos Humanos

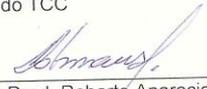
Declaro que os alunos Ariane Viana, RA: 0160944929, RG: 47059931-5; Dayane Machado, RA: 016094505-4, RG: 47737410-4; Ítalo Antunes, RA: 0161946646, RG: 44078444-X; Maysa Pontalti, RA: 0160946379, RG: 41389494-0 e Vanessa Vazzi, RA: 0160946832, RG: 40058054-8, regularmente matriculados no 8º termo do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (FACOPP) – Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), estão desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Migrantes em Tarabai: O Gênero Videodocumentário para Retratar a Realidade". O projeto visa documentar o fluxo migratório dos trabalhadores no corte de cana que residem em Tarabai e que vieram de outras regiões em busca de melhores condições de vida. Diante disso, solicitamos a autorização da usina Umoe Bioenergy S/A para gravação de imagens dos trabalhadores durante sua atividade profissional. As filmagens serão realizadas mediante agendamento prévio, em dia e horário a combinar com a produção na última semana do mês de agosto.

Considerando a importância desta parceria entre a empresa e a universidade, colocamo-nos inteiramente à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

  
Profª Mestre Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo  
Coordenadora da Facopp

  
Profª Mestre Drnd. Thaisa Sallum Bacco  
Orientadora do TCC

  
Profª Mestre Drnd. Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior  
Coorientador do TCC

**APÊNDICE C**  
**HISTÓRICOS CORTADORES DE CANA - MIGRANTES**

**Histórico: ANTÔNIO CARLOS DE OLIVEIRA LIMA**

Natural de Coroatá (MA), nasceu no dia 16 de agosto de 1963. Dos seus 11 irmãos, apenas o caçula Francisco de Oliveira Lima corta cana-de-açúcar (também em Tarabai), os outros trabalham com roça no Maranhão (a diária lá é de 20 reais). Antônio começou a trabalhar aos sete anos na roça do pai, sendo que este ensinou a “trabalhar no pesado”, não dava valor nos estudos. Já ele pensa diferente, prioriza a educação dos herdeiros, tanto que em 2005 foi para o Pará trabalhar com construção civil e deixou a família em Coroatá para que os filhos pudessem estudar e ter uma vida melhor. Lá permaneceu durante os anos de 2005, 2006 e 2007, trabalhando no ramo da construção civil. Em 2008 veio trabalhar no estado de São Paulo, em Padrópolis (próximo à Ribeirão Preto) com o corte de cana, sendo seu primeiro contato com essa profissão. Depois retornou à Coroatá e em 2011 foi convidado à trabalhar em Tarabai pelo irmão Francisco, que está na cidade desde 2009. Primeiramente Antônio veio sozinho e após nove meses conseguiu trazer toda família: Maria Pontes Lima (esposa – 47 anos), os filhos Cleonilson (20 anos), Cleilson (18 anos), Lenilda (14 anos) e o neto Thiago (cinco anos). Ficou em Coroatá apenas a filha mais velha (mãe de Thiago), Cleane que é casada e tem 24 anos. Thiago é criado como filho do casal, foi adotado pelos avós quando ainda estava na maternidade. Em sua residência, três pessoas trabalham na usina Umoe Bioenergy. Antônio Carlos e o filho mais velho, Cleonilson são cortadores de cana e Cleilson que tem 18 anos, é noteiro (anota as placas dos caminhões que entram e saem da usina). Todos recebem cesta básica, o que ajuda muito nas despesas mensais. O aluguel da residência é no valor de 300 reais. Ele recebe o benefício do governo Bolsa Família e já usou sete vezes o centro de saúde da cidade. Antônio é analfabeto e casou-se com dona Maria aos 20 anos, ele é um dos únicos migrantes que casou no civil. Nas horas vagas o que ele mais gosta de fazer é visitar os amigos e churrasquear.

**Histórico: GERALDO DOS SANTOS**

A família é formada por dez irmãos, seis homens e quatro mulheres. Os pais eram lavradores, e por isso Geraldo começou a trabalhar aos dez anos, incentivado pelo pai. A vinda para Tarabai aconteceu devido à influência do irmão, no ano de 1995. Foram três dias e três noites de viagem. Ao chegar a cidade não conseguiu emprego logo, mas o irmão o apoiou muito. Durante os três primeiros anos que passou em Tarabai viveu de bicos, vendia leite na rua e trabalhou como ajudante de pedreiro em Presidente Prudente durante um ano e meio. Logo depois começou a trabalhar em usina devido ao desejo de ganhar dinheiro. Ele conta que na construção civil o retorno financeiro não é tão bom quanto no corte, ainda que o corte seja mais sofrido. As primeiras experiências foram na usina Alvorada (Santo Anastácio), considerada a pior usina pelos cortadores que já passaram por lá. Isso se deve ao fato de os direitos trabalhistas em grande parte não serem respeitados. O maior exemplo disso é que após anos de trabalho na mesma empresa, sempre evitando pegar atestados, ainda que estivesse doente, ele fez esse tipo de sacrifício para não ser mal visto pela usina. Ao sair de lá a usina fez um acerto inesperado, pagando um valor muito menor do que o merecido pelos anos de trabalho. Geraldo avisa que pode não ter estudo, mas que, independentemente ninguém passa a perna nele. Entrou com um processo contra a usina e aguarda por uma solução. Sobre a saudade da terra natal, comenta que o que mais pesa é o fato de a mãe ainda viver por lá. Há dois anos e meio não a visita e o maior receio é que ela já velhinha venha a falecer e ele não esteja por lá. Pergunto sobre a possibilidade de trazê-la para morar em Tarabai, mas ele responde que a mãe decidiu morrer em Junqueiro, não quer sair de lá. O maior sonho é comprar um pedacinho de terra, continuar criando o gadinho e viver do leite, vida o migrante considera muito mais leve e gostosa do que o trabalho no corte. O corte, Geraldo pretende abandonar já nos próximos anos, pois acredita que a idade já não é a mesma e a saúde tende a não ajudar mais.

**Histórico: JOSÉ NERY MACEDO DA SILVA**

Tem 23 anos e veio pela primeira vez à Tarabai no ano de 2008. Nasceu em Angical do Piauí (PI) e decidiu trabalhar no corte de cana. Incentivado pelo primo Carlos Iran, que já trabalhava na cidade, aceitou morar em Tarabai pela facilidade de conseguir emprego devido à presença de usinas na região. Residem com ele o irmão Nerisvaldo Macedo da Silva, o colega, Emmanuel Carlos Sandro, além do primo, Carlos Iran. Todos trabalham como cortadores. No Piauí trabalhava na roça da família colhendo arroz, feijão e mandioca, mas quando surgia trabalho na lavoura de algum conhecido, ia fazer o serviço. Decidiu vir para cá pela facilidade de ganhar dinheiro. Como trabalham por produção, ele diz que é mais fácil aumentar a renda para em torno de R\$900,00. Em Tarabai, diz que não costuma sair muito, é mais caseiro, pois as festas não fazem muito o estilo dele, “os ritmos são muito diferentes das do Nordeste.” Na casa onde mora, todos os residentes fazem os serviços domésticos, de forma que, toda semana um morador diferente fica responsável pela comida, ou seja, de domingo a domingo um prepara o almoço e o jantar. José Nery diz que não pretende ficar muito tempo no corte de cana devido ao desgaste. Ele planeja trabalhar em outras cidades, na função que aparecer. Diz que possui família em Brasília, Campinas e por isso, se surgir algum emprego que seja mais fácil, não vai pensar duas vezes. No formulário respondeu que pretende ir embora no fim do ano. Ele confirmou a informação. Se a usina não dispensá-lo, senão, ficará na cidade. Mas conta que deseja trabalhar em outra função.

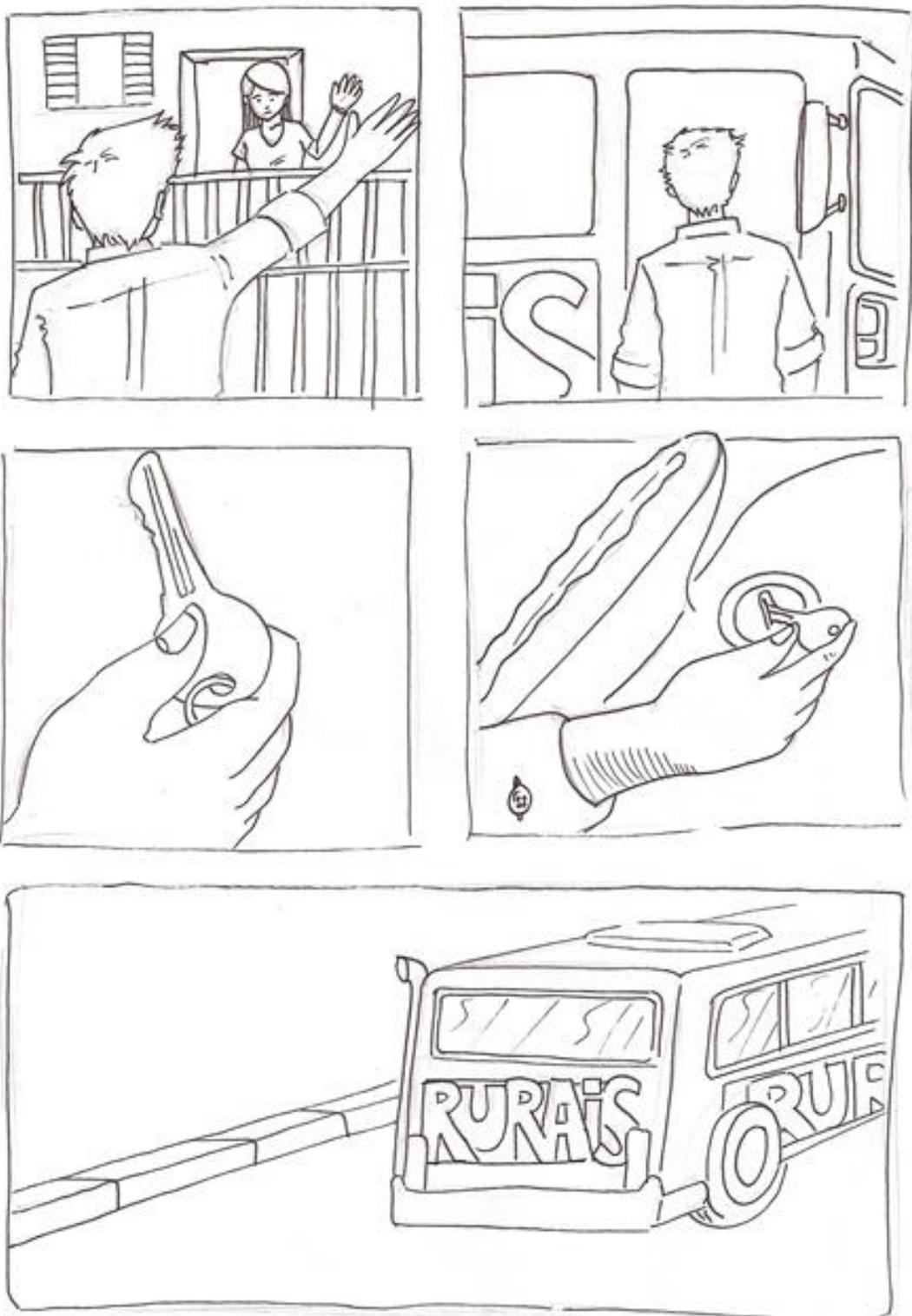
**Histórico: MARINETE ALVES DOS SANTOS**

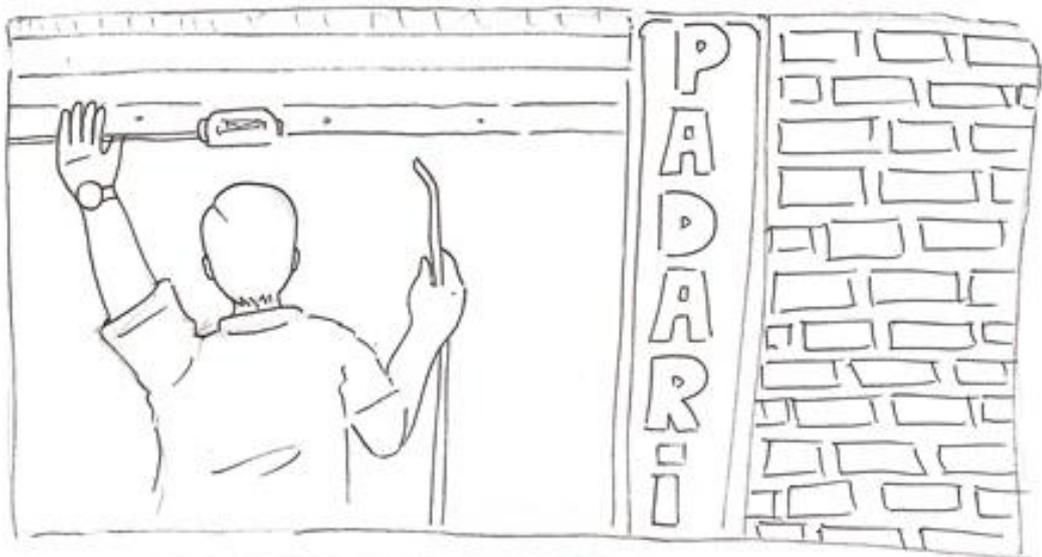
Saiu de sua cidade pela primeira vez na tentativa de buscar algo melhor para si e para sua família, que demonstra ser a coisa mais importante do mundo ao contar sua história. Nasceu em Traipu, região seca de Alagoas, e desde pequena teve que aprender a lidar com as dificuldades que a vida lhe colocou no caminho. Com a morte da mãe passou a tomar conta dos outros cinco irmãos mais novos. Seu primeiro emprego foi aos quinze anos, com roça e vassoura de bruxa. Com relação aos estudos, tem apenas a 1ª série do Ensino Fundamental, por isso se considera analfabeta. Casou-se com dezoito anos e engravidou do primeiro filho um ano depois. Durante a conversa relembrou os momentos em que gastava “três horas de relógio” para buscar água em um alagado. A caminhada e o esforço físico permitiam que cada pessoa trouxesse apenas um balde d’água na cabeça e antes de retornar, todos aproveitavam para tomar banho e lavar as roupas que normalmente já chegavam secas em casa. Lembra-se de como era bom viver no lugar, independente das dificuldades. Saiu por não ter opção, mas ela confessa que se as condições fossem boas, nunca teria saído de lá. “Não acho justo tá aqui, enquanto meu pai tá lá sozinho.” Decidiu tentar uma nova vida no Estado de São Paulo, por não aguentar mais passar sede. “[...] já vi muita gente chorando sem ter água para beber”, relata. A vida aqui não parece ser tão diferente, mas algumas coisas surpreenderam, como tomar banho de chuveiro pela primeira vez. “[...] senti como se meu corpo estivesse cheio de choque[...].” Ao chegar à cidade de Tarabai, apenas ela era responsável pela renda família: aluguel, água e comida para cinco pessoas. Mas há algum tempo seu filho Henrique também conseguiu emprego no corte.

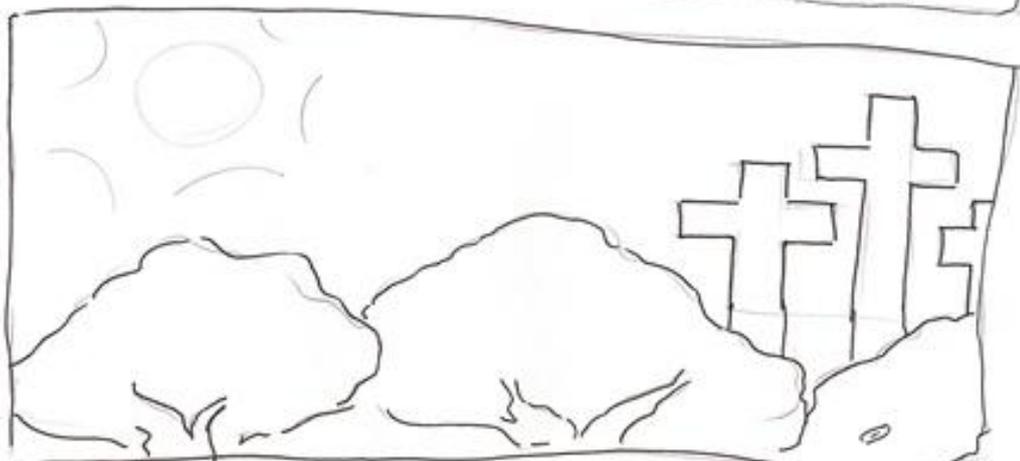
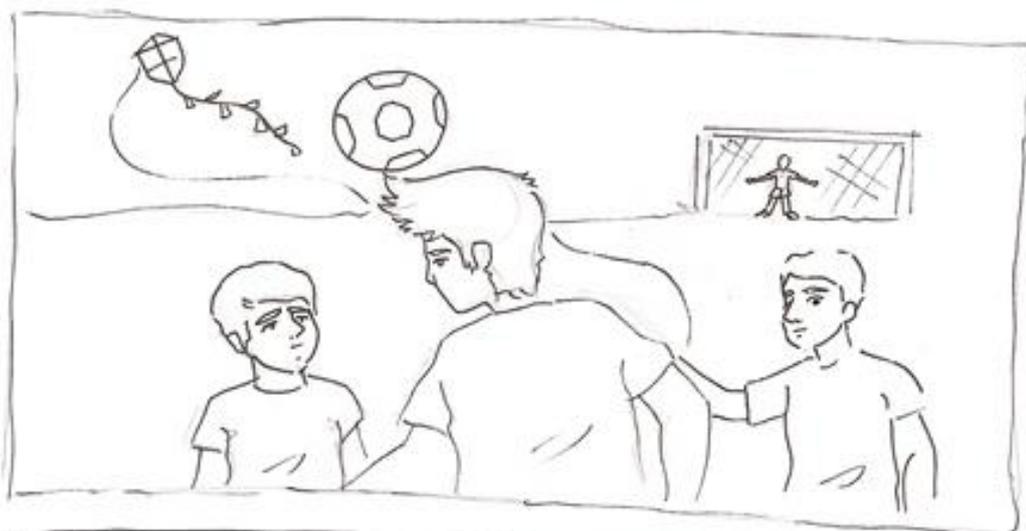
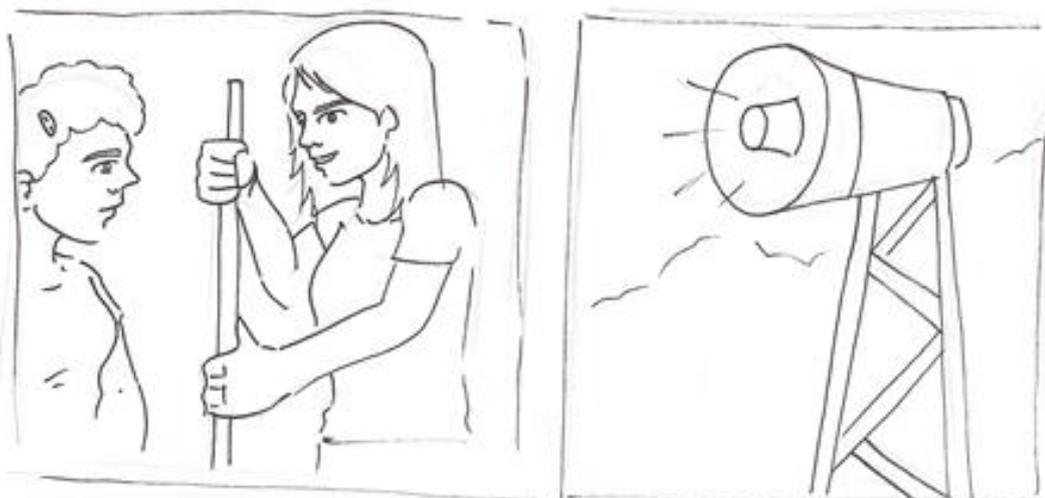
**APÊNDICE D**  
**VERSÃO DO *STORYBOARD***

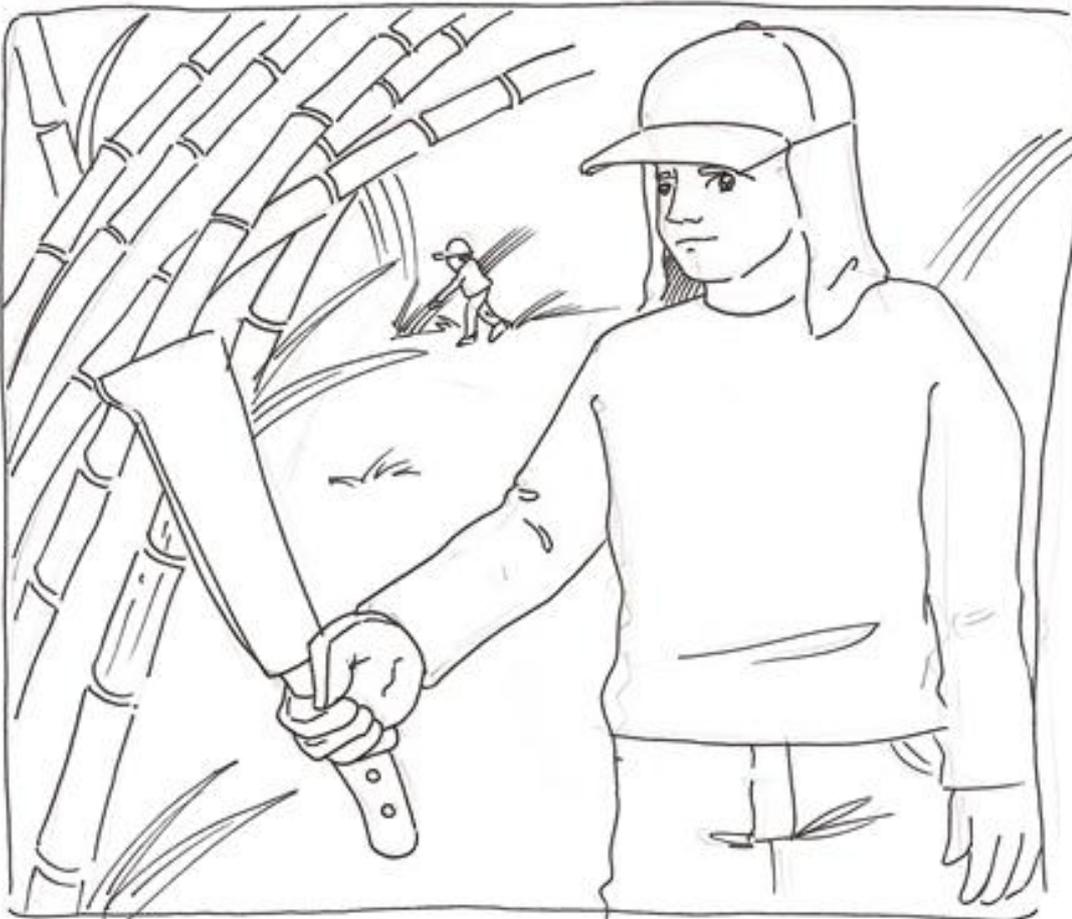
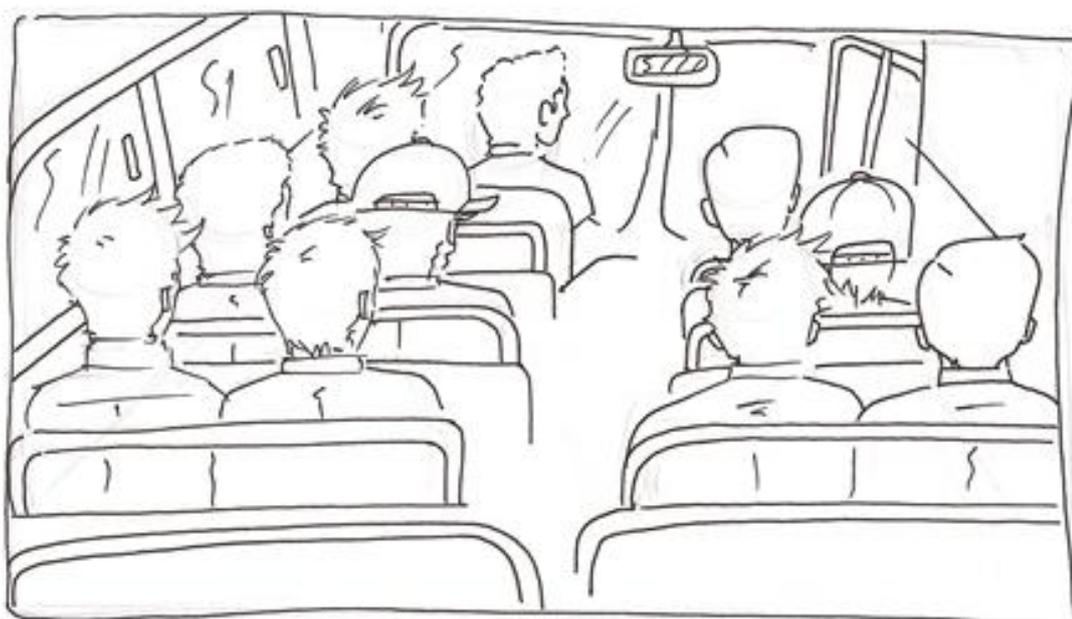
Storyboard produzido pela pesquisadora Vanessa Vazzi Tomaz.

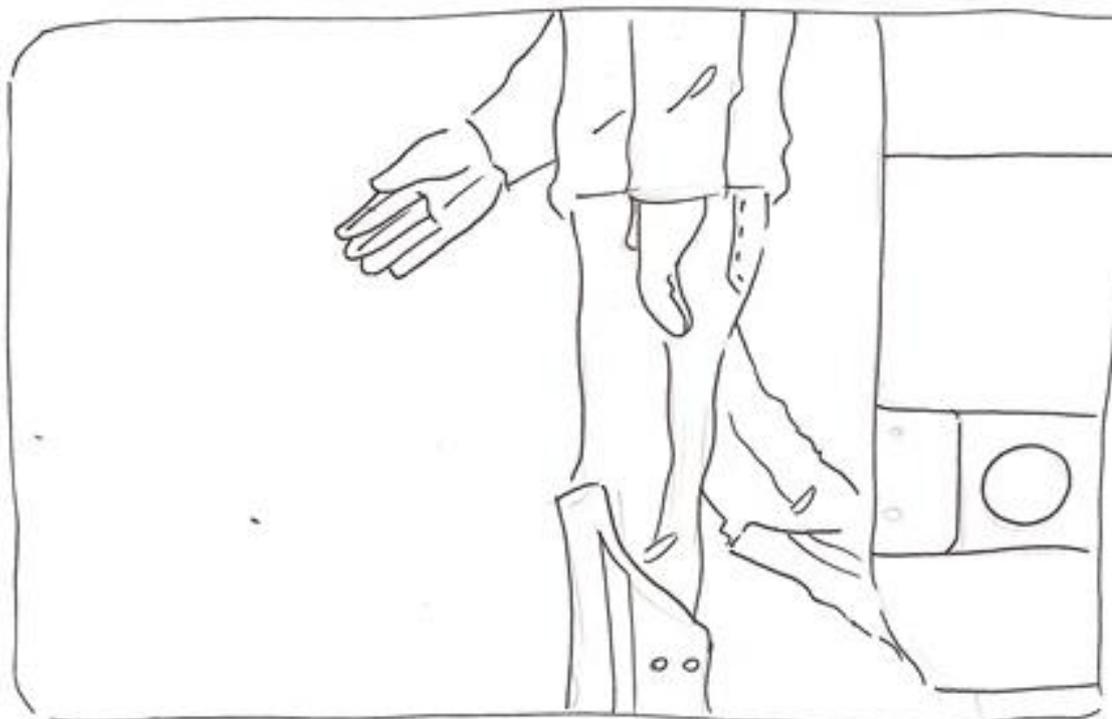
Data: 10/08/2012



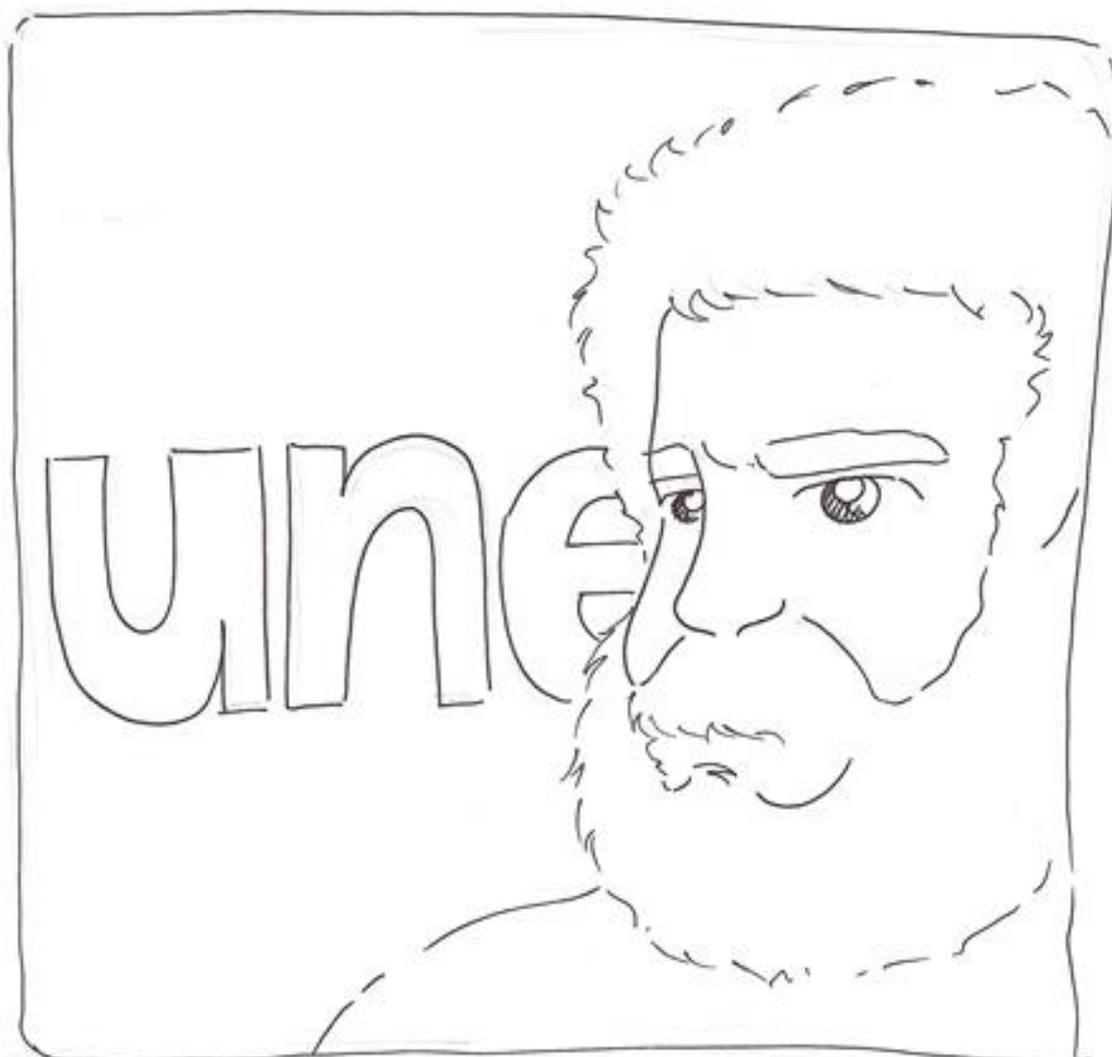












**APÊNDICE E**  
**ROTEIRO FINAL**

## ROTEIRO 20/11/2012

**SOBE SOM:** BARULHO FACÃO.

**SONORA MARINETE** (58'12" / 58'58" – *FITA 2 Dayane Geral: 57'33" / 58'19" – FITA 3 Vanessa*) - AQUI É A TERRA DO DINHEIRO, AQUI É TERRA DE BARRIGA CHEIA, TERRA QUE NÃO TEM MISÉRIA DE NINGUÉM. QUANDO EU CHEGUEI NÃO TINHA NADA EU NÃO TINHA O QUE COMER QUANDO EU CHEGUEI DO NORTE E TODO MUNDO ME APOIOU, TODO MUNDO ME ABRAÇOU E ME DEU TUDO QUE EU QUERIA. TUDO TÃO ALEGRE, TUDO TÃO SATISFEITO. CHEGAVA A CESTA DE BASE, TOMA AQUI PARA A SENHORA E PARA OS SEUS FILHOS, O MEU DEUS AQUI PARA MIM É O CÉU, PARA MIM FOI UMA BENÇÃO, EU JÁ TÔ TÃO BEM AGRADECIDA COM O QUE O POVO ME DAVA.

**FADE OUT**

**SOBE SOM:** BARULHO FACÃO.

**FADE IN**

**SONORA THOMAZ** (05'35 / 05'54" *FITA 4 VANESSA: 05'26" / 05'44" FITA 3 DAYANE*) A MIGRAÇÃO PODE SER ENTENDIDA POR UM PROCESSO QUE CONTÉM PELO MENOS QUATRO FACETAS. A PRIMEIRA DELAS SOCIAL, SEGUNDA DELAS ECONÔMICA, A TERCEIRA POLÍTICA E UMA QUARTA DIMENSÃO GEOGRÁFICA.

**GC:** ANTONIO THOMAZ JUNIOR  
livre-docente Geografia do Trabalho

**FADE OUT / FADE IN**

**SOBE SOM:** NERY E NERISVALDO OUVINDO MÚSICA.

**SONORA NERY** (33'18" / 33'39" – *FITA 4 Dayane(depois quebra tc): 34'18" / 34'40" – FITA 5 Vanessa*) - RAPAÇ EU ACHO QUE NÃO TEM NADA QUE EU NÃO GOSTO DAQUI NÃO, EU ACHO AQUI PERFEITO É QUE, EU ACHO AQUI PERFEITO SÓ QUE O QUE EU NÃO GOSTO MESMO É DAS BRINCADEIRA PORQUE NÃO TEM. PORQUE NÃO TEM BRINCADEIRA IGUAL TEM PRA LÁ E A GENTE FICA UM POUCO PRESO, NÃO TEM COMO, AI TODA VEZ QUE SAIR TEM QUE SAIR PARA BEBER.

(GERAL: 924, take 69 – DETALHE: 924, take 93)

**GC:** JOSÉ NERY MACEDO DA SILVA  
migrante

**SOBE SOM:** IRMÃO DO NERY BEBENDO.

**FADE OUT / FADE IN**

**SONORA ANTÔNIO** (47'32 / 48'00) - É EU CHEGUEI AQUI NA CIDADE E ACHEI UM POUCO DIFERENTE MAS O QUE EU GOSTEI DAQUI, A MINHA AMIZADE COM OS MEUS AMIGOS E O QUE ME SEGURA AQUI É O SERVIÇO PRA MIM DÁ O SUSTENTO NOS MEUS FILHOS E É POR ISSO QUE EU TÔ FICANDO AQUI NA CIDADE DE TARABAI.

(GERAL: 1005, take 00 – DETALHE: 1005, take 01)

**GC:** ANTÔNIO CARLOS DE OLIVEIRA LIMA  
migrante

### **FADE OUT / FADE IN**

**SOBE SOM:** (01'20" / 01'35", 01'48" / 02'00", 03'40" / 03'50" - FITA 8 DAYANE) - Geraldo chama gado.

**SONORA GERALDO** (12'37" / 12'45" FITA 8 Dayane: 13'53 / 14'02 FITA 9 Vanessa) – **(IMAGEM DO GADO)** EU CONSEGUI BASTANTE COISA AQUI, COISA QUE EU NUNCA CONSEGUIRIA NO NORTE, EU TO CONSEGUINDO AQUI, POR QUE RARAMENTE ESSE GADINHO QUE VOCES TAO VENDENDO AQUI, LA RARAMENTE EU CONSEGUIRIA. MESMO QUE EU PUDESSE TRABALHAR NUM SERVIÇO BOM DO JEITO QUE FOR, TERRA NOS TEM PRA CRIAR, MAS EU NÃO TINHA CONDIÇÃO DE COMPRAR ESSE TANTO DE GADO QUE TEM AI HOJE, E CONSEGUI COMPRAR ESSE GADO, TRABALHANDO NAS CANA.

(GERAL: 925, take 54 – DETALHE: 925, take 48)

**GC:** GERALDO DOS SANTOS  
migrante

**SONORA THOMAZ** (09'18" / 09'37" : 09'08" / 09'28") - ESSES TRABALHADORES MIGRAM E SE DESLOCAM DE UMA REGIÃO PARA OUTRA ENFRENTANDO TODAS AS BARREIRAS SOCIAIS, POLÍTICAS, ECONÔMICAS, IMPOSIÇÕES, COBRANÇAS, CONTROLES, UMA SÉRIE DE COISAS PARA ATENDER O QUE? PARA ATENDER UMA DEMANDA DO CAPITAL. ENTÃO O QUE A GENTE ENDENDE É ISSO, A MIGRAÇÃO É UMA DEMANDA PARA ATENDER AS NECESSIDADES DO CAPITAL.

### **FADE OUT / FADE IN**

### **APOSTAS**

**BG:** CORTE DE CANA

### **FADE OUT / FADE IN**

O ESTADO DE SÃO PAULO POSSUI 171 USINAS E ATÉ AGOSTO DE 2012 FOI RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO DE 154 MILHÕES DE TONELADAS DE CANA-DE-AÇÚCAR.

FONTE: MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

**FADE OUT / FADE IN**

O OESTE PAULISTA ABRIGA USINAS EM 16 DE SUAS 53 CIDADES. É A SEGUNDA MAIOR REGIÃO PRODUTORA DE ÁLCOOL DO BRASIL.

FONTE: MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

**SOBE SOM (SEQUÊNCIA DE IMAGENS):** LETREIRO DE TARABAI (924 – take 17, 18, 19, 23, 24, 26 – escolher), CRISTO (1005 – take 35), IMAGEM DA PLACA 7 DE SETEMBRO (925 – take 40), IGREJA DA PRAÇA CENTRAL, GARI VARRENDO A RUA (924 – take 03), ENTRADA DA ESCOLA (1005 - take 33), IGREJA PRAÇA CENTRAL, IMAGEM PRAÇA CENTRAL, SENHORES COMPARTILHAM REFRIGERANTE, CRIANÇAS JOGAM BOLA RODOVIÁRIA, VERDUREIRO (1001 – take 16), CARROÇA (924 – take 06,07), ROUPAS NO VARAL (1003 – take 36,37), IMAGENS FUTEBOL (924, take 117), IMAGENS FEIRA (1001, take 18,19,20,21,22,23)

**FADE OUT / FADE IN**

**SONORA WALDEMAR CALVO:** (46'15" / : ) - TARABAI COMEÇOU COM ITALIANOS, ESPANHÓIS, JAPONESES, MAS COM O CICLO DA AGRICULTURA OS NORDESTINOS QUE AJUDARAM A ABRIR ISSO DAQUI, TAMBÉM. (1002 – GERAL: take 34; DETALHE: take 40)

**GC:** WALDEMAR CALVO  
ex-prefeito de Tarabai

**SONORA EDIVALDO CLEMENTINO** (37'49 / : ) - A CANA ELA VEIO TRAZER MUITA MÃO DE OBRA PARA A NOSSA REGIÃO SIM NÉ, ENTÃO HOJE ELA AJUDA A MOVIMENTAR O CICLO ECONÔMICO TANTO DO COMÉRCIO QUANTO DAS PESSOAS QUE NECESSITAM TRABALHAR NO CAMPO, INCLUSIVE MUITAS PESSOAS HOJE MIGRAM DA REGIÃO NORDESTE PARA A NOSSA REGIÃO EM BUSCA DE TRABALHO, O QUE ACONTECEU LÁ NA DÉCADA DE 40 HOJE ESTÁ ACONTECENDO NOVAMENTE DE NORDESTINOS VIREM PARA A NOSSA REGIÃO EM FUNÇÃO DO CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR. 38'30

(1002 – GERAL: take 46; DETALHE: take 45)

**GC:** EDIVALDO CLEMENTINO DE SOUZA  
funcionário público

**FADE OUT / FADE IN**

**SONORA GERALDO** (25'51" / 26'20" *FITA 8 Dayane: 27'22" / 27'58" FITA 9 Vanessa*) - QUANDO EU VIM DE LA PRA CÁ, O ÔNIBUS ERA DE EMPRESA (**ENTRA VIDEOGRAFISMO MAPA**), FOI TRÊS DIAS COM TRÊS NOITES DE LÁ PRA CÁ, MEUS PÉS INCHOU MUITO, QUANDO CHEGOU EM APARECIDA DO NORTE EU FALEI GRACAS A DEUS CHEGOU, ELE FALOU NÃO, CHEGAMOS AINDA NÃO, AINDA TEM UMA TEMPORADA PRA CHEGAR EM SÃO PAULO E DE SÃO PAULO PRA LA AINDA E MAIS UM DIA DE VIAGEM. AI EU PENSEI E

FALEI MEU DEUS DO CEU, NUNCA MAIS EU VEJO MINHA MÃE E MEU PAI, PENSE NUM LUGAR, PENSEI MENINO É LONGE DEMAIS MOCO, **(SAI VIDEOGRAFISMO MAPA)** AI ELE FALOU BEM ASSIM, E LONGE, NÃO É EM SÃO PAULO, É INTERIOR DE SÃO PAULO.

(GERAL: 925, take 09 – DETALHE: 925, take 51)

**SONORA NERY OK** (16'39" / 17'19" – FITA 4 Dayane: 17'40" / 18'20" – FITA 5 Vanessa (QUEBRA TC) - MEU PRIMO VEIO EM 2007 AÍ ELE VEIO E VOLTOU NO FINAL DO ANO E EU JÁ TAVA COM VONTADE DE VIM, ESTAVA SÓ ESPERANDO ELE CHEGAR LÁ, AÍ ELE CHEGOU, RECEBEU O SEGURO DELE E QUANDO FOI ABRIL DE 2008 EU VIM MAIS ELE AÍ NÓS VIEMOS, TEM UM ÔNIBUS CLANDESTINO E UM DE LINHA E NÓS VIEMOS NO CLANDESTINO PORQUE ERA MAIS BARATO E TAL, **(ENTRA VIDEOGRAFISMO MAPA)** AÍ A VIAGEM DEMOROU MAIS OU MENOS 48, 50 HORAS DE VIAGEM AÍ NÓS VEIO ATÉ JABORANDI, CIDADE PERTO DE BARRETOS, AÍ LÁ PASSEMOS DOIS MESES LÁ AÍ DEPOIS FOI QUE NÓS VIEMOS PARA CÁ. **(SAI VIDEOGRAFISMO MAPA)**

(GERAL: 924, take 67 – DETALHE: 924, take 91)

**SONORA MARINETE** (34'44" / 35'43" – FITA 2 Dayane: 34'02" / 35'02" – FITA 3 Vanessa) –VEIO FOI MUITA GENTE DENTRO DO ÔNIBUS, O ÔNIBUS VEIO CHEIO DE GENTE. ENTÃO COM TANTO MEDO MEU DEUS DO CÉU DE DAR UM DESASTRE NO MEIO DA ESTRADA, VIM ME PELANDO DE MEDO, CHOVENDO, TROVOADA, O RELÂMPAGO CHEGAVA MEIO QUE TRANÇADA E EU O MEU JESUS VAMOS MORRER DENTRO DO ÔNIBUS. A MENINA NÃO CALMA CALMA QUE NÓS NÃO MORRE NÃO. ENTÃO VAMOS FAZER FÉ EM DEUS, VAMOS BOTAR FÉ EM DEUS QUE VAI DAR TUDO CERTO. CHEGAMOS NA RODOVIÁRIA, SE DESCEMOS, FOMOS FAZER UM LANCHE, AS CRIANÇAS TUDO CHORANDO. O QUE ESSES MENINOS TEM? ESSES MENINOS ESTÃO TUDO DOENTE, ENTÃO FOMOS COLOCAR REMÉDIO NA BOCA DAS CRIANÇAS. E AGARRARAM NO SONO **(ENTRA VIDEOGRAFISMO MAPA)** E A GENTE FOI FAZER O NOSSO LANCHE. ENQUANTO ELES ESTAVAM DORMINDO A GENTE ESTAVA LANCHANDO. ACABOU O LANCHE, VAMOS SE EMBORA, ENTÃO VAMOS, AÍ PEGAMOS O ÔNIBUS E TOCAMOS A VIAGEM ATÉ QUE CHEGAMOS AQUI EM TARABAI. **(SAI VIDEOGRAFISMO MAPA)**

(GERAL: 924, take 35 – DETALHE: 924, take 51)

**SONORA ANTÔNIO** (42'03" / 42'46" FITA 7 Vanessa: 35'06" / 35'47" FITA 6 Dayane) EU SAÍ DA MINHA CIDADE, COROATÁ, **(ENTRA VIDEOGRAFISMO MAPA)** MARANHÃO PRA PERITORÓ, CHEGUEI EM PERITORÓ EMBARQUEI NA DOZE HORAS DO DIA NA SEXTA-FEIRA, VIAJEI NO SÁBADO, NO DOMINGO E CHEGUEI UMA HORA DA TARDE NO DOMINGO EM TARABAI **(SAI VIDEOGRAFISMO MAPA)** E TRABALHEI UM ANO COM A EMOÇÃO DE TRAZER A FAMÍLIA, TRABALHEI, JUNTEI O DINHEIRO, DEPOSITEI, JÁ TINHA ARRUMADO UMA CASA E MANDEI CHAMAR A FAMÍLIA E HOJE ESTÃO AQUI JUNTO COMIGO.

(GERAL: 924, take 135 – DETALHE: 924, take 112)

**SOBE SOM:** ANTÔNIO CORTANDO CARNE COM FILHO (1'02, 1'13 – FITA VANESSA 02 TÉRMINO, QUEBROU TC – 924, take 29, 30, 31, 32), IMAGENS DO CHURRASCO DE ANTÔNIO COM FAMÍLIA E AMIGOS (924, take 29,30,31,32)

**SONORA MARINETE** (29'31" / 29'45" – FITA 2 Dayane: 28'46" / 28'59" – FITA 3 Vanessa) - SOU DO NORTE, SAÍ DO NORTE POR CAUSA DE SEDE, E TAVA PASSANDO SEDE, ENTÃO EU VIM PARA TARABAI TOMAR ÁGUA DE CHUVEIRO. (**MARINETE PEGA TOALHA E ENTRA BANHEIRO – 1005, take 37**)  
(GERAL: 924, take 33 – DETALHE: 924, take 49)

#### FADE OUT / FADE IN

**SONORA RUBENS** (começa 14'12" / 14'52") - O TRABALHADORES MIGRANTES ELES VEM POR CONTA, PEGOU DINHEIRO EMPRESTADO, VEM POR CONTA, TEVE QUE ALUGAR UMA CASA, TEVE QUE COMPRAR UM FOGÃO VÉI, CERTO, UM COLCHÃO VÉI PRA MONTAR UMA ESTRUTURA MINIMA PRA FICAR NA PERIFERIA, ELE JÁ VEM INDIVIDADO E FICOU MAIS INDIVIDADO AINDA SE SUBMETE AQUELAS CONDIÇÕES DE TRABALHO PRA ELE PAGAR ISSO E ARRUMAR DINHEIRO PRA ELE RETORNAR AO TRABALHO, RETORNAR AO SEU LOCAL DE ORIGEM, E ISSO TRAZ VANTAGENS PRAS USINAS.  
(GERAL: 1004, take 06 – DETALHE: 1004, take 09)

**GC:** RUBENS GERMANO

pres. Sind. Trab. Rurais Pres. Venceslau

**SONORA NERY** (28'18" / 28'41" FITA 5 Dayane: 28'19" / 28'43" FITA 6 Vanessa) - PRETENDE GANHAR UM DINHEIRO RÁPIDO E AQUI PARA NÓS GANHAR UM DINHEIRO RÁPIDO CORTANDO CANA (**IMAGEM NERY COM HOLERITE**) É MAIS FÁCIL AÍ A GENTE SAI PARA O CORTE DE CANA POR CAUSA DISSO PORQUE A GENTE PRECISA DE UM DINHEIRO ASSIM MAIS RÁPIDO E AÍ DEPENDENDO DA GENTE E A GENTE AGUENTA O SERVIÇO, VAI TEM CAPACIDADE DE GANHAR O DINHEIRO MAIS RÁPIDO, É POR ISSO QUE A GENTE PROCURA O CORTE DE CANA.  
(GERAL: 924, take 75 – DETALHE: 924, take 99)

**SONORA THOMAZ** (13'44"/ ) OS FATORES MAIS COMUNS QUE ORIGINAM E INCENTIVAM A MIGRAÇÃO TEM A VER COM INSTABILIDADE ECONÔMICA OU DIFICULDADE PARA REPRODUÇÃO SOCIAL DO INDIVÍDUO, DA FAMÍLIA OU DE UM GRUPO, DE UMA COMUNIDADE E QUE POR CONTA DISSO AS PESSOAS VÃO EM BUSCA DE ALTERNATIVAS.  
(DETALHE: 1001, take 31)

#### FADE OUT / FADE IN

**SOBE SOM (SEQUÊNCIA DE IMAGENS):** MARINETE COLOCA CHINELO E SE LEVANTA (1005, take 28), ANTONIO ESCOVA DENTE, MARINETE COLOCA SHORTS (1005, take 36), MULHER ANTÔNIO PREPARA CAFÉ, MULHER ANTÔNIO CÔA CAFÉ, MARINETE TOMA CAFÉ NO SOFÁ (1005, take 31), MARINETE ENFAIXA BRAÇO, NERY COLOCA A MARMITA NA BOLSA (1002, take 23), NERY SENTADO NA GARRAFA COLOCA BOTA (1002, take 24), MARINETE

SAI DE CASA, ANTONIO INDO PARA O PONTO, ÔNIBUS CHEGA MARINETE (1005, take 32), ÔNIBUS SAI ANTÔNIO (924, take 105, 106)

**SONORA GERALDO** (16'58" / 17'33" FITA 8 Dayane: 18'14" / 18'49" FITA 9 Vanessa) ...O ONIBUS NÃO ESPERA POR NINGUEM. TA NO PONTO VAI, SE NÃO TIVER FICA, AI SE VC FICAR VC JÁ PERDEU O SEU DOMINGO, JÁ PERDEU, TEM LUGAR AI QUE VC JÁ PERDEU A SUA CESTA BASICA.  
(GERAL: 925, take 07 – DETALHE: 925, take 49)

**SONORA RUBENS** (começa 02'15" / 03'41") - AQUI NA NOSSA REGIAO MESMO DE PRESIDENTE PRUDENTE, OS ORGÃOS PÚBLICOS OU O SINDICATO NÃO IDENTIFICA O MIGRANTE POR QUE ELES VEM POR CONTA PRÓPRIA, ALUGAM CASA, 3, 4 PESSOAS E PARA DESCARACTERIZAR QUE ELES NÃO SÃO MIGRANTES TRAZ ALGUÉM DA FAMILIA, OU UM PRIMO E AI FICA EM FAMILIA, ISSO TENTA DRIBLAR A FICALIZAÇÃO DO MINISTERIO DO TRABALHO, DO MINISTERIO PUBLICO, OU TENTA DRIBLAR O PROPRIO SINDICATO PARA QUE SEJA MIGRANTE, ISSO É BOM PRO CAPITAL, PARA A USINA, MAS FERRE OS DIREITOS DOS TRABALHADORES, POR QUE ELE NÃO MINTA NEHUMA ESTRUTURA BASICA PRA ELE SOBREVIVER NESSA REGIAO POR QUE A QUESTÃO DELE É RETORNAR AO SEU LOCAL DE ORIGEM, NÃO É FICAR ENTÃO ELE VIVE PRECARIAMENTE 03'41"  
(GERAL: 1004, take 04 – DETALHE: 1004, take 08)

**SOBE SOM:** NERY COLOCA PANELA NO FOGÃO.

**SONORA COBERTA NERY** (2'03" / 02'25" FITA 5 Dayane: 02'04" / 02'26 – FITA 6 Vanessa) - NÓIS MORA EM QUATRO AÍ NÓIS FIZEMOS UM ACORDO, NÓIS PASSA UMA SEMANA CADA UM FAZENDO A COMIDA (**LAVANDO AS ROUPAS – 00'20, FITA 05 VANESSA; FAZENDO A COMIDA – 1005, take 40: 924, take 63,64,65**), QUANDO CHEGA, AÍ QUEM FAZ A COMIDA CHEGA E VAI FAZER A COMIDA, LAVAR A ROUPA E QUEM NÃO FAZ A COMIDA QUANDO CHEGA VAI BANHAR, LAVAR A ROUPA E VAI ASSISTIR OU DEITAR OU SAIR, AS VEZES TEM ALGUMA COISA PARA RESOLVER E É ISSO AÍ, QUANDO A COMIDA TÁ NO PONTO O COZINHEIRO BATE NA PANELA E É COMER.  
(GERAL: 924, take 70 – DETALHE: 924, take 94)

**SOBE SOM (SEQUÊNCIA DE IMAGENS) – FITA DAYANE QUEIMA CANA 07'49**  
(GERAL QUEIMA CANA LABAREDAS);  
11'16 (GERALZÃO CANAVIAL QUEIMA);  
03'47 (AMERICANO CANA QUEIMA COM HOMEM PEGA PALHA)  
15'13 (GERAL CANAVIAL QUEIMA PASSA SILHUETA CAMINHÃO PIPA)

**FADE OUT / FADE IN**

**SOBE SOM: SEQUÊNCIA QUEIMA CANA – FITA DAYANE QUEIMA CANA**  
36'48 (GERAL ÔNIBUS RURAIS CHEGANDO CANAVIAL); ÔNIBUS PASSANDO.  
26'07 (CORTADOR AMOLA FACÃO AMANHECER);  
26'50" (CORTADOR ENTORTA FACÃO)  
26'40" (CORTADORES VÃO TRABALHAR)

**SONORA THOMAZ** (22'15"/26'24") - CORTAR CANA NÃO É ALGO BEM VISTO OU QUE A GENTE GOSTARIA DE DELEGAR A ALGUÉM PORQUE É UMA ATIVIDADE PENOSA, CAUSA ACIDENTES, CAUSA ENCOMODAÇÕES, CAUSA UMA SÉRIE DE PROBLEMAS NA SAÚDE DOS TRABALHADORES  
(DETALHE: 1005, take 01)

**SONORA NERY** (25'26" / 25'44" FITA 5 Dayane: 25'26" / 25'46" FITA 6 Vanessa) - É SOL QUENTE DEMAIS PORQUE CORTE DE CANA É A GENTE QUE TEM QUE FAZER O SALÁRIO DA GENTE, NÃO TEM PROFISSÃO, NÃO TEM NADA E A GENTE PROCURANDO OUTRO SERVIÇO, TEM MUITO SERVIÇO LÁ QUE NÃO TEM PROFISSAO E COM UMA PROFISSAOZINHA É MELHOR.  
(GERAL: 924, take 74 – DETALHE: 924, take 98)

**SONORA 5 MARINETE** (53'27" / 53'58" – FITA 2 Dayane: 52'54" / 53'25" – FITA 3 Vanessa) - A MINHA FILHA, TRABALHAR COM CANA. É BOM TRABALHAR, TRABALHAR NÃO É RUIM, TRABALHAR É BOM, MAS PRA QUEM TEM CORAGEM, NÃO TENDO CORAGEM NÃO VAI NÃO, PORQUE SE EU FOSSE UMA MULHER SEM CORAGEM EU NÃO IA NÃO. PORQUE É MUITO PESADO, PESADO MESMO. SÓ ARRASTAR CANA NOS BRAÇOS PARA TAMPAR BURACO E DOÍDO.  
(GERAL: 924, take 20 – DETALHE: 924, take 54)

**SONORA ALINE** (49'35" / 50'56" FITA 12 Vanessa: ) – **(IMAGEM DO NERY CORTANDO CANA – 1001, take 35, 36, 37, 38, 39, 40)** ELE FICA A FRENTE DA CANA QUE ELE VAI CORTAR E ELE **(IMAGEM CORTADOR ABRAÇA A CANA)** ABRAÇA O FEIXE DE CANA EM TORNO DE SEIS CANAS ALÍ, // POR ISSO QUE ELE TEM QUE USAR O MANGOTE NO BRAÇO ESQUERDO PARA PROTEGER ELE DA CANA. **(IMAGEM CORTE CANA // IMAGEM CLOSE CORTE CANA // IMAGEM TILT CANA)** ELE VAI CORTAR ESSE FEIXE DE CANA, ESSAS CANAS LÁ NO OLHO DA CANA E ELE TEM QUE IR LÁ EMBAIXO PORQUE LÁ NO OLHO DA CANA É QUE EXISTE A MAIOR QUANTIDADE DE SACAROSE E TEM FISCALIS QUE FISCALIZAM ISSO, PARA QUE ELE VÁ LÁ EMBAIXO, ENTÃO QUANTO MAIS BAIXO ELE FOR PARA CORTAR ESSA CANA, MAIOR FLEXÃO DE TRONCO QUE ELE VAI TER. // ELE FAZ A FLEXÃO COM A ABDUÇÃO DO OMBRO DIREITO E GOLPEIA LÁ NO OLHO DA CANA E ELE MANTÉM ESSA CONTRAÇÃO MUSCULAR PARA REALIZAR ESSE MOVIMENTO, APÓS ISSO ELE DÁ EM TORNO DE 5 GOLPES E ELE JÁ CORTA ESSE FEIXE DE CANA E ELE RODA O TRONCO DELE E ELE LANÇA ESSE FEIXE DE CANA **(CORTADOR JOGA CANA)** NO CHÃO E VAI SE MONTANDO AS PILHAS DE CANA PARA DEPOIS A MÁQUINA IR LÁ PEGAR ISSO E COLOCA NO TRANSBORDO E LEVAR PARA A USINA  
(GERAL: 925, take 31 – DETALHE: 925, take 24)

**GC:** ALINE DUARTE FERREIRA CECCATO  
mestre em Fisioterapia

**SONORA NERY FITA 5 (SONORA INTEIRA)** - NA TURMA É TRINTA OU TRINTA E DUAS PESSOAS, AÍ ELE PEGA UM TOTAL DE EITO E VAI SOLTANDO, AS VEZES DEIXAR CEM METROS, CENTO E POUCOS METROS PARA CADA E VAI TIRANDO AÍ QUE AS VEZES A GENTE NÃO SABE QUANTOS METROS,

QUANDO ELE SOLTA A GENTE NÃO SABE O TOTAL DE METROS, AÍ QUANDO A GENTE CORTA AQUILO TUDO O MEDIDOR VEM COM COMPASSO E MEDE, AÍ LEVA, PÕE NA FOLHA TUDINHO (**IMAGEM DO CADERNO COM ANOTAÇÕES – 56'28 – 1003, take 31**), MANDA PARA A USINA AÍ A USINA MANDA O PIRULITO. (**IMAGEM PIRULITO: FITA DAYANE QUEIMA CANA - 52'47" / 52'54"**) QUE TEM O TOTAL DE METROS E O VALOR DA CANA SE É TRINTA, QUARENTA CENTAVOS, AÍ TEM GENTE QUE TIRA CENTO E CINQUENTA CONTO POR DIA, ASSIM TEM DIA QUANDO É FERIADO, ELES DÃO FERIADO, AS VEZES VAI CORTAR CANA E É CANA BOA CHEGA PEÃO A GANHAR DUZENTOS, TREZENTOS CONTO POR DIA, AÍ DIA NORMAL MESMO É CADA PESSOA PORQUE A GENTE NÃO É IGUAL MESMO UÉ.  
(GERAL: 924, take 18)

### **FADE OUT / FADE IN**

**SONORA RUBENS GERMANO (38'02")** - A QUESTÃO DO TRABALHO BRAÇAL E A MECANIZAÇÃO, PRIMEIRO ASSIM, NÃO HÁ DIFERENÇA DA MECANIZAÇÃO PRO TRABALHO BRAÇAL, POR QUE ASSIM NÃO A MECANIZAÇÃO SEM BRAÇO PRA CONDUZIR ELA, QUAL O PROCESSO ACELERADO DE MECANIZAÇÃO POR GRANDES GRUPOS ECONOMICOS, PRICIPALMENTE EUROPEUS, AMERICANOS, E ESSA QUESTÃO TODA É QUE AI ELES ESTAO USANDO DE MÁ FÉ COM A MECANIZAÇÃO PRA PRECARIZAR O TRABALHO MANUAL, É ISSO, A OUTRA QUESTÃO DISSO É QUE O PROPRIO GOVERNO ESTA ACELERANDO UMA QUESTÃO DA MECANIZAÇÃO POR QUE TEM DOIS PONTOS, POR QUE ACELERA A MECANIZAÇÃO POR QUE TER TRABALHO BRAÇAL TEM QUE CUMPRIR AS NORMAS INTERNACIONAIS DO TRABALHO OIT É TER TRABALHO BRAÇAL TEM QUE QUEIMAR A CANA, ENTRA NA QUESTÃO AMBIETAL E TER MECANIZAÇÃO É ESCONDER TODO O LIXO QUE VC PRODUZIU ESSES ANOS TODOS, QUE SÃO OS CORTADORES DE CANA COM PESSIMAS CONDICOES DE SAUDE E MECANIZAR, TER MECANIZAÇÃO HJ É VC DIPUTAR O MERCADO INTERNO COM A JUVENTUDE, POR QUE AQUELES QUE VAI TIRANDO A SUA HABILITAÇÃO OU VIRA OPERADOR DE MAQUINA, TRATORISTA, OPERADOR DE COLHEDEIRA, TRATORISTA REBOCO OU CAMINHÃO, CERTO, E AI VC TEM UM A MÃO DE OBRA NOVA SADIA PRA COLOCAR NO MERCADO.

(GERAL: 1005, take 04 – DETALHE: 1005, take 05)

### **FADE OUT / FADE IN**

**SONORA THOMAZ (22'15")** - O FATO DO CAPITALISTA PENSAR QUE A MECANIZAÇÃO VAI SER IMPORTANTE POR QUE ELE VAI TER RETORNO ETC E TAL, VAMOS IMAGINAR QUE ELE ESTEJA PENSANDO CORRETAMENTE, DESDE QUE SE PRESSUPÕE PARA ELE, AGORA PARA O TRABALHADOR DEIXAR DE CORTAR CANA QUE É UMA ATIVIDADE PENOSA PODE SIGNIFICAR ALGO PIOR AINDA POR QUE ELE NÃO TEM NENHUMA GARANTIA DO QUE ELE VAI FAZER, ENTÃO A GENTE TEM QUE PENSAR ESSE ASSUNTO COMO PARTE DE UM GRANDE CONTEXTO REPLETO DE CONTRADIÇÕES E DESAFIOS.

(Mesma situação para a câmera geral. – DETALHE: 1001, take 34)

**SONORA NERY** (36'09 / 36'57) - A MÁQUINA TÁ ACABANDO COM AS OPORTUNIDADES QUE O CORTADOR DE CANA TEM PORQUE NUM TÁ PODENDO QUEIMAR A CANA E CADA VEZ MAIS ESTÃO COMPRANDO MÁQUINA E CADA VEZ MAIS A MÁQUINA A GENTE CORTA MENOS CANA PORQUE A MÁQUINA CORTA DE DIA E DE NOITE E A GENTE CORTA DE DIA E AÍ EU ACHO QUE ELA TÁ OCUPANDO ESPAÇO DO CORTADOR DE CANA.

**SONORA GERALDO** (50'23" / 50'50" FITA 8 Dayane: 51'53" / 52'19" FITA 9 Vanessa) - TÃO PONHANDO A GENTE PRA CORTAR AS CANAS NAQUELES LUGAR QUE AS MAQUINAS NÃO ENTRAM, (**IMAGEM CORTADOR DE CANA – FITA DAYANE QUEIMA CANA: 33'27", 33'57"**) AQUELAS PIRAMBEIRAS, BURQUEIRA, QUE ELAS NÃO PODEM ENTRAR PRA NÃO TOMBAR NE, EVITAR ACIDENTE, ENTAO ESSES DIAS ATRAS O SINDICATO FOI LA E FALOU CADA VEZ MAIS VAI FICAR DIFICIL PRO PESSOAL QUE VEM DE FORA.  
(GERAL: 925, take 10 – DETALHE: 925, take 52)

#### **FADE OUT / FADE IN**

**SONORA WALDEMAR CALVO** (11'39) - HOJE A HISTÓRIA É ESSA, A MÃO DE OBRA NÃO ESTÁ FALTANDO ENTÃO ELES FAZEM UMA SELEÇÃO MUITO RIGOROSA, ENTÃO SÃO MENOS TRABALHADORES QUE AS USINAS ESTÃO CONTRATANDO E COM A MECANIZAÇÃO DIMINUI A MÃO DE OBRA MESMO E ATÉ A GENTE QUE MORA AQUI EM TARABAI TEM UMA PREOCUPAÇÃO, SERÁ, ATÉ ONDE ESSA MÃO DE OBRA VAI DIMINUIR, E O COMÉRCIO VAI SOBREVIVER? COM OS CANAVIAIS EM TORNO DELE E TUDO MECANIZADO?  
(GERAL: 1005, take 06 – DETALHE: 1005, take 27)

#### **FADE OUT / FADE IN**

**SOBE SOM (SEQUÊNCIA DE IMAGEM):** CORTADORES NO TRABALHO  
30'43 (MEIO CLOSE MERGULHO CORTE CANA JOGA);  
32'21 (AMERICANO CORTE CANA FRONTAL);

#### **FADE OUT / FADE IN**

**SONORA GERALDO** (52'23" / 52'38" FITA 8 Dayane: 53'53" / 54'06" FITA 9 Vanessa) – VOCÊ TEM QUE ABRAÇAR AQUELA MOITA DE CANA, CORTAR ELA E JOGAR LA NO MONTE (**IMAGEM CORTADOR DE CANA**) ENTAO DEUS VO LIVRE QUE JÁ ACONTECEU MUITO AS CASCAVEL TA TREPADA NA CANA E A PESSOA VEM ABRACAR A MOITA DE CANA QUANDO JOGA LA A COBRA SAI ANDANDO.  
(GERAL: 925, take 11 – DETALHE: 925, take 53)

**SONORA CICERO** (01'40" / 03'25") – JÁ ERA MEIO DIA E EU TAVA COM MEU COLEGA CHAMANDO NO FACÃO, E BATE NA CANA, PRA MIM APODÁ ELE, E A GENTE TENTANDO APODÁ ELE, AI NAQUELA PRESSA EU NÃO VÍ O CIPÓ, DAQUI A POUCO O FACÃO AVUÔ E EU CAI POR CIMA DELE. (**IMAGEM CORTE**

**NA MÃO)** DAQUI A POUCO EU NEM OLHEI PRO CORTE...EU NEM VI O CIPÓ, EU COLOQUEI A MÃO AQUI E CORRI PARA O ÔNIBUS. AI TINHA OUTRO ONIBUS LÁ E ME LEVOU NA USINA, DE LÁ PEGOU UMA AMBULÂNCIA E ME LEVOU NO HOSPITAL NÉ, AI FIQUEI A FAIXA DE NOVENTA DIA PARADO.  
(GERAL: 1005, take 07 – DETALHE: 1001, take 42)

**SONORA CICERO** - AI TEVE OUTRO DIA QUE EU TRABALHEI UM DIA E NO OUTRO DIA PRECISAVA DO TRATOR AI EU FUI PRO CAMPO DE NOVO, SÓ PRA NÃO FAZER NADA, CHEGUEI NA...FUI TIRAR UNS BAMBU LÁ, LIMPA LÁ PRA ENTRAR LÁ, MAS SÓ FUI POR IR SÓ. AÍ CHEGUEI LÁ, NÃO SEI O QUE ACONTECEU, DAQUI A POUCO EU SENTI A **(IMAGEM PICADA COBRA)** PICADA DA COBRA AQUI NA MINHA PERNA (RISOS), MAS AI TAMBÉM TAVA PERTINHO DA USINA, NÃO ME AFOBEI, DE JEITO NENHUM. CHAMEI O ÔNIBUS, CHAMEI O FISCAL, AI CHEGUEI NA USINA, FIQUEI DOIS DIAS INTERNADO, QUINZE DIAS PARADO, E GRAÇAS A DEUS TO BOM E GRAÇAS A DEUS TEVE UMA OPORTUNIDADE E AGORA TO NA MÁQUINA NÉ...GRAÇAS A DEUS

#### **FADE OUT / FADE IN**

**SONORA RICARDO** (25'50") - É, DOIS MIL E SEIS EU COMECEI A CORTAR CANA EU TINHA DEZENOVE ANOS DE IDADE, E ISSO MUDA BASTANTE NA SAUDE DA GENTE QUE A GENTE SENTE ASSIM O CORPO CANSADO NÉ, CANSAÇÃO NO CORPO PARECE QUE A GENTE VAI SE DESGASTANDO MAIS, PARECE ATÉ QUE A GENTE TÁ FICANDO MAIS VELHO, E É TOTALMENTE DIFERENTE, CORTE DE CANA É PUXADO. 26'14"  
(GERAL: 1005, take 12 – DETALHE: 1002, take 07)

**SONORA NERY** (24'10" / 24'43" FITA 5 Dayane: 24'13" / 24'43" FITA 6 Vanessa) - EU JÁ PASSEI MAL, MAL, MAL MESMO MAS JÁ FIQUEI BEM CANSADO, BAQUEADO PORQUE DEPENDE DO SERVIÇO A GENTE FICA MUITO CANSADO,...  
(GERAL: 924, take 73 – DETALHE: 924, take 97)

**SONORA RUBENS** (34'23) - ...QUANTO MAIS VELHO ELE TÁ NO CORTE DE CANA MAIS PROBLEMA DE SAUDE ELE TEM, COMO ELES VENDE A FORÇA DE TRABALHO, AQUILO QUE ELE VENDE COMEÇA A DAR PROBLEMA A EMPRESA COMEÇA A DESCARTAR E DESCARTÁ MESMO A FORÇA DE TRABALHA...

#### **FADE OUT / FADE IN**

#### **SOBE SOM: IMAGEM CORTE CANA (TRAVELLING)**

**SONORA ALINE:** (57'24) - ... ELE PODE DESENVOLVER AS SERVICALGIAS TAMBÉM QUE É PROBLEMAS NA COLUNA, TUDO RELACIONADO AO ESFORÇO FÍSICO QUE ELE FAZ. ALÉM DOS PROBLEMAS ORTOPÉDICOS TAMBÉM VEM OS RESPIRATÓRIOS, A NOSSA REGIÃO É UMA REGIÃO SECA, PERMANECE POR LONGO TEMPO COM ESTIAGENS AÍ, **(IMAGEM QUEIMA DA CANA)**, QUANDO TEM QUEIMA DE CANA ASSOCIA ENTÃO À FULIGEM, A

SECURA DO AMBIENTE AUMENTA MAIS AINDA E ESSA FULIGEM QUE ELE VAI INALAR PORQUE ESSA FULIGEM FICA DEPOSITADA NO CHÃO (**IMAGEM CORTADOR TOSSINDO**) E COMO ELE TEM QUE IR LÁ NO OLHO DA CANA PARA CORTAR, HORA QUE ELE GOLPEIA, AQUELA FUMAÇA SOBE ENTÃO ELE INALA ISSO, ENTÃO ESSA INALAÇÃO DA QUEIMA, DO PRODUTO DA QUEIMA NOTURNA, ESSA INALAÇÃO É PÉSSIMA PARA ELE...  
(GERAL: 1005, take 23 – DETALHE: 1005, take 24)

**SONORA RICARDO** (25"12" / 25"30") - AI CONFORME A GENTE ABAIXA PRA CORTAR ELA NA HORA QUE BATE AI VEM O PÓ DA CANA, AI SUSPIRA ELE SIM, AI ELE PREJUDICA BASTANTE, RESPIRA A GENTE ESPIRRA BASTANTE E PREJUDICA.  
(GERAL: 1005, take 11 – DETALHE: 1002, take 06)

**SOBE SOM:** CORTADOR CORTA E TOSSE.

#### **FADE OUT / FADE IN**

**SONORA RUBENS GERMANO** (49'45") - A QUESTÃO DO ENTORPECENTE TEM...// E O CRACK NÃO ESTA TÃO ESPALHADO, MAS A MACONHA ELA ESTA NO MEIO DOS CORTADORES DE CANA.

**SONORA NERISVALDO:** (13'39") ...E QUANDO O SOL TÁ QUENTE É QUE ELES USAM MAIS ELA, PRA AGUENTAR O SOL, ELES GUENTAM O SOL MAIS DO QUE A GENTE, QUANDO O SOL TÁ MUITO QUENTE ELES PARA O SERVIÇO ATÉ TRES E VINTE DA TARDE, A GENTE PARA UMA, UMA E MEIA POR QUE A GENTE NÃO AGUENTA, E ELES NÃO, ELES TRABALHAM AI DIRETÃO ATÉ NO HORÁRIO ALI, OU CUMPRE O HORÁRIO, DEPOIS ELES PARAM POR QUE NÃO PODE TRABALHAR MAIS SENÃO FICA LÁ, QUE O BUSÃO NÃO VAI TE LEVAR MAIS. MAS É ASSIM ELES, ELES TRABALHAM COM ELA NO CORPO, NÃO TRABALHA SEM ELA COMO EU TRABALHO, TRABALHA DOBRADO, DOBRADO ELES TRABALHA, E GANHA MUITO DINHEIRO, MAIS DINHEIRO DO QUE EU ELES GANHA TAMBEM, POR QUE ELES AGUENTA MAIS TEMPO TRABALHANDO NO SOL QUENTE, E EU NÃO AGUENTO MUITO, A PRODUÇÃO DELES É MAIOR 15'15"

**SONORA RUBENS GERMANO** - NA NOSSA REGIÃO É MAIS COMUM VC ENCONTRAR NO MEIO DOS CORTADORES DA CANA A MACONHA, BASEADO AI, ISSO DE MANHA VC VAI NO PONTO, AI OS TRABALHADORES JÁ COMECAM A USAR NA ROÇA, AI ELE CHEGA E PEGA O EITO DA CANA, ENTRA PRA DENTRO, VC SÓ VE A FUMAÇA, É ISSO TEM MUITO ISSO, CERTO, NEM TEM TANTO A PRESENÇA NA NOSSA REGIÃO DO CRACK NA ROÇA, TÁ LOCALIZADO MAIS A QUESTÃO DA MACONHA (49'45) ...

**SONORA NERISVALDO** - LÁ NA ROÇA, NÃO EXISTE O USO DO ALCCOL NA ROÇA, AGORA BEBADO AS PESSOAS VÃO BEBADO PRA ROÇA, VÃO BEBADOS RESSACADOS , NÃO GUENTAM NEM TRABALHAR, POR QUE TRABALHA UM POUQUINHO QUE É PRA MARCAR O DIA, POR QUE SE VC TRABALHAR MEIA HORA, FIZER QUALQUER POUQUINHO DE SERVIÇO ALI, ELES JÁ APONTA O DIA, POR QUE DEU UM LUCRO, QUALQUER LUCRO PRA

USINA DEU, AI JÁ APONTA SÓ A DIÁRIA QUE É 25 REAIS, SE VC NÃO TRABALHAR NEM NADA, AI NÃO CONTA NÃO VEM NEM A DIÁRIA, APONTA ZERO CENTAVO.

**SONORA RUBENS GERMANO** - O ALCOOL, A CHACHAÇA VC NÃO ENCONTRA TAMBÉM, POR QUE COMO VC FICA EMBRIAGADO ENTÃO DÁ VISÃO AI OS TRABALHADORES, NÃO, É MUITO RARO QUANDO VC ENCONTRA UM CASO DE EMBRIAGUES.

#### FADE OUT / FADE IN

**SONORA ALINE 02'53** - ESSA FLEXÃO DO TRONCO, REPETIDAMENTE AO LONGO DE TODA A JORNADA DE TRABALHO DELE PODE CAUSAR PROBLEMAS NA COLUNA DELES, AS LOMBAUGIAS, A DOR LOMBAR (**IMAGENS CORTADORES**), ELAS SÃO MUITO PRESENTES, OS CORTADORES RECLAMAM MUITO DE DORES NA COLUNA, QUE MAIS, PROBLEMAS COM OMBRO, TENDINITES, INFLAMAÇÃO DOS TENDÕES POR CONTA DOS MOVIMENTOS QUE ELE FAZ, DOS GOLPES SÃO MUITOS AO LONGO DO DIA.  
(GERAL: Capturar da entrevista. DETALHE: 924, take 58)

(GERAL: 1005, take 20 – DETALHE: 1005, take 25)

**SONORA ANTÔNIO CARDOZO (47'22 / 48'06")** - EM 2007 EU TAVA LAVANDO O FACÃO, CORTEI OS DEDO DA MÃO ESQUERDA, CORTOU NERVO, CORTOU TENDÃO E FUI SOCORRIDO IMEDIATAMENTE E TEVE GENTE QUE ME ATENDER, FOI FEITA A CIRURGIA E PASSEI 60 DIAS AFASTADO E VOLTEI A TRABALHAR NORMAL, ESTOU TRABALHANDO ATÉ HOJE SÓ QUE ERA EM OUTRA USINA.

(GERAL: 1005, take 15 – DETALHE: 1002, take 14)

**SONORA RICARDO (22'12")** - EM 2006 EU ACABEI SE CORTANDO AÍ FUI PARA O POSTO PARA DAR PONTO (**IMAGEM DO MACHUCADO**) AÍ O MÉDICO FOI PEGOU O MEU TENDÃO E COSTUROU JUNTO DO COURO AÍ EU FIQUEI UM BOM TEMPO SEM A PERNA MELHORAR, AÍ PASSANDO PELO MÉDICO E NADA AÍ QUANDO O MÉDICO DESCOBRIU O TENDÃO ESTAVA COSTURADO, AÍ EU PASSEI PELA CIRURGIA, FIQUEI ANDANDO 4 MESES DE MULETA, ENCOSTEI PELO INSS E FIQUEI PREJUDICADO POR UM BOM TEMPO POR CONTA DISSO DAÍ E QUANDO FOI EM 2009, FOI EM 2010 ACONTECEU OUTRO CORTE POR RIBA DO MESMO CORTE QUE EU TIVE (**IMAGEM DO MACHUCADO**)

(GERAL: 1005, take 10 – DETALHE: 1002, take 05)

#### FADE OUT / FADE IN

**SONORA ALINE (39'41" / 40'42" FITA 12 Vanessa: )**...QUANDO O CORTADOR DE CANA NÃO HIDRATA, ELE NÃO SE HIDRATA AO LONGO DA JORNADA DE TRABALHO, DÁ INSUFICIENCIA RENAL, MAS ISSO SE ELE NÃO TOMAR OS SOROS QUE SÃO OBRIGATÓRIOS, E SÃO FORNECIDOS PRA ELE,

(GERAL: 1005, take 21 – DETALHE: 1005, take 26)

**SONORA ANTONIO CARDOZO** (03'36" / 04'27") A CAIMBRA PEGA A GENTE DE SURPRESA. MUITAS VEZES A GENTE SENTE AQUELE SINTOMA, AH, É BESTEIRA, AI A GENTE CONTINUA. EU MESMO QUANDO SINTO DOR EU PARO, AS VEZES TEM GENTE QUE VOMITA, DA GASTURA, EM MUITA GENTE DA ATÉ AZIA TAMBÉM NÉ, QUE CHAMA GASTRITE, SENTE BASTANTE TAMBÉM. (42'32 / 50'39) EU SEMANA RETRASADA MAIS OU MENOS EU SENTI BASTANTE CAIBRA, NÃO NA ROÇA. LÁ EU SENTI UM POUCO DO SINTOMA DELA SABE, AÍ CHEGUEI EM CASA, TOMEI BANHO JÁ TAVA UM POUCO BEM DESCANSADO AÍ COMECEI A SENTIR CAIBRA TAMBÉM, JÁ TAVA UM POUCO DESIDRATADO AÍ COMEÇOU AQUELES TOMBO LEVANTAR NO CORPO DA GENTE, AQUILO LEVANTA NAS COSTAS, NAS COSTELAS, NOS BRAÇOS, NAS PERNAS É MUITA DOR NO CORPO DA GENTE AÍ IMEDIATAMENTE PEDI PARA A ESPOSA LIGAR PARA A AMBULÂNCIA, ELA LIGOU E FUI PARAR NA SANTA CASA LÁ, AÍ TOMEI SORO, TOMEI DOIS SORO, AI DEPOIS, TAVA BASTANTE CAIBRA, AI TOMEI OS DOIS SORO AI MAIS OU MENOS MEIA HORA ANTES VOLTOU TUDO NORMAL DE NOVO.

(GERAL: 1005, take 18 – DETALHE: 1002, take 15)

**SONORA RICARDO** (26'50" / 27'07") - O CORPO DA GENTE DOI TODO, NEGOCIO DO CORTE DE CANA, É DOR MUSCULAR NO CORPO TODO, É PERNA, BRAÇO, AS COSTAS DA GENTE, É DIFERENTE, E QUANDO TERMINA O DIA A GENTE JÁ TÁ CANSADO.

(GERAL: 1005, take 13 – DETALHE: 1002, take 10)

#### **FADE OUT / FADE IN**

**SOBE SOM (SEQUÊNCIA DE IMAGENS)** – CORTADORES CHEGANDO EM CASA (FITA 12 ITALO, 46'26 – 46'48 – Geraldo desce o ônibus; 924, take 59,85,86,87) – Nery e irmão sobem a rua. Antônio chega em casa.

#### **FADE OUT / FADE IN**

**SONORA THOMAZ** (37'15" / 37'49" – FITA 4 Vanessa: 37'06" / 37'39" – FITA 3 Dayane) - DO PONTO DE VISTA PRÁTICO E DE MÉDIO E LONGO PRAZO ELE ESTÁ APOSTANDO NAS DELIMITAÇÕES FÍSICAS DELE, PORQUE ELE ESTÁ SE DEDICANDO COM MUITO MAIS ÊNFASE, COM MUITO MAIS AFINCO A UMA ATIVIDADE LABORAL QUE É EXTREMAMENTE DESTRUTIVA, QUE CAUSA ACIDENTES E QUE VAI PROMOVER NELE UM CONJUNTO DE SEQUELAS QUE NA MAIORIA DOS CASOS, VAMOS DIZER ASSIM, QUE NO MOMENTO QUE O TRABALHADOR ESTÁ VIVENDO A ATIVIDADE LABORAL ISSO NÃO ESTÁ EM PRIMEIRO PLANO.

#### **FADE OUT / FADE IN**

**SONORA ANTONIO CARDOZO** (54'41" / 55'06 TRANSCRIÇÃO VANESSA)  
- MAS ESSE ANO NÃO TÁ MUITO BOM NÃO MAS DÁ PARA LEVAR A VIDA, GRAÇAS A DEUS QUALQUER MANEIRA TÁ BOM. NINGUÉM PODE RECLAMAR DA SORTE NÃO, PORQUE O DESTINO DE DEUS, NÃO PODE PASSAR ALÉM DA VONTADE DELE MAS TÁ BOM. GRAÇAS A DEUS TÁ BOM, TÔ COM SAÚDE GRAÇAS A DEUS.

**SONORA NERY** (14'49" / 15'29" FITA 5 Dayane: 14'50" / 15'30" FITA 6 Vanessa) - EU NÃO TENHO UM SONHO, MEU SONHO É ME MANTER DO JEITO QUE EU TÔ E LÁ NA FRENTE MELHORAR UM POUCO MAIS, CONSTRUIR UMA FAMÍLIA TAMBÉM, NÃO ADIANTA CONSTRUIR UMA FAMÍLIA DO JEITO QUE TÁ, TENDE MELHORAR UM POUCO NA ÁREA FINANCEIRA PARA CONSEGUIR SUSTENTAR FAMÍLIA PORQUE SONHO SONHO, POBRE NÃO PRESTA NEM SONHAR MUITO PORQUE NÃO TEM COMO SONHAR, SONHO SONHO NÃO TEM NÃO, SÓ BASTA EU TER UM ÁREA FINANCEIRA PARA ME MANTER UM POUCO, SE PARA MIM ME DIVERTIR TÁ BOM DEMAIS.  
(GERAL: 924, take 71 – DETALHE: 924, take 95)

**SONORA ANTONIO CARLOS** (18'54" / 19'13" FITA 8 Vanessa: 10'54" / 11'12" FITA 7 Dayane) - O QUE EU PENSO DAQUI PARA FRENTE, SE DEUS PERMITIR, QUE É PASSAR MAIS UNS TRÊS ANOS AQUI EM TARABAI E QUERO VOLTAR PARA A MINHA CIDADE PORQUE EU SINTO SAUDADE DA MINHA CIDADE E CHEGAR EM CASA EU VOU ARRUMAR A MINHA CASINHA E VOU VIVER ATÉ O DIA QUE DEUS PERMITIR.  
(GERAL: 924, take 139 – DETALHE: 924, take 116)

**SONORA 8 MARINETE** (52'19" / 52'45" – FITA 2 Dayane: 51'46" / 52'15" – FITA 3 Vanessa) - ESPERO MUITAS COISAS, ESPERO SAÚDE, CONVIVER COM MEU MARIDO, COM MEUS FILHOS, É O QUE EU ESPERO NA MINHA VIDA. E UMA BOA SORTE.  
(GERAL: 924, take 37 – DETALHE: 924, take 53)

## FADE OUT / FADE IN

### TRILHA SONORA

ANTÔNIO CARDOZO DA SILVA

27 ANOS

PAULO RAMOS (MA)

Corta em média 400m / dia

Maior salário R\$2.100,00

Cortador há 6 anos

## FADE OUT / FADE IN

ANTÔNIO CARLOS DE OLIVEIRA

48 ANOS

COROATÁ (MA)

Corta em média 400m / dia

Maior salário R\$1.200,00

Cortador há mais de 2 anos

## FADE OUT / FADE IN

CICERO CARLOS ANTÔNIO DE OLIVEIRA

42 ANOS

ARAPIRACA (AL)

Já cortou 400m/ dia

Maior salário R\$1.300,00

Cortador há 10 anos

**FADE OUT / FADE IN**

GERALDO DOS SANTOS

44 ANOS

JUNQUEIRO (AL)

Corta em média 400m / dia

Maior salário R\$2.000,00

Cortador há 21 anos

**FADE OUT / FADE IN**

JOSÉ NERY MACEDO DA SILVA

23 ANOS

ANGICAL DO PIAUÍ (PI)

Corta em média 600m / dia

Maior salário R\$1.700,00

Cortador há mais de 1 ano

**FADE OUT / FADE IN**

MARINETE ALVES DOS SANTOS

52 ANOS

TRAIPU (AL)

Corta em média 120m / dia

Maior salário R\$1.300,00

Cortadora há 1 ano

**FADE OUT / FADE IN**

NERISVALDO MACEDO DA SILVA

19 ANOS

ANGICAL DO PIAUÍ (PI)

Corta em média 550m / dia

Maior salário R\$1.650,00

Cortador há 10 meses

**FADE OUT / FADE IN**

RICARDO FERREIRA DOS SANTOS

26 anos.

ITACARAMBI – MG

Corta em 600m / dia

Maior salário R\$2.040,00

Cortador há 6 anos

### **FADE OUT / FADE IN**

produção

ARIANE VIANA

reportagem

MAYSA PONTALTI

cinematografia e direção

DAYANE MACHADO

VANESSA TOMÁZ

edição de texto

ITALO ANTUNES

trilha sonora

ERIVELTON DE SOUZA SILVA

videografismo

MARIANA GOUVEIA

arte gráfica

PEDRO BERNARDI MENOSSI

edição de imagens

JOSÉ EDIVALDO SILVA

orientação

THAISA SALLUM BACCO

coorientação

ROBERTO MANCUZO JUNIOR

agradecimentos

ADRIANO ROCHA

ALINE DUARTE FERREIRA CECCATO

ANTÔNIO GARCIA PERES

ANTONIO THOMAZ JUNIOR

ARITONIO GOMES DA SILVA

BISMARQUES MOREIRA DOS SANTOS

CASA DA AGRICULTURA DE TARABAI

CÉLIO ROBERTO DOS SANTOS PAES

CENTRO DE ESTUDOS DE GEOGRAFIA DO TRABALHO (CEGeT)  
CLEONILSON PONTES LIMA  
DIONEI RAMOS  
DIVA FERREIRA MENDES  
EDCARLOS AMORIM MOREIRA  
EDGAR BARBOSA  
EDILSON CAETANO DA ROCHA  
EDIVALDO CLEMENTINO DE SOUZA  
EDVALDO CARVALHO FILHO  
ELETÉIA DOS SANTOS  
ELÍSIO PEREIRA DA SILVA  
ENIO MAGRO  
EVERALDO GOLÇALVEZ AMORIM  
FABIANO MELO  
FÁBIO CÉSAR GOMES RAMOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE PRESIDENTE PRUDENTE  
FERNANDO GOMES  
FRANCISCO JACINTO DA COSTA  
FRANCISCO OLIVEIRA LIMA  
GENI CHINELLI  
GIOVANA NAVARRO BERTOLINI  
GUILHERME OLIVEIRA  
IANI ARIA DOS SANTOS NEZI  
ISAIAS BEZERRA DA SILVA  
IVAN OLIVEIRA  
IVANILDO OLIVEIRA  
JALON BERNARDO DA COSTA  
JAQUELINE GARCIA TAGLIATTI  
JOÃO ALTINO CREMONEZI  
JOÃO SOARES DE OLIVEIRA  
JOÃO VITOR RAMOS DA SILVA  
JOSÉ ALTINO BRAMBILLA  
JORGE FLASH  
JURANDIR SEVERINO DE LIMA  
LEONICIO DE LIMA  
LINDINALVA ROSA ALMEIDA SANTOS  
LUZIA SALES SANTANA RIBEIRO  
MARCOS CORREA  
MARIA EUNICE BRANQUINHO CALVO  
MARIA GOMES DE AGUIAR DIAS  
MARIA JOSÉ NASCIMENTO DE OLIVEIRA  
MARIA PONTES LIMA  
MARIA TERESA GOMES SOLER  
MARIZE OCOLATI VITALE  
MARLENE LIMA DIAS  
NELSON BARBOSA DOS SANTOS  
NICANOR SOBRAL  
PAULA PESTANA  
PEDRO BERNARDI MENOSSI  
RAIMUNDO ALENCAR LIMA

ROGÉRIO DO AMARAL  
ROSANGELA FRANKLIN  
RUBENS GERMANO  
SAMANTA CARDOSO  
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO DE PRESIDENTE  
PRUDENTE  
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE PRESIDENTE PRUDENTE  
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE PRESIDENTE VENCESLAU E  
MARABÁ PAULISTA  
SOLANGE OLIVEIRA BARBOSA  
SOLANGE REINALDO DE OLIVEIRA SANTOS  
STEPHANIE FONSECA FARIAS  
UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUISA FILHO (UNESP)  
VALDIRA ABREU SILVA  
VALTER LUIZ TREVISAN  
VANDA CALVO  
WALDEMAR CALVO  
WESLEY APARECIDO BORGES  
WILLIAN FERREIRA FARIAS

TARABAI (SP) - 2012